UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

CONVERSAÇÕES SOBRE A CIDADE: IDEAIS DE ESPAÇO URBANO, CIDADANIA E BEM COMUM

por

MARIA CÉLIA FURTADO ROCHA

Orientadora: Profa. Dra. ELIZABETH REGINA LOIOLA DA CRUZ SOUZA
Co-orientador: Prof. BENIAMINO MURGANTE

SALVADOR, 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E SOCIEDADE

CONVERSAÇÕES SOBRE A CIDADE: IDEAIS DE ESPAÇO URBANO, CIDADANIA E BEM COMUM

por

MARIA CÉLIA FURTADO ROCHA

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Regina Loiola da Cruz Souza
Co-orientador: Prof. Dr. Beniamino Murgante

Tese apresentada ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor.

SALVADOR
2015

Sistema de Bibliotecas da UFBA

Rocha, Maria Célia Furtado.
Conversações sobre a cidade: ideais de espaço urbano, cidadania e bem comum / por Maria Célia Furtado Rocha. - 2015.
213 f.: il.

Inclui apêndice.
Orientadora: Profª. Drª. Elizabeth Regina Loiola da Cruz Souza.
Co-orientador: Prof. Dr. Beniamino Murgante.
Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

1. Espaços públicos - Participação do cidadão. 2. Participação política. 3. Redes sociais on-line. 4. Análise de redes sociais, Método. I. Souza, Elizabeth Regina Loiola da Cruz. II. Murgante, Beniamino. III. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. IV. Título.

CDD - 307.76
CDU - 316.334.56

FOLHA DE APROVAÇÃO

MARIA CÉLIA FURTADO ROCHA

CONVERSAÇÕES SOBRE A CIDADE: IDEAIS DE ESPAÇO URBANO, CIDADANIA E BEM COMUM

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora em Cultura e Sociedade, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 19/08/2015

_____

Profa. Dra. Elizabeth Regina Loiola da Cruz Souza
Orientadora

_____

Prof. Dr. Beniamino Murgante
Università degli Studi della Basilicata

_____

Prof. Dr. Paulo César Miguez de Oliveira
Universidade Federal da Bahia

_____

Prof. Dr. José Antonio Gomes de Pinho
Universidade Federal da Bahia

_____

Prof. Dr. Wilson da Silva Gomes
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que direta e indiretamente possibilitaram e apoiaram a realização desse trabalho, que me motivaram, forneceram recomendações, sugeriram referências, criticaram abordagens e sinalizaram caminhos a explorar. Isso soma um conjunto de professores, alunos, colegas de trabalho, mas também familiares e amigos, todos que de alguma maneira tornaram esses anos proveitosos.

Agradeço pela oportunidade de participar das discussões do grupo de pesquisa "Comunicação e Política" (PósCom/UFBa); a atenção ao método aqui utilizado dispensada pelo grupo de pesquisa do Mestrado e Doutorado em Modelagem Computacional do SENAI/CIMATEC; as ótimas orientações sugeridas pelo Prof. Gilberto Corso Pereira e o apoio à familiarização com a Análise de Redes Socias dado por Pablo Vieira Florentino, do grupo de pesquisa LCAD – Laboratório de Estudos Avançados em Cidade, Arquitetura e Tecnologias Digitais (PPGAU/UFBa).

Agradecimento especial aos membros dos grupos italianos estudados e aos professores do LISUT – Laboratorio di Ingegneria dei Sistemi Urbani i Territoriali da Universidade degli Studi della Basilicata, que me acolheram com muita simpatia e cordialidade e enriqueceram minha experiência com a rica diversidade da cultura italiana.

Finalmente, meu agradecimento às instituições que tornaram possível esse percurso, particularmente a PRODEB – Cia. de Processamento de Dados do Estado da Bahia, que teve a coragem de investir nos anos 2009-2010 num projeto exploratório das práticas e possibilidades de interação entre Estado e cidadão (projeto 2i2p) e a CAPES, fundação do Ministério da Educação brasileiro, que forneceu recursos para a pesquisa em território italiano, durante o ano de 2014.

Saluti!

ROCHA, Maria Célia Furtado. Conversações sobre a Cidade: Ideais de Espaço Urbano, Cidadania e Bem Comum. 2015. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

RESUMO

A pesquisa revela visões do espaço urbano tomado enquanto bem comum, e as ações destinadas a defendê-lo, assumidas por grupos voluntariamente organizados em redes mediadas pela Internet e por redes de comunicação móvel. Através de mídias sociais, eles criam/adotam causas em favor do livre acesso e do uso de áreas da cidade. Dessa maneira, participam da vida civil e expõem seus ideais de democracia e de participação; inscrevem práticas de cidadania na esfera pública que vêm amplificar movimentos coletivos de resistência à captura da cidade unicamente em favor de interesses privados. Examinaram-se conversações travadas em páginas Facebook de dois grupos italianos (Parco del Basento e Il Giardino in Movimento) e de dois brasileiros (Movimento Desocupa e Canteiros Coletivos) que se mobilizaram em prol da regeneração de áreas urbanas degradadas da cidade de Potenza (Itália) e de Salvador (Bahia/Brasil), em 2012-2013. Aplicou-se o método de Análise de Redes Sociais a redes semânticas extraídas de comentários a mensagens (posts) para responder às seguintes questões: quais são as características atribuídas ao espaço urbano? quais são as ações preferenciais para obtê-lo? quais são as visões sobre a cidade dos grupos e de representantes públicos presentes ou referenciados nessas redes sociais digitais? que visões de participação, cidadania e bem comum emergem nessas conversações? Identificaram-se os termos mais proeminentes para os temas estudados – visões do Espaço Urbano, visões do Conflito e visões da Política –, de acordo com sua posição nos rankings obtidos para os seguintes índices de centralidade: de grau, de proximidade, de autovetor e de intermediação. Foram exploradas as vizinhanças e comunidades a que pertencem esses termos. Uma categorização relevou ações, recursos e qualidades da ação e do espaço urbano mencionadas por cada um dos grupos. Valores e motivações que emergem da interpretação das redes semânticas deram ocasião a reflexões sobre o alcance das ações que os grupos empreendem. Concluiu-se que o grupo Parco del Basento assume uma visão republicana, mobiliza os cidadãos de Potenza, sem buscar a mediação de políticos e partidos. Ainda assim, reforça a democracia representativa, inscreve suas práticas num quadro de cidadania ativa e promove a defesa da democracia participativa. O grupo Il Giardino in Movimento também assume práticas de projeto participativo; embora não se coloque no campo propriamente da política, reforça e educa na direção da cidadania ativa propalada pelo grupo Parco del Basento. O Movimento Desocupa entra em conflito aberto com a administração pública, ao tempo em que repudia igualmente partidos e políticos. Configura um “nós” contra “ele” (o prefeito), expõe a grande insatisfação com o governo da cidade, mas não consegue elaborar propostas alternativas ao rumo dado ao crescimento de Salvador. O grupo Canteiros Coletivos declara uma visão de cidadania que se aproxima da visão comunitarista: atua contra a degradação de áreas da cidade, ao tempo em que educa e busca harmonizar laços de convivência entre moradores dessas áreas, acreditando que isso leva as pessoas a atribuírem um valor comum à vivência no espaço público. De diversos modos, os grupos restituem o valor à vida na cidade, abrindo possibilidade à sua fruição numa diversidade de perspectivas, atribuindo assim um valor de bem comum ao espaço urbano.

Palavras-chave: Participação Pública. Redes Sociais Digitais. Redes Semânticas.

ROCHA, Maria Célia Furtado. Conversations on the City: Ideals of urban space, Citizenship and Common Good. 2015. Thesis (Ph.D.) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador, 2015.

ABSTRACT

The research reveals visions of urban space as the common good, and actions to defend it taken by groups voluntarily organized into networks mediated by the Internet and mobile communication networks. Through social media, they create/adopt causes that favor free access and use of the city. They take part of civil life and expose their ideals of democracy and participation; inscribe citizenship practices in the public sphere that amplify the movements against the capture of the city only by private interests. Conversations caught on Facebook pages of two Italian groups (Basento's Park and The Garden in Motion group) and two Brazilians groups (Unocuppy Movement and Collective Yards group) were analysed. These groups have mobilized to regenerate degraded areas of the city of Potenza (Italy) and Salvador (Bahia / Brazil), in 2012-2013. Social Network Analysis procedures was applied to semantic networks extracted from comments on posts to answer the following questions: What are the characteristics attributed to the urban space? How groups prefer to act in defense of this space? What are the visions of the city from groups and public representatives present or referenced in these digital social networks? What visions of participation, citizenship and the common good emerge in these talks? To respond these questions it have been identified the most prominent terms for these themes: visions of Urban Space, visions of the Conflict and visions of the Politics, according to their position in the rankings of the centrality indices: degree, closeness, eigenvector and betweenness. Then the neighborhoods and communities of the most important terms were explored. Actions, resources and qualities of action and of urban areas mentioned by the group were categorized. Values and motivations that emerge from the reading of semantic networks allowed a reflection about the scope of actions that groups undertake. It was concluded that the Parco del Basento group assumes a republican view, mobilizes citizens of Potenza, and strengthen representative democracy. Even without seeking the mediation of politicians and parties, the group inscribes its practices in active citizenship framework and promotes the defense of participatory democracy. Il Giardino in Motion group assumes participatory design practices; although it does not put itself in the field of politics, strengthens and educates towards active citizenship. The Unoccupy Movement comes into open conflict with the government, and repudiates parties and politicians. Appears as an “us” against “it” (the Mayor), exposes the great dissatisfaction with city government, but can not draw up alternative proposals to the development of Salvador city. The Collective Yards group declares a vision of citizenship that approaches the communitarian vision: acts against degradation of areas of the city, educates and spreads harmonious coexistence between residents of the neighborhood, believing that it leads people to attribute a common value to the public space. In various ways, the groups restore the value of life in the city, opening the possibility for their enjoyment in a variety of perspectives, thus giving the urban space a common good value.

Keywords: Public Participation. Digital Social Networks. Semantic Networks

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa conceitual da pesquisa	19
Figura 2	Centralidade de grau x posição do nó na rede – Esquema ilustrativo	76
Figura 3	Ideia projetual do Parco del Basento – Detalhe	86
Figura 4	Projetos implementados pelo grupo Il Giardino in Movimento	88
Figura 5	Exclusão de nós com baixa centralidade de intermediação – Exemplo	99
Figura 6	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Visão Geral	104
Figura 7	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Principais comunidades	107
Figura 8	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Rede "ego" de "parco_del_basento"	108
Figura 9	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Rede "ego" de "pubblica_amministrazione"	108
Figura 10	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Consequências das ações	112
Figura 11	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo	114
Figura 12	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo: Distribuição de graus ponderados	115
Figura 13	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo – Detalhe	116
Figura 14	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo: Parco x Potenza	118
Figura 15	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo: Ações sobre o Espaço Urbano	119
Figura 16	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante	120
Figura 17	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante: Distribuição de graus ponderados	121
Figura 18	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante: Comunidades 1, 2 e 7	123
Figura 19	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Potenza	124
Figura 20	Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* – Visão Geral	126
Figura 21	Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* – Qualidade da Ação política	129
Figura 22	Grupo Parco del Basento – Articulação dos Atores	132
Figura 23	Grupo Parco del Basento – Cidadãos, Representante e Eleitores	134
Figura 24	Grupo Il Giardino in Movimento – Visão Geral	136
Figura 25	Grupo Il Giardino in Movimento – Rede "ego" de "città"	138
Figura 26	Grupo Il Giardino in Movimento – Categorias e Subcategorias	139
Figura 27	Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho – Visão Geral	149

Figura 28 Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho – Categorias 151
Figura 29 Movimento Desocupa – Cidade de Salvador – Visão Geral 153
Figura 30 Movimento Desocupa – Cidade de Salvador – Rede “ego” de “cidade” 156
Figura 31 Grupo Parco del Basento – Redes “ego” de “potenza” 156
Figura 32 Movimento Desocupa – Conflito – Visão Geral 159
Figura 33 Movimento Desocupa – Política – Visão Geral 163
Figura 34 Movimento Desocupa – Política – Rede “ego” de “partido” 165
Figura 35 Movimento Desocupa – Política – Comunidade “PT” 167
Figura 36 Movimento Desocupa – Política – Principais Atores e Qualidade da Ação 169
Figura 37 Grupo Canteiros Coletivos – Visão Geral 173

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Meta-matriz – Conceitualização original	77
Quadro 2	Grupo Parco del Basento – Posts selecionados	92
Quadro 3	Resultado das escolhas de codificação – Exemplo	95
Quadro 4	Grupo Parco del Basento – Redes por tema	96
Quadro 5	Termos com maior frequência de uso	97
Quadro 6	Categorias de análise	102
Quadro 7	Subcategorias de análise	103
Quadro 8	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano Conceitos por índice de centralidade	105
Quadro 9	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano Conceitos centrais	105
Quadro 10	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano Categoria AC – Conceitos por índice de centralidade	110
Quadro 11	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano Categoria AC – Conceitos centrais	110
Quadro 12	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano Subcategoria QA – Conceitos por índice de centralidade	110
Quadro 13	Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano Subcategoria QA – Conceitos centrais	111
Quadro 14	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo Conceitos por índice de centralidade	116
Quadro 15	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo Conceitos centrais	117
Quadro 16	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante Conceitos por índice de centralidade	122
Quadro 17	Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante Conceitos centrais	122
Quadro 18	Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* Conceitos por índice de centralidade	127
Quadro 19	Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* Conceitos centrais	127
Quadro 20	Grupo Parco del Basento Atores por índice de centralidade	131
Quadro 21	Grupo Parco del Basento Atores centrais	131
Quadro 22	Grupo Il Giardino in Movimento Conceitos por índice de centralidade	137
Quadro 23	Grupo Il Giardino in Movimento Conceitos centrais	137

Quadro 24 Movimento Desocupa – Posts selecionados 145
Quadro 25 Movimento Desocupa – Redes por tema 146
Quadro 26 Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho Conceitos por índice de centralidade 150
Quadro 27 Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho Conceitos centrais 150
Quadro 28 Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Cidade de Salvador Conceitos por índice de centralidade 154
Quadro 29 Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Cidade de Salvador Conceitos centrais 154
Quadro 30 Movimento Desocupa – Conflito Conceitos por índice de centralidade 160
Quadro 31 Movimento Desocupa – Conflito Conceitos centrais 160
Quadro 32 Movimento Desocupa – Política Conceitos por índice de centralidade 164
Quadro 33 Movimento Desocupa – Política Conceitos centrais 164
Quadro 34 Movimento Desocupa Atores por índice de centralidade 170
Quadro 35 Movimento Desocupa Atores centrais 171
Quadro 36 Grupo Canteiros Coletivos Conceitos por índice de centralidade 174
Quadro 37 Grupo Canteiros Coletivos Conceitos centrais 174
Quadro 38 Visões do Espaço Urbano 181/182
Quadro 39 Visões em Conflito – Grupos x Administradores Públicos 185
Quadro 40 Visões Políticas 190

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Grupo Parco del Basento – Estatísticas dos textos elaborados	94
Tabela 2	Grupos Parco del Basento e Il Giardino in Movimento – Redes consolidadas	100
Tabela 3	Movimento Desocupa – Estatísticas dos textos elaborados	145
Tabela 4	Movimento Desocupa e Canteiros Coletivos – Redes consolidadas	147

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO....13
1 CIDADÃOS ONLINE, ESFERA PÚBLICA EM REDE....23
1.1 Elaborações sobre a esfera pública....23
1.2 Cidadania conectada e a esfera do comum....30
2 VISÕES DE DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO....33
2.1 Formação do consenso....36
2.2 Participação ampliada....44
3 NOÇÕES DE BEM COMUM....49
3.1 Em comum....50
3.2 Bem comum como cultura....53
4 CONCEITOS EM REDE: CONTEÚDO, ESTRUTURA, SIGNIFICADO....59
4.1 Rede de palavras: Texto em terceira dimensão....65
4.2 Palavras em rede: Captura da semântica....70
4.3 Conceitos em rede: Estrutura e significado....74
4.4 Redes sociais digitais: Conteúdo e significado....81
5 CONVERSAÇÕES SOBRE A CIDADE....83
5.1 Esboços de Potenza (Itália): Idealizações contra a degradação do espaço urbano....84
5.1.1 Dados, método e ferramentas....88
a) Preparação dos textos – Grupo Parco del Basento....90
b) Geração das redes – Grupo Parco del Basento....94
c) Extração e preparação do texto – Grupo Il Giardino in Movimento....98
d) Ajustes das redes....99
e) Estratégias de análise....101
5.1.2 Análise das conversações dos grupos italianos....103
a) Grupo Parco del Basento....103
- Visão do Espaço Urbano....103
- Visões em conflito....113
- Política e a *polis*....125
b) Grupo Il Giardino in Movimento....135
5.2 Nas ruas de Salvador (Brasil): contra a privatização e degradação do espaço público urbano....140
5.2.1 Dados, método e ferramentas....143
5.2.2 Análise das conversações dos grupos brasileiros....148
a) Grupo Movimento Desocupa – Fórum Permanente....148
- Visão do Espaço Urbano....148
- Conflito....158
- Política e o movimento....162
b) Grupo Canteiros Coletivos....173
6 CONCLUSÃO: ESPAÇO URBANO COMO BEM COMUM....176
REFERÊNCIAS....197
APÊNDICE A – TERMOS UTILIZADOS PELOS GRUPOS ITALIANOS....211

INTRODUÇÃO

A Internet apresenta-se como ambiente em que se desenrolam fenômenos sociais onde, para alguns, não existiriam uma autoridade e um controle centralizados (DI FELICE, 2008), mas uma espécie de inteligência coletiva aparentemente não controlada (LÉVY, 1996, 2010). Para outros, esse grande espaço público, o maior que a humanidade jamais conheceu, nas palavras de Rodotà (2011), está sujeito a regulação e mesmo a violações. Ainda assim é o lugar onde a ação cotidiana ininterrupta coloca em cena declarações de direitos de homens e mulheres, a partir do que se desenvolve o senso da política (RODOTÀ, 2011).[1]

Estudos sobre Internet e política têm demonstrado que não é a Internet em si mesma que pode trazer ganhos nesse aspecto, mas a forma como é utilizada (SAMPAIO, 2011). Entre as formas como se dão esses usos, interessa aqui as conversações que grupos estabelecem via plataformas de redes sociais digitais para discutir formas de atuação com vistas à melhoria da qualidade de vida na cidade.

As chamadas mídias sociais – blogs, wikis, redes sociais digitais, ferramentas de troca de vídeos, ferramentas de discussão, entre outras – possibilitam um alto grau de interação em rede capaz de favorecer a ação do cidadão sobre uma diversidade de assuntos, inclusive na reconfiguração da paisagem e do território. O projeto Technology for Transparence Network,[2] por exemplo, faz parte da comunidade de blogueiros Global Voices[3] e apresenta experiências de engajamento cívico em várias partes do mundo. Desenvolvimentos realizados pelo SENSEable City Laboratory,[4] do Massachusetts Institute of Technology, por sua vez, amplificam possibilidades de compartilhamento e de apropriação de informações coletadas por sensores e aparelhos móveis, e assim viabilizam novos e dinâmicos usos da cidade. No Brasil, há exemplos de colaboração através de mídias sociais que promovem uma diversidade

[1] "Hoje estamos assistindo a práticas comuns dos direitos. O estudante iraniano ou o monge birmanês que, com seu telefone celular, lançam no universo da internet as imagens da repressão a manifestações livres; os dissidentes chineses que pedem o anonimato na Rede como garantia da liberdade política; as mulheres africanas que desafiam o chicote em nome do direito de decidir livremente como vestir-se […] todos esses sujeitos […] interpretam, cada um a seu modo, liberdade e direitos nos tempos em que vivemos. Aqui não é obra da 'razão ocidental', mas de algo mais profundo […] que, repentinamente, encontrou sua forma, o modo de manifestar-se e agir no telefone celular ou no conectar-se à internet que ele permite. E assim, a ação cotidiana coloca em cena uma ininterrupta declaração de direitos, que tira sua força não de um reconhecimento que vem de cima, mas da convicção profunda de mulheres e homens que só assim podem encontrar reconhecimento à sua dignidade e à sua humanidade, de onde começam a compreender, sobretudo na sociedade tecnológica, o sentido da política" (RODOTÀ, 2011, p. 13, tradução da autora).

[2] https://globalvoicesonline.org/-/special/transparency-technology-network/

[3] http://globalvoicesonline.org/

[4] http://senseable.mit.edu/

de usos da cidade (PEREIRA; FLORENTINO; ROCHA, 2015).

Para Di Felice (2009), a introdução de tecnologias digitais e interativas e as formas contemporâneas de comunicação em rede teriam modificado qualitativamente a relação entre sujeito e espaço, sujeito e paisagem, que passa a se comunicar e a interagir criativamente por meio da mediação digital. Nessa mesma linha, Ferrara (2008) fala do vínculo comunicativo que contemporaneamente se estabelece entre imagem e modo de vida: "a imagem que anteriormente tinha importância referencial agora possibilita a interação entre o homem e seu meio sociocultural" (FERRARA, 2008, p. 269).

Gordon (2008) sugere que tecnologias de rede e práticas de contextualização de informações localizadas (*network locality*) alteram significativamente não apenas a forma como compartilhamos informações mas também a forma como experimentamos o que está próximo.[5] O resultado seria um território ampliado, composto de espaços e informações, feito de circuitos informativos e topografias maleáveis, que muda continuamente as suas formas, possibilitando interações criativas e formas inéditas de habitar, possível apenas através de uma interação técnica (DI FELICE, 2009).

Para além de iniciativas de caráter cívico e daquelas que promovem, por vezes em tempo real, reconfigurações do uso do território, já na primeira década do século XXI, surgiram em várias partes do mundo movimentos sociais em rede que, em grande medida, utilizaram as redes de comunicação *wireless* para dar visibilidade a suas ideias e causas, para propagar sentimentos de frustração e revolta com a incapacidade de os cidadãos habitarem as esferas de debate e decisão política. Nessa vertente, Castells (2008) menciona mobilizações organizadas por meio da Internet e comunicação móvel na Coréia do Sul, Filipinas, Espanha e Ucrânia, entre outros países. O autor viu, na emergência de mobilizações espontâneas *ad hoc* com uso de redes de comunicação horizontais autônomas, a expressão do que seria uma sociedade civil global, primeiramente exemplificada nas demonstrações de paz de 2003, ao redor do mundo, contra a guerra iminente contra o Iraque. David Harvey (2012) ressalta o valor de bem comum (*urban commons*) que praças públicas assumiram em Atenas, Cairo e

[5] Gordon e Silva (2011) dizem que, crescentemente, as informações que encontramos e acessamos online depende do lugar onde estamos. Há uma mudança radical na forma de organização da informação: não se trata mais de uma extensão de dados não filtrados, usualmente chamado de ciberespaço, mas de um mapa de informações fisicamente contextualizado. Geografia torna-se a lógica de organização da Rede. Ter acesso à rede global de informação ainda que permanecendo no local, na rua, na cidade, pode realinhar a forma como o indivíduo lida com a escala da experiência de usuário. Nosso espaço de interação pode se dar simultaneamente em múltiplas escalas. O usuário pode se deslocar de modo fluido entre o que está fisicamente próximo e o que está conceitualmente próximo. Segundo os autores, trata-se de uma compressão de escala.

Barcelona, à medida que, em 2011, as pessoas ali se reuniram para expressar suas visões políticas e tornar públicas suas demandas.

Em muitas ocasiões, capacidades técnicas e comunicacionais foram colocadas a favor de causas políticas, caso do desenvolvimento colaborativo da plataforma de código aberto Ushahidi,[6] inicialmente destinada ao relato de conflitos ocorridos após as eleições de 2007 no Quênia, e que continuou a ser utilizada em outras situações. Essas capacidades também se destinaram a apoiar a sociedade na fiscalização de abusos do Estado e de interesses corporativos (ALEXANYAN *et al.*, 2012).

Capacidades de comunicação em rede estiveram ainda a serviço da mitigação e do gerenciamento de crises e desastres, com no caso da publicação em websites de informações sobre radiação durante o desastre de Fukushima, coletadas por uma rede de monitoramento difuso composta por pessoas equipadas com contadores Geiger,[7] ou no caso do mapeamento colaborativo verificado, em 2011, após o terremoto do Haiti e nos tweets que repercutiam informações atualizadas sobre o terremoto de Virgínia (PEREIRA; ROCHA; POPLIN, 2012).

A relevância do uso de mídias sociais para a interação entre governos e cidadãos foi reconhecida no e-Government Survey 2010 das Nações Unidas. A chamada web 2.0 teria fornecido um ambiente para os cidadãos interferirem diretamente na forma como os governos operam, favorecendo a ampliação da e-Participação.[8]

A apropriação da tecnologia por grupos espontaneamente organizados, seja para coletivamente se opor e colaborar em situações de opressão política ou de risco, seja para mudar a paisagem e melhorar a qualidade da vida urbana, forneceu a primeira motivação para a presente tese. Acredita-se que difundir conhecimento, experiências e travar conversações sobre o espaço urbano e discutir políticas para a cidade, independentemente de criar ou não uma espécie de inteligência coletiva, ajuda a promover a defesa daquilo que se constitui interesse comum. Defende-se aqui que a apropriação de dispositivos móveis e plataformas digitais interativas em práticas cívicas e políticas possibilitam uma espécie de "participação ampliada" (ROCHA; FLORENTINO; PEREIRA, 2014). Com auxílio de tecnologias, sejam elas comerciais ou não, constitui-se por essa via um espaço para práticas de compartilhamento do conhecimento sobre a cidade que favorecem o entendimento e a mobilização de indivíduos e grupos em ações em prol de assuntos de interesse público. A própria visão do que se espera

[6] http://www.ushahidi.com/
[7] http://www.2i2p.ba.gov.br/?s=fukushima
[8] http://un pan3.un.org/egovkb/Portals/egovkb/Documents/un/2010-Survey/Chapter-5-Citizen-empowerment-and-inclusion.pdf

seja a cidade configura-se, desse modo, como um *commons* – algo que se usa ou possui de forma coletiva, e que se destina a ser detido ou aproveitado igualmente por um número de pessoas (FALCÃO *et al*., 2005). E assim, como dizem Latham e Sassen (2005), estruturas de comunicação e informação não se tornam redutíveis às tecnologias que as tornam possível, pois se constituem em "habitats" humanos, ecologias ancoradas nas relações sociais associadas com esferas públicas, redes, organizações e mercados.

Se por um lado, como quer Santos (1996), nos espaços de globalização, mercado e poder público presidem os vários sistemas lógicos e as várias racionalidades que nele se misturam e se sobrepõem, enquanto a estrutura socioespacial joga um papel nesse ajustamento, por outro lado, não é possível ignorar o conflito que se instaura entre aqueles que animam a "cidade do *commons*" e as forças que presidem a atual dinâmica da ocupação das cidades.

O resultado desse conflito está longe de ser aqui respondido, mas claramente grupos que se contrapõem a essa dinâmica situam sua atuação nos campos da política e da cultura e, por essa via, muitas vezes, vêm a habitar a esfera pública e impactar a esfera da decisão política. Partindo do reino das ideias, crenças, paixões e lugar da produção de um sentido, o qual fornece regras à racionalidade e estimula o imaginário (SANTOS, 1996), esses grupos conformam um espaço comunicativo onde indivíduos expressam livremente opiniões e desejos que deve ser considerado como elemento de um processo de aprendizagem social fundamental para mobilizar e articular questões, informação e interpretações e, assim, "processar o bem comum" (MAIA, 2008a).

A presente tese busca revelar visões do espaço urbano tomado enquanto bem comum que catalizaram em tempo recente a atenção pública para a constituição de interesses coletivos, através das ações tomadas para defendê-lo assumidas por grupos voluntariamente organizados em redes mediadas pela Internet e por redes de comunicação móvel. Por meio de mídias sociais, eles criam/adotam causas em favor do uso coletivo de áreas da cidade com base no que acreditam ser de interesse geral. Dessa maneira, participam da vida civil e expõem seus ideais de democracia e de participação, ao tempo que inscrevem práticas de cidadania na esfera pública, e vêm a animar, e certamente amplificar movimentos coletivos de resistência à captura da cidade unicamente em favor de interesses privados.

Páginas Facebook de dois grupos italianos e dois brasileiros que defenderam e, em alguns casos, ainda se mobilizam para defender a apropriação de espaços da cidade para o uso

de seus cidadãos constituem-se a fonte das conversações aqui analisadas. Esses grupos levaram adiante movimentos em prol da regeneração de áreas urbanas degradadas da cidade de Potenza, no sul da Itália, e em Salvador, no nordeste do Brasil, particularmente nos anos 2012 e 2013.

Embora o trabalho não tenha caráter comparativo, há um certo espelhamento entre os grupos brasileiros e italianos: dois deles se confrontam diretamente com o poder público, enquanto os outros exercitam um tipo de participação cívica que envolve a cura do espaço e o desenvolvimento de uma sociabilidade que jamais se confrontou diretamente com o poder. Isso permitiu observar peculiaridades nas formas de mobilizar as energias coletivas para o enfrentamento dos problemas urbanos, o que tendeu em alguns casos a transformar a cidadania ativa em um sujeito da política (SODRÉ, 2014).

Estudos sobre Facebook e política têm sido realizados, entretanto Carreiro (2014) mostra que preponderam estudos relacionados a *eParticipation* e *e*Ativismo em artigos publicados em revistas acadêmicas de ciências sociais, ciência política e comunicação entre 2008 e 2014. Por sua vez, no campo de estudos urbanos, a exploração de redes semânticas tem se verificado para a proposição de métodos de planejamento (CAMPAGNA, 2014), na apreensão do significado cultural da paisagem (CERRETA *et al*., 2014) ou mesmo na compreensão da visão do patrimônio histórico em mensagens postadas no Twitter (MONTEIRO *et al.*, 2014). A presente pesquisa se coloca na confluência desses estudos: aplica o ferramental da Análise de Redes Sociais para mostrar o cidadão em cena em arenas não convencionais da política na defesa da qualidade da vida urbana.

Com o uso desse ferramental, buscou-se o significado expresso em conversações dos grupos acerca das características e usos almejados para a cidade, as formas que eles assumem para dela cuidar, os recursos utilizados e os ideais de cidadania e de bem comum que invocam. As seguintes questões nortearam a pesquisa:

- quais são as características atribuídas ao espaço urbano?
- quais são as ações preferenciais para obtê-lo?
- quais são as visões dos grupos e de representantes públicos presentes nessas redes sociais digitais?
- que visões de participação, cidadania e bem comum emergem nessas conversações?

Para conhecer as características requeridas para o espaço, extraíram-se redes semânticas de comentários a mensagens postadas nas páginas Facebook dos grupos. Foram identificados

seus termos proeminentes (aqui chamados conceitos) que foram, então, ranqueados de acordo com o valor encontrado em cada um dos seguintes índices de centralidade: centralidade de grau, de proximidade, de autovetor e de intermediação. Cada um desses índices indica, respectivamente, as conexões que o termo estabelece com os seus vizinhos, sua proximidade com relação a todos os outros conceitos da rede, sua proximidade em relação a outros conceitos que são importantes no que diz respeito ao grau e sua posição privilegiada no que se refere ao fluxo de informações na rede.

Em seguida realizou-se a exploração das vizinhanças e das comunidades a que pertencem os termos considerados mais importantes nas redes semânticas obtidas. Sua importância foi assumida em razão de sua posição nesses rankings. Uma categorização dos conceitos ajudou a colocar em relevo ações, recursos e qualidades mencionadas para as iniciativas e atividades dos grupos, para a cidade e para elementos do espaço urbano, existente e desejado. O mesmo método foi adotado quando se buscou apreender suas ideias acerca de como exercer a cidadania e os ideais de democracia e de bem comum que dão suporte às ações e atividades desses grupos e subjazem às suas idealizações.

O trabalho envolveu também examinar os confrontos das propostas feitas pelos grupos com aquelas defendidas por representantes públicos, quando algum tipo de diálogo ocorreu, ou mesmo quando o confronto gerou discussão entre os membros do grupo. Atenção especial foi dada às declarações acerca de atores considerados chave para a pesquisa, como o cidadão, a administração pública e o próprio grupo.

A Figura 1 ilustra como se articulam as noções que orientaram o estudo, brevemente comentadas a seguir.

Figura 1 – Mapa conceitual da pesquisa

Fonte: Elaboração da autora.

Como mencionado, parte-se da premissa de que plataformas de redes sociais têm sido utilizadas por grupos para promover coletivamente uma compreensão acerca da qualidade exigida para o espaço urbano comum a todos e sobre como agir para defendê-la. Apesar de certamente existirem diferentes visões e convicções políticas por parte de seus membros, eles querem participar e influenciar as decisões que tocam à vida pública, em particular à administração pública. Querem ser atores, agir materialmente e através de palavras, revelar publicamente suas intenções. Como se fossem cidadãos de uma *polis*, estabelecem uma espécie de memória organizada no espaço onde compartilham palavras e atos (ARENDT, 2010).

As tecnologias comunicativas são tomadas aqui como mediadores ativos das práticas sociais. Isso quer dizer que afetam e se vêm afetadas por inovações que acabam com a distinção entre emissor, meio e receptor e estabelecem outras dinâmicas de interação (DI FELICE, 2008). Mais do que um fórum, favorecem o enquadramento de assuntos de interesse comum, de forma distribuída, coletiva, mediada tecnologicamente, com capacidade de eventualmente vir a efetivar uma articulação política (MARRES, 2006).

A experiência de ser um falante em potencial altera a percepção do indivíduo sobre si

mesmo frente à sociedade e à cultura (BENKLER, 2006). Na democracia contemporânea, o cidadão passa a agir a partir da esfera privada, e assim proliferam-se vozes que expandem a esfera pública (PAPACHARISSI, 2009). Suas práticas amplificam discussões e têm por objetivo influenciar a opinião pública, pressionar a tomada de decisão política, e realmente podem vir a prover razões e argumentos, pressões e alternativas para a legitimação da decisão política, como queria Habermas em *Direito e Democracia* (GOMES, 2008a). Ocorre, dessa maneira, uma espécie de socialização política, que dá significado às ações de grupos – atores numa dinâmica de rede, que crescentemente domina a esfera pública (FRIEDLAND; HOVE; ROJAS, 2006).

Pode-se considerar com Dean, Anderson e Lovink (2006) que tais práticas de participação em rede não estejam baseadas num objeto estável, em *accountability*, nem em um sujeito estável, como seria o caso da representação de um eleitorado, mas na apresentação e mediação de ideias. Trata-se de interações performáticas a produzir e reproduzir um conjunto de expectativas e a alimentar a conexão direta entre os participantes. Atores que agem em uma dinâmica de rede, motivados por valores e ideais mas também por interesses a serem revelados, ainda que invoquem valores universais e o interesse coletivo quando colocam sua vontade de ver prevalecer as propostas que criam ou às quais aderem. Valores que aparecem nas qualidades atribuídas às coisas, mas que decorrem de um pactuar voluntário entre pessoas comprometidas (RESWEBER, 2002). Valores que se revelam nos discursos e que, testemunho de crenças, se apresentam como referências.

O espaço desejado não é, portanto, só espaço, terreno, área: é espaço idealizado, carregado de significado – idealização e desejo. O espaço ganha assim um valor. É símbolo: representação não de um objeto mas de um conjunto de sentimentos e de crenças; " elo social fundamental, enquanto evoca a memória da aliança originária, que dá sentido a cada encontro" (RESWEBER, 2002, p. 32).

O quadro conceitual aqui apresentado é detalhado nos capítulos 1, 2 e 3. Decidiu-se começar por apresentar visões que tomam a esfera pública enquanto âmbito da prática política e da troca de ideias a respeito daquilo que é assumido como de interesse geral. As discussões aí travadas alimentam o que vem a ser entendido como bem comum. Adota-se como ponto de partida a definição que Habermas (2003a) propôs para a esfera pública burguesa em seu livro *Mudança estrutural da Esfera Pública* – esfera das pessoas privadas reunidas em um público, conceitualmente independente tanto do Estado quanto da economia (CRAWFORD, 1995). O

autor está na raiz das abordagens da esfera pública apresentadas no capítulo 1, na leitura de autores como Calhoun (1992), Breton e Proulx (2006) e Gomes (2006, 2008a, 2008b, 2008c).

Atualmente a expressão esfera pública teria ganho várias acepções, algumas delas elencadas por Gomes (2006): domínio do que é público, do que se pode falar sem reservas e em circunstâncias de visibilidade social;[9] arena pública, *locus* da discussão de temas de interesse comum; *locus* de apresentação de temas, de ideias, de informações (aqui como espaço público) sem que necessariamente sejam discutidos; de conversação civil; de interação social e sociabilidade. Considerando-se que o interesse do estudo recai sobre a defesa da qualidade da vida urbana assumida por grupos que para isso se utilizam de plataformas digitais, toma-se aqui a acepção de esfera pública como um domínio de conversação civil e de interação social que dá visibilidade a assuntos que são ou se tornam públicos ao virem a ser considerados como de interesse geral.

Para uma visão das dinâmicas que contemporaneamente animam essa esfera, são invocados autores que refletem sobre características culturais de práticas sociais mediadas do presente, sobretudo Papacharissi (2009), mas também Maia (2008a, 2008b), Castells (2008, 2009) e Tursi (2011). Essas ideias dão suporte ao entendimento do potencial alcance da atuação de indivíduos que utilizam as tecnologias digitais para conectar-se, habitar e até mesmo reconfigurar a esfera pública.

Nos capítulos 2 e 3, identificam-se visões de democracia, participação e de bem comum que estão na base das ações dos grupos estudados. No capítulo 2, apresenta-se, com apoio de autores como Greblo (2000), Mouffe (2009), Silva (2009) e Carpentier (2012), uma breve revisão de formas de exercício da soberania popular em Estados democráticos modernos e de como a participação enquanto esteio para a tomada de decisão se inseriu no contexto teórico e político a partir dos anos 60 do século passado. Ideais de participação, renovados com a difusão do uso da Internet a partir dos anos 90 daquele século, hoje se vêm reforçados com a utilização intensiva de mídias sociais, não apenas em mobilizações massivas de protesto e para ações cívicas, mas também em conversações que constituem a esfera pública. Rojas e Puig-i-Abril (2009), Gomes (2011), Ekman e Amnå (2012) e Dahlgren (2013), entre outros, subsidiam essa reflexão.

Se nada está mais distante da defesa do bem comum do que considerar que interesses de partes possam vir sempre a coincidir com o interesse geral, como poderão as atuais práticas de

[9] O autor considera ser este o sentido mais original para o termo esfera pública (GOMES, 2006).

auto-representação com uso de mídias sociais almejar fazê-lo? Uma vez que essa tese toma como base práticas compartilhadas e conversações travadas em redes sociais digitais por grupos que pretendem alterar o contexto físico, social e mesmo político em nome do interesse de muitos, torna-se importante considerar as visões do bem comum que se apresentam nesses discursos. Assim, e para compreender como os ideais de democracia e participação se expressam nas iniciativas tomadas por esses grupos, procede-se, no capítulo 3, a uma breve revisão de entendimentos acerca do bem comum ao longo do tempo. Autores como Bauman (2003), Vitale (2012), Galeazzi (2013), Rodotà (2012, 2013) são de grande auxílio no tema.

O capítulo 4 tem caráter metodológico. Introduz o estudo de redes e da Análise de Redes Sociais, com apoio fundamentalmente de Barabási (2003, 2012) e Mercklé (2004), e toma muitas vezes Popping (2000) como referência para apresentar o desenvolvimento da análise textual de mensagens em meio digital (*computer-assisted text analysis*). Apresenta o uso de medidas da Análise de Redes Sociais para a avaliação da importância (centralidade) de conceitos com base na estrutura topológica de redes semânticas e menciona estudos que examinam a dinâmica de crescimento dessas redes com base na teoria das redes complexas. Entre os principais autores utilizados aqui estão Carley (1990, 1993), Carley e Palmquist (1992), Diesner e Carley (2004, 2005, 2011), Drieger (2013), Caldeira (2005), Teixeira (2007) e Fadigas (2011).

O capítulo 5 apresenta dados e processos utilizados na pesquisa e os resultados obtidos com a análise das redes semânticas das conversações travadas pelos grupos de interesse. Os grupos e as conversações que seus membros estabelecem em torno de postagens em suas páginas Facebook são contextualizados, e se explica como as redes semânticas foram obtidas: a preparação dos textos, as escolhas de codificação estabelecidas e as ferramentas utilizadas para sua criação, visualização e análise. Como dito, o método de Análise de Redes Sociais foi utilizado para focalizar os conceitos mais centrais nas conversações e seu contexto de aplicação, o que permitiu obter respostas às perguntas de pesquisa.

O capítulo 6 conclui o trabalho apresentando uma visão sintética dos ideias de espaço urbano, ações e recursos utilizados pelos grupos para defendê-lo enquanto um bem comum, inclusive em confrontos com o poder público, e suas visões da política. Comentam-se também algumas vantagens e limites da metodologia utilizada para a exploração e análise das conversações. Valores e motivações que emergem da leitura das redes semânticas deram ocasião a reflexões sobre o alcance das perspectivas das ações que os grupos empreendem.

Verificou-se como a cidade do *commons* tem enfrentado os arranjos que silenciosamente promovem a lógica de negócios como um destino "natural" das cidades contemporâneas. Para essas conclusões mostrou-se valioso recorrer a autores como Haddock (2004), Cacciari (2012) e Carvalho e Pereira (2014).

1 CIDADÃOS ONLINE, ESFERA PÚBLICA EM REDE

"Esfera pública" designa o âmbito, domínio ou espaço, socialmente reconhecido, mas não institucionalizado, constituído pela discussão espontânea, pela livre circulação de questões, contribuições, informações, pontos de vista e argumentos provenientes das vivências quotidianas do sujeito. É uma rede para a comunicação de conteúdos e pontos de vista, isto é, de opiniões. Por meio dela os fluxos de comunicação são filtrados e sintetizados de modo que se condensam nas opiniões públicas (GOMES, 2008a).

A noção já foi alvo de muitas interpretações.

1.1 Elaborações sobre a esfera pública

No início dos anos 60 do século passado, o filósofo alemão Jürgen Habermas descreveu a estrutura social da esfera pública burguesa em *Mudança estrutural da esfera pública*.[10] Ali estabeleceu o que a categoria de público significou na sociedade burguesa e como seu sentido foi transformado posteriormente (CALHOUN, 1992).

Antes mesmo da constituição das funções políticas da esfera pública ter-se-ia constituído um campo onde se desenrolava o processo de compreensão acerca das experiências que se originavam na esfera íntima da família.[11] Uma esfera privada composta de homens privados – proprietários de mercadorias e pais de família – teria modelado, na Europa do século XVIII, o esboço de uma esfera literária em espaços culturais tornados públicos. A cultura, que então assumia a forma de mercadoria e passava a existir por si, transformava-se em objeto de discussão. Clubes do livro e círculos de leitura ajudaram a conformar a esfera literária, as camadas burguesas constituindo o público que se emancipará dos cafés, salões e

[10] Trata-se da tese por ele apresentada como requisito para sua habilitação à docência universitária.

[11] A família burguesa concebe a si mesma como esfera que elabora intimamente a humanidade. O livre-arbítrio, a comunhão de afeto e o livre desenvolvimento das faculdades que distinguem uma pessoa culta "conjugam-se num conceito de humanidade que se pretende que seja inerente a todos os homens, definindo-os certamente como seres humanos" (HABERMAS, 2003a, p. 63). A intimidade da família prometia uma liberação das restrições existentes por ser domínio da pura intimidade seguindo suas próprias leis e não propósitos externos (CALHOUN, 1992).

comunidades de comensais,[12] mas se manterá reunido através da instância mediadora da imprensa e de sua crítica profissional (HABERMAS, 2003a).

Qualquer um com acesso a produtos culturais – livros, peças de teatro, revistas – teria a possibilidade de atenção no debate cultural público.[13] A noção de interesse comum embasaria a "suspensão" das diferenças de status. Isso se ligaria a uma característica crucial da esfera pública habermasiana: a noção de que o argumento racional seria o único árbitro de qualquer questão, o melhor argumento racional e não a identidade do falante (CALHOUN, 1992).

A esfera pública literária desenvolveu as bases institucionais da esfera pública política. Lugares de encontro, jornais e redes de relações sociais darão origem à esfera pública política, a qual "intermedia, através da opinião pública, o Estado e as necessidades da sociedade" (HABERMAS, 2003a , p. 46).[14] Habermas (2003a) afirma a importância das instituições e plataformas então existentes, na passagem de uma esfera a outra.[15]

Para Gomes (2006), a novidade colocada por Habermas não estaria na ideia de *Öffentlichkeit*[16] em si mesma, mas na ideia de que ela estava mudando principalmente em função da comunicação e da cultura de massa. Segundo esse autor, para o Habermas de *Mudança estrutural*, a esfera pública midiática seria sempre "uma esfera de representação pública de posições geradas de forma não-pública" (GOMES, 2008c, p. 124). Ele observa que o jovem Habermas subestima o potencial argumentativo da cena política midiática e a sua capacidade de produzir a opinião pública.[17]

---

[12] As camadas burguesas que constituem o público que se emancipa dos cafés, salões e comunidades de comensais constituem "a esfera pública de uma argumentação literária, em que a subjetividade oriunda da intimidade pequeno-familiar se comunica consigo mesma para se entender a si própria" (HABERMAS, 2003a, p. 68).

[13] A prática da crítica literária que, inicialmente, não distinguia claramente entre meros leitores e críticos, estabelece-se então como uma esfera de crítica à autoridade pública já equipada com instituições do público e com fóruns de discussão (CALHOUN, 1992).

[14] Nos cafés e nos salões, esboça-se a esfera pública, ainda sem configuração política, "campo de manobras de um raciocínio público que ainda gira em torno de si mesmo – um processo de autocompreensão das pessoas privadas em relação às genuínas experiências de sua nova privacidade" (*ibid*., p. 44).

[15] "O processo ao longo do qual o público constituído pelos indivíduos conscientizados se apropria da esfera pública controlada pela autoridade e a transforma numa esfera em que a crítica se exerce contra o poder do Estado realiza-se como refuncionalização [...] da esfera pública literária, que já era dotada de um público possuidor de suas próprias instituições e plataformas de discussão" (*ibid*, p. 68).

[16] A *Öffentlichkeit* é "literalmente, a *publicidade*, mas de maneira figurada; é a propriedade comum a todas as coisas que são abertas, descobertas, disponíveis, acessíveis" (Gomes, 2006, p. 52). Isso seria válido não apenas para os negócios do Estado, mas para todo campo da produção social.

[17] Autores divergem sobre os efeitos da mídia de massa sobre a formação da opinião pública. Para Calhoun (1992), o fato de que o rádio, o filme e a televisão sejam experimentados de modo tão imediato tornaria difícil a concentração em argumentos crítico-racionais. Na opinião de Breton e Proulx (2006), mídias de massa forneceriam materiais simbólicos e históricos capazes de vir a fazer parte da formação de uma identidade coletiva. Thompson (1999) constatou que os processos de apropriação dos produtos de mídia são transplantados para os conjuntos de práticas localizados que alteram seus significados. A esse respeito ele afirmou: "Imagens de

A noção de esfera pública comporta, além da livre expressão, a ideia de uma "cena pública" de aparecimento. Na ideia de cena pública, atores e ações teriam acesso à visibilidade pública, independentemente de toda argumentação racional. Essa concepção estaria em sintonia com a filosofia política de Hannah Arendt (BRETON; PROULX, 2006).

Enquanto em Jürgen Habermas a esfera pública é uma esfera de discussão, de confronto entre pontos de vista argumentados, que agiria como instância mediadora entre o Estado e a sociedade civil, na visão de "cena de aparecimento" de Arendt, um público de espectadores faria um juízo de apreciação, um "juízo de gosto", mais próximo da estética que da racionalidade.[18]

Nesse espaço os homens poderiam "compartilhar a construção de um mundo comum, legitimado pelo reconhecimento público e intersubjetivo" (FEDOZZI, 2008, p. 45). O que garantiria a realidade das coisas seria o fato de serem vistas por muitas pessoas e numa diversidade de perspectivas; já a destruição da diversidade na qual elas se apresentam à pluralidade humana destruiria o próprio mundo comum (ARENDT, 2010).[19]

Apesar de o debate prosperar e de o termo "esfera pública" vir a ganhar centralidade nas ciências humanas a partir da tradução em inglês da obra de Habermas,[20] segundo Gomes (2008b), seu sentido foi também deslocado, uma vez que lhe foi acrescentada uma dimensão substantiva.[21] Uma vez substantivada como arena da conversa aberta sobre as coisas de

---

outros modos de vida constituem um recurso que os indivíduos têm para julgar criticamente suas próprias condições de vida" (THOMPSON, 1999, p. 157). Joshua Meyrowitz (1985), por sua vez, afirmou que a televisão, como um ambiente compartilhado, tenderia a incluir facetas de nossa cultura num fórum público, sendo capaz de dar ao espectador um senso de conexão com o mundo lá fora e com outros espectadores.

[18] Para Breton e Proulx (2006), em Hannah Arendt, o modelo de referência é o espaço público grego, a ágora, o lugar físico em que se encontram os cidadãos para debater os assuntos políticos da cidade, enquanto para Habermas o modelo canônico é o espaço público burguês, criado com as Luzes. A crítica pública da dominação política em nome de uma moral burguesa da emancipação, a busca da verdade por meio da discussão pública argumentada e racional, a aceitação de um exame e teste de força dos argumentos diante de um público seriam postulados da publicidade da esfera pública das Luzes.

[19] "Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida primordialmente pela 'natureza comum' de todos os homens que o constituem, mas antes pelo fato de que, a despeito de diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados no mesmo objeto" (ARENDT, 2010, p. 70).

[20] A tese de Jürgen Habermas foi traduzida para o francês em 1978, tendo entusiasmado os pesquisadores críticos francófonos que então problematizaram os fenômenos de comunicação política em termos da indústria cultural (BRETON; PROULX, 2006). Na Alemanha, a obra de Habermas não obteve a mesma recepção nem gerou o impacto verificado entre os intelectuais europeus da sociologia e da comunicação. Em 1989, ela foi traduzida para o inglês reacendendo um debate que, segundo Gomes (2006), parecia ter-se esgotado. O termo *Öffentlichkeit* foi então traduzido como *public sphere*, de modo semelhante à tradução brasileira e diferentemente de *espace publique* da versão francesa e *publicità* da versão italiana (GOMES, 2006).

[21] "A *esfera pública*, [...] antes que o domínio a que é pertinente tudo aquilo que é público, acaba sendo entendida como a arena pública, o *locus* onde se processa a conversa aberta sobre os temas de interesse comum, o espaço público. Em outros termos, a velha *Öffentlichkeit* é a condição a que se submetem as coisas tratadas na praça e no terreiro, a propriedade de abertura, de publicidade que caracteriza tais coisas nesta circunstância,

interesse comum, a esfera pública seria multiplicada e teria passado a se confundir com o público que a ocupava: dominante/proletária, feminista/feminina (GOMES, 2006).[22]

Em 1992, Habermas (2003b) supera, na opinião de Gomes (2008c), a marca iluminista (publicidade em razão dos meios em que o debate se realiza e do uso de razões públicas) e liberal (ênfase na privacidade) do conceito em favor da ênfase deliberacionista do governo exercido pela opinião pública.[23] Este autor vê total coerência no percurso que vai da noção de esfera pública ao de democracia deliberativa: o debate público permanece como fundamental para a vida pública democrática.[24] Entretanto, pondera, a escolha foi acompanhada pelo descarte da discussão pública ampliada e não deliberativa, que afinal faz parte da esfera pública pensada como mercado liberal de ideias, que abastece a opinião pública e a vontade coletiva dos cidadãos (GOMES, 2014).

Com o advento das mídias eletrônicas de comunicação, a disputa por ideias e valores se dá nas redes de comunicação multimídia que, devido a seu caráter multimodal, diversificado e pervasivo, seriam capazes de incluir grande diversidade cultural e uma multiplicidade de mensagens (CASTELLS, 2009).

O autor apresenta casos emblemáticos de conquista de uma presença efetiva nesse espaço a partir da sinergia entre a *mass self-communication*[25] e a capacidade da sociedade civil de desenhar o processo de mudança social através do mundo. Para ele, a quase simultaneidade de envio e recebimento de mensagens, as conversações de longo alcance, as mobilizações políticas que se replicam e ganham eco em quase todos os lugares do globo seriam características do que se chamou de Nova Esfera Pública Global, um espaço público capaz de alavancar reações gigantescas que têm alterado resultados previstos para ações

enquanto a esfera pública tende a ser compreendida como a própria praça e o próprio terreiro onde as coisas são tratadas abertamente" (GOMES, 2006, p. 55).

[22] Aqui vale lembrar as críticas de Nancy Fraser (1992) à ideia restritiva de esfera pública, que excluía mulheres e não proprietários. A autora defende a eliminação de desigualdades sociais e a inclusão (e não a exclusão) de interesses e questões tidas como "privadas" e tratadas como inadmissíveis no que ela denomina de "ideologia machista" (*masculinist ideology*).

[23] "Em *Direito e democracia*, a esfera pública é o domínio social em que os fluxos de comunicação provenientes dos contextos da vida concreta dos atores sociais, individuais ou coletivos, são condensados e filtrados, como questões, indagações e contribuições, firmando-se ao redor do centro do sistema político como força tendente a influenciá-lo de modo favorável à esfera civil. Representa basicamente o provimento de pressões e alternativas, provenientes do corpo da sociedade, para a legitimação da decisão política" (GOMES, 2008c, p.119).

[24] Coerência que Benigno (2013) não festeja: Habermas nunca abandonará aquilo que ele chama de utopia de racionalização comunicativa, e lembra que Lippmann (2004) já em 1922 propôs que a opinião pública é opaca, distorcida, atravessada por incompreensões e juízos prévios, feita de estereótipos internalizados, sendo, sobretudo, manipulada.

[25] Castells (2009) denomina de *mass self-communication* às redes de comunicação horizontais relacionadas com as formas de comunicação que têm lugar na web global. É também comunicação de massa porque pode potencialmente atingir uma audiência global.

tomadas na esfera política tradicional (CASTELLS, 2009).[26]

Um exemplo seria a rede estabelecida entre comunidade científica, ativistas ambientais e celebridades que levou a questão do aquecimento global para a mídia, comunicando-a amplamente ao público via redes multimídia. A versatilidade das redes digitais de comunicação teria permitido aos ativistas ambientais evoluírem de um foco voltado a atrair a atenção através das mídias tradicionais para o estímulo à participação cidadã de massa usando as capacidades interativas oferecidas pela Internet. Como consequência da militância e de estratégias de comunicação, o movimento social em favor do controle da mudança climática foi capaz de sensibilizar e induzir algumas medidas políticas, produzindo, segundo Castells (2009), uma nova cultura da natureza e transformando a forma como pensamos o nosso lugar no planeta.

Castells (2008) insiste no valor cultural da esfera pública dizendo que, mesmo que a mídia tenha se tornado o maior componente da esfera pública na sociedade industrial, ela não é apenas mídia ou lugares socioespaciais de interação pública: "É o repositório cultural/informacional das ideias e projetos que alimentam o debate público" (CASTELLS, 2008, p. 79, tradução da autora). Nas redes horizontais de comunicação digital se desenvolveria uma cultura de valorização da autonomia, da liberdade individual e de auto-identificação em muitos campos de atuação, o que influenciaria as estratégias adotadas pela própria indústria cultural (CASTELLS; ARSENAULT, 2008).[27]

Para além da mídia de massa e suas estratégias de incorporação de práticas sociais associadas às redes horizontais de comunicação e para além das esferas deliberativas especializadas – parlamentos, tribunais, conselhos e colegiados administrativos – o fato é que existe, na periferia do sistema político, uma esfera argumentativa generalizada, que serviria para condensar e testar, numa troca pública de razões, demandas provenientes da esfera civil, tornando-as legítimas diante dos sistemas socialmente especializados de produção da decisão

[26] Segundo Castells (2008), no mundo globalizado emergiriam processos de formação de uma sociedade civil global, elevando a esfera pública ancorada em torno de instituições nacionais, sociedades territorialmente limitadas, para uma esfera pública constituída em torno de sistemas de mídia. Atuando através da mídia, *mass media* e redes de comunicação horizontais, atores não estatais influenciariam pessoas e promoveriam mudanças sociais. A esfera pública global seria criada, portanto, em torno dos sistemas de meios de comunicação e redes Internet, particularmente em espaços sociais da web 2.0.

[27] O estudo realizado por Castells e Arsenault (2008) sobre a atual dinâmica de entrelaçamento entre os componentes tradicionais da indústria cultural e os novos negócios que emergiram com a Internet mostra que, embora colocando as redes horizontais sob seu controle, para poder explorar esse grande reservatório de consumidores ativos, as redes globais de negócios devem respeitar as práticas culturais presentes nas novas mídias, não podendo restringir excessivamente a liberdade de expressão nos espaços sociais. Os autores dizem que conteúdos gerados pelo usuário e ações sociais autônomas são agora componentes da rede global de comunicação.

política (GOMES, 2008c).[28] Essa esfera é certamente constituída hoje com o uso massivo das tecnologias interativas da Internet.

Maia (2008b) pensa as dinâmicas dessa esfera argumentativa e tenta aproximar as modalidades de interação comunicativa verificadas na Internet às condições da democracia deliberativa.[29] A esse respeito ela propõe pensá-las numa dimensão cultural abrangente, de formação de preferências e convicções, e não apenas enquanto agregação de interesses pela competição. Diz:

> A dinâmica argumentativa está articulada a uma rede de conversações que opera de maneira distinta do discurso singular, do encontro dialógico "aqui e agora". A formação da vontade é um produto cumulativo de um conjunto de discussões sobre determinado tempo. É um processo de interpretação coletiva a longo prazo, e não apenas um procedimento de tomada de decisão. (MAIA, 2008b, p. 289)

Já para Papacharissi (2009), a esfera pública seria mais bem vista como metáfora de um modo e um ideal para a participação cívica. Se a tecnologia gera espaço comum, ela contudo não constitui necessariamente um "*commons*". Entretanto as interações possibilitadas pela web 2.0 – muitas vezes chamada de web das pessoas por oposição à web dos dados, web 1.0 (FUMERO, 2007) –, reforçariam valores contemporâneos de autoexpressão e a personalização, contemplando a organização da informação com base numa ordem subjetiva de importância, a proliferação de espaços pessoais/privados online, como blogs e redes sociais, que pouco teriam em comum com a esfera pública habermasiana. Esta última é distinta de um público que se reúne, de indivíduos que expressam meras opiniões, pois pressupõe a razão e a argumentação pública (PAPACHARISSI, 2009).

Se, por um lado, a afirmação de Papacharissi (2009) parece não convergir com a tentativa de Maia (2008b) de estabelecer relação entre conversações cotidianas e deliberação pública,[30] por sua vez, ela reconhece que, independentemente de motivações, blogs e fóruns similares encorajam a proliferação de vozes que expandiriam a esfera pública.[31] Mesmo

---

[28] O autor acredita que, quanto mais as micro-redes de decisão no interior do tecido social se apoiem numa argumentação pública, tanto mais democrática será essa sociedade e mais enraizada será a cultura democrática nos indivíduos.

[29] "Teóricos deliberacionistas defendem que a deliberação deve ser pública, tanto no sentido de a troca argumentativa ser acessível e aberta a pessoas potencialmente afetadas ou concernidas quanto no sentido de os participantes apresentarem razões públicas, isto é, argumentos passíveis de serem defendidos diante de uma ampla audiência; a troca argumentativa deve admitir muitos pontos de vista; os participantes devem justificar suas preferências, examinar seriamente os argumentos concorrentes, responder reciprocamente às indagações uns dos outros e manter os próprios argumentos abertos à contestação" (MAIA, 2008a, p. 206-207).

[30] "Apesar das conversações cotidianas apresentarem características deliberativas fracas, é preciso estar atento para o processo por meio do qual se formam as preferências e os próprios valores mais gerais que conformam essas preferências" (MAIA, 2008b, p. 211).

[31] Os blogs se encaixariam, segundo Papacharissi (2009), mais no modelo de Nancy Fraser, onde contrapúblicos concorrem para articular uma voz na esfera pública, do que no modelo habermasiano tradicional.

espaços comerciais como o YouTube proporcionariam lugar para práticas democráticas saudáveis, entre elas, a expressão e circulação de opiniões políticas, ajudando inclusive a manter controle sobre políticos, diz a autora. Dessa maneira, na democracia contemporânea, o cidadão teria passado a agir a partir de uma esfera privada. Nessa esfera privada, ainda que sozinho, esse cidadão não estaria isolado (PAPACHARISSI, 2009).

A relação entre propósito social e expressões assumidas por indivíduos, dentro e fora de comunidades, deve ser melhor entendida. Maia (2008a) lembra que discussões privadas são estágios importantes para preparar as pessoas para as discussões públicas e se apoia em Habermas (2003b) para dizer que as experiências são elaboradas de modo privado e se entrelaçam com outras biografias em contextos de vida comuns.

A articulação de questões socialmente relevantes passa, muitas vezes, pelo compartilhamento de experiências e opiniões através do uso de mídias sociais. O aumento da população conectada em várias partes do mundo juntamente com a redução do custo de se dirigir ao público permite, como diz Shirky (2011), fazer coisas de valor de modo duradouro a partir de pequenas contribuições, caso da plataforma Ushahidi anteriormente mencionada.[32]

Di Felice (2008) propõe que, na época das redes digitais, a ideia moderna de esfera pública como emanação dos meios impressos e audiovisuais seja repensada. Usando como base o conceito de "obra aberta" de Umberto Eco, na qual o receptor colabora continuamente para a criação de um objeto estético, ele propõe a adoção do que chama um conceito em movimento de sociedade mediada por tecnologias digitais através das redes tecnossociais.

Isso leva a observar que há, no uso que vem sendo dado a essas tecnologias, algo que aprofunda o movimento revelado por Walter Benjamin (1985a) como consequência das inovações técnicas do final do século XIX e início do século XX sobre a recepção e a percepção da obra de arte. Ele discutia, como hoje discutimos, as consequências da técnica sobre a forma como as pessoas representam a si mesmas diante dos veículos de comunicação. Com a reprodutibilidade técnica que destrói o aqui/agora da obra, as pessoas comuns passavam a reivindicar o direito a serem filmadas e de se tornarem escritores. De certo modo, talvez seja possível dizer que o movimento se aprofundou, e a catedral, que naquele momento se instalava no estúdio do amador, vai agora às ruas pelas mãos do novo cronista, que, diferentemente do *flâneur*,[33] já não quer se destacar do movimento, mas potencializar a

[32] O autor propõe pensar em uma escala de valores que parte do pessoal para o comum, e então chega ao público e ao cívico, estabelecendo dessa maneira uma ideia de *continuum* na passagem de ações que nascem na esfera privada e passam para a esfera pública.

[33] Tipo social característico da modernidade, o *flâneur* da Paris do século XIX foi retratado por Walter Benjamin

oportunidade de colocar em evidência sua visão particular da rua entre incontáveis narrativas que circulam na Rede.

1.2 Cidadania conectada e a esfera do comum

Como diz Benkler (2006), por meio de blogs, wikis, redes sociais online, mas também de telefones móveis, as pessoas passaram a registrar e divulgar suas impressões e a estabelecer conversações que podem fornecer input para o debate público, de um modo distinto do que se praticava anteriormente, quando isso era privilégio de algumas organizações.

Pode-se mesmo dizer que os territórios passaram a ser cortados por redes que reúnem pessoas de variadas culturas que, por meio de objetivos compartilhados, extrapolam antigas fronteiras e escalas. Eles passaram a abrigar redes híbridas, compostas por associações entre humanos e não-humanos, em que tanto uns quanto outros podem ou não estar presentes fisicamente (PALACIOS, 2006).[34]

A capacidade de registrar e comunicar observações, a prática de produção social que essas tecnologias tornam possível altera a relação das pessoas com os eventos que as circundam (BENKLER, 2006). Isso é certamente aprofundado pelo processo de convergência tecnológica[35] em curso, que amplifica experiências pessoais e transforma o modo como as mídias circulam, seja do ponto de vista tecnológico, industrial, cultural e social (JENKINS, 2009), e portanto também o modo de perceber e de se relacionar das pessoas.

Talvez se possa dizer que a marca do presente século tem sido a incorporação da técnica

---

(1985b): "A rua se torna a moradia para o *flâneur*, que está tão em casa entre as fachadas das casas quanto o burguês entre suas quatro paredes. As reluzentes placas esmaltadas das firmas são, para ele, uma decoração de parede tão boa – ou até melhor – quanto para o burguês uma pintura a óleo no salão [...] bancas de jornal são as suas blibiotecas e os terraços dos cafés são as sacadas de onde, após cumprido o trabalho, ele contempla a sua casa." (BENJAMIN, 1985b, p. 66-67).

[34] É o que se vê, por exemplo, na oferta de serviços georreferenciados (*location based services*), baseados em GPS, em aplicações de Realidade Aumentada – sobreposição visual de objetos virtuais, gerados computacionalmente, em um ambiente real, utilizando algum dispositivo tecnológico – que utilizam câmera fotográfica de alta resolução para obter informações sobre a realidade circundante, integrando-as a informações específicas obtidas em tempo real e em serviços de identificação e interação com objetos existentes na vizinhança, para entre outras coisas assinalar a própria presença (2i2p, 2010).

[35] Sobre o conceito de convergência, diz Ithiel de Sola Pool no livro *Technologies of Freedom*, de 1983: "Um único meio físico – sejam fios, cabos ou ondas – pode transportar serviços que no passado eram oferecidos separadamente. De modo inverso, um serviço que no ano passado era oferecido por um único meio – seja a radiodifusão, a imprensa ou a telefonia – agora pode ser oferecido de várias formas físicas diferentes. Assim, a relação um a um que havia entre um meio de comunicação e seu uso está se corroendo" (POOL, 1983, *apud* JENKINS, 2009, p. 37).

com consequente mudança de quase todas as práticas sociais, inclusive as da vida cotidiana. Ito (2005), estudando práticas de compartilhamento de imagens via celulares munidos de câmeras no Japão, integradas a interações sociais da vida cotidiana, verificou como estavam focalizadas num senso de co-presença e no compartilhamento de pontos de vista, mais do que na comunicação, publicação e arquivamento. Ela sugeria, então, a emergência de uma modalidade de compartilhamento visual de natureza pessoal, pervasiva e íntima de conexões sociais via dispositivos portáteis. Esse movimento indica a possibilidade de uma alteração na percepção do contexto que, por esse meio compartilhada, para além da argumentação racional, venha a ser capaz de aproximar e dar oportunidade à convergência de pontos de vista – algo a ser comprovado.

A ideia de convergência tecnológica também contribui para a ideia de *continuum* entre espaço físico e espaço virtual, com influência recíproca entre geografias virtuais e arranjos físicos da cidade (PEREIRA; ROCHA, 2012). Isso permite pensar organizações sociais e redes sociotécnicas como ambientes e sistemas – formações de variadas escalas dependentes de tecnologias digitais, que cruzam múltiplas fronteiras (nacionais ou outras), engendrando uma diversidade de práticas espaciais, organizacionais e de interação que não existiam anteriormente (LATHAM; SASSEN, 2005). Considerando-se isso é que devem ser pensadas as práticas sociais em rede que contemporaneamente alimentam a esfera pública.

No contexto de redes híbridas, a Internet não se constitui apenas como suporte tecnológico e elemento de mediação, como Castells (2009, 2008) tende a tratá-la: ela funciona como ambiente de informação, comunicação e ação múltiplo e heterogêneo para variados sistemas (PALACIOS, 2006) com potencialidade de serem utilizados em práticas que fortaleçam a democracia. Comentando a respeito dos movimentos de insurgência política da primeira década do século XXI, Castells (2009) observou que instantaneamente se formavam redes de confiança à medida que ideias e opiniões eram propagadas exponencialmente pelas redes sem fio. Hoje seria o caso de verificar as condições e em que medida as redes sociais digitais, já tão difundidas, cumpririam o papel de estabelecer uma rede de confiança de fato e se tornar um locus de argumentação pública que possa vir a fortalecer o enraizamento de uma cultura democrática, como quer Gomes (2008c).

Peter Burke (2009) acredita que esteja em curso um processo de rápida hibridização

cultural.[36] É o caso de suspeitar que, nesse processo, tecnologias digitais não sejam meras coadjuvantes, mas elementos que abrem espaço para a formulação de novas práticas e constituição de novos atores sociais, que, utilizando as mídias sociais, vêm a ocupar espaço público em termos físicos e virtuais. Dessa forma expõem suas capacidades criativas, lançam campanhas de interesse público e realizam, mais do que um desejo de visibilidade, ações públicas que podem cativar, mobilizar, mover a opinião pública a favor de seus pontos de vista, por vezes de um modo divertido, sem sequer passar pelo universo da política formal.

E assim povoam a esfera pública de muitas formas, e fazem política ao tentar estabelecer um entendimento comum sobre o que seja de interesse geral. Ao constituírem práticas coletivas de criação e compartilhamento de ideias, contribuem para a criação de um *commons* usufruído por muitas pessoas. Como disse Fernanda Bruno: "A composição do social é política no sentido da *composição de um mundo comum*" (2i2p, 2011).[37]

Pode-se concordar com Tursi (2011) que reconhece nas práticas atuais em mídias sociais algumas das funções realizadas pela esfera pública literária que construíram consciência de si, construíram pensadores críticos, construíram reputações e sinergias. Para ele, os meios digitais evidenciaram uma dinâmica social baseada no compartilhamento de experiências vividas, dos fatos da vida quotidiana, manifestando uma modalidade de ligação social baseada no compartilhamento de emoções. Inovações viriam em virtude de novas dinâmicas sociais de compartilhamento, caso da cultura hacker, fator propulsor da Internet.[38] Em consequência não seria mais possível pensar a esfera pública como âmbito em que apenas se desenvolvem discursos racionais argumentativos (TURSI, 2011).[39]

Nessa direção, o presente estudo toma a esfera pública como âmbito do exercício de práticas sociais conectadas a vários contextos e a múltiplas escalas da ação social. Demandas

[36] Peter Burke (2009) afirma ser característico de nosso tempo o processo de rápida hibridização, tanto na esfera econômica, quanto nas esferas social e política. Toda cultura é híbrida, e o processo de hibridização acontece todo o tempo, embora em alguns momentos isso se intensifique mais do que em outros (BURKE, 2009).

[37] Conferência intitulada "O que diz um rastro pessoal digital", que teve lugar na Faculdade de Comunicação da UFBa, em outubro de 2011.

[38] A cultura hacker, com sua paixão pela descoberta, ideal de compartilhamento e de livre acesso ao conhecimento, foi fator propulsor da Internet. A liberdade de criação tornou-se terreno fértil para o desenvolvimento de projetos de pesquisa, experimentação e solução tecnológica, independentemente dos vínculos e da lógica da pesquisa institucional e do *mainstream* (MONACI, 2008).

[39] Se a esfera burguesa podia deixar de fora corpos, emoções e temas biopolíticos, diz o autor, era porque havia uma forte diferenciação entre âmbito público e âmbito privado. Neste segundo âmbito ficavam reclusas instâncias definidas a priori como não publicamente relevantes. Hoje a diferenciação moderna entre esfera pública e esfera privada não se sustentaria mais, corroída seja pelo processo de publicização do privado seja pelo processo de privatização do público (TURSI, 2011).

de atores sociais, mediante a visibilidade que aí adquirem, podem vir a constituir aquilo que venha a ser entendido como bem comum e do interesse de todos. Embora não seja estranha à ideia de Habermas de relações comunicativas como sensores da opinião pública, a esfera pública, como é aqui compreendida, não contempla princípios nem práticas necessariamente ancoradas na troca racional de argumentos com vistas à obtenção do consenso. Entretanto elas podem contribuir para ampliar a participação e difundir visões da democracia.

2 VISÕES DE DEMOCRACIA E PARTICIPAÇÃO

Os movimentos que levaram em poucos dias mais de 1 milhão de pessoas às ruas, numa série de cidades brasileiras,[40] durante a Copa das Confederações, em junho de 2013, surpreenderam políticos, governo e organizações da sociedade civil com a insatisfação massiva com deficiências nos serviços públicos aparentemente sequer imaginada pelas autoridades.[41] As reivindicações miraram primeiramente a obsolescência e custo do transporte urbano e a precariedade da saúde e educação, logo em seguida.[42] O que apareceu como súbita revelação de uma grande contrariedade com a forma de gestão da coisa pública obrigou governo federal e governos estaduais a buscarem explicação e dar resposta para um "mal" revelado em persistentes manifestações, localizadas mas frequentes, como aquelas contra o prefeito da Cidade de Salvador[43] já no início de 2012 e aquelas que, pelo menos em São Paulo e Rio de Janeiro, em 2013 instaram permanentemente governadores mas também prefeitos a deixarem o cargo público para o qual foram eleitos.[44]

Ante uma pressão pública que obteve visibilidade internacional,[45] colocando o país na desconfortável posição de ter de demonstrar sua capacidade de garantir condições de operar

---

[40] http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/21/interna_brasil,372809/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades.shtml; http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/130620_live_protestos_quinta_cc.shtml

[41] http://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/copa-das-confedera%C3%A7%C3%B5es-%C3%A9-marcada-por-onda-de-manifesta%C3%A7%C3%B5es-181404460.html;

[42] http://noticias.terra.com.br/brasil/cidades/sp-em-protesto-manifestantes-pedem-melhorias-no-sistema-de-saude,86a0402adf950410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html

[43] http://ne10.uol.com.br/canal/cotidiano/nordeste/noticia/2012/02/01/nascido-nas-redes-sociais-movimento-desocupa-em-salvador-ganha-forca-e-as-ruas-da-cidade-324505.php

[44] http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,rio-atos-fecham-via-32-vezes-em-5-meses-e-comercio-usa-tapumes,1090074,0.htm; http://www.redebomdia.com.br/noticia/detalhe/59402/SP+teve+876+manifestacoes+de+rua+neste+ano

[45] http://www.jornaldenegocios.pt/economia/educacao/detalhe/brasil_preparado_para_os_maiores_protestos_desde_o_inicio_das_manifestacoes.html; http://www.bbc.co.uk/news/world-latin-america-23041396; http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/29440/imprensa+internacional+destaca+agressao+da+policia+a+manifestantes+em+sp.shtml

um meganegócio global como é a Copa do Mundo,[46] o governo federal tenta num primeiro momento dar resposta aos "anseios das ruas" propondo a realização de um plebiscito sobre a oportunidade de uma reforma política.[47] Não tendo sucesso na implementação imediata dessa ideia, o governo federal, liderado pelo Partido dos Trabalhadores, passa então a criar uma Política Nacional de Participação[48] envolvendo canais para comunicação através das redes sociais.

Na opinião de Tarso Genro (GENRO, 2013), governador do Estado do Rio Grande do Sul à época das manifestações de rua, o que estaria ocorrendo seria uma crise da forma concreta que a ideia de democracia assumiu. Na raiz da crise democrática atual estaria a hegemonia neoliberal como responsável pelas perdas das "virtualidades distributivas" sofridas pela democracia. Uma vez o cidadão político – demandante social – transformado em cidadão econômico – demandante de consumo –, a capacidade de coesão da cultura democrática tradicional teria se reduzido. Ele propõe o que denomina de uma radicalização da democracia, entendida como a abertura de canais para a expressão de uma opinião pública livre, através de mecanismos de participação direta dos indivíduos isolados (plebiscitos, referendos, consultas) ou agrupados (Conselhos, Comissões de Controle, Grupos de delegação direta em assembleias).[49]

Tatchell (2013) apresenta uma outra visão de radicalização da democracia na qual pessoas que usam tecnologias digitais, embora também se utilizem de métodos mais tradicionais, organizam e expandem demandas por mudanças sociais. Di Felice (2013) vê nisso uma fase particular de ativismo, que envolveria o deslocamento da dimensão político-democrática dos espaços tradicionais para as redes interativas digitais.

O ativismo que eclode em nível global com a crise econômica de 2008 e se intensifica a partir de 2010 potencializa o uso das capacidades de plataformas de mídias sociais, ampliando e alterando definitivamente a forma e velocidade em que os movimentos sociais se articulam (HILL, 2013). Por exemplo, o uso da hashtag #UKUncut durante os protestos que tomaram conta de várias cidades da Grã-Bretanha em campanhas contra o programa de austeridade do

---

[46] http://180graus.com/esporte/inglaterra-se-oferece-para-sediar-a-copa-2014-no-lugar-do-brasil

[47] http://exame.abril.com.br/brasil/politica/noticias/dilma-insiste-em-plebiscito-para-reforma-politica; http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-anuncia-plebiscito-sobre-reforma-politica-8614.html

[48] A política e o sistema nacional de Participação Social foram instituídos pelo Decreto No. 8.243, de 24 de maio de 2014. Ver http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Decreto/D8243.htm

[49] Para Genro (2013), seria o caso de abrir espaço para o surgimento de novas instituições e contrapoderes, com a intensificação da cidadania ativa. Estas instituições promoveriam a socialização da política, oxigenando a democracia ou, como ele próprio diz, livrando-a do risco de atingir, no limite, um estado de "paralisia".

governo em 2010[50] teria permitido que ações organizadas via Twitter se associassem ao movimento mediante a citação da hashtag no corpo da mensagem. As discussões sobre o futuro do movimento travadas em blogs, Facebook e Twitter teriam colocado em confronto variadas visões sobre a adequação de estratégias com foco específico no combate à sonegação fiscal versus uma abordagem mais ampla contra cortes das despesas governamentais, o que incluiu debates sobre a distribuição social da riqueza. Para o autor, o ativismo com uso da hashtag facilitou a adesão de grupos em todo mundo, que passaram a fazer parte da rede sem contudo pertencerem a uma mesma organização.[51] Em sua visão, movimentos como esse e como a Marcha das Vadias, em 2011,[52] estariam substituindo instituições em muitas áreas da vida: na era do Twitter e do Uncut, a adesão teria a ver com o "fazer", não com o "se filiar". Tais movimentos, ele diz, seriam a preparação cultural para a mudança social.

As perspectivas aqui apresentadas conformam visões distintas sobre formas de exercício da soberania na democracia. Entram em cena idealizações sobre a capacidade de solucionar questões trazidas para a atenção pública por grandes contingentes da sociedade, em vários países, seja através da atualização ou aperfeiçoamento das instituições democráticas, caso de Tarso Genro, seja pela menção a características que invocam a democracia direta, caso de Hill,[53] ainda que sem apontar caminhos claros sobre como isso dar-se-ia.

Democracia indireta e democracia direta ambas descendem do princípio da soberania popular, apesar de se distinguirem pelas formas com que essa soberania é exercida (BOBBIO, 2005). A democracia representativa – democracia de eleitores – é legitimada não pelo povo (que não existe como ente coletivo fora da praça ou da assembleia), mas pela soma das escolhas feitas por indivíduos singulares. Na base da democracia representativa reside a soberania dos cidadãos; a soberania do povo reside na base da democracia direta (BOBBIO,

[50] http ://www.theguardian.com/uk/2010/dec/19/uk-uncut-tax-avoidance-protests

[51] Para Small (2012), o valor de uma hashtag política deriva do fato de a informação ser compartilhada em tempo real. Informar é o primeiro objetivo das pessoas que contribuem com a hashtag. Coletivamente elas reúnem, compilam e ampliam a informação política. Uma dada hashtag pode não prover um fórum para a discussão e a participação política, mas ainda assim ser um fórum para a expressão política. Para a autora, isso torna o universo do Twitter diferente da blogosfera política, em que comentar é central.

[52] Slutwalk (Marcha das Vadias) é um movimento que começa em Toronto em 2011 com manifestações em favor de vítimas de violência sexual, o qual recebe apoio em várias partes do mundo e que se caracteriza, da mesma maneira que UK Uncut, por se constituírem propriamente demonstrações realizadas por pessoas "que fazem aquilo que elas mesmas reivindicam o direito de fazer": num caso ocupam lojas de empresas que haviam sonegado impostos, no outro portam roupas íntimas para desafiar aqueles que atribuíam às próprias vítimas a origem de comportamentos violentos supostamente justificados pelo modo como essas se vestiam (HILL, 2013).

[53] Hill (2013) lembra os Indignados alçando suas mãos para o ar e brandindo: "Essas são nossas armas!", em 2011, na Espanha. Isso para dizer que os participantes do movimento tomavam decisões mediante consenso em *meetings*, usavam as próprias mãos para difundir ideias e planejar ações online e superar divisões geográficas, religiosas, ideológicas e de classe, ao agirem conjuntamente.

2010).[54]

Mas a visão da maneira como o cidadão constitui-se como sujeito político não é tampouco pacificada. Diferentemente da visão republicana, a democracia liberal assume identidades construídas externamente ao processo democrático, as quais são canalizadas para o interior do sistema político (DELLA PORTA, 2011). Nesse caso, os cidadãos afirmam seus interesses por meio de eleições, que são agregados numa vontade política que impacta a administração, enquanto, na concepção republicana de democracia, os cidadãos, autores politicamente autônomos, podem participar de uma práxis comum (HABERMAS, 1995).

Se o entendimento daquilo que seja o "bem comum" e sobre como obtê-lo foi sendo expresso de maneira distinta ao longo do tempo, assim também a definição de democracia e a ideia de participação também foram formuladas de diferentes maneiras, ainda se o processo de tomada de decisão se conclui com o voto. Como antes, na atualidade, diferentes visões acerca de questões consideradas de interesse coletivo vêm subsidiar discursos de indivíduos e grupos que se utilizam de mídias sociais para se articular, expressar, se reproduzir e ampliar seu raio de ação, e assim poder vir a jogar um papel decisivo na formação do consenso.

2.1 Formação do consenso

O conceito de soberania foi reformulado por Rousseau (1712-1778) na teoria da vontade geral, que se diferencia da vontade de todos, essa, sim, uma somatória das vontades particulares.[55] Ele inaugura a teoria moderna da soberania popular em direção contrária à lógica da representação: para ele, a soberania não pode ser representada, por isso os deputados do povo não podem ser os seus representantes mas apenas os seus comissários. O único Estado legítimo seria aquele em que o próprio povo exercita a soberania, em que as leis sejam emanações do povo conjuntamente reunido em assembleia, e não de seus representantes (GREBLO, 2000).

A perspectiva de Marx volta-se para a abolição do Estado: trata-se de restituir à autoadministração dos homens associados aquelas funções que deveriam pertencer

[54] Badiou (2014) lembra que, na democracia parlamentar, "povo" corresponde a uma categoria do direito. Através do simulacro político do voto, o povo, coleção de átomos humanos, confere aos eleitos uma ficção de legitimidade. O termo "povo" adquire significado positivo apenas na ótica da possível inexistência do Estado: no caso de um Estado negado que se espera seja criado ou no caso de um Estado oficial que se deseja que desapareça.

[55] "Há comumente muita diferença entre a vontade de todos e a vontade geral. Esta se prende somente ao interesse comum; a outra ao interesse privado, e não passa de uma soma das vontades particulares" (ROUSSEAU, 1997, p. 91).

legitimamente à comunidade e que, ao invés disso, o Estado administra separadamente através de instrumentos institucionais e burocráticos. Para o exercício da política, Marx toma como referência a experiência da Comuna. Nela, conselhos cidadãos se constituem mediante eleições gerais, e seus membros podem ser depostos a qualquer momento.[56] A divisão dos poderes é abolida: o que existe não é um corpo parlamentar, mas um organismo de trabalho executivo e legislativo ao mesmo tempo. A Comuna, todavia, é ainda transitória, destinada a concluir-se com a supressão do Estado e da política e com a passagem a uma sociedade não-política, a uma democracia comunista entendida como uma forma de vida em que as pessoas governam coletivamente os negócios comuns (GREBLO, 2000).[57]

Enquanto a democracia liberal nasceu como democracia representativa em que os representantes eleitos tomam suas decisões sem vínculo de mandato, a democracia socialista seria uma democracia direta, no duplo sentido de democracia de todo o povo sem representantes e de democracia não de representantes, mas de delegados cujos mandatos vinculados estão sujeitos a revogação (GREBLO, 2000). Nela uma mais equânime distribuição do poder econômico transformaria o poder formal de participação em poder substancial, realizando o ideal último da democracia: a maior igualdade entre os homens (BOBBIO, 2005).[58]

Já em finais do século XIX, no contexto de intensificação da divisão do trabalho, urbanização e centralização dos mecanismos de decisão política, num quadro de emergência de movimentos políticos e de criação de grandes partidos, não se trata mais de avaliar a oportunidade da participação de massa, mas de estabelecer as formas organizativas mais

---

[56] Diz Carpentier (2012): em *The Civil War in France*, Marx estende para o nível nacional o modelo da Comuna de Paris, com base numa estrutura de conselho e de delegação para os altos níveis da tomada de decisão. A estrutura piramidal do modelo de democracia direta (ou delegativa) possibilitaria (e exigiria) altos níveis de participação, através da seleção e de subseqüentes ações de delegados, que criariam relações de poder mais horizontais.

[57] Ao falar sobre Gramsci, Hobsbawn (2011) diz que, entre os teóricos marxistas, ele é o que mais apreciou a importância da política como uma dimensão especial da sociedade, e isto porque Gramsci teria reconhecido que política envolve mais do que o poder. Gramsci veria a sociedade futura baseada na formação da vontade coletiva, que se daria através do desenvolvimento dos elementos capilares e moleculares do movimento político. Gramsci insistia na importância da luta pela hegemonia, antes, durante e mesmo depois da tomada do poder pela classe trabalhadora. O problema básico da hegemonia, prossegue Hobsbawn, não é como os revolucionários chegam ao poder, embora isso seja importante, mas é como eles chegam a ser aceitos, não apenas em sua existência política ou como legisladores, mas como guias e líderes (*ibid*., p. 328). Hobsbawn então pergunta como se pode esperar transformar a vida humana, criar uma sociedade socialista, quando a massa das pessoas é excluída do processo político (*ibid.,* p. 332).

[58] O conceito de democracia vem a assumir, desse modo, dois significados prevalecentes, a depender do fato de que se coloque em evidência o conjunto de regras ou o princípio segundo o qual o ideal de um governo democrático deveria inspirar-se na igualdade (GREBLO, 2000). Nasce assim a distinção entre democracia formal e democracia substantiva, entre democracia como governo para o povo e como governo do povo.

adaptadas a canalizar a vontade popular, que já não encontra representação adequada na forma partido do tipo clube, partidos de notáveis. Se o ingresso das massas na área da cidadania política determina uma mudança dos sujeitos da política, a política modifica seus próprios fins e objetivos, que se traduzem em uma nova expansão do poder e das funções do Estado, que penetra na sociedade civil e na esfera econômica (GREBLO, 2000).

A formação dos partidos socialistas, assim como o aparecimento de movimentos totalitários no século XX, contribuirá para a gradual convergência entre a tradição liberal e a democrática, mas o conceito de democracia não permaneceu o mesmo (BOBBIO, 2005).[59] Depois do totalitarismo fascista e nazista, a progressiva afirmação do Estado liberal transforma o conceito de democracia em um elemento insubstituível para a legitimidade das instituições políticas, diz Greblo (2000). O modelo de Estado social, perfilado no New Deal americano e, de modo mais claro, no governo trabalhista na Grã-Bretanha no imediato pós-guerra, torna-se o modelo prevalecente no Ocidente. O reconhecimento dos direitos democráticos se dá em um quadro de regras garantido por ordenamentos legais ou constitucionais. Tende a enraizar-se a ideia de democracia como sistema de regras procedimentais para a formação dos órgãos representativos e para o acesso aos tomadores de decisão (SILVA, 2009).[60]

Autores que aderiram à visão de Schumpeter (1942)[61] segundo a qual os negócios de Estado devem ser conduzidos pelo grupo político mais bem preparado para lidar com questões

---

[59] "O fato de que movimentos antitéticos como o movimento liberal e o movimento socialista tenham abraçado o ideal democrático [...] pode fazer pensar que há dois séculos a democracia é uma espécie de denominador comum de todos os regimes que se desenvolveram nos países econômica e politicamente mais avançados. Mas não se deve acreditar que o conceito de democracia permaneceu o mesmo quando da passagem da democracia liberal à democracia social. No binômio liberalismo mais democracia, democracia significa principalmente sufrágio universal e, portanto, um meio de expressão da livre vontade de indivíduos singulares; no binômio democracia mais socialismo, democracia significa ideal igualitário, que apenas a reforma da propriedade proposta pelo socialismo poderá realizar" (BOBBIO, 2005, p. 83-84).

[60] Para Greblo (2000), a democracia vem a ser, mais que um valor em si, um método político para gerar e legitimar liderança através de um conjunto de regras formais. Já para Bobbio (2010) a democracia seria um conjunto de regras do jogo para a tomada de decisões coletivas, que permite aos membros de uma sociedade resolver os conflitos inevitáveis entre grupos que possuem valores e interesses contrapostos sem necessidade de recorrer à violência. Assim, esse autor coloca o valor de não-violência, advindo do relevo dado ao aspecto procedimental, ao lado dos reconhecidos valores de igualdade e liberdade.

[61] Uma tendência de tipo elitista se afirmara primeiramente com Weber (1864-1920), para quem apenas os processos poderiam garantir a competição de valores e escolhas racionais na era de valores competitivos, na qual nenhum poderia ser tomado como objetivamente válido (HELD, 2006). A teoria da elite, segundo a qual em cada sociedade é sempre e sobretudo uma minoria que detém o poder, em suas várias formas, será mais tarde modelada de modo análogo a fenômenos da esfera econômica por Joseph Schumpeter, em *Capitalism, Socialism and Democracy* (1942). A formulação clássica da teoria é de Gaetano Mosca, em *Elementi di scienza politica* (1896). Pareto, algum tempo depois, enuncia na introdução aos *Systèmes socialistes (*1902) a tese de que, em cada sociedade, é uma classe superior que geralmente detém o poder político e econômico, à qual deu o nome de aristocracia (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004, p. 304).

públicas (CARREIRO, 2012), consideraram que, nas condições modernas, noções como "bem comum" e "vontade geral" deveriam ser abandonadas, e o pluralismo de interesses e valores deveria ser conhecido (MOUFFE, 2009). Estabilidade e ordem seriam mais provavelmente resultado de compromissos entre interesses do que da mobilização de pessoas para um consenso ilusório sobre bem comum. Como consequência, conclui a autora, a política democrática foi separada de sua dimensão normativa e começou a ser vista a partir unicamente de um ponto de vista instrumental.

Na década de 60 do século passado, participação como parte do vocabulário político populariza-se com os movimentos sociais. Nos países desenvolvidos, protestos de comunidades contra projetos de intervenção urbanística levam a incluir participação popular na elaboração de planos diretores.[62] Movimentos de *advocacy planning*[63] surgem então com o objetivo de melhorar a qualidade do ambiente urbano. Eles se constituem uma primeira tentativa de envolver amplamente os cidadãos no processo de planejamento urbano (MURGANTE, 2013, p. 346).

Naqueles anos e nos anos 70 a seguir, emergem teorizações sobre mecanismos para aumentar a participação do cidadão nos negócios públicos (SILVA, 2009). Autores denunciam a excessiva autonomização da esfera política em detrimento da fonte de legitimação do poder. Segundo Carpentier (2012), as conceituações da Nova Esquerda desenvolvidas por Pateman (1970, 1985), Macpherson (1966, 1973, 1977) e mais tarde Mansbridge (1980) e Barber (1984) combinaram princípios e práticas da democracia direta e da democracia representativa.[64]

O termo "participação" assumiu ampla gama de significados em associação com diferentes balanceamentos atribuídos a ele e à representação.[65] Pateman e Macpherson teriam

[62] "Nos anos 60, protestos contra o caráter antidemocrático das intervenções urbanísticas do pós-guerra acabam por conduzir a uma maior participação dos usuários e de comunidades atingidas na definição dos projetos, particularmente nos países desenvolvidos. Em 1965, torna-se obrigatória na Grã-Bretanha a participação popular na elaboração de planos diretores; nos Estados Unidos, em 1969, exige-se a participação de comunidades nos locais em que se aplicariam recursos federais e, na década de 70, vários são os exemplos de participação pública em projetos urbanos nos EUA, na Holanda e na Inglaterra" (DEL RIO, 1990, *apud* PEREIRA, 2009, p. 53).

[63] Movimento em que planejadores urbanos, motivados pela incapacidade de influírem em questões sociais e econômicas na tomada de decisão, apoiam moradores no planejamento das áreas onde habitam (MURGANTE, 2013). Segundo Davidoff (1965), nesse contexto, a "defesa" torna-se o meio de o profissional atuar na disputa entre diferentes pontos de vista sobre o desenvolvimento da comunidade (DAVIDOFF, 1965).

[64] Carpentier (2012) lembra também a ênfase dada pelos anarquistas à descentralização e à autonomia local como elementos de uma forma de democracia onde o participacionismo assume protagonismo político e cita a democracia deliberativa como modelo que visa aportar maior participação à democracia representativa através da discussão entre cidadãos livres e iguais.

[65] Carpentier (2012) diz que o equilíbrio entre a inclusão das pessoas nos processos de tomada de decisão implícitos e explícitos e sua exclusão através da delegação de poder (implícita ou explícita) é central nas

introduzido uma abordagem ampla para a participação (CARPENTIER, 2012).[66]

Algumas definições de participação se dirigem a uma expansão da participação para além do sistema político.[67] Para alguns, participação seria um processo no qual os cidadãos que fazem parte de uma comunidade são envolvidos espontânea e ativamente no processo de definição dos problemas que regulam a vida de uma dada comunidade, no planejamento das estratégias a seguir, na implementação de políticas ou na gestão do seu próprio território (PEREIRA, 2009).[68]

Carpentier (2012) lembra que expansões teóricas por vezes incorporadas pela teoria democrática cresceram a partir de uma diversidade de práticas políticas que se originaram a partir de atores que muitas vezes estavam (estritamente falando) situados fora da esfera da política institucionalizada. Sejam eles chamados de grupos de interesse, movimentos sociais, sociedade civil ou ativistas, esses atores teriam ampliado o escopo da participação política e a teriam tornado mais heterogênea e multidirecional. Em alguns casos, essas práticas políticas visaram impactar diretamente a política institucionalizada; em outros casos, seus objetivos políticos se destinaram à mudança cultural, caso de projetos feministas com um apelo em favor de avanços na esfera social.

Ele propõe então distinguir versões dadas à participação segundo uma espécie de escala, das mais minimalistas às mais maximalistas. No modelo minimalista, participação serviria exclusivamente ao campo da política institucionalizada; no modelo maximalista, a democracia seria vista como uma combinação mais equilibrada de representação e participação, onde tentativas seriam feitas para maximizar a participação (CARPENTIER, 2012). Considerar o político como uma dimensão do social permitiria a aplicação da participação em campos

discussões sobre a participação em todos os campos.

[66] O que pode ser visto na definição de Pateman de participação parcial – em que as partes exercem influência umas sobre as outras mas a decisão final é atribuída a uma delas – e participação completa (*full participation*) em que cada uma das partes tem igual poder de determinar o resultado do processo de decisão. Pateman considerou que, para uma política democrática existir, seria necessário existir uma sociedade participativa, onde todos os sistemas políticos tenham sido democratizados (CARPENTIER, 2012).

[67] O sistema político é "o domínio social que inclui indivíduos, e instituições (hábitos, normas...) dedicados à atividade 'política' em sentido estrito, ao funcionamento do Estado e à produção de leis e políticas" (GOMES, 2011, p. 32). Envolve os campos e agentes profissionais encarregados da atividade "profissionalizada da política".

[68] No âmbito das Ciências Políticas, segundo Gibson e Cantijoch (2013), a definição de participação política não obtém consenso, e as discussões concentram-se em identificar quais atividades devem ser incluídas/excluídas e como elas se ligam a modos de participação. Elas estão amparadas em autores que exploraram uma gama de atos participativos além da eleição, e estenderam o modelo para incluir formas extrainstitutionais de ação política, como greves e manifestações. Segundo as autoras, embora a compreensão da necessidade de inclusão de formas não-institucionalizadas de comportamento político pareça ter se generalizado na área, os debates continuaram sobre até que ponto essa extensão pode e deve chegar e, em particular, se os tipos menos ativos e instrumentais de engajamento político qualificar-se-iam como formas de participação.

sociais diferentes.[69]

Expoente da democracia deliberativa, e seguindo a perspectiva normativa, Jürgen Habermas estabelece, a partir dos anos 80 do século XX, fundamentos do consenso democrático nos processos de formação da vontade coletiva capazes de aderir a critérios que regulam a racionalidade discursiva: acesso ilimitado à participação e ausência de coerção (GREBLO, 2000). Ele propõe um modelo de democracia deliberativa no qual a legitimidade do Estado democrático depende da participação política dos cidadãos, ou seja, do processo de formação via debate da vontade coletiva.

Segundo Mouffe (2009), os democratas deliberativos pretendem que seja possível, graças a adequados processos de deliberação, alcançar formas de concordância que satisfaçam tanto a racionalidade (entendida como a defesa de direitos liberais) quanto a legitimidade democrática (representada pela soberania popular). Nessa perspectiva, ela diz, uma solução possível seria reinterpretar a soberania popular em termos intersubjetivos e redefini-la como "poder gerado comunicativamente", a comunicação apontada como momento relevante.[70]

Nos anos 1980, diversas feições da participação foram colocadas com o movimento pela Reforma do Estado. Na década de 1990, o Banco Mundial passa a difundir a noção de governança, que envolve a participação de cidadãos como meio de assegurar a eficiência do setor público.[71] Visões, opondo-se à ideia de participação que restringe o cidadão ao papel de cliente ou a mero consumidor de serviços revelaram preocupação com a inclusão de novos atores no processo de tomada de decisão e buscaram novas formas de interação para encontrar soluções para questões vistas, cada vez mais, como coletivas e não exclusivas dos governos (SILVA, 2000).

No contexto de reestruturação industrial decorrente da globalização econômica, a questão da participação será recolocada. Nesse momento, cidades que haviam crescido com base no modelo fordista entram em crise e experimentam taxas de desocupação elevadas. Com a ampliação do setor de serviços, modifica-se a estrutura de ocupação nas grandes

---

[69] Carpentier (2012) diz que um número considerável de autores tendentes a adotar versões maximalistas de participação democrática procuraram soluções para o problema de escala em grandes democracias, tendo-se referido novamente à sociedade civil, à economia e à família como locais de prática política.

[70] Dado que os procedimentos da deliberação, para os habermasianos, assegurariam imparcialidade, igualdade, abertura e não-coerção, eles guiariam a deliberação até interesses que podem ser acordados por todos participantes, produzindo assim resultados legítimos (MOUFFE, 2009).

[71] "Mecanismos que assegurem a responsabilização dos administradores públicos assim como a ampla difusão das informações e a participação de representantes do público na tomada de decisão compõem, ainda, essa noção de governança, renovada pela proposta de participação mais intensa da sociedade civil, como meio de controle do governo" (SILVA, 2000, *apud* PEREIRA, 2009, p. 54).

cidades, com demandas específicas de bens e serviços, boa parte deles no setor cultural.

Frente ao decréscimo das transferências de recursos associadas a uma política econômica e de infraestrutura anteriormente determinada pelo Estado central, cidades grandes e médias competem entre si em busca de se tornarem atrativas a novos investidores. Os governos locaia jogam, então, papel essencial no desenvolvimento econômico do seu território, que passa a ser a prioridade da política urbana (HADDOCK, 2004).

Governança vem substituir a ideia de governo como provedor de serviços; a capacidade do governo deriva agora de mecanismos de negociação entre organizações públicas e privadas. A resposta à crise, em muitos casos, se constituirá através de projetos de grande escala que darão ensejo a parcerias entre atores públicos e privados, reunindo figuras-chave da política, das finanças e do setor de construção. Mas nem todas as respostas estarão sempre ligadas a grandes projetos de renovação urbana – projetos de desenvolvimento integrado buscaram, por exemplo, a satisfação de necessidades básicas de grupos sociais mais pobres e abriram novas vias de participação a fim de mobilizar recursos locais para a ativação de dinâmicas políticas e sociais (HADDOCK, 2004).[72]

Com a crise do Estado do Bem-Estar nos países centrais e do Estado desenvolvimentista, nos países periféricos, esgota-se o caminho através do qual o movimento operário e seus aliados resistiram à redução da vida social à lei do valor, à lógica da acumulação e às regras do mercado, como dito por Boaventura de Souza Santos (2005). Esse caminho, afirma o autor, havia propiciado uma institucionalidade que pôde garantir alguma vigência ao interesse geral ou público no seio da sociedade capitalista, através da regulação do trabalho, da proteção social contra os riscos sociais e da segurança contra a desordem e a violência. Para ele, estaríamos frente não a uma crise do Estado, mas frente à crise de determinado tipo de Estado.[73]

---

[72] Como exemplo dos grandes projetos de renovação urbana, a autora menciona a construção de bairros residenciais e de escritório nas docas de Londres nos anos 80 do século passado e o projeto Expo'98 de Lisboa, entre outros. Projetos desse tipo reúnem investimentos em conjuntos de edifícios em áreas centrais que foram abandonadas, mas também em recursos organizativos e simbólicos com vistas a criar uma nova imagem para a cidade. Por sua vez, como exemplo dos projetos de desenvolvimento integrado, menciona o programa europeu URBAN, que foi articulado em duas edições – 1994-1999 e 2000-2006 – e se concentrou sobre áreas urbanas com problemas de pobreza, desocupação e marginalidade social (HADDOCK, 2004).

[73] Diz: "A debilidade do Estado não é um efeito secundário ou perverso da globalização da economia, mas o resultado de um processo político que tenta conferir ao Estado outro tipo de força, mais sutilmente ajustada às exigências políticas do capitalismo global. Agora essa força se manifesta na capacidade de submeter todas as interdependências à lógica mercantil, algo que o mercado não poderia fazer por si só, sem gerar ingovernabilidade" (SANTOS, 2005). Para neutralizar o princípio do mercado, o autor propõe o que chama de "reinvenção solidária e participativa do Estado", pois só o Estado poderia garantir um pacto político de inclusão baseado na cidadania.

Nessa linha Sassen (2010), tendo em vista as transformações institucionais decorrentes do processo de globalização e o seu poder de instituir uma nova normatividade no núcleo do Estado, chama a atenção para o fato de que essa nova ordem institucional, cuja autoridade normativa proviria do mundo do poder privado, não seria plenamente responsabilizável perante os sistemas políticos democráticos formais e instalar-se-ia no domínio público, alterando agendas políticas nacionais.[74]

Tanto as transformações específicas dentro do Estado[75] quanto a ordem institucional privatizada emergente teriam a capacidade de alterar condições que podem ser cruciais para a democracia liberal: "ambas têm a capacidade de alterar o alcance da autoridade dos Estados e do sistema interestatal, os domínios institucionais pelos quais o 'Estado de Direito' é implementado" (SASSEN, 2010, p. 36). Ela conclui que não se trata do "fim dos Estados", mas esses já não são os únicos ou os mais importantes agentes na nova ordem institucional.

Nesse panorama, ela vê outros aspectos que podem subsidiar o exercício da soberania. Em primeiro lugar, afirma que a infraestrutura da economia global em parte também facilitou a participação, ao propiciar que uma variedade de atores políticos locais, mesmo aqueles "geograficamente imóveis", entrem em arenas internacionais antes exclusivas dos Estados nacionais. Indivíduos e coletividades poderiam adquirir visibilidade, por exemplo, em fóruns internacionais ou na política global, "emergindo da invisibilidade da participação agregada em um Estado-Nação, que é representado exclusivamente por um soberano" (SASSEN, 2010, p. 158).

A autora lembra que a cidade acolhe ampla variedade de atividades políticas, em grande parte visível nas ruas, dando ensejo à criação de novos sujeitos políticos que não precisam necessariamente passar pelo sistema político formal. Imigrantes desautorizados, os que vivem em situação de desvantagem, os excluídos e minorias discriminadas poderiam ganhar

[74] Ela diz: "vemos uma considerável institucionalização, especialmente na década de 1990, dos 'direitos' das empresas não nacionais, a desregulamentação de transações transfronteiriças, e a influência ou o poder crescente de algumas das instituições supranacionais. Se garantir esses direitos, opções e poderes acarretou uma renúncia mesmo parcial de componentes da autoridade estatal construída ao longo do último século, podemos postular que esse processo estabelece as condições para uma transformação do papel do Estado" (SASSEN, 2010, p. 31).

[75] As dinâmicas estratégicas e transformações institucionais em andamento "podem incorporar um pequeno número de agências estatais e unidades dentro de ministérios ou um pequeno número de iniciativas legislativas e ordens executivas, e ainda assim têm o poder de instituir uma nova normatividade no núcleo do Estado. Esses setores estratégicos estão operando em interações complexas com atores privados, transnacionais e poderosos, mesmo que grande parte do aparato institucional dos Estados permaneça basicamente intocado. O que vemos aqui é a desnacionalização incipiente e parcial de ordens institucionais e agendas estatais altamente especializadas e específicas. Argumento que essa transformação acarreta a necessidade de decodificar o que é 'nacional' (historicamente construído) em relação a essas ordens institucionais especializadas dentro do Estado" (SASSEN, 2010, p. 34-35).

presença em cidades globais, frente ao poder e frente uns aos outros.

As possibilidades de novas dinâmicas para a ação social amplificada pelo uso das tecnologias de comunicação, ao criarem novas conexões através do espaço, ultrapassariam em parte antigas hierarquias de escala e colocariam em evidência a importância das redes de relacionamento (SASSEN, 2010). Isso conspira em favor da conclamação feita por Bobbio (2005) a uma reação democrática. O autor esclarece que todas as democracias reais, não a ideal de Rousseau, nasceram limitadas, no sentido de que foram subtraídas das decisões de todas as matérias referentes aos direitos de liberdade, chamados precisamente de "invioláveis". Para ele, atualmente a reação democrática diante dos neoliberais consistiria em exigir a extensão do direito de participar na tomada das decisões coletivas para lugares diversos daqueles em que se tomam as decisões políticas e em procurar conquistar novos espaços para a participação popular (BOBBIO, 2005).

Espaços onde hoje se colocam novos e velhos problemas das cidades constituem, assim, uma nova possibilidade de participação. Eles permitem a articulação de ideias mas também de experiências que são vividas coletivamente e, desse modo, confirmam, enriquecem ou desafiam significados anteriormente atribuídos ao espaço urbano. Por essa via, evidenciam perspectivas de variados atores sociais na esfera pública. Possibilitam que indivíduos e grupos saiam da esfera privada para se tornarem protagonistas em um espaço civil no qual podem vir a desafiar o próprio Estado (BENHABIB, 2008),[76] e assim dão lugar à abordagem maximalista da participação, como proposto por Carpentier (2012).

2.2 Participação ampliada

O debate sobre a participação pública renova-se com a popularização da Internet, nos anos 90 do século XX, e principalmente com a chamada web 2.0, em meados da primeira década do século XXI. Nos anos 80 do século XX movimentos de advocacia social e organizações não-governamentais já se utilizavam da Internet em grupos de discussão e em BBS (*Bulletin Board System*). Na década seguinte, a web permitiu integrar diversos movimentos em ações coletivas voltadas para empreender uma luta comum ou uma atividade

[76] Benhabib (2008) defende que a presença de pessoas que não compartilham a memória e a moral da cultura dominante leva a reformular o significado do universalismo democrático. Para ilustrar, ela apresenta o desafio das estudantes à proibição de jovens muçulmanas frequentarem aulas com a cabeça coberta, iniciado em 1989, na França. Segundo a autora, a cultura conta, pois avaliações culturais são profundamente conectadas com nossa interpretação das necessidades e do que seja uma vida boa. Para ela a maioria democrática teria a capacidade de recontextualizar as normas, e só uma comunidade política democrática de fato seria capaz de tal reformulação.

comum (ANTOUN, 2008): a conectividade entre indivíduos, tecnologias digitais e territórios passa a ser uma característica da ação social (DI FELICE, 2013). Em 2003, a web foi apropriada em manifestações de caráter político, ajudando movimentos contra a guerra do Iraque a promoverem a primeira manifestação internacional descentralizada de massas através do blog do Move On (ANTOUN, 2008).

Interfaces de redes sociais e blogs passaram a jogar um papel importante na decisão política, tendo demonstrado sua capacidade para mobilizar e influir na eleição de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos, em 2008. Redes sociais digitais foram utilizadas intensivamente para a participação em projetos locais, caso do movimento em favor da implantação de um grande parque em Potenza (Itália), em 2012, que por esse meio possibilitou a expansão da discussão e forçou a aceitação de muitas propostas surgidas nesses espaços digitais (MURGANTE, 2013) e mesmo a alteração de uma lei, através da qual o município retoma sua capacidade de planejamento sobre a área.[77] Na Cidade de Salvador (Bahia, Brasil), em 2012, o Movimento Desocupa eclode com vistas ao que denomina de apropriação do espaço público pelo setor privado com anuência da administração pública.[78]

Com a difusão da Internet muitos trabalhos se voltaram a explorar as possibilidades e consequências para a participação política. A atividade política em blogs e sites de redes sociais foram considerados como novas formas de participação (GIBSON; CANTIJOCH, 2013).

Segundo Gomes (2005a), a fase mais entusiasmada com as possibilidades da Internet predominou até a segunda metade dos anos 90 do século XX. Havia esperança de que a Internet induzisse a uma renovação da esfera pública e da democracia participativa, ao possibilitar ações políticas.[79] Nessa visão, a democracia digital assumiria papel complementar à democracia representativa ou mesmo tornaria possível a democracia direta.

Por outro lado, uma literatura surgirá apontando os déficits da Internet no que tange à sua contribuição às democracias modernas, envolvendo desde publicações que incluem a Internet em teorias da conspiração até as que acreditam que essa seja um meio neutro, mas que não cumpre a promessa. Em outro trabalho, Gomes (2005b) concluirá que a abundância de meios e chances não forma de per si uma cultura da política.[80]

---

[77] www.ilquotidianodellabasilicata.it/news/potenza/720285/Immaginare-la-citta--si-puo.html

[78] https://movimentodesocupa.wordpress.com/historico/

[79] Aludindo à visão entusiasta da tecnologia como indutora de mudanças políticas, Bimber (1998) lembra que frequentemente se ignora a extensão em que aquilo que as pessoas comunicam na Internet é similar ao que se comunica face-a-face ou através de outros meios (BIMBER, 1998).

[80] "Na verdade, pesquisas sugerem que a esfera política virtual de alguma maneira reflete a política tradicional,

Nas últimas décadas, o interesse estaria em verificar em que medida o ambiente provido pela Internet contribui para resolver o déficit de participação e as diferenças entre participação política em geral e participação online. Haveria estudos preocupados com a qualidade da participação online e com participação e engajamento via comunicação digital (GOMES, 2011). Nesse ponto, o autor enfrenta a questão acerca da validade de se incluir formas mais "passivas de envolvimento" no espectro da participação, pois, como dizem Gibson e Cantijoch (2013), enquanto a maioria dos estudiosos provavelmente concordaria em que prestar atenção às notícias não constitui uma participação por si só, o status da discussão política ou de conversas ocupa uma espécie de "zona cinzenta".[81] Gomes (2011) então diferencia uma ação que não seja "literalmente" uma participação política, como acompanhar o noticiário político online, de formas mais ativas de participação na vida pública como escrever um blog de política ou petições eletrônicas, manifestar-se num fórum eletrônico ou numa consulta orçamentária digital e postar vídeos políticos.

Já na primeira década deste século, Stanyer (2005) pontuava o surgimento de uma "cultura de auto-expressão" no Reino Unido, onde a expressão pública seria continuamente incentivada, habilitada e facilitada por uma série de indivíduos e atores organizacionais via novos repertórios e via tecnologia de comunicação. A ampliação das oportunidades para registrar opiniões sobre uma variedade de assuntos, a baixo custo pessoal, seja mediante uma resposta rápida a pergunta feita por um noticiário de TV, um jornal, assinatura em uma petição, uso de uma t-shirt ou fita colorida, um e-mail de reclamações, constituiriam uma cultura política auto-expressiva, caracterizada por uma pluralidade de vozes que falam entre si, promovendo e respondendo a uma miríade de agendas (STANYER, 2005).

Rojas e Puig-i-Abril (2009) denominaram de participação política expressiva a uma forma de participação política que implica a expressão pública de orientações políticas. Dizem: na literatura, a participação política expressiva por vezes tem sido conceituada como expressão política, expressão de atitude política, participação política envolvendo expressão pública e expressão de opinião. No entanto, segundo eles, certas vertentes da literatura

servindo simplesmente como um espaço adicional para a expressão da política mais do que como um reformador radical do pensamento e das estruturas políticas. Além disso, nem toda informação política na internet é democrática, liberal ou promove democracia" (GOMES, 2005b, p. 221).

[81] Na sua forma mais persuasiva, discussão política pode ser vista como adquirindo as características direcionadas e instrumentais dos modos mais aceitos de participação e, para um número de estudiosos, até mesmo em sua forma mais casual, a discussão política poderia reivindicar o rótulo de participativa (GIBSON; CANTIJOCH, 2013). Contudo, a demonstrar a falta de consenso no campo, as autoras mencionam trabalho recente de autor que procura impor maior rigor no uso do termo, não reconhecendo formas de comportamento político de natureza mais difusa e simbólica como participação.

apagaram a distinção entre conversação política e participação política expressiva, uma vez que nem todas as conversas políticas implicam comportamento participativo.[82]

Para uma definição restrita de participação política, os autores recorrem a Erba e outros (1995), segundo os quais trata-se de atividades que têm a intenção ou o efeito de influenciar o governo de forma direta, afetando a realização ou implementação de políticas públicas ou, indiretamente, influenciando a seleção de pessoas que promovem essas políticas. Já o conceito expandido de atividade política incluiria atividades tais como assistir a fóruns de discussão ou trabalhar em grupos comunitários. Essa concepção ampliada de participação é por vezes referida como participação cívica – ela não só aumentaria o seu escopo para incluir formas comuns de envolvimento, mas também privilegiaria a visão de comunidade, ao invés de cargos eletivos, como o *locus* central de mobilização política e de ação (ROJAS; PUIG-i-ABRIL, 2009).[83]

Essa ideia encontra ressonância no trabalho de Joakim Ekman e Erik Amnå (2012), que sugerem o que denominam de um novo quadro conceitual para a análise de diferentes formas de engajamento social e atividades políticas e consideram que participação cívica, embora formalmente fora do domínio político, podem ter consequências políticas.[84]

Dahlgren (2013) trata do que ele considera diferentes trajetórias da participação, seja pela via do "consumo", seja através da sociedade civil, seja a participação política propriamente dita. A primeira convidaria à participação pela oferta de acesso fácil a comunidades simbólicas e a uma realidade da qual se faz parte para além da própria individualidade, o que pode ser um primeiro passo para a participação cívica. A segunda trajetória envolve qualquer modo de associar-se livremente para perseguir objetivos comuns, que se põe fora tanto do mercado quanto da esfera privada doméstica. Ele dá como exemplo de situações desse tipo o ter que lidar com amigos, colegas, comunidades, associações e redes sociais para finalidades não-econômicas. Quanto à terceira trajetória, a política, esta se refere de modo mais ou menos direto ao envolvimento dos cidadãos em conflitos que se dão na

[82] Os autores distinguem entre, por exemplo, conversar com amigos e com familiares e exprimir a própria visão em fóruns públicos. Só no segundo caso haveria um comportamento participativo (*participatory behavior*), uma vez que envolve expressão pública.

[83] Estaríamos falando aqui da esfera civil, aquele "âmbito vital da comunidade política democrática, única instância que realmente justifica e legitima a própria democracia" (GOMES, 2011, p. 23).

[84] Eles dizem que se, por um lado, o termo "engajamento cívico" passou a abranger muitas coisas tendo-se tornado pouco útil para operar análises empíricas precisas sobre as condições para a participação dos cidadãos na sociedade, por outro lado, a literatura sobre a "participação política" se destaca por ser muito estreita em seu escopo. Desse modo, aspectos importantes do engajamento político (ou pré-político) dos cidadãos seriam sistematicamente esquecidos (EKMAN; AMNÅ, 2012).

esfera pública e que são relativos a recursos ou interesses de várias naturezas.

O autor ressalta o fato de que a política entendida como debate sobre questões de caráter público pode apresentar-se em qualquer momento e lugar no espaço social. Essa dimensão deveria ser considerada como algo que emerge através da interação discursiva que se dá entre pessoas, por exemplo, através de conversações – assim como através da experiência e da reflexão, diz.

Ele também usa o termo *subactivism*[85] mencionado por Bakardjieva (2009) para descrever aquela forma de participação cívica que tem lugar entre as pessoas na sua vida cotidiana, onde as regras são colocadas em discussão, contestadas e negociadas, onde o mundo social é avaliado segundo perspectivas de tipo moral, e onde são levantadas questões do que seja justo e do que seja errado – antes de tudo aquilo que se traduza em uma dimensão política ou que crie ligações com as políticas. Verificar no plano empírico quando o *subactivism* se transforma em uma dimensão política (*the political*) ou se torne uma atividade política (*politics*) verdadeira não é sempre uma operação simples de realizar, diz Dahlgren (2013), mas aceitar tal desafio significa, no futuro, desenvolver nossa sensibilidade para os aspectos mais imperceptíveis que a participação pressupõe.

É na perspectiva de renovação da esfera pública seja por meio da luta por participação nas políticas para a cidade, seja por meio propriamente da atuação cívica na defesa da qualidade do espaço urbano, que serão aqui estudadas as atuações em uma cidade italiana e outra brasileira realizadas por grupos organizados em redes sociais digitais. Eles percorrem duas das trajetórias esboçadas por Dahlgren: a da participação cívica e a da participação política. Nessa última, em ao menos um caso brasileiro, uma perspectiva de tipo moral vem a conformar a própria identidade assumida pelo grupo.

Com relação propriamente à participação política, um estudo de 22 iniciativas civis de transparência online e de participação política em ambiente digital, de 2010 a 2012, no Brasil, mostra que, ainda que elas dependam fortemente de ONGs, fundações e empresas para serem bem sucedidas, elas obtiveram êxito em transformar em leis alguns projetos de iniciativa popular – caso do "Ficha Limpa" (Lei Complementar nº 135/2010) e "Compra de Votos" (Lei nº 9.840/99) (SILVA, 2013).

Na administração Lula, diz Gomes (2011), o governo brasileiro favoreceu e demandou

[85] Bakardjieva (2009) compreende subactivismo (*subactivism*) como um nível de expressão da cidadania submerso na vida cotidiana. Fundado em decisões e ações individuais que possuem referências políticas ou éticas, portanto enraizado no sujeito, o subativismo envolveria identidades coletivas.

participação popular, inclusive via Internet, embora considerando que a participação civil sempre seria mediada por organizações e movimentos da sociedade civil.[86]

Aggio e Sampaio (2013) buscaram iniciativas de Democracia Digital em 2011 e 2012 em 188 sítios governamentais brasileiros. Eles encontraram escassas iniciativas em participação online quando comparadas a outras dimensões da democracia, como transparência e *accountability*, por exemplo. Nesse cenário, na perspectiva dos autores, a regularidade e os efeitos democráticos produzidos pelo Gabinete Digital[87] colocam a iniciativa em destaque. Estudando-a, eles constatam que a maioria dos canais de interação entre governo e cidadão disponíveis no Gabinete Digital têm características de consulta online (*e-consultation*), um dos cinco modos de participação em Democracia Digital, mas que se dá sobre assunto julgado relevante pelo poder público.[88]

No Brasil, como em outros países, demandas por acesso a melhores serviços públicos colocadas por movimentos coletivos podem vir a se materializar em maior participação nas decisões de governo, mas isso é algo a ser comprovado. Entretanto eles parecem estar agindo para renovar o papel das esferas públicas, mediante a ampliação e amplificação das vozes de grupos com variados graus de organização e temáticas e de indivíduos que querem se auto-representar na condução daquilo que é de seu interesse e da própria coletividade. As conversações que travam em mídias sociais podem vir a dar visibilidade a suas demandas e argumentações, que muitas vezes buscam se justificar por atenderem ao interesse coletivo. Desse modo, colocam o que consideram ser a defesa do bem comum na esfera dos assuntos, das ideias e dos temas para os quais se volta a atenção pública ou, dito de outro modo, na esfera pública (GOMES, 2014).

3 NOÇÕES DE BEM COMUM

Segundo Galeazzi (2013) bem comum é um conceito controverso, que assumiu

---

[86] Segundo o autor, essa seria uma crença dogmática de governos à esquerda, que supõem que esses coletivos sejam sempre orgânicos aos interesses civis. Ele esclarece: "os adjetivos social e civil não coincidem, porque social indica os papéis na sociedade que o indivíduo pode desempenhar, enquanto civil (cívico, cidadão, conforme a escolha) designa um status na comunidade política" (GOMES, 2011, p. 34).

[87] http://gabinetedigital.rs.gov.br/

[88] As outras formas de participação em Democracia Digital seriam: *e-voting*; *e-deliberation*; petições online (*e-petition*) e *e-decision making*. No caso do *e-voting*, cidadãos escolhem entre opções pré-formuladas; em *e-deliberation*, há oportunidade para a troca argumentativa entre cidadãos ou desses com representantes, podendo vir a influenciar na decisão; petições online consistem em abaixo-assinados com reivindicação de que seja tomada alguma ação pelo poder constituído; na *e-decision making* os cidadãos tomam decisões inclusive sobre o que deve ser colocado na agenda, sem restrições prévias (AGGIO; SAMPAIO, 2013).

conotações diversas no tempo e contemporaneamente ainda assume. Se no pensamento antigo e medieval era considerado a finalidade principal da política e no pensamento cristão foi sempre considerado como uma categoria típica da teologia moral, hoje se fala de bem comum no plural – bens comuns, distintos de bens privados e de bens públicos.[89]

3.1 Em comum

No pensamento clássico, o bem comum significava uma "vida boa para todos" (*vita buona del tutto sociale*). Santo Agostinho, primeiramente, depois Tomás de Aquino retomam essa visão. Para este a lei se dirige ao bem comum, à felicidade comum, ao bem viver de todos. A ideia de contrato colocará a política em outro horizonte que não aquele da aspiração do homem a uma vida boa.[90] O distanciamento em relação ao sentido clássico dado ao termo prosseguirá com as teorias liberais e com o marxismo – as primeiras substituem o termo por interesses individuais e o segundo pelas necessidades coletivas. Assim, a noção de bem comum vem a assumir diversas conotações de modo que ora é identificada com a felicidade, com a liberdade, o bem-estar, com a ciência, com a nação, com a raça, com a classe, com a equidade, ora com a identidade comunitarista, com a justiça (GALEAZZI, 2013).

De um ou de outro modo, a ideia de que já o penetrar na esfera da política implica a existência de algo que podemos definir como o bem comum está presente em grande parte do pensamento político ocidental (VITALE, 2013). Na concepção do autor, mesmo na visão individualista da sociedade política constituída mediante o contrato a ideia de bem comum prevalece, ainda que redefinida em termos das condições necessárias para a busca do bem individual no longo prazo.[91] Para ele, os maiores adversários da possibilidade mesma de

---

[89] O bem comum se distingue do bem individual e do bem público. O bem público gera vantagem indivisível a favor de todos, é o bem de todos conjuntamente. Segundo o neo-contratualismo, o bem comum deve maximizar as condições mínimas do indivíduo ou reformular as regras do jogo para um agir não competitivo que maximize também o interesse individual. É um valor comum que os indivíduos podem perseguir apenas juntos. Não é a soma dos bens individuais (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004).

[90] No pensamento moderno, essa ideia de bem comum entra em crise, e o poder se torna o objetivo da política (Maquiavel, Hobbes) ou a liberdade se torna a sua finalidade (Spinoza, Locke, Montesquieu). No *Contrato Social*, Rousseau torna à expressão através da ideia de "vontade geral", mas no contexto moderno da liberdade; Kant identifica a finalidade da política com a garantia da liberdade (GALEAZZI, 2013).

[91] Para Vitale (2013), embora a precedência absoluta e o caráter sacro do *bonum commune* sobre a dimensão do bem particular ou privado seja exaltada na filosofia antiga e medieval, também a filosofia individualista moderna, que parte da precedência metodológica e axiológica do indivíduo sobre o coletivo e do caráter artificial e convencional do Estado como associação de indivíduos, não considera residual a noção de bem comum e de espaço público. Na visão de mundo individualista, que constrói a sociedade política mediante o contrato, o bem comum prevalece, ainda que redefinido em termos de condições necessárias para permitir no longo prazo a busca do bem individual. Isso seria aquilo que distingue a sociedade civil ou o Estado da condição pré-política chamada de "estado de natureza". Diz Arenilla (2010) que, tanto o modelo da democracia grega quanto os

existir um bem comum estariam em doutrinas políticas fundadas na concepção realística do indivíduo.[92] Sua maior expressão contemporânea seria Schumpeter, que afirma que o bem comum terá significados diversos para indivíduos e grupos diversos.[93]

Para Vitale (2013), a completa renúncia a uma ideia de bem comum teria como consequência a perda da coesão social e civil. Ele acredita que, ainda que não descendente de uma *lex aeterna* ou da natureza das coisas, mas historicamente produzido, o *bonum commune* exista. Hoje ele consistiria em um conjunto de meios a serem utilizados – e não – e de finalidades a serem perseguidas – ou não.

Os teóricos comunitaristas, nos anos 80 do século XX, abandonaram a concepção do Estado neutro em favor de uma política do bem comum baseada numa concepção da vida boa capaz de definir o "estilo de vida" de uma comunidade. O fundamento da legitimidade do Estado não estaria no senso de justiça comum de viés contratualista – em que se assume que os princípios de justiça social são o êxito de um "contrato social" estipulado por indivíduos colocados em condição de igualdade – mas numa concepção comum do bem (id.).[94] Mais que meros grupos sociais no sentido de indivíduos que interagem uns com outros, haveria um sentido intersubjetivo e uma compreensão do bem comum que é mais do que a soma das partes individualmente consideradas (BIMBER, 1998).[95]

---

diferentes modelos de república focalizam na necessidade de os cidadãos colocarem o bem comum antes dos interesses privados para preservar a comunidade política e defender a liberdade.

[92] O realismo político seria uma espécie de hiper-realismo que acentua uma dimensão da realidade política, a luta pelo poder como fim em si mesmo, tornando-a exclusiva e fornecendo, assim, uma descrição e uma análise parcial e reducionista dos fenômenos políticos. A política, diz, é também projetualidade social, composição dos conflitos e resolução dos problemas coletivos, confronto entre ideias e modelos de sociedade, construção do pacto de convivência. Não é só o prosseguimento da guerra com outros meios. Em suma, sobretudo a política democrática é também interrogar-se coletivamente acerca de questões da finalidade (VITALE, 2013).

[93] Para Schumpeter, o simples fato do pluralismo e da existência de corpos sociais intermediários em perene conflito tornaria vã qualquer possibilidade de pensar a sério a busca do bem comum como finalidade da política democrática. A competição eleitoral e a agenda de um governo democrático não seriam ditados jamais pela busca do bem comum mas por uma identificação dos temas e de medidas adequadas a obter consensos em um mercado político de eleitores assemelhados a consumidores, com o objetivo último de garantir a esta ou àquela oligarquia a conquista ou manutenção do poder (VITALE, 2013).

[94] Aqui, se refletiria a tensão existente entre os princípios de um contrato político baseado nos direitos dos indivíduos e os princípios de uma sociedade democrática estabilizada pela virtude cívica e coletiva aderente a uma concepção comum do bem coletivo (GREBLO, 2000). Para esse autor, enquanto o liberalismo incentiva a ideia de uma "escolha" coletiva dos princípios de justiça, o comunitarismo adere ao princípio da "descoberta" ou da "reconstrução" racional dos critérios compartilhados presentes em um contexto de práticas consolidadas. Os princípios universalistas do Estado democrático deveriam, portanto, ser interpretados na perspectiva da respectiva comunidade histórica e coligados às motivações dos cidadãos.

[95] Bimber (1998) diferencia comunidades densas (*thick*) de comunidades esparsas (*thin*). As primeiras se constituiriam de grupos nos quais os indivíduos definem seus próprios interesses e valores em referência aos bens coletivos; enquanto, nas segundas, os interesses privados, valores e hábitos dos indivíduos são comuns ou complementares, e a busca pelos interesses individuais seria vantajosa para todos. Associações de indivíduos do primeiro tipo estariam mais próximas do modelo comunitarista.

A ideia de que todas as pessoas devem ser tratadas como iguais tornou-se patrimônio comum das teorias políticas mais significativas.[96] Nesse sentido, a democracia contemporânea é inclusiva: o igualitarismo democrático se configura como luta contra a exclusão e como sustentação à inclusão universal na cidadania civil e política (GREBLO, 2000). Isso também se aplica à cidadania social, que engloba desde o direito a um mínimo de bem-estar econômico e segurança até o direito de participar por completo na herança social e levar uma vida de acordo com os padrões que prevalecem na sociedade (MARSHALL, 1967). A inclusão do outro não significa, portanto, nem assimilação nem fechamento à diferença. Significa que os confins da comunidade democrática são abertos (GREBLO, 2000).

Bauman (2003) adverte para o fato de que demandas por redistribuição feitas em nome da igualdade são veículos de integração, enquanto que demandas por reconhecimento em meros termos de distinção cultural promovem a divisão, a separação e acabam por interromper o diálogo.[97] A única estratégia disponível para realizar o postulado da "sociedade justa", a "boa sociedade", seria, portanto, a eliminação dos impedimentos à distribuição equitativa das oportunidades e a remoção dos impedimentos a seu aproveitamento. Apenas em condições da vida republicana, a discussão contínua sobre as condições compartilhadas do bem seria encorajada.[98]

Stefano Rodotà (2012) diz que, nesse tempo em que a promessa do século XIX de igualdade se decompôs no alastramento da desigualdade, retorna, forte, o apelo aos direitos fundamentais. Esse apelo, ele diz, percorre o mundo de forma inédita, encontra sempre novos sujeitos, constrói um modo diverso de compreender o universalismo, faz pessoas distantes falarem a mesma linguagem, surgindo como a grande e dramática narração comum do nosso presente. A luta pelos direitos não desapareceu, se estende por todo o mundo globalizado, constrói novas modalidades de ação e sujeitos que a encarnam, afirma. Para ele, o princípio fundamental da igualdade é que deveria, em primeiro lugar, ser repensado e colocado no centro das atenções.

---

[96] Com o prevalecimento do reformismo social liberal, as conquistas políticas do liberalismo e da social-democracia transformaram a democracia em um sistema político que universaliza os direitos dos cidadãos mediante a introdução de direitos sociais de repartição e de direitos políticos de participação, instituindo a igualdade e paridade de acesso aos direitos entre membros de povos e culturas diversas (GREBLO, 2000).

[97] Segundo Bauman (2003), uma vez que o reconhecimento seja tomado como direito à participação na interação social em condições de igualdade, sendo assim concebido como uma questão de justiça social, isso significa que todos têm o direito de procurar a estima social em condições de igualdade, embora não necessariamente com garantia de obtê-la.

[98] "[...] o teste de uma verdadeira humanidade universal é sua capacidade de dar espaço ao pluralismo e permitir que o pluralismo sirva à causa da humanidade [...] Tal teste só pode ser superado se se realizarem as condições de vida republicana" (BAUMAN, 2003, p. 126).

Um dos pontos-chaves da discussão sobre os direitos fundamentais diria respeito àqueles que podem estar no mercado e aqueles que devem ficar fora dele. Nessa perspectiva, os bens comuns vêm no plural e se definem como garantia imediata e concreta dos direitos fundamentais da pessoa, para além da lógica mercantil e proprietária. Trata-se daqueles bens que não podem estar submetidos à pura lógica econômica, como a água, o ar puro, o ambiente saudável, o conhecimento, o alimento, a saúde. Esses bens são fundamentais à existência humana.[99] A Internet, por exemplo, seria um recurso fundamental para se conhecer o que acontece longe ou perto, para a possibilidade de diálogo com outro, para a possibilidade de participação. A novidade aqui estaria no fato de que o bem comum, nesse caso, não é apenas algo que está ali do qual posso me servir: é um bem que nasce da participação de cada um e que, por isso, deve continuar a ser comum (RODOTÀ, 2013).

"Comum" seria exatamente isso: produzir comunidade. Os bens comuns falariam da ligação entre as pessoas, algo que não gerimos ou utilizamos unicamente em nosso interesse exclusivo. Eles falariam de ligações sociais porque quando um bem é comum e nós o utilizamos juntamente com outros, deve-se defendê-lo em conjunto com outros. Para o autor haveria, assim, nos bens comuns, uma dimensão de futuro, que teria desaparecido em nossa sociedade.[100]

Uma vez que tem por característica o uso compartilhado, está em causa o direito de cada pessoa a usufruí-lo dessa maneira, sem exigência de políticas redistributivas ou a operacionalização de um modelo participativo. Pela via da não-discriminação do acesso ao bem comum, o tema da igualdade, e portanto da democracia, é retomado (RODOTÀ, 2012).

3.2 Bem comum como cultura

Explícita ou implicitamente, a defesa dos direitos sociais e da capacidade de ser ouvido

[99] Vitale (2013) comenta que Rodotà advoga em favor de uma instrumentalização institucional capaz de identificar os bens diretamente necessários para a satisfação dos direitos fundamentais, pois existiria uma "mudança de paradigma" jurídico, definível como "constitucionalismo das necessidades" – instrumento mais adequado para afrontar a questão de um *human divide*, desigualdade incidente sobre a própria humanidade das pessoas. A mudança de paradigma se exprimiria como reconhecimento em nível jurídico de palavras como "software livre", *no copyright*, acesso livre à água, ao alimento, aos fármacos, à Internet. Essas diversas formas de acesso assumem a veste dos direitos fundamentais. Para Vitale (2013), entretanto, o bem comum deve ser tomado no singular, não podendo ser identificado com uma cesta de objetos – materiais ou imateriais – a serem tutelados e mantidos mediante o Direito, uma vez que se refere à finalidade última da política, que tem como objetivo minimamente salvaguardar a *res publica*.

[100] "Diz-se que devemos viver em um eterno presente. Os bens comuns nos dizem não é assim, porque esses bens devem ser conservados no interesse de todos e todos devem poder intervir em sua tutela" (RODOTÀ, 2013, p. 92, tradução da autora).

sobre os destinos do espaço urbano vem sendo travada nas ruas e na Rede, alimentada por necessidades materiais ou, ainda, como quer Rodotà (2012), como derivação de um "sentir mais profundo, do qual os realistas não se apercebem, e que por sua vez acompanha sempre a luta pelos direitos e a torna realisticamente possível" (*ibid*., p. 16, tradução da autora).[101] Como dito, essa grita constitui e amplia a esfera pública e tenta fazer exercer o direito de participação ao amplificar as demandas de grupos e categorias sociais com intuito de influir na decisão política.

No início do segundo capítulo viu-se que o então governador do Estado do Rio Grande do Sul propunha a abertura de novos espaços e arenas de participação, mas será que arenas desenhadas pelo poder público dariam lugar à expansão (ou se constituiriam efetivamente um canal) da esfera pública?

Luigi Bobbio (2006) lembra que a escolha do modelo depende da natureza do problema que se quer afrontar.[102] Dahlberg (2001) afirmou que o fato de governos proverem fóruns deliberativos online não substitui a necessidade de deliberação pública independente do poder administrativo. Atores coletivos da sociedade civil podem ser elementos de um processo deliberativo ampliado, composto por múltiplas e diferenciadas arenas discursivas, envolvendo conversações cotidianas e ações de associações da sociedade civil que, para Maia, Marques e Mendonça (2008), tornam coletivas determinadas interpretações de mundo.

Por outro lado, como Sassen (2010) coloca e Rodotà (2012) reconhece, as decisões são hoje tomadas em instâncias nem sempre submetidas ao controle do Estado nacional. Isso muda tudo ou quase tudo:

> Nas diversas dimensões institucionais que contribuem para compor a galáxia da globalização há todo um incessante reescrever do catálogo dos direitos. Interpretam-se aqueles já reconhecidos, juntam-se novos, se intervem negando-os todos, sem que seja porém possível fechar-se na estreiteza da fronteira histórica, porque a difusão e o confronto entre os diversos modelos são impostos, em primeiro lugar, pelo irrefreável emergir de necessidades materiais comuns, pela influência comum da inovação científica e tecnológica, pela violência de uma finanças sem regras, portanto daquele entrelaçamento de relações e dependências, daquela nova distribuição dos poderes, daquela contínua obrigação de lidar com os outros, com todos

[101] Sobre esse mesmo sentir, o autor traz à recordação a observação de Dominique Rousseau sobre o furto da Gioconda, ns idos de 1911, quando milhares de pessoas acorreram ao Louvre para contemplar o espaço vazio deixado no lugar do quadro. Não tendo muitas delas provavelmente jamais entrado no museu ou se preocupado com a obra, seria a sua ausência mesma, a perda que a tornou um valor para todos. Rodotà (2012) entretanto afirma que a consciência não nasceu ocasionalmente da ausência, pois, para ele, essa deriva de um sentir mais profundo.

[102] "Uma coisa é se se deseja repartir as despesas da comunidade segundo critérios de justiça social e territorial, outra coisa é se se deseja decidir o traçado ou a finalidade de uma infraestrutura, a requalificação de um bairro degradado, novos percursos de desenvolvimento para uma comunidade, ou se se quer elaborar o estatuto de um município para regenerar a democracia ou definir um novo sistema eleitoral" (BOBBIO, 2006, p. 11, tradução da autora).

os outros, que chamamos globalização. (RODOTÀ, 2012, p. 4, tradução da autora)

Diante disso, Rodotà (2012, 2013) propõe a retomada da luta pelos antigos e novos bens comuns – caso da Internet – unificando-a sob a bandeira da luta pelos direitos. Sua proposição busca devolver a ligação entre as pessoas através do compartilhamento desses bens. Bela, a proposta traz novamente uma utopia, talvez em busca de um denominador comum para uma nova projetualidade a ser compartilhada, como quer Vitale (2013).

Porém, em se tratando da Internet, essa "utopia" deve afrontar questões, entre as quais aquelas relativas à concentração da infraestrutura da Rede. Nas observações realizadas por Devriendt e colegas (2008),[103] novamente surgem dominantes cidades globais capazes de produzir, atrair e concentrar recursos financeiros e de competência técnica, cuja centralidade foi analisada por Saskia Sassen em 1991.[104] Centralidade que persiste a desafiar a autonomia dos Estados nacionais democraticamente constituídos (SASSEN, 2010). A adotar a visão da autora, o que estaria ocorrendo nas cidades periféricas? O que seus cidadãos estariam pensando sobre a forma como elas se inserem nessa dinâmica?

Constatar os efeitos dessa concentração demanda explicações àqueles que tratam a Internet como um novo tipo de espaço, um universo eletrônico paralelo, excluído do mundo físico, pois se as telecomunicações permitem a dispersão dos indivíduos, elas concentram estruturas (VARNELIS, 2005) e promovem novas geografias que se configuram e podem ser medidas, por exemplo, pelo acesso ao sinal das redes WiFi.[105] E, assim, todos aqueles que pensam em espaços públicos como bem comum estão desafiados a responder questões colocadas pelas desigualdades expressas em novas descontinuidades que se estabelecem no território. Essas desigualdades são reforçadas por políticas urbanas que, ao menos nas grandes cidades brasileiras e da América Latina, tendem a privilegiar inversões imobiliárias destinadas aos grupos de alta e média renda e acentuam o esvaziamento e a deterioração de antigas áreas centrais (CARVALHO; PEREIRA, 2014).

[103] Utilizando a abordagem que denominam de *cyberplace*, os autores investigam links virtuais entre cidades através de pontos físicos tais como redes de cabos Internet e suas interconexões, assumindo que a infraestrutura física representa os relacionamentos digitais entre lugares. Utilizando o conceito de *cyberspace*, eles observam a ligação entre cidades partindo da estrutura "invisível" do mundo virtual tais como hiperlinks da Internet, a estrutura dos mecanismos de busca e tráfego de email. Em ambas as abordagens, Paris, Londres e Berlim se mostraram as cidades mais importantes na web, sendo Londres o lugar dominante (DEVRIENDT; DERUDDER; WITLOX, 2008).

[104] Numa entrevista recente, Saskia Sassen assim define cidades globais: "Trata-se de um tipo muito especial de espaço de produção. É um lugar propício para desenvolver as capacidades organizacionais complexas de que qualquer empresa precisa para participar dos mercados internacionais. Sua função de espaço de produção global é determinada pela presença simultânea de diversos atores, como escritórios de advocacia e instituições financeiras com atuação no mundo inteiro" (EXAME CEO, 2013).

[105] http://www.geosimulation.org/wifi/

No contexto dos movimentos coletivos que vêm se utilizando dos recursos às redes sociais, grupos buscam capturar a atenção pública para a reapropriação de áreas da cidade com vistas ao usufruto de todos os interessados; mais ainda, se opõem à administração conduzida pelo poder público e buscam participar das escolhas sobre a destinação a ser dada a tais áreas.

A grande quantidade de dados que circulam hoje através das mídias sociais abre a diversos interesses de pesquisa muitas possibilidades de radiografar movimentos de atores sociais, seja do ponto de vista das estruturas das relações que estabelecem, seja do ponto de vista das formas como indivíduos agem sobre conteúdos compartilhados – as ditas formas de agir participativo, na expressão usada por Artieri (2013).[106]

As redes sociais digitais parecem atuar no tecido que enerva a esfera pública, fundamentando opiniões de grupos, suas ações e manifestações políticas. Não do modo necessariamente racional prescrito pelos deliberacionistas, mas certamente sustentado em valores, hábitos, ideais que se disseminam e fornecem cimento à cultura. Atuam aqui talvez naquele substrato implícito de opiniões compartilhadas pelo grupo, que fundam sua ação (LANDI, 2013).[107]

Valores democráticos estão presentes nas noções de bem comum – seja no *bonum comune* (a vida boa para todos) seja na visão atomista que garante os direitos fundamentais.[108] Os bens comuns se ampliam, e a luta por seu direito se renova, seja pela entrada em cena de alguns neste "catálogo", como a Internet, seja pela sua atualização que decorre da escassez, como a água. Tudo isso parece levar à necessidade de uma concertação mais complexa,

---

[106] Diz Artieri (2013): um elemento do contexto é a associação entre cultura participativa e política participativa. Concentrar-se sobre a participação significa, segundo o autor, colocar uma nova ênfase sobre os modos como as pessoas agem sobre conteúdos midiáticos: jogo, performance, expressividade e formas de colaboração seriam práticas de agir participativo que públicos/cidadãos que experimentam ao conectarem-se pulsões individuais e coletivas.

[107] Morcellini (2013) lembra bem que na experiência em rede não existe a mesma dinâmica participativa da relação entre intelectuais e sociedade, entre "escritores e povo", que constituiu a democratização ocidental, pelo alargamento dos bens da cultura e da informação a sujeitos sociais sempre mais numerosos. Entretanto a Rede ofereceria certa esperança de poder acolhê-la com a condição de que a fragmentação – característica fundamental da experiência das tecnologias – possa dar lugar a um princípio de conexão e a um critério de realidade, ainda que num contexto caracterizado pela suspeita acerca de tudo aquilo que seja recomposição e mediação. Para o autor, a pulverização da experiência social e da imagem do mundo deve encontrar um ponto de reunificação. De outro modo, o sujeito estaria condenado a viver de fragmentos.

[108] Bobbio (2010) menciona os seguintes valores da democracia: não-violência, direito à vida, não-discriminação. Cita as liberdades fundamentais, como liberdade de opinião, de reunião, associação, como condição para o exercício dos direitos políticos, e o direito da pessoa de não ser submetida a sofrimentos inúteis, humilhação, sujeição prolongada, discriminação, além do direito a gozar de um mínimo de bem-estar. Ao valor da liberdade, que indica um status, junta-se o valor da igualdade, que indica uma relação – ambos fazem parte do conceito de pessoa humana (BOBBIO, 2009).

permitindo o emergir de temas a partir de baixo. Isso dá certamente ensejo à criação ou renovação de valores associados ao status de bem comum.

Dahlgren (2013), ao falar sobre a reinvenção da participação com as práticas da Rede, sustenta em primeiro lugar que, tanto na participação cívica ou política, existe um objetivo intermediário – o de obter intervisibilidade.[109] Visibilidade, como visto, é também uma forma de aceder à esfera pública pela captura da atenção pública (GOMES, 2014).

Ligada à noção de visibilidade, estaria a noção de voz, que funcionaria seja internamente ou externamente à política, diz Dahlgren (2013). É em si um processo em que alguém se dá conta de si e das circunstâncias na qual age. A voz, radicada na perspectiva dos atores sociais, pressupõe lógicas de ação reflexivas. É um processo social tecido na experiência da coletividade e não uma coleção de histórias pessoais separadas. Para poder tornar-se concreta, a voz necessita de recursos e acessibilidade e não pode prescindir da difusão. Segundo o autor, é um valor a ser protegido e a ser promovido, um valor que diz respeito seja à nossa humanidade, seja à democracia.[110] A participação reforçaria tal valor.

As respostas que o poder público brasileiro colocou às demandas dos movimentos que agitaram a vida política do país em meados de 2013 – a constituição de um sistema nacional de participação –, não necessariamente se constituirão um canal efetivo de participação nem se coadunarão com as prescrições de clareza política preconizadas por Chantal Mouffe (2009),[111] ainda mais se contaminadas pela ideia de que organizações e movimentos da sociedade civil são sempre orgânicos aos interesses civis (GOMES, 2011). Os movimentos que agitaram o país acabaram por colocar questões de justiça social pois afinal reivindicaram investimentos naquilo que pode se considerar ser um bem comum a todos – o direito ao transporte, à saúde, a educação. O direito ao transporte, em particular, coloca a questão do

---

[109] Dahlgren (2013) chama de *intervisibility* ("intervisibilidade") a visibilidade social, aquela das interações, em que o olhar e o reconhecimento do outro é central para a construção do si mesmo, da identidade. Este seria o campo das interações cívicas, associada com a socialidade das ligações fracas, em que os estranhos se tornam reciprocamente visíveis com o objetivo de cooperar, ele diz. Tornar-se visível em público implica diversas dimensões culturais – postura, comportamento, papéis e expectativas.

[110] Os blogs, aparentemente prolixos, colocariam em cena experiências pessoais e confirmariam o valor da voz. Numa frase de grande efeito, ele diz que aquilo que chama de "*talkative, chatting society"* é, no seu "estar em público", mais orientada a permanecer democrática do que uma sociedade muda (DAHLGREN, 2013).

[111] Se a objetividade social é constituída através de atos de poder, sendo, portanto, política, deve mostrar os traços de atos de exclusão que governam a sua constituição, diz Chantal Mouffe (2009). Segundo ela, não seria possível conceituar poder como uma relação externa colocada entre duas identidades pré-constituídas, mas constituindo as identidades elas mesmas. A questão residiria em constituir formas de poder compatíveis com valores democráticos. Para ela, a relação entre agentes sociais se torna mais democrática apenas conforme eles aceitam a particularidade e limitação de suas reivindicações, apenas na medida em que eles reconhecem suas relações mútuas como aquelas nas quais o poder não pode ser erradicado.

acesso à cidade e, portanto, o acesso a ambientes diversificados de troca, espaços diferenciados onde exercitar personas públicas e desenvolver habilidades envolvidas na civilização (BAUMAN, 2001).

Bem entendido, no Brasil, o direito de participação já existe e está previsto no Estatuto das Cidades, lei federal que estabelece diretrizes para a política urbana.[112] Porém o parco investimento ou o enfraquecimento da capacidade de os interessados atuarem no campo das instâncias decisórias acaba por anular a condição de usufruto pleno desse direito, ao tempo em que se vai degradando o espaço urbano comum. Avritzer (2008) ressalta a importância do contexto na efetividade da participação e comenta o caso da anulação judicial do plano diretor da cidade de Salvador em 2004, em que, em meio a uma sociedade civil débil, a lei foi capaz de bloquear a ação de uma sociedade política anti-participativa.

Na Itália, nos referendos de junho de 2011, os cidadãos foram chamados a se exprimirem sobre questões relativas aos bens comuns (em particular a água e o recurso à energia nuclear), demonstraram uma inesperada vontade e capacidade de mobilização, prescindindo largamente da ativação midiática para esta chamada cívica (MORCELLINI, 2013). Mobilizando 26 milhões de cidadãos, a temática dos bens comuns teria demonstrado que o *civic engagement* é um sentimento apenas adormecido.[113]

A reflexão feita até aqui leva a assumir como importante tomar o ponto de vista da participação ampliada para contemplar conversações de grupos que se utilizam da comunicação em rede como meio de compartilhar visões e valores a produzir uma compreensão da cidade contemporânea – a real e a desejada. E assim passam a assumir finalidades a perseguir e pensar meios para alcançá-las. Tomando-se um conceito amplo de cultura, que inclui atitudes, mentalidades e valores,[114] nesse processo, grupos constituiriam o que se poderia chamar de uma cultura do bem comum.[115]

Nessa direção, pode-se pensar que práticas políticas e cívicas exercidas hoje com apoio das redes sociais digitais estejam provendo alguma evidência disso, e mesmo testemunhando a configuração do bem comum com algo não tangível e que pode chegar a envolver meios a

[112] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm

[113] Morcellini (2013) diz: se não foi um incêndio, e se um *bem* deve viver uma temporada subterrânea antes de retomar seu papel como *ativador da cidadania*, haverá ainda alguma esperança para a política. Desde que recupere a sua capacidade de repropor-se como um projeto de homem e de sociedade, acrescenta.

[114] Um conceito amplo de cultura inclui atitudes, mentalidades e valores, assim como sua expressão, incorporação e simbolização em artefatos, práticas e representações (BURKE, 2009).

[115] Uma ideia similar, ainda que muito idealizada, de uma cultura desse tipo pode ser encontrada na ética hacker como descrita por Himanen (2007), que animou a criação descentralizada e colaborativa de software de código aberto.

serem utilizados e finalidades a serem perseguidas, como quer Vitale (2013).

4 CONCEITOS EM REDE: CONTEÚDO, ESTRUTURA, SIGNIFICADO

Interatividade é a marca da constituição dos textos na Internet. A conversação digital[116] é um gênero textual concebido como oralidade. Sua forma de escrita é mais flexível e informal. Trata-se de um "texto falado por escrito" (MODESTO, 2011).

Segundo Recuero (2012), os termos interação e conversação nem sempre são sinônimos. Ela está interessada nas interações sociais que se dão em ambientes da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC). Ferramentas de CMC oferecem espaços de construção de práticas que ampliam a negociação de sentido, criam convenções e ajustam contextos que vão permitir a conversação.[117] Para a autora, as trocas interativas nesses ambientes possuem muitas similaridades com a conversação oral – rápida e informal.[118]

Os sites de redes sociais[119] criaram novas formas de circulação de informações, propiciaram o advento de novas formas de conversação: conversações coletivas, assíncronas ou síncronas, públicas e capazes de envolver uma grande quantidade de atores, que Recuero (2012) chama de "conversação em rede",[120] cuja característica mais importante é o espalhamento entre grupos sociais através das conexões entre os indivíduos. Essas conversações, mesmo quando voltadas para aspectos da vida cotidiana, podem vir a influenciar ações do sistema político, contribuindo para a ampliação do espectro de argumentos, para a ressonância de assuntos de interesse comum à rede e mesmo para o

[116] A conversação em geral é objeto de uma área de estudos específica – a Análise da Conversação –, que emergiu nas Ciências Sociais nos anos 1960 e que vê a conversação como uma atividade em que ouvinte e orador são tomados como co-construtores da conversa emergente. Ela descreve a mecânica da conversação (GARDNER, 2004).

[117] Recuero (2012) se ocupa de práticas conversacionais que acontecem entre atores nesses ambientes: a organização da conversação mediada por computador e a construção e recuperação de contextos. Ela utiliza Análise de Redes Sociais para mapear conversações com uma grande quantidade de dados e para compreender como determinados nós (representação dos atores) influenciam a conversa a partir da observação da estrutura da rede.

[118] O discurso não precisa ser baseado em som para ter características orais. Convenções criadas para suplementar, textualmente, os elementos da linguagem oral e da interação, geram uma nova "escrita oralizada". Signos criados a partir de convenções de uso da linguagem fornecem o contexto para o diálogo, bem como transformam a linguagem em ação: o usuário não apenas manda um beijo, mas "dá" um beijo, esclarece Recuero (2012).

[119] Sites de redes sociais propriamente ditos são aqueles que compreendem a categoria dos sistemas focados em expor e publicar as redes sociais dos atores (RECUERO, 2009). Esses sites promovem contato social, forjam conexões pessoais, profissionais ou geográficas e encorajam laços fracos (VAN DJICK, 2013), laços entre pessoas que se conhecem mas não são amigos próximos, os quais, entretanto, são fundamentais para manter a coesão do sistema social (GRANOVETTER, 1983).

[120] É uma conversação múltipla, espalhada, com a participação de muitos e que permanece gerando novas apropriações e migrando entre diversas ferramentas (RECUERO, 2012).

agendamento de temas e bandeiras no *mass media* e nas instituições do sistema político (BARROS, 2013; MAIA, 2008c).

Muitos estudos têm se dedicado a compreender o comportamento político com base em interações em redes sociais digitais. Parte deles baseiam-se em interações coletadas no site de microblog Twitter, como por exemplo aquele realizado por Small (2012) sobre a possibilidade oferecida pela plataforma para a participação e a conversação política; as reflexões feitas por Artieri (2013) sobre como as conversações neste e em outros sites de redes sociais se integram com as formas de comunicação de massa e tornam a esfera pública plural e potencialmente visível. Segundo esse autor, não desempenham o papel de representar temas da sociedade, mas têm o papel de chamar a atenção para esses temas, de comunicar experiências de vida capazes de relacionar o plano da singularidade ao coletivo, numa ação política que consiste essencialmente em "contagiar". Outros focalizam em interações especificamente no Facebook, como Rustad e Sæbø (2013) que analisam como políticos locais de uma municipalidade da Noruega se engajam nesta plataforma, ou como Parviainen e outros (2012), que examinaram as redes sociais de cerca de cem mil usuários e suas interações em páginas de candidatos às eleições presidenciais na Finlândia para compreender a relação entre atividade política e suas redes de relacionamento. Valtysson (2012) trata o Facebook como um espaço comunicativo da esfera pública na Dinamarca onde o conteúdo é gerado por um público em rede. Ele afirma que as atividades cotidianas ali desenvolvidas são capazes de gerar condições favoráveis à formação de opinião e expressão de desejos.

"Facebook e política" foi objeto de levantamento bibliográfico em artigos publicados em revistas acadêmicas de ciências sociais, ciência política e comunicação entre 2008 e 2014. Carreiro (2014) observa que preponderam estudos relacionados a *eParticipation* e *e*Ativismo.[121] O autor releva que todos os artigos da amostra abordaram os cidadãos como atores principais e afirma que o Facebook ajuda a ultrapassar barreiras à democracia contemporânea, como por exemplo o pequeno número de oportunidades à participação política e a falta de espaços para o posicionamento pessoal em questões políticas.

Muitos desses estudos se referem a rede social, noção que aparece com um estudo dos princípios da estratificação social em uma ilha norueguesa realizado pelo antropólogo britânico A. Barnes, publicado em 1954.[122] O antropólogo estabeleceu a hipótese de que todos

[121] Na amostra analisada, os estudos relativos às eleições buscam compreender a plataforma como meio de instrumentalizar campanhas; outros verificam a relação de seu uso com atitudes políticas off-line ou como a plataforma tem sido utilizada em táticas de mobilização online, entre outras questões (CARREIRO, 2014).

[122] Na verdade, o filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel (1858-1918) é visto por muitos como o inspirador

os habitantes daquela ilha estariam ligados entre si por cadeias de conhecimentos mais ou menos longas. Stanley Milgram (1967) pode ter sido o primeiro a fazer o esforço de demonstrar empiricamente algumas dessas intuições, como atesta sua experiência do "mundo pequeno" (MERCKLÉ, 2004). Milgram criou cadeias entre pessoas eleitas ao acaso em uma população nacional e demonstrou que o indivíduo não está alienado e separado do resto da sociedade: todos estamos, em certo sentido, delimitados por um tecido social firmemente urdido (MILGRAM, 2003).

O recurso à noção de rede social se expandiu para designar conjuntos de relações entre pessoas ou entre grupos sociais. Envolve um conjunto de métodos, conceitos, teorias, modelos usados na sociologia assim como em outras disciplinas das ciências sociais (antropologia, psicologia social, economia, etc.). Consiste em tomar como objeto de estudo não mais os atributos dos indivíduos (sua idade, profissão) mas as relações entre os indivíduos e as regularidades que elas apresentam, para descrevê-las, dar-se conta de sua formação e suas transformações, analisar seus efeitos sobre os comportamentos individuais. A proposta é restituir aos comportamentos individuais a complexidade dos subsistemas de relações sociais que lhes dão sentido e aos quais eles dão sentido (MERCKLÉ, 2004).

Uma rede social, nessa perspectiva, diz o autor, pode ser definida como constituída de um conjunto de unidades sociais e dos relacionamentos que estabelecem entre si, diretamente e indiretamente, através de cadeias de tamanho variável. A rede é aqui utilizada como uma espécie de variável contextual. As unidades sociais podem ser indivíduos, grupos informais de indivíduos ou organizações mais formais, como associações, empresas ou países. As relações que os elementos estabelecem também podem ser de naturezas diversas, incluindo toda sorte de interações verbais e gestuais. A análise das redes sociais reagrupa os indivíduos a partir da existência de relações entre eles, isto é, em função da observação da coesão e da densidade dos conjuntos que eles formam. O estudo dessas relações e das regularidades que apresentam se desenvolve com base em modelos e métodos apoiados por ferramentas matemáticas baseadas na teoria dos grafos[123] e na álgebra linear, tendo se constituído em domínio próprio e

principal de uma das fórmulas fundadoras da análise das redes sociais, segundo a qual as estruturas emergem das interações e exercem sobre elas uma restrição formal que nada tem a ver com o determinismo mecânico. Para Wasserman e Faust (1994) e outros, entretanto, a história da análise das redes sociais não se inciou com Simmel mas com o fundador da sociometria Jacob Lévy Moreno (1889-1974), nos Estados Unidos, nos inícios dos anos 1930 (MERCKLÉ, 2004).

[123] A origem da teoria dos grafos é antiga, mas sua aplicação esteve confinada à solução de "jogos matemáticos". As primeiras formulações sintéticas da teoria dos grafos se devem a Allemand König (1936), mas não foi senão após sua republicação nos Estados Unidos depois da Segunda Guerra Mundial que encontra finalmente uma audiência mais ampla. Matemáticos como Harary, Norman e Cartwright foram os primeiros em 1953 a aplicar a

institucionalizado.[124]

Os grafos oferecem uma representação gráfica das redes sociais, facilitam sua visualização e trazem à luz algumas de suas propriedades estruturais que têm impacto sobre seu comportamento (BARABÁSI, 2012). Por outro lado, a teoria dos grafos oferece um arsenal de conceitos, teoremas, algoritmos e fundamentação graças aos quais a figuração gráfica vai além da simples representação para autorizar um tratamento matemático gerador de conhecimentos novos (MERCKLÉ, 2004).[125] Conceitos da teoria dos grafos visam descrever as propriedades dos nós – sua *centralidade*[126] –, dos arranjos relativos entre eles – distância e caminhos de ligação entre nós – ou propriedades globais da rede,[127] em particular através das noções de *densidade* e de *conectividade*.[128]

Contudo grafos com dezenas de nós e centenas de arcos/arestas arriscam-se a tornar-se ilegíveis. A álgebra linear e o cálculo matricial, um outro domínio da matemática, ajudarão a ultrapassar esse obstáculo.[129] Expressões como rede de relações, densidade, clique,

---

teoria dos grafos à teoria dos grupos (MERCKLÉ, 2004).

[124] A INSNA (International Network of Social Network Analisys, http://www.insna.org/) é uma associação de profissionais interessados em análise em redes sociais. Foi fundada em 1977 pelo sociólogo Barry Wellman.

[125] Na literatura científica os termos grafos e redes são usados indistintamente, porém redes – uma combinação de nós e links – é um termo usualmente utilizado para referir-se a sistemas reais (WWW, indivíduo conectado por laços familiares ou profissionais, a rede metabólica) enquanto o termo grafo é utilizado para referir-se a representações matemáticas dessas redes (o grafo social, o grafo do metabolismo) (BARABÁSI, 2012). Um grafo é composto por vértices e arestas, no caso de relações não orientadas (isto é, de relações onde não existem transmissões unilaterais de um ator para outro), ou arcos, no caso de relações orientadas.

[126] Linton Freeman (1977) distinguiu três formas de centralidade: a centralidade de grau, de proximidade e de intermediação. A de grau corresponde ao número de contatos de um indivíduo, sem levar em conta as características estruturais desses contatos nem as características do conjunto da rede. O segundo indicador de centralidade funda-se na noção de "proximidade": a partir do caminho mais curto entre os nós de um grafo, calcula-se um índice de centralidade de proximidade a partir da soma das distâncias de um nó a todos os outros nós do grafo. Freeman finalmente introduz a noção de intermediário: um indivíduo pode não possuir um grande número de contatos, mas pode ocupar uma posição-chave por ser um ponto de passagem obrigatório para os outros. Esse tipo de centralidade se mede pelo número de caminhos que passam pelo nó (FREEMAN, 1977, MERCKLÉ, 2004). Outros autores propuseram alterações à abordagem de Freeman, como Philip Bonacich, que estende a ideia de centralidade de grau baseada em adjacência para considerar as conexões das conexões de um ator, além das conexões do ator em tela, e assim coloca a questão do poder associado à conexão do ator com atores "fracos" ou "fortes" (BONACICH; LLOYD, 2001; HANNEMAN; RIDDLE, 2005).

[127] Uma análise da homogeneidade/heterogeneidade da rede como um todo pode ser feita através da verificação da distribuição dos graus de centralidade dos seus atores e do seu grau de centralização ou concentração, tomando-se como elemento de comparação uma rede tipo estrela de igual tamanho (a mais centralizada das topologias de rede, onde um único ator intermedia todas as conexões possíveis), como proposto por Freeman (HANNEMAN; RIDDLE, 2005).

[128] A densidade de um grafo é a relação (variando entre 0 e 1) entre o número de relações observadas e número máximo de relações possíveis nessa rede. O número de relações possíveis varia de acordo com o fato de serem ou não orientadas. Um grafo não se caracteriza apenas por sua densidade mas também por sua conectividade. Diz-se que um grafo é conexo se para cada dupla de nós existe uma cadeia que os liga. Isso significa que não existe nenhum nó isolado (MERCKLÉ, 2004).

[129] É em Harvard, em particular sob o impulso decisivo de Harrison White e seus associados, que se produzem avanços que conduziram à elaboração de princípios, conceitos e dos instrumentos de análise das redes tal como

popularidade, isolamento, prestígio puderam então receber uma definição matemática operatória, que permite construir indicadores, medi-los empiricamente e então testar as hipóteses ou verificar as proposições que podiam anteriormente ser falsificadas em razão de seu conteúdo amplamente metafórico (MERCKLÉ, 2004).

Contribuições ao estudo de redes em geral serão aportadas por Watts e Strogatz (1998) e Barabási e Albert (1999), entre outros. Os primeiros afirmarão que muitas redes do mundo real, sejam sociais ou outras, se comportam como redes de "mundo pequeno"; os segundos descreverão propriedades de redes complexas reais de grandes dimensões, cujo crescimento se dá segundo conexões preferenciais e não aleatórias, como previsto por Erdős e Rényi.

A teoria das redes aleatórias de Erdős e Rényi, introduzida em 1959, diz que se a rede é grande quase todos os nós terão aproximadamente o mesmo número de links, a despeito da colocação completamente aleatória de links.[130] Mas, para Barabási (2003), nas redes reais não há um tipo de nó característico, não há uma dimensão intrínseca nessas redes. Em muitas redes do mundo real, a distribuição de grau, ou seja, a probabilidade de distribuição do número de conexões dos nós por toda a rede (PEREIRA; FADIGAS; SENNA; MORET, 2011; BARABÁSI, 2012), apresenta tipicamente uma cauda longa: a maioria dos nós possui menos da metade do número médio de ligações, enquanto há uma pequena fração de *hubs* que aparecem muito mais bem conectados do que a média (WATTS, 2004).[131] A distribuição de graus segue a lei de potência livre de escalas.[132] Sua característica é que muitos eventos pequenos coexistem com alguns muito grandes. Isso indica que, nas redes reais, não há um tipo de nó característico; não há uma dimensão intrínseca nessas redes.

Combinando crescimento e ligação preferencial, Barabási e Albert (1999) explicaram os *hubs*. As leis de potência (*power law*) que formularam em termos matemáticos encaminham a noção de que poucos grandes eventos conduzem a maioria das ações, e a topologia livre de

---

nós conhecemos hoje, a partir do recurso sistemático à representação matricial dos dados relacionais (MERCKLÉ, 2004).

[130] Segundo Barabási (2003), o universo randômico de Erdős e Rényi é dominado por médias; iguala complexidade a aleatoriedade. Contudo, conforme se adicionam mais links, a distância entre nós subitamente colapsa e com poucos passos se alcançam todos os nós. "Mundos pequenos" é uma propriedade genérica das redes em geral. *Hubs* (os nós mais conectados) aparecem na maioria das grandes redes complexas; eles dominam a estrutura das redes, fazendo-as assemelhar-se a mundos pequenos. *Hubs* são um alicerce (*building block*) genérico para nosso mundo complexo e interconectado, diz o autor.

[131] Por essa razão o grupo de pesquisa de Barabási (2003) descreveu redes com distribuição de grau do tipo lei de potência (*power-law*) como livres de escala (*scale-free*), termo que se infiltrou nas maiorias das disciplinas que tratam redes complexas.

[132] Ela descreve uma curva diferente do gráfico tipo "sino", ela não possui um pico. Um histograma seguindo a lei de potência é uma curva continuamente decrescente (BARABÁSI, 2003).

escala evidencia a existência de princípios organizadores agindo em cada estágio do processo de formação da rede (BARABÁSI, 2003). Por sua vez, os achados de Watts e Strogatz (1998)[133] permitiram a identificação de uma classe universal de redes, uma família de redes que compartilham algumas propriedades (pequena dimensão da rede e densos aglomerados) independentemente de suas particularidades individuais. Com isso métricas e modelos idealizados para resolver questões de redes sociais podem ser utilizados em outras disciplinas (WATTS, 2004).

Esses e outros trabalhos da por vezes chamada "nova" ciência das redes aportaram ideias, introduziram técnicas e métricas, seja tomando emprestado ou mesmo "redescobrindo" o que já há tempos matemáticos, economistas e sociólogos desenvolviam. Eles contribuíram para a síntese interdisciplinar de novas técnicas de análise, que conta com um grande poder de computação e um volume de dados empíricos sem precedentes (WATTS, 2004).

Seguindo essa tendência, o uso dessas técnicas e métricas será incorporado ao estudo de relações abstratas entre entidades discretas, como é o caso de palavras extraídas da escrita, que compõem o que Watts (2004) chama de redes "simbólicas", em oposição a redes "interativas", cujos links descrevem interações tangíveis capazes de transmitir informação, influência ou material. No caso das primeiras, ele adverte, frequentemente não fica claro como métricas de rede, tais como grau, tamanho do caminho e centralidade, devem ser interpretadas do ponto de vista de suas consequências para determinados processos sociais, físicos e biológicos.

Essa observação de Watts (2004) serve como advertência para os que buscam obter os significados veiculados em textos com uso desse ferramental. Além disso, deve-se lembrar com Mercklé (2004) que a caracterização de uma rede pela observação das relações que a constituem, pela observação da sua forma, passa necessariamente pela definição das relações e, portanto, pela atenção a seu conteúdo. A questão do conteúdo não pode ser retirada da análise das estruturas sem o risco de perder de vista a complexidade das situações individuais.

O presente trabalho se apoia em representações de conversações estabelecidas em páginas Facebook de grupos na forma de palavras em rede e nos indicadores da teoria dos

[133] Watts e Strogatz encontraram em seus estudos que poucos links extras são suficientes para fazer decrescer drasticamente a separação média entre os nós da rede. Esses poucos links não mudarão de modo significativo o coeficiente de aglomeração (*clustering coefficient*) – uma medida de densidade local. Grandes redes não necessitam estar cheias de links aleatórios para mostrar características de pequenos mundos; poucos links farão o trabalho (BARABÁSI, 2003). Os autores afirmam que mesmo pequenas modificações na estrutura da rede podem levar a grandes mudanças em seu comportamento dinâmico (WATTS, 2004).

grafos para a descoberta e esclarecimento de seus significados. Pistas fornecidas pela análise textual e pela análise visual das redes de palavras servirão à captura das principais declarações de grupos italianos e brasileiros acerca do espaço urbano em cuja defesa se engajam. Essas declarações reúnem conceitos que representam as características percebidas mas também aquelas desejadas para esse espaço e qualificam as ações tomadas pelos representantes públicos e por outros atores relacionadas às condições em que as cidades se encontram. A exploração dos valores e motivações expressos nas conversações em rede ajudará a desvelar respostas às questões de pesquisa.

4.1 Rede de palavras: Texto em terceira dimensão

Análise de texto se refere a um conjunto de técnicas para o estudo da comunicação social que permite o acesso a significados, valores, normas sociais através da linguagem e de expressões simbólicas veiculadas em textos e imagens em seus vários suportes (POPPING, 2000; VAN ATTEVELDT, 2008). Carley (1993) e Alexa (1997) citam inúmeras técnicas de análise textual e dizem que, no âmbito das ciências sociais, a análise de conteúdo predomina.[134] Alexa (1997) define análise de texto como um campo de práticas, e a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas para prover interpretação de texto. Para Popping (2000) os termos análise de texto e análise de conteúdo são intercambiáveis: esse tipo de análise permite ao investigador, a partir de textos e seu contexto, tornar explícitos vários aspectos dos processos sociais, obter uma compreensão melhor e fazer inferências válidas e replicáveis sobre eles. Lima (2003) diz que respostas à questão "o que quer dizer esse texto?" foi fornecida pela análise de conteúdo, por vezes também chamada de análise de texto.[135]

A análise de texto floresceu por volta da Segunda Guerra Mundial, sendo utilizada para responder a questões como: quão frequentemente uma palavra ou termo específico ocorre em

[134] Entre as técnicas de análise textual Carley (1993) e Alexa (1997) citam hermenêutica computacional; análise de concordância; análise de conteúdo; análise conversacional; técnicas de base de dados para a realização de estudos etnográficos e qualitativos; análise do discurso; análise de conteúdo linguístico; gramáticas semânticas; análise de protocolo; análise processual de tarefas; análise de proximidade, análise de mapa, etc.

[135] Bardin (1977) definiu análise de conteúdo como um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a "discursos" diversificados, referenciados essencialmente a trabalhos em análise das comunicações desde o princípio do século XX nos Estados Unidos, e que se desenvolveram destacadamente nos departamentos de ciências políticas. Lima (2003) critica esse uso do termo "discurso" – um termo baseado em reflexões teóricas de Michel Pêcheux, que trata o discurso como instrumento da prática política e que, portanto, atua modificando a demanda social, o que, segundo ela, seria indiferente aos analistas de conteúdo. Para ela, as grandes diferenças da análise de conteúdo em relação à análise do discurso estão no estudo do conteúdo das palavras e não no funcionamento do discurso na produção de sentidos e na suposição de transparência das palavras assumida pela primeira.

um texto? quantos artigos examinam tópicos específicos? Em seguida, a análise de valência foi utilizada para se observar a conotação positiva ou negativa dada a temas; num terceiro momento, entre os anos 50 e 60 do século passado, assinalaram-se pesos a temas e palavras para indicar a intensidade relativa de avaliações e assertivas (POPPING, 2000). Permaneceu como método descritivo até por volta dos anos 1960. As técnicas estatísticas disponíveis, especialmente análise de associação e de correlação, permitiam investigar associações (ou "contingência") entre características textuais.[136]

No final dos 1960, pesquisadores começaram a utilizar o computador para classificar e contar palavras e frases em "categorias de sentido", com o objetivo de codificar os termos sem interferência humana, de acordo com um esquema de codificação predefinido.[137] Segundo Popping (2000), o fato de as palavras e frases terem sido tabuladas, categorizadas, correlacionadas e interpretadas, mas tomadas fora do seu contexto, levou, naquele momento, à perda de confiança no uso do método. Autores encontraram, para o período de 1977 a 1986, uma grande expansão no número de artigos publicados utilizando as técnicas de análise de texto, particularmente em pesquisas em Comunicação; nos anos 1990 houve grande crescimento no seu uso em Sociologia (POPPING, 2000).

Muitas análises de texto assistidas por computador surgem por volta dos anos 1980, com preponderância da análise de texto tradicional, a chamada análise temática. Nela o teste das hipóteses se dá através da investigação da frequência de ocorrência de palavras em frases categorizadas em um conjunto de temas. Análise de associação também pode ser feita através da simples quantificação da ocorrência e da coocorrência[138] de palavras no texto, sem restringi-las a temas preestabelecidos. A partir de medidas de ocorrência, correlações entre os conceitos podem ser computadas; a partir de medidas de correlação entre conceitos, podem ser aplicadas outras técnicas, como análise de *cluster*, análise de fator, análise de caminhos, etc. (POPPING, 2000).

---

[136] Análise de contingência fundamenta-se na observação de que a existência de conexões entre dadas características denotam um fato específico. O objetivo desse tipo de análise é calcular a associação entre medidas de ocorrência e fazer inferências sobre como conceitos estão relacionados e sobre o significado do padrão de associação obtido (POPPING, 2000).

[137] Muitas análises de texto foram realizadas por pesquisadores em Harvard, quase exclusivamente com uso do programa de computador The General Inquirer, para classificar e contar palavras e frases em "categorias de sentido", com uso de dicionário de palavras para cada categoria (POPPING, 2000; VAN ATTEVELDT, 2008).

[138] A análise de coocorrência de palavras pareadas e de suas respectivas categorias começa com o trabalho de Osgood e seus colegas, que propuseram a utilização de unidades de contexto fixos de 120 palavras para analisar associações de conceitos nas falas da clientela psicanalítica americana e de leitores de jornais. O pressuposto básico é que as palavras e os conceitos-chave tendem a ocorrer juntos relativamente próximos na comunicação em linguagem natural (BRIER; HOPP, 2010).

Embora a frequência de ocorrência de um termo seja tomada como indicadora da importância de um tema no texto, a ocorrência de termos com a mesma frequência num conjunto de textos não denota que sejam empregados com o mesmo significado,[139] tampouco a covariância dos termos no texto indica a relação existente entre eles (CARLEY, 1993).

Na análise de conteúdo temática, não é possível responder a questões de pesquisa diversas com o uso dos mesmos dados, em consequência daquilo que van Atteveldt (2008) denomina de gap semântico. Esse gap se estabelece no confronto entre o nível de abstração requerido pelo pesquisador e o fato de que as palavras geralmente se referem a atores e questões concretas, impondo ao codificador a tarefa de julgar se o ator ou a questão estão incluídos no conceito. Um outro problema se encontra no fato de que, uma vez que são utilizadas categorias e variáveis não-estruturadas (por exemplo, a frequência de padrões específicos de relações) para medir fenômenos complexos, o codificador é desafiado a converter textos complexos em simples escores, o que, mais uma vez, exige interpretação. Essas dificuldades, ele diz, requerem que os dados se mantenham o mais próximo possível do texto do ponto de vista semântico, condição necessária para a combinação ou reuso das bases de dados.

Análise semântica de textos, por sua vez, é um tipo de análise de conteúdo que expande a possibilidade de respostas às questões de pesquisa. Há também contagem de conceitos, mas, diferentemente da análise temática, há ainda a contagem das relações entre conceitos. A codificação dessas relações permite testar hipóteses mediante análises estatísticas de uma matriz de dados, sendo que as ambiguidades da linguagem natural são contornadas através do uso de gramáticas semânticas, que indicam quais relações podem ser encontradas e permitem considerar o contexto das frases (POPPING, 2000).

Dados da linguagem natural sofrem um processo de tradução para formas estruturadas isomorfas que servirão a mecanismos de inferência. São então transformados mediante processos de abstração com vistas a preservar e revelar entidades e relações explícitas ou implicitamente representadas nos dados de entrada (DIESNER; CARLEY, 2011).[140] Cada frase é então codificada de acordo com o sentido pretendido – seja ela uma descrição, seja ela um julgamento. A construção do corpus de análise assistida por computador envolve, portanto, a conversão e a seleção de grupos de palavras considerados como unidades de

[139] O critério de frequência, no entanto, serve para definir os limites a partir dos quais um termo deve ou não ser selecionado (ALEXA, 1997).

[140] A transformação tem por objetivo diminuir a dimensionalidade dos dados de entrada e capturar as inter-relações estruturais relevantes (DIESNER; CARLEY, 2011).

análise e sua categorização segundo um esquema que pode ser realizado a priori ou emergir do processo. No primeiro caso, assume-se uma perspectiva confirmatória, enquanto no segundo assume-se uma perspectiva exploratória (POPPING, 2000; ALEXA, 1997).[141]

A escolha dos termos e relações a serem extraídos exige conhecimento prévio do domínio e do contexto da própria pesquisa, com os pressupostos necessários à inferência de respostas às questões colocadas. Isso compreende a forma como os termos são categorizados e, juntamente com a escolha dos mesmos, determina de certo modo a interpretação do texto e, portanto, do contexto da análise de conteúdo (VAN ATTEVELDT, 2008). Uma vez que ligações entre conceitos foram estabelecidas, podem-se construir redes de conceitos semanticamente ligados, e expandir a análise das relações entre conceitos para além da sua coocorrência na frase.[142]

Se, na análise semântica, a relação entre pares de conceitos, e portanto as díades,[143] é que são exploradas, na abordagem em rede, as informações contidas nas declarações formadas por dois conceitos relacionados são amalgamadas e analisadas em termos de ligações, cadeias e agrupamentos de conceitos (POPPING, 2000). É exatamente o que faz a chamada Network Text Analysis (NTA)[144] para capturar a semântica de um ou de um conjunto de textos a partir da representação de uma rede de palavras.[145]

---

[141] Na abordagem confirmatória, as palavras são definidas independentemente e anteriormente a qualquer codificação textual, enquanto na abordagem exploratória as palavras são tiradas dos textos. Neste último caso, o pesquisador continuamente identifica novos conceitos que podem ser exatamente as palavras usadas pelo autor do texto ou podem ser generalizações dessas palavras, o que incrementa o nível de comparabilidade entre os mapas resultantes (CARLEY; PALMQUIST, 1992). Popping (2000) denomina esta última de abordagem representacional. Aqui os textos seriam usados como meio para compreender o significado atribuído pelas fontes. Nesse caso o mapeamento dos conceitos exigiria bastante compreensão do contexto de origem do texto por parte do codificador.

[142] Van Atteveldt (2008) sugere que se mantenha o contexto o mais amplo possível na fase de extração dos conceitos e, desse modo, se postergue o momento do mapeamento das estruturas complexas para variáveis não-estruturadas que responderão às perguntas de pesquisa. A separação clara entre processos de extração e consulta em análise de redes semânticas permitiria, assim, o uso da rede para responder a diferentes questões, o que resolveria os problemas associados com a estreita ligação entre questão de pesquisa e medição como ocorre na análise de conteúdo temática.

[143] Díade é a relação entre dois elementos. Constitui uma escala de observação que torna impossível a análise das relações entre relações, do modo como a relação entre dois indivíduos influencia as relações desse indivíduo com um terceiro (MERCKLÉ, 2004).

[144] Network Text Analysis (NTA) tem origem em técnicas tradicionais para indexar relações entre conceitos, agrupamento sintático de palavras e vinculação hierárquica/não-hierárquica de palavras. Baseia-se na suposição de que a língua e o conhecimento podem ser modelados como redes de palavras e suas relações. Analisa a existência, as frequências e a covariância de termos e temas, e deriva o significado de termos e temas pela análise das relações entre eles (DIESNER; CARLEY, 2004).

[145] Trata-se de um tipo de análise semântica que lida com o gap de abstração referido por van Atteveldt (2008) mantendo os objetos tão próximos do texto quanto possível durante a fase de extração dos conceitos, os quais serão agregados ao longo de uma hierarquia na etapa de consultas à rede.

Redes semânticas[146] são representações estruturadas do conhecimento voltadas para a compreensão e elaboração de inferência (DIESNER; CARLEY, 2011).[147] Na rede semântica nós são conceitos – representações abstratas de ideias, pensamentos, unidades de conhecimento e de significado –, e links estabelecem uma associação significativa entre pares de conceitos.[148] Uma vez construída, a representação da rede é então consultada para responder às questões de pesquisa. Conceitos e suas ligações podem então ser caracterizados de acordo com sua posição na rede.[149]

A análise de textos passa assim a incorporar medidas desenvolvidas em análise de redes sociais e vai servir ao estudo de grupos sociais, particularmente na abordagem de análise de mapas mentais construídos a partir da perspectiva de seus membros.[150] Diferenças na distribuição dos conceitos e dos relacionamentos entre eles provêm insights acerca de similaridades e diferenças no conteúdo e na estrutura dos textos (CARLEY, 1993). Uma vez

---

[146] Redes semânticas foram implementadas inicialmente para inteligência artificial e tradução automática (*machine translation*). O que há de comum em todas essas redes é uma representação gráfica declarativa que dá suporte a sistemas automatizados na geração de conhecimento (SOWA, 1992). Embora tanto a notação gráfica como a notação linear possam expressar informações logicamente equivalentes, ainda que com convenções sintáticas diferentes, um dos principais argumentos em favor da notação gráfica é a facilidade de leitura por humanos. A notação gráfica tem valor heurístico, auxilia a descoberta de padrões e provê insights, o que seria impossível com uso da notação linear, diz Sowa (1992).

[147] O conhecimento é representado numa estrutura de grafo em padrões de nós e arcos interconectados (SOWA, 1992), ou, numa linguagem matemática, padrões de vértices conectados por arestas (no caso de relacionamento não direcionado) ou arcos (no caso de relacionamentos direcionados) (LEMIEUX; OUIMET, 2008). Na linguagem das ciências da computação, triplas unindo objeto-conector-objeto, juntas, formam uma rede de objetos, composta por nós e seus respectivos links (VAN ATTEVELDT, 2008).

[148] Se os links possuem tipos, esses explicam a natureza do relacionamento entre conceitos (DIESNER; CARLEY, 2011).

[149] A possibilidade de recuperar a rede de conceitos a partir da ativação de um nó da rede fornece uma expansão à metodologia de análise de conteúdo tradicional, pois é capaz de identificar a proeminência de palavras com base em sua colocação nas redes de conceitos e não na proeminência individual dos termos tomados como independentes e não condicionados entre si (DIESNER; CARLEY, 2011). Mas apenas à medida que se compreende como os conceitos estão ligados na rede é que se pode interpretar medidas relacionadas às "posições" de conceitos específicos (POPPING, 2000).

[150] Análise de mapa consiste em uma família de técnicas que enfatizam conceitos e suas relações e contemplam diferentes perspectivas na busca do relacionamento entre conceitos, seja a partir de uma semântica simples, seja por proximidade, ou segundo uma perspectiva linguística Termos alternativos incluem mapeamento cognitivo, análise de modelo mental, análise de estrutura (*frame*), análise de rede cognitiva, análise de esquema, análise relacional (CARLEY, 1993). Segundo a autora, vários pesquisadores utilizaram técnicas baseadas em análise de conteúdo para extrair "mapas" limitados a um tipo particular de relação e analisar textos mediante a codificação do conteúdo segundo categorias e relações pré-definidas. Na "análise de contingência", o pesquisador busca a coocorrência de dois conceitos em uma unidade de texto – técnica semelhante à análise de proximidade de Danowski (1982). Essas técnicas se concentram em contagens seja de padrões pré-definidos, seja de conceitos emparelhados. A autora menciona, ainda, abordagens linguísticas, mas nesse caso, a ênfase recai sobre linhas de história, temporalidade dos eventos e/ou procedimentos. Ela ressalta que textos codificados a partir de uma perspectiva linguística podem ser representados e analisados como mapas, embora isso raramente seja feito. Dificuldades sintáticas adicionais na codificação de textos, nessa perspectiva, muitas vezes levariam os pesquisadores a considerar esta abordagem fundamentalmente diferente das abordagens semânticas e de proximidade mais simples.

que contempla a análise de conteúdo, os resultados também podem ser analisados a partir de uma perspectiva tradicional.[151]

4.2 Palavras em rede: Captura da semântica

Na última década do século passado, análises que iam além da inspeção visual começavam a considerar a conectividade[152] entre conceitos através do exame de sua densidade (número de conceitos com os quais o conceito está ligado), para se fazerem inferências acerca de sua proeminência comunicativa. Quanto maior a densidade, maior a extensão do conceito, quanto mais indivíduos compartilham links e conceitos ligados a um conceito focal, maior seria o consenso social. Por sua vez, a condutividade de um conceito aumentaria conforme cresce o número de caminhos ligando-o a outros conceitos focais, o que o coloca no cruzamento de vários caminhos da rede. Isso denotaria a capacidade de uma expressão funcionar como porta por onde as ideias fluem através dos muitos caminhos da rede (CARLEY; KAUFER, 1993). Os autores enfatizam as conexões entre conceitos para representar o significado de mensagens. Para tanto, aplicam medidas associadas à topologia da rede semântica.[153]

Carley e Palmquist (1992) utilizaram Network Text Analysis na construção de modelos mentais, com auxílio de software.[154] Para representar esses modelos, as declarações (formadas por conceitos relacionados entre si) são apresentadas como redes de conceitos

[151] Por tornar possível examinar os dados graficamente e estatisticamente, análise de mapa permitiria ao pesquisador ficar próximo ao texto e utilizar a capacidade inferencial de técnicas quantitativas para aumentar técnicas qualitativas (CARLEY, 1993).

[152] Vários autores exploraram variações da ideia de que o significado é determinado pela conectividade de conceitos do ponto de vista semântico dentro de dados contextos sociais, entre eles Bakhtin, Cicourel, Foucault, Garfinkel, Richard, Vygotsky, Wittgenstein (CARLEY; KAUFER, 1993).

[153] Para Carley e Kaufer (1993) densidade de um conceito focal é o número de conceitos aos quais ele está diretamente ligado, independentemente da direção da ligação (link que começa ou termina no conceito). A condutividade total de um conceito focal é medida pela multiplicação do número de conceitos que levam diretamente a ele pelo número de conceitos que partem dele. Consenso é medido através do número de links que atingem determinado limiar.

[154] No final dos anos 1970, cientistas cognitivistas começaram a falar de conhecimento geral representado em modelos mentais, sem associá-los a nenhum tipo de estrutura (JOHNSON-LAIRD, 2004). Modelos mentais representam sinais (*tokens*) que representam indivíduos e identidades entre eles. Podem representar relações espaciais ou causais entre eventos; servem para explicar, prever ou controlar. Modelos mentais esclarecem os processos exibidos pelos seres humanos e podem ser realizados em computador (GARDNER, 1996). Carley e Palmquist (1992) comentaram esforços para a representação de modelos mentais – análise de conteúdo, mapeamento procedural e mapeamento cognitivo. Análise de conteúdo, como dito, examina o conteúdo de textos escritos e generaliza a partir de frequências com que palavras em particular são utilizadas nesses textos. Mapeamento procedural tenta caracterizar procedimentos implícitos e explícitos usados por falantes ou autores para realizar uma dada tarefa. Mapeamento cognitivo é uma tentativa de representar a organização (relacionamentos) de conceitos na memória, organização referida pelos autores como estrutura cognitiva CARLEY, 1990).

compartilhados. Os autores propõem um processo geral para a extração, representação e análise de modelos mentais que pode ser utilizado numa série de aplicações. O primeiro passo consiste na identificação de conceitos para sua extração.[155] Em seguida os relacionamentos devem ser definidos. Relacionamentos entre conceitos podem ter direcionalidade (uni/bidirecional), força (presença ou intensidade), sinal (positivo/negativo) e significado (tipo de relacionamento). O pesquisador deve especificar como força, sinal, direcionalidade e significado serão usados:

- Força pode ser usada para denotar se a declaração se encontra no texto; pode também denotar a valência, ao indicar uma relação positiva ou negativa entre conceitos; pode denotar a ênfase dada no texto a esta relação e também o seu nível de uso, pelo número de ocorrências da declaração.[156]
- Sinal pode ser positivo ou negativo, a depender de como o conceito foi definido – se todos os conceitos são definidos em termos positivos, então será necessário haver relacionamento negativo; de modo contrário, se os conceitos são definidos como positivos e negativos separadamente, então todos os relacionamentos podem ser positivos.
- Direcionalidade determina se o conceito antecedente se relaciona com o subsequente, assim como se o conceito subsequente se relaciona com o seu antecedente.[157]
- Significado determina o tipo de relacionamento, caso seja necessário considerar mais de um tipo de relacionamento entre um par de conceitos.

Importa aqui se o pesquisador assume uma perspectiva confirmatória ou exploratória. Se ele assume a primeira perspectiva, força, sinal, direcionalidade e significado dos relacionamentos estão predefinidos com base em considerações teóricas. Se, por outro lado, toma a perspectiva exploratória, a caracterização da força, sinal, direcionalidade e significado do relacionamento derivará dos dados (CARLEY; PALMQUIST, 1992). O pesquisador pode optar por simplesmente observar se dois conceitos estão relacionados. Nesse caso, o pesquisador assume que todos os conceitos têm a mesma força e o mesmo sinal, todos são bidirecionais e têm o mesmo significado.

[155] Eles ressaltam que o processo de extração dos dados diferirá de acordo com perspectiva adotada pelo pesquisador. Se uma perspectiva exploratória é assumida, após a identificação dos conceitos, o pesquisador pode querer desenvolver categorias de conceitos.

[156] Danowski (1982) define a força do relacionamento como uma simples contagem do número de vezes que dois conceitos estão próximos dentro do texto.

[157] Quando uma abordagem de proximidade é assumida, como aquela proposta por Danowski (1982), direcionalidade é frequentemente ignorada (CARLEY, 1993).

Após a identificação dos conceitos que serão utilizados na codificação dos textos e após a definição dos relacionamentos que podem existir entre eles, as informações são extraídas e codificadas como um conjunto de declarações. Finalmente, segue-se sua disposição em uma representação do modelo mental na forma de "mapa" para sua apresentação e análise estatística.

Diesner e Carley (2004) descrevem processo semelhante para condensar dados em conceitos e vinculá-los de acordo com regras de formação de declaração. As regras para o pré-processamento do texto e para a formação de declaração, juntas, formam o esquema de codificação. Para apoiar esse processo utilizam-se do AutoMap,[158] software desenvolvido pelo Center for Computational Analysis of Social and Organizational System – CASOS, na Carnegie Mellon University.

Durante o pré-processamento, eliminam-se palavras que não transmitem conteúdo, como, por exemplo, nomes próprios, conjunções, artigos e preposições, a depender do caso, e palavras específicas são traduzidas em conceitos mais gerais. As autoras se referem a esses processos como "exclusão" e "generalização", respectivamente.[159]

A formação de declaração é implementada nesse software com uso do método de janelas proposto por Danowski (1982).[160] Desse modo, no AutoMap, as declarações são estabelecidas com base na ligação entre uma série de conceitos adjacentes, de acordo com um comprimento de janela definido. As escolhas de formação de declaração envolvem:

- especificar a porção do texto em que declarações podem ser formadas. Estas unidades de texto são frases/sentenças, parágrafos ou todo o texto;
- definir o quão distante os conceitos podem estar um do outro e ainda assim ter um

[158] http://www.casos.cs.cmu.edu/projects/automap/

[159] A exclusão de palavras é implementada no AutoMap mediante uma lista de palavras; a generalização é implementada com o uso de tesauros. Um tesauro relaciona conceitos do conjunto de dados com os correspondentes conceitos de mais alto nível que os representam de uma forma generalizada. Ao aplicar um tesauro no AutoMap, o pesquisador deve decidir se ele quer manter apenas os conceitos de nível superior especificados no tesauro e descartar o restante do texto de entrada original (opção "*thesaurus content only*"), ou se quer traduzir os conceitos correspondentes nos respectivos conceitos de alto nível especificados porém ainda manter, no texto pré-processado, aqueles conceitos que não correspondem às entradas no tesauro (DIESNER; CARLEY, 2004).

[160] Em seus estudos da comunicação mediada por computador (mensagens privadas, conferência pública, *bulletin boards*, etc.), esse autor estabeleceu o relacionamento entre conceitos identificados em pares de mensagens com base na distância (quantidade de palavras) existentes entre eles O método envolve a segmentação da atividade de comunicação em uma estrutura de rede; a identificação de elementos do conteúdo da mensagem (conceitos); identificação de pares de mensagens (estímulo-resposta); tabulação da coocorrência de conceitos em pares de mensagens, agregadas em um segmento, e escalonamento multidimensional da matriz de coocorrência agregada para identificar o padrão de relacionamentos entre elementos de mensagem (DANOWSKI, 1982).

relacionamento;

- escolher a direcionalidade para a busca de declarações.

Nesse trabalho, Diesner e Carley (2004) mostram os impactos dessas escolhas de codificação sobre a rede resultante. Tomam um texto muito simples contendo três sentenças[161] e dois parágrafos e verificam os resultados obtidos para três distintas escolhas de unidade de texto (frase, parágrafo e texto), mantendo-se tamanho de janela e direcionalidade; para dois diferentes tamanhos de janela (2 e 3), sem variar unidade de texto nem direcionalidade do relacionamento, e, finalmente, mostram os resultados obtidos para a mudança de direcionalidade (unidirecional e bidirecional) para a mesma unidade de texto e mesmo tamanho de janela. No exemplo fornecido, muito simples, o número de relacionamentos, por exemplo, dobra conforme o tamanho de janela varia de 2 para 3, mesmo mantendo-se a direcionalidade do relacionamento.

As declarações obtidas também sofrem o impacto da eliminação de palavras realizada durante o pré-processamento do texto, segundo tenha sido escolhida a opção de eliminação direta ou retórica oferecidas pelo AutoMap. Se, ao invés de se optar pela simples eliminação direta da palavra, se opta pela eliminação na modalidade retórica, os termos eliminados são substituídos por símbolos (*placeholders*), preservando assim a distância original entre as palavras e garantindo que apenas os conceitos previamente existentes dentro de uma janela venham a formar declarações.[162]

O pesquisador deve, portanto, estar consciente de que suas escolhas afetarão os resultados, antes mesmo de se envolver na codificação e análise dos textos. Carley (1993) alerta para os riscos de generalização[163] excessiva, como por exemplo usar categorias de conceitos tão vagas de modo que distinções semânticas importantes se percam, ou

[161] Sentença é uma unidade gramatical contendo uma ou mais palavras (CARLEY; COLUMBUS; LANDWEHR, 2013). Coincide com a definição de frase: "um enunciado de sentido completo, a unidade mínima de comunicação" (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 119) que pode ser constituída de uma única palavra ou de várias, incluindo ou não um verbo. Nesse trabalho ambos os termos são tomados de maneira intercambiável.

[162] As autoras apresentam um trabalho que analisa o impacto de algumas escolhas sobre a formação de declarações. O estudo mostrou que se encontram mais declarações e redes mais densas no caso de adjacência direta do que no caso de adjacência retórica. Os gráficos com o número de declarações encontradas para adjacência retórica e para adjacência direta vão se interceptar em primeiro lugar para o nível da sentença, em seguida, em nível de parágrafo e, depois, em nível de texto; o número de declarações e densidades da rede estabilizam-se a partir de um certo tamanho de janela (DIESNER; CARLEY, 2004).

[163] Generalização envolve mapear um conceito para outro. Em geral, quanto mais complexo é o conceito que se está tentando generalizar menos provável é que sinônimos específicos apareçam no texto. Quanto ao nível de generalização adotado, ela diz: quando o tempo verbal é ignorado ou todos os pronomes são convertidos em nomes próprios existe uma maior comparabilidade entre os textos, mas a custo de perda de informações. Por outro lado, a generalização excessiva pode levar a conceitos vagos que podem apagar a diferenciação entre os textos (CARLEY, 1993).

excluir/incorporar informação irrelevante, e fornece mesmo o número de conceitos para ela suficientes para a representação do conhecimento em um dado tópico.[164] Ela previne ainda para o fato de que, caso se opte por localizar conhecimento implícito além daqueles explicitados no texto, isso exigirá, mais do que generalização, o esforço para determinar em um conjunto de conceitos quais outros conceitos estão faltando, o que torna mais difícil a automatização do processo, pois tais escolhas requerem interpretações semânticas e culturais dos dados.[165] De toda maneira, a presença das mesmas palavras não garante que possuam o mesmo significado, seja porque as definições a elas atribuídas são diversas, seja porque a mesma palavra está colocada em posições sintaticamente distintas, ou porque a mesma palavra é utilizada em vários contextos semânticos.

4.3 Conceitos em rede: Estrutura e significado

Índices associados à análise estrutural de redes são utilizados com o objetivo de melhorar a compreensão do texto, aportando uma abordagem quantitativa à análise qualitativa dos dados. Diesner, Kumaraguru e Carley (2005) usaram NTA para analisar modelos mentais que representaram a percepção de indianos acerca de privacidade e segurança de dados.[166] Extraíram mapas para cada texto, que foram comparados mediante estatísticas básicas relativas ao número de conceitos e à quantidade de relacionamentos encontrados. Para analisar a importância dos conceitos, os autores aplicaram os seguintes índices de centralidade (FREEMAN, 1977; BONACICH; LLOYD, 2001) no mapa resultante da união de todos os mapas obtidos, com apoio do software Ucinet, pacote de software destinado ao tratamento de dados de redes sociais.[167]

- Grau (*Degree*) mostra o número de conceitos diretamente ligados a um dado conceito.

[164] A autora menciona um total de 100 a 500 conceitos como suficiente para codificar o conhecimento em um tópico específico em qualquer ambiente sociolinguístico.

[165] A capacidade de extrair conceitos implícitos é vital para muitas pesquisas quando o sentido se perde na medida em que apenas conceitos explícitos são usados. O uso de conceitos implícitos permite comparar textos em termos de significados subjacentes compartilhados e conhecimento social (CARLEY, 1993).

[166] Para obter os conceitos mais relevantes para o estudo, os autores iniciaram por generalizar conceitos: traduziram conceitos relevantes encontrados nos textos (obtidos em entrevistas) em conceitos de nível superior, mais abstratos. Os conceitos relevantes foram identificados com base no conhecimento prévio dos autores sobre a privacidade de dados e segurança, mas também pela observação da distribuição de conceitos nos textos para a identificação de termos relevantes frequentemente usados. Para estabelecer a ligação entre conceitos, utilizaram o método de janelas, proposto por Danowski (1982). Para a formação de declarações, utilizaram o AutoMap; especificaram a porção do texto em que declarações poderiam ser formadas; a distância máxima admitida para se estabelecer o relacionamento entre conceitos, assim como a sua direcionalidade. Não utilizaram a valência das ligações (DIESNER; KUMARAGURU; CARLEY, 2005).

[167] https://sites.google.com/site/ucinetsoftware/history

Centralidade de grau foca a importância de um vértice (nó) através das conexões que este estabelece com os seus vizinhos, e é quantificada pelo grau do vértice (FADIGAS *et al*., 2009).

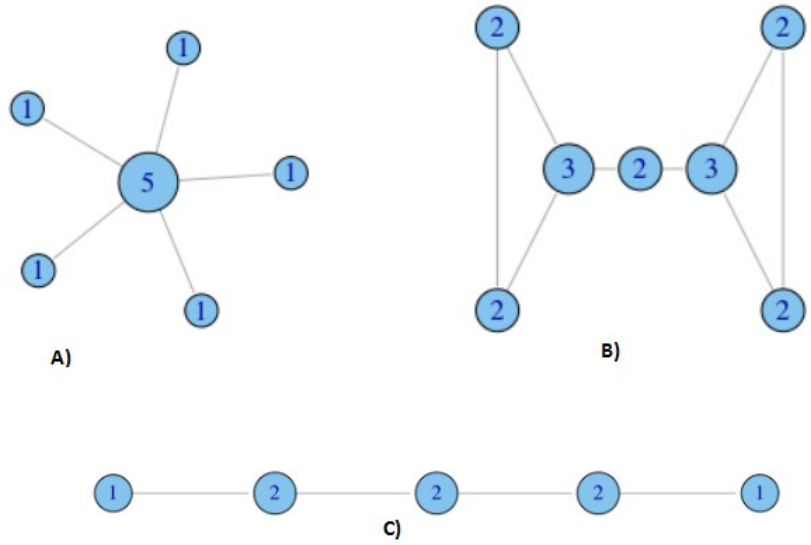
- Centralidade de proximidade (*Closeness centrality*) descreve o quão perto um conceito está de todos os outros conceitos. "Este índice tenta capturar não só a importância local de uma palavra em relação aos vizinhos mais próximos, mas em relação a toda rede de palavras" (FADIGAS *et al.*, 2009).
- Centralidade de intermediação (*Betweenness centrality*) mostra quantas vezes um conceito está posicionado no caminho mais curto entre quaisquer outros pares de conceitos. Vértices localizados em muitas geodésicas[168] são centrais em uma rede por permitirem o fluxo de informação na rede (FADIGAS, 2011).
- Centralidade de autovetor (*Eigenvector centrality*) diz quão perto um conceito está de outros conceitos que são importantes no que diz respeito ao grau. A importância de um vértice aumenta à medida que seus vizinhos são, eles mesmos, importantes. A cada vértice é atribuído um escore que é proporcional à soma dos escores de seus vizinhos (FADIGAS, 2011).

Os autores obtiveram um ranking considerando os quatro índices de centralidade para chegar a compreender a percepção dos indianos acerca da privacidade e segurança de dados.

O papel e a importância jogados por cada conceito nas declarações dos entrevistados dependem em grande medida da posição que ocupam na rede. A figura a seguir ilustra de modo esquemático como nós, a depender a sua posição na rede, desempenham papéis diferenciados do ponto de vista da sua centralidade de proximidade e centralidade de intermediação, independentemente de sua centralidade de grau.

[168] O autor se refere ao menor caminho entre dois nós. O caminho geodésico entre os nós *i* e *j* é aquele que contém o menor número de links (BARABÁSI, 2012).

Figura 2 – Centralidade de grau x posição do nó na rede – Esquema ilustrativo



Fonte: Adaptado de imagem veiculada no curso online *Social Networks Analysis*, oferecido pela Universidade de Michigan, gratuitamente, na plataforma Coursera.
Obs.: Os números refletem o grau do nó da rede.

A rede estrela A) apresenta o conceito mais central do ponto de vista da centralidade de grau, de proximidade e de intermediação. A rede B) ilustra como nós com centralidade de grau de maior valor nem sempre são os de maior valor do ponto de vista da sua capacidade de intermediação na rede. O terceiro esquema de rede mostra como, ainda que possua o mesmo valor do ponto de vista das suas conexões imediatas, um nó – no caso o terceiro da esquerda para a direita – consegue alcançar com menor número de passos qualquer um dos outros nós da rede (centralidade de proximidade).

Diesner e Carley (2005) propõem um método em que usam o modelo de meta-matriz[169] como uma ontologia para estender a Network Text Analysis (NTA) em geral, em particular a análise de mapas. A meta-matriz provê uma hierarquia limitada para estruturar a rede de conceitos: define um conjunto de classes de entidades e um conjunto de classes de relações.[170] Entre quaisquer duas classes de entidade pode haver uma ou mais classes de relações.[171] A abordagem da meta-matriz para NTA revela os relacionamentos dentro e entre os elementos

[169] A abordagem de meta-matriz é utilizada para descrever a estrutura social em termos de redes de conexões entre pessoas, organizações, recursos, atividades, e assim por diante (DIESNER; CARLEY, 2005).

[170] As autoras utilizam uma forma simples de ontologia na qual são identificadas quatro classes de entidades – pessoas, recursos (ou conhecimento/habilidades), atividades ou eventos e grupos ou organizações. A meta-matriz define um conjunto de classes de entidades e um conjunto de classes de relações entre elas. Há, portanto, uma rede de conceitos onde os nós são conceitos, há uma rede de entidades onde os nós são as classes de entidade e, finalmente, há a rede conectando os conceitos às classes de entidade (DIESNER; CARLEY, 2005).

[171] Um processo de inferência é utilizado tanto para extrair a rede de conceitos quanto para classificar essa rede com base na ontologia da meta-matriz. Os links, ou relações, entre conceitos são extraídos com base na informação semântica, sintática e contextual dada no texto (DIESNER; CARLEY, 2005).

que compõem a rede e que foram classificados a priori de acordo com o modelo. Assim pretende-se superar o gap existente entre a NTA e a análise de textos mais interpretativa.

Com essa abordagem as autoras fornecem aos analistas uma nova técnica de extração de redes textuais que revela o significado dos conceitos tanto pelos conceitos aos quais os conceitos estão conectados quanto pelo tipo de classe de entidade no qual eles se enquadram. E, mais que revelar significados, elas atribuem ao método a capacidade de também revelar a estrutura social representada nos textos através das sub-redes a seguir.

Quadro 1 - Meta-matriz – Conceitualização original

Entidades	**Pessoas**	**Conhecimentos/ Recursos**	**Eventos/ Atividades**	**Grupos/ Organizações**
Pessoas	Rede social	Rede de conhecimentos/ Rede de recursos	Rede de comparecimento/ Rede de atribuição	Rede de membros
Conhecimentos/ Recursos		Rede de informação/ Rede de substituição	Rede de necessidades	Capacidade organizacional
Eventos/ Atividades			Ordenação temporal Fluxo de atividades/ Precedência	Suporte institucional ou ataque
Grupos/ Organizações				Rede interorganizacional

Fonte: Diesner e Carley (2005).

As autoras utilizaram o AutoMap para gerar dados da meta-matriz (e da submatriz), que foram analisados com auxílio do ORA,[172] um pacote de software de análise estatística desenvolvido por CASOS, da Carnegie Mellon University.

Paranyushkin (2012) também parte da ideia da existência de constante processo de interação entre conceitos, que entram em relação e produzem significado. Significados podem ser totalmente distintos ainda que com o uso do mesmo vocabulário. O autor assume que quanto mais perto entre si as palavras apareçam no texto tanto mais relacionadas elas estarão. Portanto, para representar textos, ele escolhe utilizar palavras como nós da rede e sua proximidade como relacionamento entre elas.

Segundo ele, a representação visual do texto como grafo pode ajudar a melhorar a compreensão do texto ao prover referências para a recuperação de informação subjacente, representar a força da associação entre agrupamentos de palavras, os contextos e as dinâmicas dos múltiplos discursos ali presentes. O autor utiliza ferramentas de análise de grafos para a detecção de comunidades de conceitos inter-relacionados[173] e para encontrar os conceitos mais

[172] ORA apoia a análise e visualização de uma ou mais redes e que pode ser usado para avaliar a natureza, características, mudanças e determinantes de sistemas complexos (CARLEY *et al.*, 2013). Ver http://www.casos.cs.cmu.edu/projects/ora/

[173] Comunidade é a reunião de vértices (nós) em grupos de modo que existe uma maior densidade de links dentro

influentes.[174]

O método utilizado para registrar a coocorrência de palavras é muito similar ao descrito por Carley e Palmquist (1992). Para visualização da rede, o autor utiliza o Gephi,[175] software para visualização e exploração de redes, com o qual obtém um layout que evidencia nós conectados em torno dos respectivos *hubs*. A estrutura das redes é caracterizada por meio dos seguintes índices: grau médio, diâmetro, caminho médio, coeficiente de aglomeração e densidade.[176] Segundo o autor, quanto maior é o grau médio, mais bem conectado será o texto, e quanto maior é o caminho médio e o diâmetro da rede, maior será a diversidade dos tópicos apresentados.

O autor então verifica as palavras mais influentes de acordo com sua centralidade de intermediação (*betweenness centrality*). Quanto maior a frequência em que a palavra se posiciona no caminho mínimo entre quaisquer outros nós da rede, maior a importância do nó em relação à conectividade da rede como um todo. Nós que atuam como pontes que conectam comunidades distintas terão maior valor para a centralidade de intermediação. Esses conceitos formam a espinha dorsal daquilo que o autor chama de "circulação do significado" no texto. As comunidades serão mais proeminentes à medida que englobarem as palavras mais influentes.

Drieger (2013) propõe modelar textos como redes de conceitos conectados que codificam em sua estrutura um campo semântico representado pela adjacência dos nós.[177] A análise da topologia da rede dá pistas para a análise de nós e de comunidades, que, como

---

dos grupos do que entre eles. Não há uma definição precisa do que uma comunidade seja (CLAUSET; NEWMAN; MOORE, 2004).

[174] Paranyushkin (2012) cita trabalhos similares ao seu, mas diz que esses frequentemente não usam todas as vantagens da teoria dos grafos e das redes: raramente provêm uma representação visual das coocorrências das palavras na forma de comunidades, com pequena ênfase na influência do nó ou na centralidade de proximidade, que para ele é uma das medidas mais importantes para nós em um grafo.

[175] http://gephi.github.io/

[176] Grau indica o número de links que um nó possui; gráu médio representa a média do número de links de todos os nós da rede. Caminho mínimo ou geodésico mede a distância entre nós através do menor número de links que os ligam (BARABÁSI, 2012). Caminho mínimo médio mostra quantos nós em média é preciso passar para se alcançar outro nó, partindo-se de um nó escolhido randomicamente (PARANYUSHKIN, 2012), ou seja, é a média das distâncias entre nós (CALDEIRA, 2005). Diâmetro da rede é o caminho mais longo entre seus nós, considerando-se todos os caminhos mínimos encontrados para ela como um todo; representa a maior distância entre os nós da rede (BARABÁSI, 2012). Coeficiente de aglomeração apresenta a probabilidade de que dois nós vizinhos de um determinado nó estejam ligados entre si. Constitui-se uma medida local da densidade de links na vizinhança de um nó. O grau de aglomeração de toda a rede é capturado pelo coeficiente de aglomeração médio (BARABÁSI, 2012). Densidade é um índice de coesão da rede: representa o número de links existentes relativamente ao número máximo possível (FADIGAS, 2011).

[177] Para estabelecer relações semânticas em sentenças do texto, ele usa o modelo de proximidade de palavras denominado *k-next neighborhood*, onde k é ajustado pelo usuário e indica a quantidade de palavras predecessoras e sucessoras com a qual cada palavra se conecta em uma sentença (DRIEGER, 2013).

visto, reúnem conceitos fortemente conectados (*clusters*).[178] Os nós se organizam de acordo com suas conexões locais e estão contextualmente relacionados à luz de suas adjacências e caminhos de conexão. As comunidades representam, portanto, contextos semânticos. A exploração do contexto pode partir de um nó de interesse em direção a seus vizinhos. Relações de segunda ordem se estabelecem à medida que múltiplas sentenças possuem palavras em comum. Análise dos caminhos pode revelar diferentes relações semânticas que conectam palavras na rede.

Medidas como diâmetro ou densidade da rede ajudam a caracterizar e comparar estruturas. Uma rede esparsa pode indicar a falta de coerência semântica global, e a quantidade de nós pode indicar a variedade de palavras presentes no campo semântico. O grau, ao indicar a quantidade de nós adjacentes a dado nó, provê insights sobre a diversidade de uso da palavra. Alta centralidade de grau implica palavras com relacionamentos altamente diferenciados e tipicamente indicam *hubs* na rede semântica.

Hubs globais frequentemente indicam questões centrais: são nós centrais numa rede semântica e possuem múltiplas conexões com nós com baixa centralidade de grau. *Hubs* locais representam conceitos referenciados em contextos diferenciados.[179] Como *hubs* locais geralmente conectam *clusters*, ambos se complementam para efeito de interpretação. Com isso pode-se analisar como tópicos estão conectados por *hubs* locais.

Seguindo a linha da chamada nova ciência das redes, Caldeira (2005) buscou padrões na escolha de palavras em textos literários coletados na Internet e usou um modelo para simular o crescimento dos textos. Utilizou, com modificações, programa do pacote Unitex[180] para realizar o pré-tratamento dos textos, NetPal para a construção das redes, NetAll para cálculo dos índices e Pajek[181] para a visualização dos dados. Escolheu formar a rede com palavras em sua forma canônica, eliminou palavras gramaticais (aquelas que servem apenas para criar a estrutura linguística do texto) e optou pela sentença como unidade de significado do texto. Caracterizou as redes pelo número total de sentenças, de vértices, de arestas, pelo diâmetro da

---

[178] *Clusters* são subgrafos. Qualitativamente, ajudam a indicar conceitos que representam tópicos especiais. Subgrafos são partes da estrutura da rede. Podem ser construídos a partir de algum ponto de interesse pela expansão de nós adjacentes a um nó selecionado. Também podem ser construídos arbitrariamente pela filtragem de nós ou vértices (DRIEGER, 2013).

[179] *Hubs* podem ser obtidos pela filtragem dos conceitos com uso de limiar, de modo a obter um subgrafo onde todos os vértices satisfazem a esta condição (DRIEGER, 2013).

[180] http://www-igm.univ-mlv.fr/~unitex/index.php?page=0

[181] http://pajek.imfm.si/doku.php?id=pajek

rede,[182] coeficiente de aglomeração médio,[183] caminho mínimo médio, grau, grau médio, além de ter considerado a distribuição de graus para caracterizar a topologia da rede. A autora focaliza na estrutura das redes e conclui que elas apresentam características de mundo pequeno e redes livres de escala.

Teixeira (2007) propôs um método para construção de rede semântica em textos orais. A autora toma a sentença como unidade mínima utilizada para transmitir uma ideia e utiliza o conceito de força-fidelidade para estabelecer a proximidade entre duas palavras.[184] A autora utilizou um conjunto de programas do pacote Unitex para tratamento de textos e programas específicos para gerar a rede de palavras e calcular a força dos pares de palavras do texto analisado. Adotou uma escala de força-fidelidade mínima e máxima dos pares de palavra para estabelecer as arestas da rede. Dessa maneira, construiu um método para gerar "uma rede semântica contextualizada, a partir do discurso de um indivíduo" (TEIXEIRA, 2007, p. 116), que aplicou a discursos de alunos universitários obtidos em entrevistas. Finalmente observou as características topológicas das redes geradas com auxílio dos seguintes índices: coeficiente de aglomeração, caminho mínimo médio, grau médio, diâmetro da rede de palavras e distribuição de graus. A autora conclui que as redes obtidas exibem uma topologia modular com aglomerados conectados por laços fracos.

Ainda na abordagem estrutural de redes semânticas, Fadigas *et al.* (2009) analisam títulos de artigos publicados em periódicos brasileiros em educação matemática. Eles tratam os dados com programas do pacote Unitex e com o programa Ambisin desenvolvido por Caldeira (2005) e desenvolvem a rede com NetPal. Para o estudo das redes utilizaram Pajek e Ucinet. Com índices da teoria de redes complexas – distribuição de graus – eles estudaram a topologia das redes obtidas; com índices da análise de redes sociais – centralidade de grau e centralidade de proximidade –, eles identificaram as palavras mais importantes e a articulação entre as redes. Com base em análises quantitativas e qualitativas finalmente os autores chegaram a agrupar as redes semânticas dos títulos dos periódicos analisados.

Pereira *et al.* (2011) estudam a topologia de redes semânticas de títulos de artigos publicados em revistas científicas, em inglês e em português, para compreender a associação

---

[182] Valores médios de distância elevados indicam que o texto contém maior número de palavras (CALDEIRA, 2005).

[183] Determina o quanto as sentenças possuem dependência entre seus significados (CALDEIRA, 2005).

[184] Força é definida como frequência em que um par de palavras ocorre em um discurso, e fidelidade é a probabilidade de um par de palavras ocorrerem sempre juntas. Força-fidelidade é a união das duas definições (TEIXEIRA, 2007).

entre textos e seus títulos. Utilizaram o pacote Unitex para exclusão de artigos, pronomes possessivos e pessoais, adjetivos possessivos, advérbios, etc. e para a separação de formas canônicas e flexionadas das palavras. A análise das redes considerou a distribuição de grau da rede, o coeficiente de aglomeração e o caminho mínimo médio. Identificaram o modelo de crescimento que descreve essas redes. Concluem que índices de densidade e tamanho do caminho mínimo são úteis para medir informação associada à complexidade de redes semânticas.

Fadigas (2011) procura caracterizar redes de difusão do conhecimento em matemática, a partir dos títulos de artigos publicados em periódicos de Educação Matemática de circulação nacional, redes formadas por comitês editoriais e redes de coautoria de artigos. Ele também utiliza ferramentas da análise de redes sociais e da teoria de redes complexas e desenvolve uma teoria para modelar redes de palavras e coautoria. Segundo o autor, a caracterização topológica e a interpretação dos índices permitiu compreender a colaboração entre periódicos via comitês editoriais e a colaboração científica entre os autores.

Essa breve revisão demonstra que, se por um lado, o estudo de redes com ferramental da teoria dos grafos e da teoria das redes complexas pode ser um poderoso auxílio à análise de textos, por outro lado muitas vezes as pesquisas se deslocam da compreensão do seu conteúdo para a análise de sua estrutura e sua dinâmica de crescimento. Esse viés coincide com a avaliação feita por Mercklé (2004) acerca da tendência assumida por aqueles que incorporaram recursos da teoria dos grafos em estudos voltados ao campo dos estudos sociais.

4.4 Redes sociais digitais: Conteúdo e significado

Muitos anos depois que Barnes (1954) fez uso da noção de “rede social”, Mercklé (2004) identificou que a abordagem dominante em sociologia das redes sociais, a da análise estrutural, estava marcada por uma forte tendência à simulação experimental, à elaboração de modelos abstratos de sistemas relacionais e ao uso de uma lógica hipotético-dedutiva. Para ele, haveria uma oposição teórica e metodológica forte entre uma abordagem “compreensiva”, apoiada na análise das redes egocêntricas, herdadas da tradição antropológica, e uma abordagem “explicativa”, por vezes tentada pelo estruturalismo, questão da tradição sociométrica incarnada pela análise estrutural anglo-saxônica. Essa mesma abordagem transparece aqui em grande parte dos autores presentes nessa breve revisão de redes semânticas, principalmente na aplicação da teoria das redes complexas, dedicada ao estudo e

comparação da topologia de redes.

Com base nisso, é possível identificar distintas escalas de aplicação desses estudos. Possivelmente estudos comparativos da topologia de redes e sua dinâmica de crescimento sejam mais adequados à identificação dos grandes temas emergentes em particular tomando-se uma vasta base de dados, à exploração de hipóteses baseada em termos padronizados. Estudos que se avizinham dos contextos em que conceitos são aplicados (o que implica inúmeros retornos ao texto original para verificação dos significados adotados) permitem uma aproximação maior à variedade de pontos de vista e à identificação de campos semânticos preponderantes no debate. Esses estudos se beneficiam enormemente do uso de índices de centralidade associados com a teoria dos grafos.

O desafio hoje é tratar a grande quantidade de dados digitais disponíveis sem perder de vista os múltiplos significados para os quais a rede semântica fornece pistas. Visualização de dados[185] emerge como campo de pesquisas justamente para dar conta desse desafio. Por sua vez, a análise de redes semânticas parece vir sendo retomada agora como ferramenta para esclarecimento, avaliação ou síntese de pontos de vista na discussão de soluções para problemas urbanos. Alguns trabalhos recentes ilustram essa vertente, entre eles o que propõe Social Media Geographic Information/Analysis como metodologia de suporte ao planejamento e utiliza o que chama de análise textual espaço-temporal (CAMPAGNA, 2014); a proposta de um framework que inclui a captura do significado cultural da paisagem com base em valores expressos por seus habitantes (CERRETA *et al*., 2014); o estudo das opiniões das pessoas com relação ao patrimônio histórico com base em mensagens postadas no Twitter (MONTEIRO *et al.*, 2014) e estudos de conversações estabelecidas em redes sociais por grupos engajados na recuperação de áreas urbanas degradadas (LORUSSO *et al.*, 2014; ROCHA; FLORENTINO; PEREIRA, 2014).

Enfim, explorar e conhecer o conteúdo de conversações em redes sociais digitais pode ajudar a clarear "uma zona de encaminhamento das ações individuais e coletivas", como diz Marteleto (2010), que se inscreve na dimensão da produção de sentidos.

A análise das conversações travadas pelos grupos italianos e brasileiros a seguir é uma tentativa de se apropriar de alguns significados que animaram e eventualmente animam manifestações, indignações, atuações de diversas ordens, em favor da cidade desejada. Para

[185] Análise visual (*Visual analytics*) é um campo emergente que focaliza no tratamento de grandes volumes de dados, heterogêneos e dinâmicos. Fornece interfaces interativas para apoiar a análise via representação visual e engloba áreas de pesquisa diversas (visualização, mineração de dados e estatística) (KEIM *et al.*, 2008). Ver http://www.visual-analytics.eu/.

fazê-lo a pesquisa assumiu uma perspectiva descritiva, que se apoia em categorias de análise informadas pelas teorias mas constituídas a partir da exploração dos termos utilizado nas conversações travadas por membros dos grupos estudados. A expectativa é ressaltar ideias, aqui chamadas de conceitos,[186] reveladas pela trama de declarações feitas por pessoas interessadas nos rumos que o crescimento da cidade assume ou simplesmente no uso dado aos espaços que a constituem. Nesse sentido, para assegurar o máximo de fidelidade às conversações, foi necessário adotar estratégias com vistas a suprimir ambiguidades no uso dos termos utilizados, apresentadas a seguir. Para fornecer pistas para a interpretação das conversações, lançou-se mão de índices de centralidade associados à teoria dos grafos. A proximidade ao texto foi um recurso sempre utilizado em favor da investigação, para confrontar resultados da análise de redes sociais, sem nunca se deter em aspectos estruturais típicos de estudos filiados à teoria das redes complexas.

5 CONVERSAÇÕES SOBRE A CIDADE

Todos os grupos estudados envolveram cidadãos na reconversão de áreas urbanas em um bem comum acessível a todos. O grupo italiano Parco del Basento e o grupo brasileiro Movimento Desocupa constituíram movimentos que se dirigiram à sociedade como um todo, mas também aos representantes e administradores públicos para manifestar sua insatisfação com o destino dado a espaços urbanos e com a forma como sua ocupação e uso estão sendo geridos. Eles promoveram manifestações políticas, uma vez que dirigiram suas demandas e sua ação diretamente à esfera da decisão política e/ou a seus representantes. Percorreram, dessa maneira, trajetórias de participação política, como referido por Dahlgren (2013), tendo forçado a ampliação do escopo desse tipo participação, como mencionado por Carpentier (2012).

Por seu lado, o grupo italiano Il Giardino in Movimento e o grupo brasileiro Canteiros Coletivos se dirigiram a outros grupos e associações da sociedade civil para convidá-los a atuar diretamente na recuperação de espaços residuais esquecidos pela administração pública. Promoveram participação cívica voltada à revalorização dessas áreas e fizeram uso da comunicação em rede para compartilhar visões e significados acerca do espaço urbano enquanto bem comum. Sua atuação está fortemente vinculada à mudança/recuperação de valores simbólicos, ao fortalecimento das ligações sociais e, portanto, à possibilidade de

[186] Conceito pode ser uma única palavra, uma expressão e até mesmo uma frase que comunica uma ideia que ganha sentido à medida em que se vincula a outros conceitos (CARLEY; PALMQUIST, 1992).

garantir a permanência no tempo dessa visão de bem comum, como diz Rodotà (2012).

Visões, valores e significados atribuídos ao espaço urbano, às ideias e propostas que redefinem seu uso e, finalmente, os ideais de cidadania, democracia e bem comum que dão sustento a todos esses movimentos são tratados a seguir.

Nesse capítulo, além de uma breve contextualização dos movimentos, relata-se o processo de tratamento das conversações, as escolhas de codificação assumidas para a geração das redes semânticas que as representam e as estratégias de análise adotadas. Em seguida, são apresentados os resultados obtidos primeiramente para os grupos italianos e, depois, para os grupos brasileiros. Quando aplicável, são relatadas as particularidades de tratamento que os textos exigiram.

As escolhas de codificação e as estratégias de análise adotadas para todos os grupos foram as mesmas. Entretanto, dadas as características dos grupos estudados, a elaboração das redes seguiu tratamento similar apenas para os grupos Parco del Basento e Movimento Desocupa, por um lado, e para os grupos Il Giardino in Movimento e Canteiros Coletivos, por outro. Da mesma maneira, no caso dos dois primeiros grupos citados, apresenta-se interpretação das redes sumarizada para cada visão em análise: Espaço Urbano, Conflito e Política. Para os dois últimos, provê-se apenas uma visão geral de cada grupo para o conjunto dos temas em análise.

Para aumentar a legibilidade do texto, os termos italianos aqui comentados são também traduzidos para o português, no Apêndice A.

5.1 Esboços de Potenza (Itália): Idealizações contra a degradação do espaço urbano

A história de criação do grupo Parco del Basento começa com um papo entre amigos. Um blogueiro reconhecido por utilizar perfil no Facebook para comentar políticas públicas para a região Basilicata (sul da Itália) e para denunciar a precarização dos serviços públicos na cidade de Potenza, capital de província e da região, desafia, em 2010, profissionais de um estúdio de arquitetura local a desenvolverem uma ideia para requalificar a principal área de acesso à cidade, no vale do rio Basento.

O processo de degradação da área próxima ao rio Basento, situado no vale de mesmo nome, começa em meados dos anos 70 do século passado, após o processo de desenvolvimento industrial iniciado no pós-Guerra (LORUSSO *et al.*, 2014). Nos anos 60

daquele século, a feição do vale do Basento sofre mudanças.[187] Parte da área destina-se, a partir de então, ao estabelecimento de uma grande pocilga, cujos miasmas se podiam sentir em partes altas da cidade. É para esta área que WOP Architettura e Paesaggio desenvolverá a ideia projetual do parque da cidade.

A cidade de Potenza situa-se na área montanhosa interna da Basilicata setentrional. Encarapitada nos Apeninos – cadeia de montanhas que constitui a espinha dorsal da Itália –, o seu Centro Histórico conserva monumentos arquitetônicos que datam do século XI, XII. A partir do centro antigo, a cidade desce em elipsoides até os vales: de um lado o vale do rio Basento, de outro, o vale de Santa Lucia. Para aceder ao centro, além de longas ladeiras, a cidade oferece conjuntos de escadas rolantes e de elevadores, que tornam Potenza uma cidade singular. Grande parte de seu patrimônio arquitetônico, entretanto, não é facilmente visível, em parte pela topografia montanhosa, em parte pela liberação para a construção de grandes prédios nas encostas havida particularmente após o terremoto de 1980.

Diante do desafio feito pelo blogueiro Astronik Antonio Nicastro, os arquitetos do estúdio se lançaram ao trabalho de idealizar uma área capaz de ser utilizada por todos os moradores da cidade e de áreas vizinhas, no lugar da antiga pocilga – a assim chamada área ex-Cip Zoo. Considerando-se que as áreas verdes existentes, dada a topografia característica, são praticamente inacessíveis e fragmentadas, pensou-se em deixar a área livre de construções e, ao invés de cimento, povoá-la com árvores.[188] Idealizado como um grande parque segundo o modelo das cidades europeias, assim nasceu o projeto do Parco del Basento, muitas vezes chamado de Parco della Città: uma grande área verde, com locais destinados a esportes, ao gozo da paisagem, com jardins floridos com muitas cores, mas de fácil manutenção.[189] Sobretudo a partir da área do parque é possível se avistar grande parte da cidade, uma planura que permite reconhecer Potenza em seu *skyline*.

A figura a seguir apresenta, lado a lado, imagem recente da área atual ex-Cip Zoo e detalhe da ideia projetual do Parque do Basento.

[187] Post "Litteris Imperitum: Una Storia degli Anni Sessanta", de 26/11/2011.
[188] http://www.woplab.it/Blog/362/
[189] Notas tomadas durante o evento Parco della Città – dalla gente al progetto, realizado em 9/12/2013, na Università degli Studi della Basilicata. Ver https://pianificazioneterritoriale.wordpress.com/2013/12/

Figura 3 – Ideia projetual do Parco del Basento – Detalhe

Fonte: Apresentação elaborada pelo Studio WOP e publicada na página Facebook do grupo.

A ideia projetual do parque foi veiculada na página Facebook do grupo Parco del Basento. Criada em 25/11/2011 para defendê-la, rapidamente conquistou muitas adesões.[190] Membros do grupo se uniram a associações da sociedade civil e se lançaram na coleta de assinaturas em uma petição solicitando à administração pública a implementação do parque na área da antiga pocilga. Jornais locais noticiaram a iniciativa, um grupo de comediantes produziu um vídeo em favor da ideia, profissionais e professores foram chamados a engrossar audiências públicas com prefeito e políticos. As discussões esquentaram o debate na página do grupo, com a interferência direta de políticos e do então representante do Conselho da Província, no auge da mobilização em abril de 2012. Em 7/8/2013, o movimento conseguiu a aprovação do projeto de lei que sanciona a cessão da área pela Região para a Prefeitura, vinculando-a à criação do parque. Entretanto, até finais de 2014, o parque não havia saído do papel.

Ao longo desse tempo, o projeto inicial foi enriquecido com as discussões dos interessados; a petição pública obteve 11.713 assinaturas numa cidade que contava em 2010 com 68.297 habitantes[191] e, em meados de 2014, com 67.367 habitantes.[192] O movimento em prol do parque constituiu-se numa oportunidade para muitos dos seus cidadãos repensarem a cidade, discutirem o uso e condição de manutenção de prédios públicos, áreas verdes e do espaço urbano em geral. Tornou-se uma ocasião de cidadãos experimentarem novas formas de participação, servindo de estímulos a novas e mais recentes mobilizações em favor da recuperação de áreas públicas,[193] ou, como proposto por Murgante (2013), constituiu-se um

[190] Em 30/4/2012, Michele Scioscia posta na página do grupo que este havia superado 3 mil membros.

[191] http://www.comune.potenza.it/attachments/article/7222/Famiglie-%20Tabelle%20e%20Grafici%202010.pdf

[192] Dados demográficos do Istituto Nazionale di Statistica – ISTAT, para julho de 2014. Ver http://demo.istat.it/bilmens2014gen/index02.html, acesso em 21/1/2015.

[193] Este é o caso dos grupos "serpentone reloaded" e amigos do Parco Montereale. O primeiro declara dedicar-se à reativação de modo participativo de um espaço urbano subutilizado; o segundo reúne pessoas dedicadas a restabelecer as condições de uso de um grande parque vizinho ao Centro Histórico de Potenza.

caso de *wikiplanning*.[194]

Nesse processo, pessoas que estiveram mobilizadas em favor do Parco del Basento também animaram conversações sobre o uso de outra área, situada à entrada do desejado parque. Trata-se do grupo Il Giardino in Movimento, que utilizou a página criada no Facebook em 1/10/2012 para desenvolver sociabilidade em rede, convocar e organizar eventos culturais e performances no intuito de jogar luz sobre uma área urbana abandonada, mas já carregada de valor simbólico pelo fato de ser contígua à Ponte Musmeci, um patrimônio de valor arquitetônico oficialmente reconhecido (LORUSSO *et al.*, 2014).[195] Em junho e julho de 2013 o grupo contou com arquitetos, engenheiros e agrônomos para a realização de um workshop destinado ao projeto e à realização pelos próprios participantes de desenhos alternativos de um jardim sob a ponte, com vistas à reapropriação daquele espaço.[196] A figura a seguir apresenta imagens de algumas das ideias desenvolvidas durante o workshop.

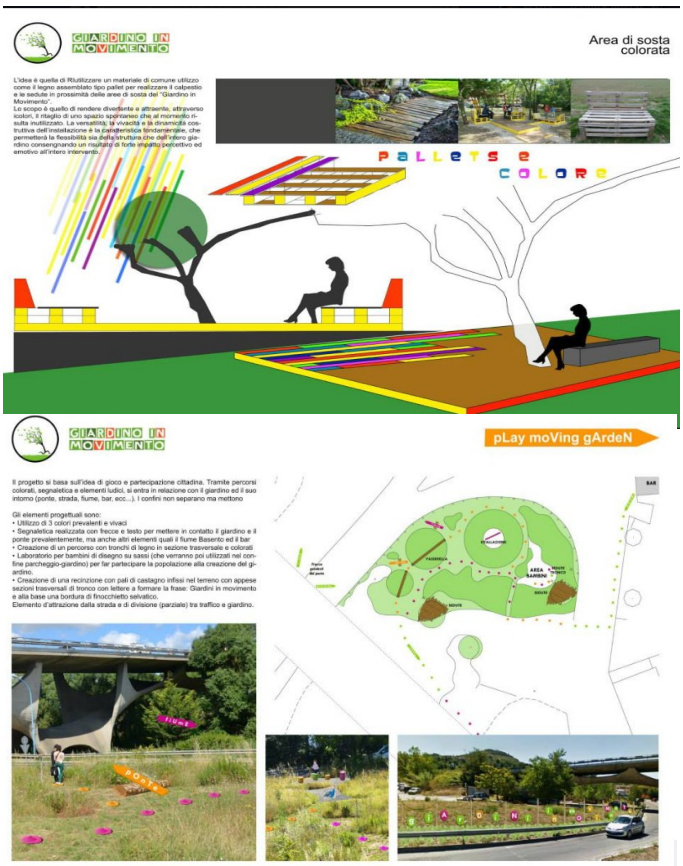
Ver https://www.facebook.com/pages/Serpentone-reload/707656379282940?fref=ts) e https://www.facebook.com/adm.amicidimontereale?ref=ts&fref=ts.

[194] Na abordagem *wikiplanning*, cidadãos, comunidades locais e grupos organizados, após uma série de discussões, propõem uma idéia, um projeto com apoio da opinião pública. Plataformas de mídias sociais se tornam o lugar principal para a produção e desenvolvimento de idéias. Em termos de teoria do planejamento, *wikiplanning* pode ser visto como uma abordagem renovada de métodos de planejamento baseados em comunidades, adotados em cidades dos Estados Unidos, nos anos 1960. Esse tipo de planejamento considera a comunidade local como um parceiro natural na resolução de problemas comuns e incentiva uma maior participação na tomada de decisões (MURGANTE, 2013).

[195] A ponte, construída em 1976, constitui-se um importante trabalho da arquitetura moderna italiana. Trata-se de um viaduto de 70 metros de altura, com quatro vãos, com uma única estrutura abobadada de 30 centímetros de espessura (MURGANTE, 2013).

[196]https://www.facebook.com/IlGiardinoInMovimento/photos/a.609459242430251.1073741831.606640209378821/609459309096911/?type=1&theater

Figura 4 – Projetos implementados pelo grupo Il Giardino in Movimento



Fonte: Página Facebook do grupo, álbum Le proposte per il giardino de Il Giardino in Movimento[197]

5.1.1 Dados, método e ferramentas

O Parco del Basento é um grupo público,[198] criado no Facebook em novembro de 2011, o que significa que qualquer um pode participar, ser adicionado ou convidado por um dos seus membros.[199] Sua visão é expressa pelos seguintes dizeres:

> Parque da Cidade (área da antiga cip-zoo): Árvores em vez de concreto. Árvores e prados em vez de amianto. Espaços para a coletividade em vez de volumes. Por que não vê-la dessa forma, por que não tentar "inverter a pirâmide" e colocar, pelo menos por uma vez, o ambiente e as pessoas no topo, em vez dos lucros dos construtores? Por que não tentar ter uma visão diferente da cidade?[200] (Tradução da autora)

Nos dois primeiros meses, o grupo se dedica à sua própria difusão e expansão: à adição de amigos, publicação de artigos em jornais e blogs, publicação de imagens da ideia projetual, a dar entrevistas e explicações sobre a ideia de criar um grande parque na cidade. Foi, em

[197] https://www.facebook.com/IlGiardinoInMovimento/photos/a.609459242430251.1073741831.606640209378821/609459299096912/?type=3
[198] https://www.facebook.com/groups/parcobasento/
[199] https://www.facebook.com/help/220336891328465
[200] Em "Sobre" da página https://www.facebook.com/groups/parcobasento/members/. Acesso em 7/1/2015.

suma, uma fase de sedução, com publicação de imagens sobre um futuro possível. Em fevereiro de 2012 ocorre o primeiro encontro público e, em março daquele ano, a ideia projetual é apresentada à Regione Basilicata.[201] Em abril, constitui-se um Comitê para a organização das atividades, aberto à adesão dos interessados. No final desse mês, o grupo supera 3 mil membros.[202] Esse é o momento das discussões mais acaloradas sobre o desejo de a cidade ter um novo parque, sobre a área escolhida e a ideia projetual em si mesma. Representantes e políticos locais intervêm nas discussões. As conversações se adensam por meio dos comentários às mensagens postadas na página do grupo.

Em 30/4/2012 inicia-se a fase de coleta de assinaturas para a petição popular dirigida à municipalidade e à administração regional solicitando que tomem as medidas necessárias à criação do parque na área da antiga industria zootécnica e de acordo com o modelo idealizado. Em 4/10/2012 a petição firmada por 11.713 pessoas é entregue ao prefeito e ao presidente da Regione Basilicata, ente proprietário do terreno. Em 18/4/2013, o Comitê apresenta uma proposta de projeto de lei prevendo a cessão da área à prefeitura, vinculada à criação do parque urbano. O projeto de lei foi aprovado pelo Conselho Regional em 8 de agosto de 2013. Desde então o grupo espera que a ideia se concretize.

A página de Il Giardino in Movimento[203] foi criada em 2012 por um dos arquitetos do estúdio que elaborou a ideia do Parco del Basento. É também um grupo público que conta com 550 membros em 7/1/2015 e envolve associações da sociedade civil, empresas e entidades parceiras para o desenvolvimento de suas atividades.[204] O texto que apresenta o grupo utiliza uma linguagem poética, mas deixa dúvidas sobre qual seja de fato o seu objetivo. Entretanto a menção às pequenas ervas que nascem sob a Ponte Musmeci e as muitas metáforas que se seguem aludem ao próprio movimento em favor do parque da cidade. Apresenta-se como um movimento difuso, auto-organizado, que como as herbáceas parece

[201] A Regione é uma instância político-administrativa autônoma, com poderes e funções em acordo com os princípios e limites previstos pela Constituição italiana. Cabe a ela promover e implementar o planejamento regional no contexto do desenvolvimento planejado de assentamentos humanos e infra-estruturas sociais (REGIONE BASILICATA, 2013). Sobre Statuto della Regione Basilicata, ver http://www.consiglio.basilicata.it/consiglionew/site/consiglio/section.jsp?sec=107054. Está em discussão a proposta de lei de 17 de dezembro de 2014 que altera o estatuto vigente. Segundo a nova proposta compete à Região a tutela do território juntamente com as administrações municipais (i Comuni) e Províncias. Para a nova proposta, ver http://www.consiglio.basilicata.it/consiglionew/site/Consiglio/section.jsp?sec=306110.

[202] Em 7/1/2015 o grupo contará com 3.778 membros.

[203] https://www.facebook.com/groups/389327887802076/

[204] A Associação Cultural Basilicata 1799, uma organização sem fins lucrativos, e o studio WOP architettura e paesaggio organizaram o workshop de desenho participativo "Un giardino sotto il ponte" em 2013. Também o NUR, grupo de pesquisa-ação sobre participação, espaços urbanos e outros temas é citado como parceiro em post de 13 de junho de 2013.

sobreviver às custas de seu próprio processo de adaptação.[205]

a) Preparação dos textos – Grupo Parco del Basento

Para a realização da presente pesquisa, a primeira atividade envolveu a familiarização com as páginas: verificação da seção "Sobre", exploração dos álbuns e arquivos anexados e a leitura de posts e seus comentários. No caso do movimento pelo Parco del Basento foram identificados 21 posts candidatos à análise cobrindo o período da criação do grupo (nov/2011) até a entrega da proposta de projeto de lei (ago/2013), período de grande fermentação de ideias e debates. Três deles se referem à discussão com o presidente da Província acerca da proposta colocada pelo presidente da Província em alternativa à proposta do parque; seis dizem respeito à discussão sobre atitudes polêmicas assumidas por um assessor do prefeito de Potenza, que tentava desqualificar a proposta do grupo; sete posts tratam da predisposição de políticos e partidos a dar sustentação à proposta do grupo, sendo que um deles trata da função da política de um modo geral; quatro são conversações sobre o projeto do parque, e um apresenta o histórico da evolução urbana de Potenza a partir de meados do século passado.

A identificação de posts candidatos foi realizada tendo em vista a quantidade e a qualidade dos comentários suscitados, pois as respostas às perguntas de pesquisa seriam, no caso desse grupo, extraídas da análise dos comentários aos posts.[206] Entretanto um dos posts foi escolhido pelo seu próprio conteúdo e não pelos seus comentários, pois informa e fornece uma visão de contexto ao apresentar a história e uma percepção da evolução urbana de Potenza a partir dos anos 60 do século XX.[207] Nesse caso, ao contrário de todos os outros posts selecionados para o grupo Parco del Basento, seus comentários não foram tratados, mas apenas a mensagem publicada (ver post 4, Quadro 2).

Em seguida, os posts candidatos foram classificados em temas de interesse da pesquisa segundo o assunto principal do qual tratam: Espaço Urbano, Visões em Conflito, e Política e a *polis*. Cada post foi associado a um único desses temas. Cada tema responde a uma ou mais questões de pesquisa:

---

[205] "Un giardino 'diverso' che si sceglie e si riproduce da solo, si muove e si trasforma soltanto secondo le leggi di adattamento all'ambiente e di interazione tra le specie. L'intervento è più il progetto di un laboratorio che di un giardino: questo si progetta e si fa da sè, è un giardino involontario o, per dirla con Gilles Clément, un 'giardino in movimento'" (https://www.facebook.com/groups/389327887802076/).

[206] Não foi estabelecido um limiar em termos da quantidade de comentários associados aos posts, nem se considerou a repercussão dos próprios comentários em termos de quantidade de curtidas (*likes*) ou de compartilhamentos por eles obtidos.

[207] Post intitulado "Litteris Imperitum: Una Storia degli Anni Sessanta", de 26/11/2011.

- Espaço Urbano
    - quais são as características atribuídas ao espaço urbano?
    - quais são as ações preferenciais para obter o espaço urbano desejado?
- Visões em Conflito
    - quais são as visões de grupos e representantes presentes nas redes sociais digitais?
- Política e a *polis*
    - quais visões de participação, cidadania e bem comum emergem das conversações nessas redes?

Finalmente uma nova seleção dentre os posts candidatos considerou a capacidade de seus comentários virem a fornecer material para a extração de redes semânticas significativas para o tema ao qual foram relacionados. Nesse caso, tomou-se como inspiração a definição da aprendizagem significativa de Ausubel (MOREIRA, 1999): considerou-se como relevante conteúdos capazes de serem integrados ao esquema conceitual da pesquisa pela oferta de opiniões com significados que foram considerados claros e diferenciados considerando-se os temas de pesquisa.[208]

Para o tema Espaço Urbano, foram selecionados 4 (quatro) posts, incluindo o que informa sobre características da evolução urbana de Potenza. Para Visões em Conflito, tema que apresenta o confronto do grupo com o então presidente da Província acerca da proposta por este colocada em contraposição à ideia do parque, foram selecionados 3 (três) posts. Quanto ao tema Política e a *polis* foi escolhido um único post para a extração da rede, muito embora os valores e as opiniões do grupo sobre política, cidadania e participação estejam também presentes nos posts classificados nos temas Espaço Urbano e Visões em Conflito[209] (ver Quadro 2).

[208] "De acordo com Ausubel, a compreensão genuína de um conceito ou proposição implica a posse de significados claros, precisos, diferenciados e transferíveis" (MOREIRA, 1999, p. 156).
[209] Na rede número 7 incluída no tema Visões em Conflito, por exemplo, já aparece a questão dos espaços de decisão, da desilusão com partidos e questões típicas do tema Política e a *polis*.

Quadro 2 – Grupo Parco del Basento – Posts selecionados

Tema	Post	Autor	Data de criação	Principal assunto	Qtd. *likes*[210]	Qtd. comentários
Espaço Urbano	1	Astronik Antonio Nicastro	13/4/2012	Constituição do Comitê e localização do parque	18	28
	2	Rocco Vaccaro	15/6/2012	Requisitos para a implementação do projeto	2	9
	3	FoLa Pubblicità	19/8/2012	Melhorias em áreas urbanas degradadas	1	36
	4	Giampiero D'Ecclesis	26/11/2011	História da evolução urbana de Potenza	17	7
Visões em Conflito	5	Astronik Antonio Nicastro	17/4/2012	Lançamento da Proposta Cittadella dei Saperi	0	12
	6	Piero Lacorazza	18/4/2012	Defesa da proposta Cittadella dei Saperi	4	9
	7	Giampiero D'Ecclesis	18/4/2012	Contraposição à proposta Cittadella dei Saperi e outras questões	19	22
Política e a *polis*	8	Domenico Roberto Rizzi	11/5/2012	Política e a *polis*	15	7

Fonte: Elaboração da autora.

Os comentários foram reunidos em um texto único, para cada um dos posts do quadro acima. Para evidenciar o confronto entre a posição do grupo e a do representante público, no tema Visões em Conflito, os comentários produzidos por membros do grupo foram tratados em separado dos comentários feitos pelo presidente da Província em cada um dos posts selecionados (posts 5, 6 e 7).

Os nomes dos autores foram eliminados, assim como datas e símbolos. Pontos finais foram adicionados às frases quando omitidos, assim como foram feitas correções ortográficas. Artigos, conjunções e preposições foram excluídos mas sempre após se verificar se sua eliminação poderia alterar o significado da frase. Advérbios de modo, lugar e interrogativos foram em geral excluídos, muito particularmente quando se tratou de gerar as redes do tema Espaço Urbano.[211] Advérbios que exprimem juízo foram substituídos em sua forma negativa e mediante a associação da partícula "non" ao verbo, fornecendo desse modo a valência da declaração. Advérbios que exprimem temporalidade, por interessarem à compreensão dos valores atribuídos pelos membros do grupo a características passadas, presentes e futuras da cidade, no caso da rede Espaço Urbano, foram generalizados com o uso dos termos "ieri", "oggi", "domani", para manter a distinção entre avaliação do presente e projeção do futuro.

[210] Refere-se à quantidade de curtidas obtidas pelos posts.

[211] No caso do advérbio de modo (p. ex., "lentamente", "bene", "così"), a ação é expressa pelo verbo, portanto a modulação jogaria contra a generalização; advérbio de lugar especifica uma posição ("acanto", "di fronte", "di fuori", "di dietro", "sopra") e remete a uma escala de experiência espacial fora do escopo desta pesquisa (TRIFONE; PALERMO, 2011).

Informações geográficas referenciando ruas, avenidas, estradas e cidades, exceto a Cidade de Potenza e áreas de atuação dos grupos, foram generalizadas com o termo "ig_lugar". Como regra geral, se a quantidade expressa por um advérbio está associada com outro advérbio que tenha sido excluído (por exemplo, "molto_bene"), o mesmo sucede com o advérbio de quantidade ou de intensidade.[212] Verbos auxiliares ("essere", "avere") e suas declinações foram, de modo geral, excluídos, assim como os verbos "dever" e "poder" ("dovere" e "potere") que atuam como operadores gramaticais.[213] Entretanto eles foram combinados ("potere_essere", "potere_avere") ou mantidos isoladamente quando se mostrou importante deixar clara uma declaração, caso por exemplo da frase "La politica è la polis", no comentário ao post de Domenico Roberto Rizzi, de 11/5/2012 (DIESNER; KUMARAGURU; CARLEY, 2005).

A opção pela eliminação de termos seguiu o modo direto, ao invés do modo retórico ofertado pelo AutoMap, avizinhando dessa forma palavras durante o pré-processamento do texto. Para a recuperação do significado, foi necessário, em alguns casos, explicitar sujeitos e objetos, por exemplo quando foram referenciados em sentença anterior. Palavras e nomes compostos foram unificados pela ligação de palavras com uso do sinal de sublinhado ("_").[214] Algumas palavras foram substituídas por sinônimos ou termos correlatos para superar ambiguidades e garantir fidelidade ao significado.[215]

De modo semelhante aos processos de exclusão e generalização descritos por Diesner e Carley (2004), a partir da eliminação e substituição de palavras, uma lista de conceitos candidatos foi gerada e submetida a exame, juntamente com suas respectivas frequências de ocorrência nas frases. Por vezes foi necessário aplicar um limiar para a exclusão de palavras, com base na frequência.[216] O exame da lista, em confronto com o texto original e com a lista de conceitos vizinhos a cada palavra,[217] ajudou a compreender o contexto de uso das palavras

[212] As locuções adverbiais sofreram o mesmo tratamento a depender do sentido aportado à frase.
[213] Eles não são predicados; modalizam os enunciados para indicar, por exemplo, possibilidade, obrigatoriedade, permissão, capacidade (NEVES, 2011).
[214] Esse é um requisito do software de processamento do texto utilizado para a geração da rede semântica para o reconhecimento de uma expressão ou palavra composta.
[215] Exemplos: a palavra "àrea" foi trocada por "disciplina" para não ser associada ao significado de zona, território; "regione" foi trocada pelo termo "ente_regione" quando se refere a entidade pública, e por "basilicata", quando se refere à região físico-política; "cittadella_della_cultura" foi substituída por "cittadella_dei_saperi" por se referir ao projeto, mais conhecido pela segunda denominação.
[216] Decidiu-se aplicar o limiar após a generalização dos conceitos. Foram examinadas as palavras que apresentaram frequência muito alta, para excluir palavras semanticamente insignificantes. Eventualmente elas foram reunidas em uma expressão antes de sua eliminação. Palavras com frequência igual a 1, ou mesmo 2, a depender do caso, quando se demonstrou cabível, foram substituídas pela forma mais frequente de uso; caso contrário, foram eliminadas.
[217] *Keyword in context* é o nome dado pelo AutoMap a essa lista de apoio.

e a adotar estratégias para a simplificação da rede, como por exemplo a opção pelo uso de substantivos comuns na forma flexionada mais utilizada (singular/plural e masculino/feminino). A substituição de palavras e a generalização dos termos foram realizadas mediante a aplicação de tesauro (DIESNER; CARLEY, 2004), elaborado iterativamente, à medida que as próprias redes semânticas sofriam um processo de simplificação após inspeção visual.

O processo de exclusão e generalização acabou por reduzir bastante a quantidade de conceitos existentes nos textos que deram base à versão da rede semântica considerada mais adequada para a análise das conversações do grupo. A tabela a seguir mostra que o processo de preparação dos textos reduziu em cerca de 75% a quantidade total de termos.

Tabela 1 – Grupo Parco del Basento – Estatísticas dos textos elaborados

Grupo/ Tema	Post		Versão de trabalho			Versão final		
			Qtd. Sentenças	Qtd. Palavras	Média Palavras por Sentença	Qtd. Sentenças	Qtd. Palavras	Média Palavras por Sentença
Parco - Espaço Urbano	1		95	1483	15	33	90	2
	2		52	431	8	37	108	2
	3		107	294	2	109	205	1
	4		34	873	25	29	221	7
Parco - Visões em Conflito	5	Grupo	70	310	4	74	106	1
		Representante	51	127	2	49	104	2
	6	Grupo	61	518	8	64	107	1
		Representante	20	67	3	20	67	3
	7	Grupo	182	614	3	182	132	1
		Representante	29	98	3	29	74	2
Parco - Política	8		32	657	20	36	132	3

Fonte: Elaboração da autora.

b) Geração das redes – Grupo Parco del Basento

As redes semânticas foram geradas com o método de janelas no AutoMap v3.0.10.36 e visualizadas com o ORA NetScenes versão 3.0.9.9j, versão trial. As escolhas de codificação para a extração para essas e para todas as outras redes estudadas foram as seguintes:[218]

[218] Foram testadas duas opções de unidade de análise: frase e parágrafo para a rede número 3 (Quadro 4). No caso em tela, para a mesma quantidade de nós, a quantidade de links cresceu em cerca de 22% tomando-se a unidade parágrafo, o que tornou mais difícil a visualização da rede. Esse teste confirmou a opção pela frase como unidade de análise. Foi testado extração da rede número 4 com uso de janela igual a 3. Quando comparada com a rede obtida com tamanho de janela igual a 2, verificou-se que houve aumento das conexões entre conceitos com consequente aumento da complexidade, além do distanciamento em relação ao significado original do texto, o que dificulta sua interpretação.

- Unidade: sentença
- Direcionalidade: bidirecional
- Tamanho de janela: 2

Um exemplo dos resultados obtidos, após o processo de preparação dos textos e aplicação das escolhas de codificação acima, pode ser visualizado para as três sentenças do texto a seguir.

Quadro 3 – Resultado das escolhas de codificação – Exemplo

Texto orginal	Se è giusto deve essere necessariamente anche praticabile. Occorre innanzi tutto svegliare le coscienze dei cittadini, in fondo la salute riguarda tutti. Poi mettere pressione agli Enti preposti sollecitando studi seri ed indipendenti sull'impatto ambientale che, a mio modesto avviso, ritengo devastante.[219]
Texto preparado	giusto dovere_essere praticabile. prima svegliare_coscienze cittadini poi mettere_pressione ente preposti. poi sollecitare studi impatto_ambientale seri indipendenti. impatto_ambientale, devastante.
Escolhas de codificação	Unidade: sentença Direcionalidade: bidirecional Tamanho de janela: 2
Palavras em contexto[220]	

left1	left0	concept	right0	right1
		giusto	dovere_essere	praticabile
	giusto	dovere_essere	praticabile	prima
giusto	dovere_essere	praticabile	prima	svegliare_coscienze
dovere_essere	praticabile	prima	svegliare_coscienze	cittadini
praticabile	prima	svegliare_coscienze	cittadini	poi
prima	svegliare_coscienze	cittadini	poi	mettere_pressione
svegliare_coscienze	cittadini	poi	mettere_pressione	ente
cittadini	poi	mettere_pressione	ente	preposti
poi	mettere_pressione	ente	preposti	poi
mettere_pressione	ente	preposti	poi	sollecitare
ente	preposti	poi	sollecitare	studi
preposti	poi	sollecitare	studi	impatto_ambientale
poi	sollecitare	studi	impatto_ambientale	seri
sollecitare	studi	impatto_ambientale	seri	indipendenti
studi	impatto_ambientale	seri	indipendenti	impatto_ambientale
impatto_ambientale	seri	indipendenti	impatto_ambientale	devastante
seri	indipendenti	impatto_ambientale	devastante	
indipendenti	impatto_ambientale	devastante		

Fonte: Elaboração da autora.

Os componentes[221] de cada rede foram visualizados com o ORA. Decidiu-se concentrar a análise no maior componente da rede e eliminar conceitos periféricos, desconectados desse componente (conceitos pendentes, de acordo com a terminologia utilizada pelo ORA). O

[219] Comentário ao post de Rocco Vaccaro (post 2, Quadro 2) que propõe que se desperte a consciência dos cidadãos sobre a necessidade do parque, antes mesmo de agir para pressionar os entes públicos.

[220] Relatório AutoMap, *Keyword in Context*.

[221] Componente é um subconjunto de nós em uma rede, de modo que existe um caminho entre quaisquer dois dos seus nós, mas não se pode adicionar nenhum outro nó que possua essa mesma propriedade. Se uma rede consiste em dois componentes, um único link colocado corretamente pode conectá-los. Tal ligação é chamada de ponte. Em geral, uma ponte é qualquer link que, quando cortado, desconecta o gráfico (BARABÁSI, 2012).

algoritmo de detecção de comunidades Newman[222] auxiliou a identificar aglomerados de conceitos mais fortemente relacionados, para denotar tópicos de interesse na conversação. A inspeção visual das redes e de suas comunidades deu ensejo a inúmeros retornos ao texto original e a refinamentos mediante novos processamentos com apoio do AutoMap, até se obter uma rede visualmente compreensível.

Após a fase de preparação do texto e refinamentos dos textos de entrada, as redes foram finalmente obtidas para os posts tratados, conforme apresentado no quadro a seguir.

Quadro 4 – Grupo Parco del Basento – Redes por tema

Tema	Assunto	Rede	Texto Base	Qtd. Nós	Qtd. Links
Espaço Urbano	Constituição do Comitê e localização do parque	1	Todos os comentários	38	46
	Requisitos para a implementação do projeto	2	Todos os comentários	75	75
	Melhorias em áreas urbanas degradadas	3	Todos os comentários	77	120
	História da evolução urbana de Potenza	4	Post	99	132
Visões em Conflito	Lançamento da Proposta Cittadella dei Saperi	5	Comentários de membros do grupo	42	70
			Comentários do representante	57	64
	Defesa da proposta Cittadella dei Saperi	6	Comentários de membros do grupo	59	72
			Comentários do representante	55	54
	Contraposição à proposta Cittadella dei Saperi e outras questões	7	Comentários de membros do grupo	61	117
			Comentários do representante	46	55
Política e a *polis*	Política e a *polis*	8	Todos os comentários	43	63

Fonte: Elaboração da autora.

As redes semânticas foram então consolidadas por tema. No caso do Espaço Urbano, gerou-se uma rede com a união das quatro redes com o intuito de se obter uma visão global do grupo sobre o projeto de criação do parque em si (redes 1, 2 e 3), em conjunto com uma visão das qualidades atribuídas ao espaço resultante da evolução urbana (rede 4).[223] Para agregar as

[222] Newman (2004) propôs um algoritmo para a detecção de comunidades que parte de cada nó e respectivo grupo e os combina hierarquicamente, até restar apenas um grupo, num processo chamado *agglomerative hierarchical clustering* (CARLEY *et al.*, 2013). Os agrupamentos realizados a cada iteração se orientam pela maximização do valor da modularidade. Modularidade é uma medida da qualidade da divisão da rede em comunidades que considera a existência de grande quantidade de vértices internamente ao grupo e poucos vértices entre grupos distintos (CLAUSET; NEWMAN; MOORE, 2004).

[223] O texto que expõe a evolução urbana tem características diferenciadas. De estilo poético e retórico é rico em imagens e na valoração dos atos e iniciativas que mudaram definitivamente o aspecto do território. O trabalho de pré-processamento desse texto exigiu maior número de iterações do que as outras para se obter uma rede simplificada com base em generalizações das qualidades positivas e negativas atribuídas às ações, ao espaço e ao comportamento dos agentes que promoveram as referidas mudanças.

quatro redes, selecionou-se (com ajuda do relatório ORA *Hot Topics*) os conceitos com maior frequência de uso, como se vê a seguir para o caso do post 2 (Quadro 2):

Quadro 5 – Termos com maior frequência de uso

Most Frequent Concepts

Rank	Concept	Frequency	Total
1	contenitore_culturale	19	21.11%
2	ex	4	4.44%
3	ex_cip_zoo	4	4.44%
4	cittadella_dei_saperi	4	4.44%
5	abbandonato	3	3.33%
6	ig_azienda	3	3.33%
7	parco	3	3.33%
8	bello	3	3.33%
9	restituire	3	3.33%
10	città	3	3.33%

Fonte: Relatório ORA Hot Topics (trecho). Elaboração da autora.

Com a ajuda das listas de conceitos de cada uma dessas redes, buscou-se identificar palavras que, referindo-se a aspectos similares, ocorreram com frequências maiores nas outras redes. Procurou-se assim unificar termos com sentido semelhante.[224] Novas redes generalizadas foram então obtidas. A rede união[225] para o tema Espaço Urbano foi gerada com o ORA e então exportada para o Gephi 0.8.2 versão beta, para visualização e novo tratamento.

Dessa elaboração começaram a emergir categorias para responder às questões sobre o espaço urbano e ações tomadas para defendê-lo.[226] A partir de uma primeira aproximação, as categorias foram redefinidas à medida que o pré-processamento dos textos evoluía. Já na fase de geração e revisão das redes, os conceitos foram organizados em campos semânticos, definidos por semelhanças de significado. Em seguida, identificou-se quais palavras-chave melhor representavam cada um desses campos semânticos, dando assim origem às categorias de análise.[227]

[224] Palavras que ocorreram com menor frequência em determinada rede mas que ocorreram com maior frequência em outras redes mereceram uma avaliação acerca da possibilidade de unificar os conceitos utilizados, a depender do contexto em que o termo surge.

[225] Rede união resulta da combinação de todos os nós das redes de entrada numa única rede semântica, com adição de suas respectivas frequências (quantas vezes um nó ocorre em cada rede de entrada) (CARLEY *et al*., 2013). Para a geração das redes união para os temas, optou-se por somar os pesos dos links.

[226] Verificou-se que um termo muitas vezes se enquadraria em mais de uma categoria, mas para efeito de simplificação optou-se por apenas uma delas. Uma primeira categorização obtida foi a seguinte: Tempo, Referência Espacial (por exemplo, palavras italianas significando "em frente", "atrás"), Qualidades do Espaço, Informação Geográfica (por exemplo: nome de região, cidade, via, estrada) e Ator.

[227]Ao falar dos estudos da Semântica, cujo objeto é o significado das palavras e das sentenças, mais

No caso do tema Visões em Conflito, as redes semânticas foram consolidadas por visão: a visão do grupo e a visão do presidente da Província, de modo a condensar as opiniões de cada uma das partes envolvidas na discussão das propostas em confronto. O último tema, Política e a *polis*, gerou uma pequena rede resultante dos comentários sobre o significado da política (e da antipolítica). As redes consolidadas para os temas Visões em Conflito e Política e a *polis* também foram exportadas para o Gephi.

c) Extração e preparação do texto – Grupo Il Giardino in Movimento

Para o grupo Il Giardino in Movimento obteve-se uma única rede. Nesse caso, após a familiarização com a página e a leitura das mensagens, foi feita a captura de todas as postagens realizadas desde o momento da criação do grupo até a data da coleta dos dados (1/10/2012 a 8/9/2014). Para isso foi utilizado o netvizz v1.01,[228] que coletou as últimas 200 mensagens postadas na página Facebook do grupo. Diferentemente do grupo Parco del Basento, optou-se aqui por gerar uma única rede extraída diretamente dos posts e não de seus comentários, uma vez que esses não expressavam discussões de pontos de vista. A página do grupo é utilizada como uma espécie de mural de avisos para difusão de atividades do próprio grupo e iniciativas similares, veiculação de fotos e imagens que reforçam a identidade do grupo e mesmo para comunicações entre conhecidos que muitas vezes nada têm a ver com o conteúdo da mensagem postada (ROCHA; FLORENTINO; PEREIRA, 2014).

As seguintes regras foram estabelecidas e aplicadas no processo de seleção dos posts do grupo:

- coletar posts com mais de 2 engajamentos (soma de *likes* e comentários);
- incorporar apenas os títulos, quando existentes, no caso de posts provendo links para textos publicados em outras plataformas, seja jornais, blogs ou mesmo o Facebook;
- não incorporar textos veiculados em imagens.

Após aplicar essas regras às 130 mensagens coletadas pelo netvizz, foram selecionados 51 posts para a extração de uma única rede semântica representativa dos assuntos de maior aceitação pelo grupo, ou seja, aqueles que obtiveram pelo menos 2 manifestações de engajamento.

---

especificamente sobre a Semântica Cognitiva, Oliveira (2012) diz: "Wittgenstein propôs que as categorias se organizam por relações de semelhança de família. Os usos de uma mesma palavra se assemelham da mesma forma que os membros de uma família. Não é necessário que os membros compartilhem a mesma propriedade para pertencerem todos à mesma família, nem mesmo o sobrenome" (p. 46).

[228] Aplicativo para coleta e exportação de dados extraídos de páginas Facebook (RIEDER, 2013).

Assim como as anteriores, a rede do grupo Il Giardino in Movimento resultou de escolhas de codificação idênticas àquelas assumidas para o grupo Parco del Basento e também foi exportada para o Gephi para visualização e ajustes.

d) Ajustes das redes

As comunidades das redes exportadas para o Gephi foram identificadas e confrontadas com o primeiro esboço de categorização de conceitos que fora feito inicialmente com base na análise dos termos usados nas redes do tema Espaço Urbano. Para os conceitos passíveis de se enquadrar em mais de uma tipologia, foi consultado o seu contexto original de uso. Então, estatísticas foram recalculadas para as redes e, em alguns casos, verificou-se uma única vez a exclusão de nós com baixa centralidade de intermediação (*betweenness centrality*) sem perda de significado das declarações. Um exemplo pode ser visto na imagem a seguir, para a versão inicial da rede que representa a visão do presidente da Província e expressa sua opinião acerca de trabalhos que estariam em curso ("lavoro_in_corso") em determinada área da cidade.

Figura 5 – Exclusão de nós com baixa centralidade de intermediação – Exemplo

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

As redes correspondentes a cada um dos temas tratados pelo grupo Parco, assim como a única rede obtida para o grupo Il Giardino in Movimento, foram, desse modo, novamente ajustadas (por meio de generalizações e, em alguns casos, exclusões de conceitos), após o quê foram calculadas estatísticas básicas da análise de redes para cada uma delas:

- diâmetro, para conhecer a maior distância entre dois nós quaisquer da rede;
- densidade para obter um índice de coesão da rede, ao identificar o quão próxima ela está de ser uma rede completa, ou seja, de conter todos os links possíveis;
- grau médio, para saber a quantidade média de links existentes para cada nó da rede;

- comprimento médio do caminho, para conhecer a distância média entre nós da rede;
- número de comunidades, para saber quantas aglomerações existem. Para todas as redes foram utilizados os seguintes parâmetros para a detecção de comunidades: aleatório (sem conhecimento da estrutura das comunidades), considerando o peso das arestas e resolução igual a 1.[229]

A tabela a seguir apresenta características das redes consolidadas em termos de quantidade de nós e de ligações e valores assumidos para indicadores de diâmetro, densidade, grau médio, comprimento médio do caminho e quantidade de comunidades.

Tabela 2 – Grupos Parco del Basento e Il Giardino in Movimento – Redes consolidadas

Grupo	Id. Rede	Rede	Qtd. Nós	Qtd. Links	Diâmetro	Densidade	Grau médio*	Comprimento médio do caminho	Qtd. Comuni-dades
Parco del Basento	1	Espaço Urbano	76	152	7	0,05	4	3,2	6
	2	Visões em Conflito – Grupo	97	200	8	0,04	4,12	3,28	7
	3	Visões em Conflito – Representante	82	113	14	0,03	2,76	4,89	7
	4	Política e a *polis*	43	63	8	0,07	2,93	3,58	6
Il Giardino in Movimento	5	Visão geral	68	121	7	0,05	3,56	3,56	7

* Não considera o peso das arestas.
Fonte: Elaboração da autora.

Observando-se os dados da Tabela 2, verifica-se que a rede de maior tamanho para o grupo Parco del Basento, medida em quantidade de nós (e a que possui a maior quantidade de interações entre nós, ou seja, links) é a visão do grupo, em Visões em Conflito, e a menor rede é a Política e a *polis*. A rede de maior diâmetro (14) é a que contempla a visão do então presidente da Província, aqui denominado representante. Essa rede é também a de mais baixa densidade (0,03), menor valor de grau médio (2,76) e de maior comprimento médio do caminho (4,89). Paranyushkin (2012) propõe que, quanto maiores o caminho médio e o diâmetro da rede, maior será a diversidade dos tópicos apresentados. Nesse caso, o maior

[229] O Gephi oferece um método de multirresolução que contempla parâmetro livremente ajustável para a detecção de tamanhos característicos das comunidades (FORTUNATO, 2010). O software faz referência a Lambiotte, Delvenne e Barahona (2008), autores que introduzem uma medida de estabilidade que leva em conta o tempo no processo de partição da rede. Segundo os autores, estabilidade difere de modularidade (característica de qualidade mencionada na nota 222) pois descreve a qualidade da partição do grafo em diferentes escalas de tempo e captura as restrições aos padrões de fluxos na rede determinadas pela estrutura global do sistema – padrões não identificados pela modularidade, que é focada nas interações entre pares. Tendo o tempo como variável, a resolução pode ser ajustada (FORTUNATO, 2010). Para efeito do presente trabalho, optou-se por atribuir a mesma resolução para detecção de comunidades em todas as redes estudadas.

diâmetro e maior tamanho do caminho médio que a rede 3 apresenta se deve menos à riqueza da visão do representante público do que ao fato de seu discurso ser muito focado na defesa de sua proposta para a área ex Cip-Zoo, o que torna vários outros conceitos periféricos em relação à sua preocupação central. Em termos de diâmetro da rede, todas as outras se assemelham.

Uma rede completa, contendo todas as ligações possíveis entre os respectivos nós, teria densidade igual a 1. Redes mais densas podem ser indicativas de maior coerência nos assuntos tratados, em razão da existência de maior quantidade de relacionamentos entre os conceitos (DRIEGER, 2013). Observando-se o quadro acima, verifica-se na rede 4, Política e a *polis*, a maior conexão entre conceitos, o que pode também pode estar sendo influenciado pelo fato de essa ser a menor conversação em análise.

e) Estratégias de análise

Para responder às questões de pesquisa, adotaram-se as seguintes estratégias para o tratamento das redes mencionadas:

i. obtenção dos conceitos centrais;
ii. análise das comunidades proeminentes;
iii. análise de contexto baseada na exploração da vizinhança dos conceitos centrais;
iv. análise baseada em categorização dos conceitos.

Para obter os conceitos mais centrais – estratégia i):

- foram calculados os índices de centralidade de grau, de intermediação, de proximidade e centralidade de autovetor;
- para cada um desses índices, obteve-se uma lista ordenada com os cinco conceitos mais centrais;
- considerando-se os conceitos presentes nessas listas,[230] obteve-se, para cada uma das redes, os conceitos centrais – aqueles que ocupam uma das cinco primeiras posições em ao menos três dos quatro índices de centralidade.

A análise das comunidades proeminentes – estratégia ii) – destacou agrupamentos que contêm a maior quantidade de conceitos centrais.

Em seguida, procedeu-se à análise da vizinhança dos conceitos centrais – estratégia iii):

- os conceitos bem situados nos índices de centralidade foram contextualizados pela

[230] Conceitos com índice de igual valor compartilham a mesma posição na lista.

exploração de suas vizinhanças, sempre que se considerou ser passível de fornecer subsídios para responder às questões de pesquisa associadas ao tema em que a rede se enquadrou;

- no caso do tema Política, além da própria rede foram explorados os atores mais bem posicionados nessa e em todas as outras redes, de acordo com conceitos centrais obtidos especificamente para a categoria Ator.

A categorização dos conceitos tomou como ponto de partida as categorias emergentes para o tema Espaço Urbano, que foram generalizadas e definidas conforme a seguir:[231]

Quadro 6 – Categorias de análise

Categoria	Identificador	Definição
Ator	AT	Qualquer indivíduo, agrupamento, categoria profissional ou papel desempenhado por indivíduos, entidade ou instituição, sejam eles declarados como agentes ou pacientes de ações, sejam eles objeto de avaliação ou juízo.
Ação	AC	Qualquer ação física ou comunicativa que se verifica ou pode se verificar, com possível impacto sobre atores, espaço, instituições da administração pública e instituições sociais de qualquer natureza. Inclui a política.[232]
Evento, Instituição, Iniciativa ou Recurso	EIR	Qualquer iniciativa realizada ou idealizada, seja no espaço físico ou em foros instituídos no âmbito das relações sociais, e os respectivos recursos utilizados ou disponíveis para sua consecução.[233] Inclui os elementos espaciais (área, zona, cidade, lugar) a que se refere.
Valor, Qualidade e Motivação	VQM	Julgamento atribuído a qualquer elemento das demais categorias de análise. Inclui referências ao tempo em que a ação se realiza.

Fonte: Elaboração da autora.

Com base nessa categorização, realizou-se uma análise visual das partições das redes – estratégia iv). Isso permitiu conhecer (ou confirmar) seja a visão do grupo, seja a visão do representante sobre quem faz o quê, como e onde, com que motivações e resultados. Para apoiar a análise, foram especificadas subcategorias para algumas categorias – VQM e EIR.

[231] Como dito anteriormente, um conceito capaz de se enquadrar em mais de uma categoria foi examinado à luz do texto original antes de ser associado a uma e somente uma categoria.

[232] Política é a atividade destinada a estabelecer as regras e a tomar as decisões para tornar possível a convivência entre grupos de pessoas (BOBBIO, 2010).

[233] O termo *polis* foi enquadrado nessa categoria, por conta de seu significado incluir a assembleia dos cidadãos (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 2004) – um foro do âmbito das relações sociais. Cacciari (2012) explica a diferença do uso do termo por gregos e romanos. Para os gregos, *polis* é o lugar do *éthos*, dá sede a uma gente. A ideia de *polis* remete a um todo orgânico; daí se deriva o termo *polítes*, que designa o cidadão. Já em Roma, desde as origens, a cidade é confluência de pessoas muito diferentes. *Civitas* designa a cidade. *Civitas*, ao contrário do grego *polis*, é produto dos *cives* em sua concordância de, em conjunto e em um mesmo lugar, dar-se a mesma lei. Em qualquer dos casos, o termo se refere a iniciativas humanas, como momento, acordo ou foro de decisões políticas.

Quadro 7 – Subcategorias de análise

Categoria	Subcategoria	Identificador	Definição
EIR	Recurso	RE	Meio ou instrumento utilizado para propor, projetar ou executar uma ação, tomar uma decisão ou fazer uma escolha.
	Elemento do Espaço	EE	Objeto ou conjunto de objetos que ocupam um espaço projetado sobre a Terra, presentes na realidade física, ou espaço topologicamente definido capaz de abrigá-los.
	Evento ou Iniciativa	INI	Acontecimento, idealizações ou empreendimentos propostos em foros das relações sociais, incluindo o mercado.
VQM	Qualidade da Ação	QA	Julgamento atribuído a qualquer elemento da categoria Ação (AC)
	Qualidade do Espaço	QE	Julgamento atribuído a qualquer Elemento do Espaço, da categoria EIR
	Tempo	TP	Referência ao tempo em que uma ação se realiza.

Fonte: Elaboração da autora.

As redes analisadas a seguir foram apresentadas em novembro de 2014 a membros de ambos os grupos em estudo, com o objetivo de validar a compreensão acerca dos movimentos e das conversações estabelecidas em suas respectivas páginas Facebook em favor da realização do parque e pela recuperação da área contígua à Ponte Musmeci, situada à entrada do idealizado parque. A "linguagem" das redes demonstrou-se coerente e até mesmo reveladora para a maioria dos membros dos grupos presentes à sessão de validação. Entretanto nem todos concordaram com a interpretação apresentada, por exemplo, das motivações subjacentes à criação do grupo Il Giardino in Movimento, que aparece como fortemente ligada à luta por dar visibilidade à demanda pelo Parco del Basento.

5.1.2 Análise das conversações dos grupos italianos

As redes subsidiaram a obtenção das respostas às questões de pesquisa. No caso do grupo Parco del Basento foram analisadas as redes semânticas criadas, de um modo geral, a partir das discussões travadas nos comentários enquadrados nos temas Espaço Urbano, Visões em Conflito e Política e a *polis*. No caso do grupo Il Giardino in Movimento a análise se concentrou em uma única rede que representa os principais assuntos postados na sua página Facebook. A análise segue as estratégias apresentadas.

a) Grupo Parco del Basento

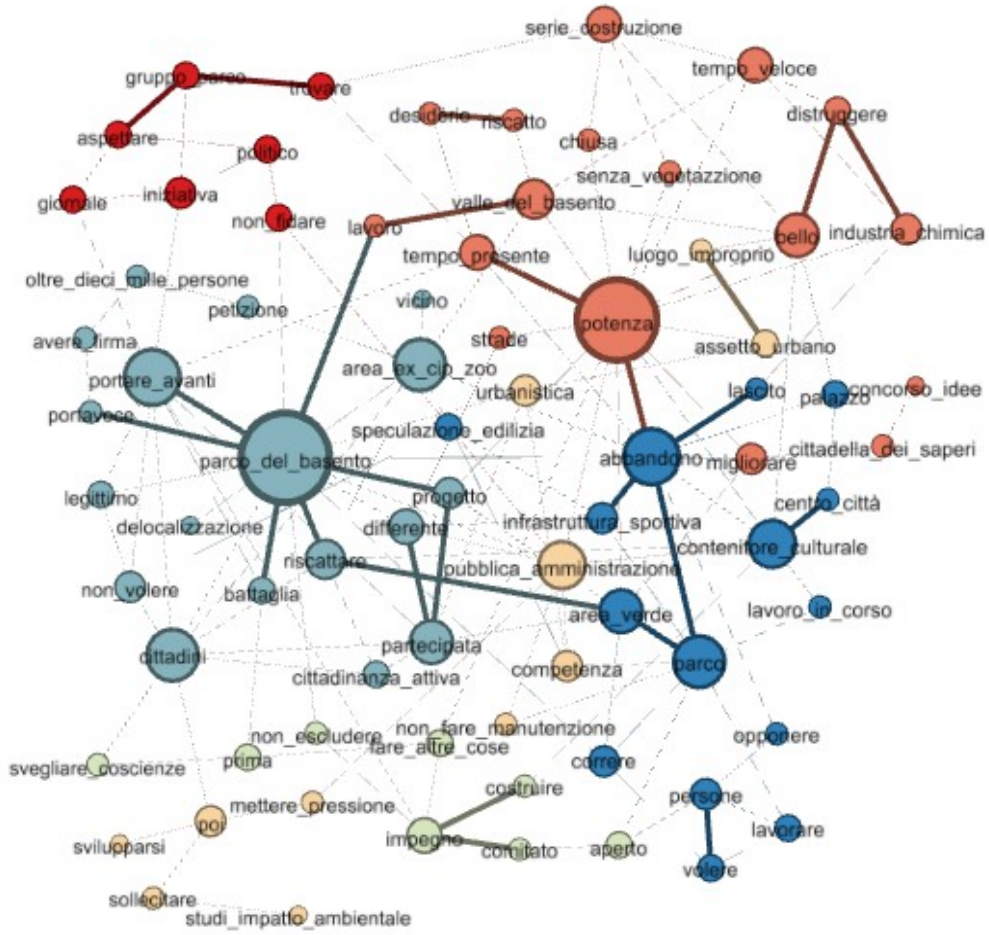
- *Visão do Espaço Urbano*

O movimento se concentra na defesa da ideia de criação do Parco del Basento numa área específica da cidade e tem por objetivo resgatar esse espaço para um uso diverso daquele

a que foi destinado durante o processo de evolução urbana do século anterior. Opõe-se ao processo de especulação imobiliária e defende que a área deverá ser usada enquanto área verde pelos cidadãos.

A figura a seguir apresenta a rede em seu conjunto, formada em seis comunidades. Ela espelha as discussões sobre a localização do parque, as condições da área e mesmo sobre a oportunidade de lançar um projeto dessa natureza frente a outras necessidades de melhoria do espaço urbano.

Figura 6 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades e o tamanho do nó depende do grau do conceito

Com base no fato de que medidas de centralidade podem ser empregadas para caracterizar a importância de um nó na rede (WASSERMANN; FAUST, 1994), considera-se que os principais interesses do grupo são revelados pelos conceitos mais centrais na rede. Esses foram obtidos entre aqueles mais bem posicionados nos índices de centralidade de nós

da rede (Quadro 8) e mencionados em ao menos três dos índices (Quadro 9).

As comunidades foram assim denominadas, em razão do significado de seus nós mais centrais:

- Comunidade 1 – Parque do Basento – 23,68% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Cidade de Potenza – 22,37% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Abandono do Espaço Urbano – 19,74% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Administração Pública – 14,47% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Empenho na Batalha – 10,53% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Grupo Parque – 9,21% do total de nós da rede

Quadro 8 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	parco_del_basento	parco_del_basento	parco_del_basento	parco_del_basento
2	potenza	potenza	potenza	potenza
3	abbandono/portare_avanti	abbandono	abbandono	abbandono
4	cittadini/area_ex_cip_zoo/parco	area_ex_cip_zoo	cittadini	portare_avanti
5	pubblica_amministrazione/ contenitore_culturale	pubblica_amministrazione	area_ex_cip_zoo	cittadini

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 9 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
parco_del_basento	4	EIR	1
potenza	4	EIR	2
abbandono	4	VQM	3
cittadini	3	AT	1
area_ex_cip_zoo	3	EIR	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Verifica-se que as menções à iniciativa do grupo ("parco_del_basento"), à cidade ("potenza") e à situação de degradação ("abbandono") dos edifícios e equipamentos urbanos ("contenitore_culturale", "infrastruttura_sportiva", "pallazo") possuem os maiores índices de centralidade em todos os casos. Isso denota a maior variedade no emprego desses conceitos (*Degree*) e a maior atenção a eles dispensada no conjunto dos assuntos discutidos pelo grupo (*Closeness centrality*). Denota também que tais conceitos estão muito próximos de outros conceitos importantes, uma vez que estão muito conectados a seus próprios vizinhos (*Eigenvector centrality*). Esses três conceitos centrais – "parco_del_basento", "potenza" e "abbandono" – possuem ainda as maiores centralidades de intermediação (*Betweenness*

centrality), pois conduzem a diversos tópicos de discussão.

A comunidade mais proeminente concentra o maior número de conceitos centrais apresentados no Quadro 9 acima, no caso, a comunidade 1 (Parque do Basento), que se refere à iniciativa do grupo. Essa comunidade, além de ser a de maior tamanho na rede (com 23,68% do total dos conceitos), possui três dos cinco conceitos centrais.

De fato, verifica-se que a comunidade Parque do Basento joga um papel central na rede. O subgrafo a ela correspondente mostra as motivações do grupo associadas à criação do parque: resgatar a área do projeto para um novo uso – área verde – pelos cidadãos ("area_ex_cip_zoo", "area_verde", "riscattare", "cittadini"); os recursos mobilizados para tanto – petição e recursos à participação ("petizione", "cittadinanza_attiva", "partecipata"), além de caracterizar o movimento como uma batalha levada adiante pelo grupo ("bataglia", "portare_avanti").

O termo porta-voz ("portavoce") pertence a essa comunidade. Não aparece ligado ao termo que nomeia o grupo ("gruppo-parco"), mas ligado ao grande número de firmatários da petição em favor da criação do parque, mais de onze mil pessoas naquele momento. A menção ao grupo pertence a uma outra comunidade (comunidade 6), que trata de suas expectativas em relação ao apoio à sua iniciativa por parte dos jornais e de políticos. A comunidade 6, no entanto, não possui sequer um termo entre os conceitos centrais acima. O movimento em prol do Parque do Basento se afirma como uma forma de cidadania ativa, participativa e diferente. A ideia de participação está aqui associada à própria ideia projetual do parque, embora sua concepção tenha sido desenvolvida pelo estúdio WOP.

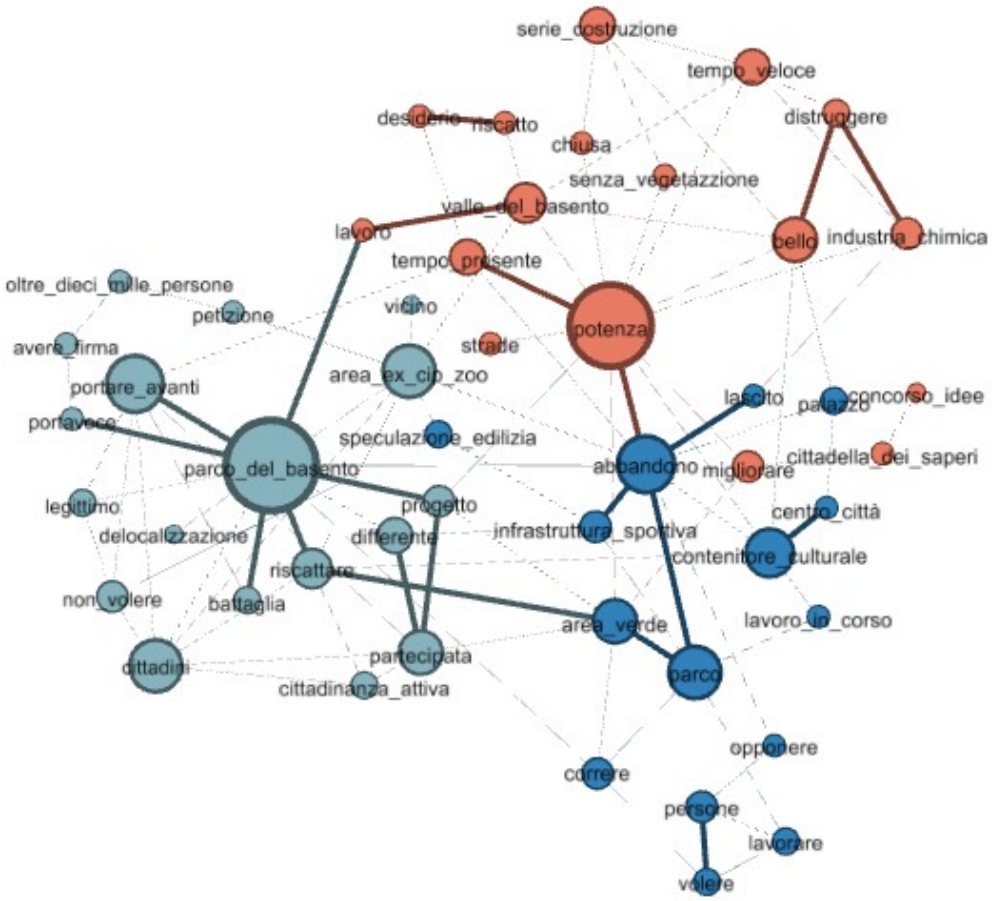
A menção à cidade de Potenza se localiza na comunidade 2 (Cidade de Potenza), que apresenta as características da evolução urbana e da área do vale do Basento. Aqui comparece um protagonista das mudanças nas características da cidade: a indústria química. Segundo membros do grupo, a cidade rapidamente teria se transformado em uma cidade "fechada" ("chiusa") – em referência às grandes edificações que não permitem a visão da paisagem – e desprovida de vegetação ("senza_vegetazzione").

Outra comunidade proeminente é a de número 3 (Abandono do Espaço Urbano), que trata do abandono tanto da infraestrutura esportiva e cultural quanto dos parques e áreas verdes existentes, e apresenta o desejo das pessoas de usarem a área verde para correr. Inclui a referência à especulação imobiliária ("speculazione_edilizia"), algo que o grupo não deseja para a área do projeto ("area_ex_cip_zoo"), conceito esse que se localiza na comunidade 1 –

Parque do Basento. A palavra “abbandono” possui grau 10 e sucede a referência à cidade (“potenza”) especificamente em termos desse índice. Nesse ponto, iguala-se à expressão “levar adiante” (“portare-avanti”), que está na comunidade mais proeminente da rede (a comunidade 1) e trata da disposição para levar adiante a batalha (“battaglia”) pelo parque.

Uma visão das comunidades mais importantes (1, 2 e 3), apresentada na Figura 7, evidencia como o grupo Parco del Basento vê em sua iniciativa uma forma de resgate do espaço urbano a partir da mobilização dos cidadãos de Potenza: a cidade para uso dos cidadãos.

Figura 7 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Principais comunidades



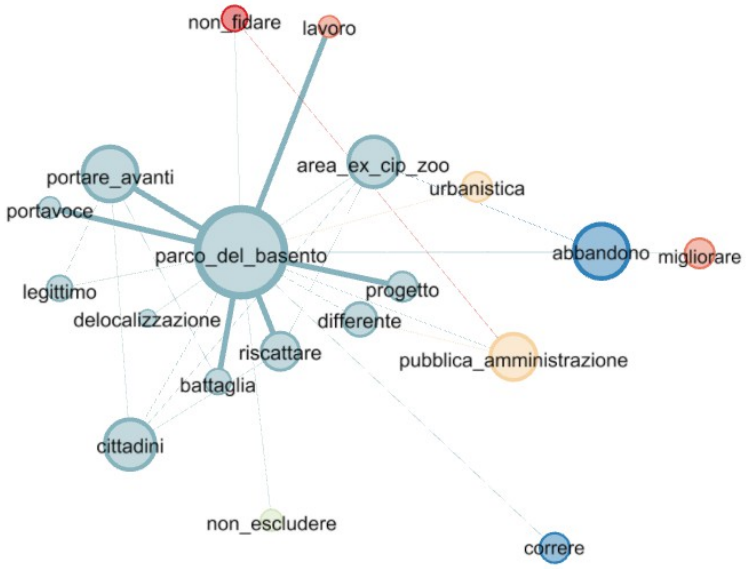
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Potenza está representada pelo nó com o segundo maior número de relacionamentos (grau 16); rivaliza apenas com a menção ao Parco del Basento (18). Mas, embora o conceito ocupe a segunda posição em todos os rankings de índices de centralidades e faça parte da segunda maior comunidade (contém 22,37% do total de conceitos da rede), possui apenas um

entre os cinco conceitos centrais (Quadro 9).

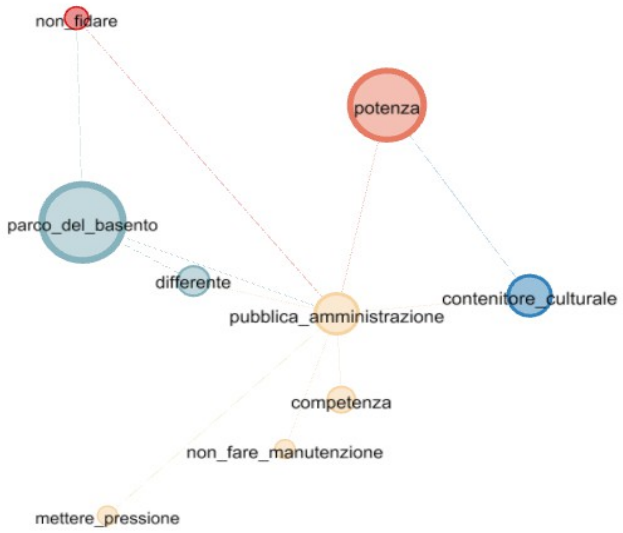
A exploração da vizinhança imediatamente conectada ao principal nó da rede (profundidade igual a 1) – "parco_del_basento" – revela a desconfiança ("non_fidare") em relação à administração pública (Figura 8), que é responsabilizada pela falta de manutenção dos equipamentos urbanos e se constitui no alvo das pressões do grupo (Figura 9).

Figura 8 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Rede "ego" de "parco_del_basento"



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Figura 9 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Rede "ego" de "pubblica_amministrazione"



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Tomando-se o ponto de vista das categorias, verifica-se que a maior parte – três – dos cinco conceitos centrais se referem a EIR (Evento, Instituição, Iniciativa ou Recurso). Essa categoria trata das iniciativas, realizadas ou idealizadas, seja no espaço físico ou em foros instituídos no âmbito das relações sociais, e os respectivos recursos utilizados ou disponíveis para sua consecução. Aqui aparecem a iniciativa do parque ("parco_del_basento"), sua área de implantação ("area_ex_cip_zoo") e a própria cidade ("potenza").

A categoria EIR comparece, na rede como um todo, em segundo lugar com 27,63% dos nós. Com 35,53% da totalidade de nós, predominam na rede os da categoria VQM (Valor, Qualidade e Motivação), que contempla julgamentos atribuídos a quaisquer elementos das demais categorias.

Até o momento a análise da rede oferece algumas respostas para a questão: "quais são as características atribuídas ao espaço urbano?", quais sejam, no presente, um espaço abandonado pela administração pública, uma cidade fechada, sem visão da paisagem do entorno, com edificações em lugares impróprios, que precisa ser resgatado para uso dos seus cidadãos. Mas é também preciso analisar a categoria Ação (AC) – qualquer ação física ou comunicativa que se verifica ou pode se verificar, com possível impacto sobre atores, espaço, instituições da administração pública e instituições sociais de qualquer natureza – e valores, qualidades e motivações a ela correspondentes, para dar respostas à seguinte questão de pesquisa: "quais são as ações preferenciais para obter o espaço desejado?". Para tanto, selecionaram-se os termos mais centrais de modo análogo ao anteriormente feito, mas agora para uma categoria específica (AC) e para a subcategoria Qualidade da Ação (QA) da categoria VQM, que contempla os julgamentos atribuídos a qualquer elemento da categoria Ação.

Os Quadros 10 e 12 apresentam conceitos mais bem posicionados para cada um dos índice de centralidade, na categoria Ação e na subcategoria Qualidade da Ação, respectivamente. Os Quadros 11 e 13 apresentam os conceitos centrais encontrados para as ações e para as qualidades que lhe são atribuídas.

Quadro 10 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Categoria AC – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	portare_avanti	portare_avanti	portare_avanti	portare_avanti
2	riscattare	riscattare	riscattare	correre
3	iniziativa/correre	correre	correre	riscattare
4	aspettare/trovare/distruggere/ fare_altre_cose/lavorare/ non_fidare	non_fidare	non_fidare	non_fidare
5	costruire/mettere_pressione/ sollecitare/svegliare_coscienze/ non_escludere/ non_fare_manutenzione/opponere	fare_altre_cose	non_escludere	sollecitare

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 11 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Categoria AC – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Comunidade
portare_avanti	4	1
riscattare	4	1
correre	4	3
non_fidare	4	6

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

As ações mais centrais encontram-se na comunidade 1. Elas confirmam o empenho do grupo em levar adiante ("portare_avanti") a ideia do parque motivada pelo resgate ("riscattare") da área para e pelos cidadãos. Um dos conceitos centrais refere-se a um uso desejado para o parque: utilizá-lo para fazer corridas ("correre"). A outra ação mencionada em todos os índices de centralidade trata-se de uma alerta para que as pessoas não confiem ("non_fidare") seja na administração pública ("pubblica_amministrazione"), seja nos políticos ("politico"). A ideia do grupo é fazer pressão ("mettere_pressione") sobre a administração pública, que não faz a devida manutenção ("non_fare_manutenzione") nos parques da cidade.

Quadro 12 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Subcategoria QA – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	abbandono	abbandono	abbandono	abbandono
2	partecipata/bello	migliorare	partecipata	migliorare
3	differente/impegno	partecipata	differente	bello
4	competenza/non_volere/migliorare	differente	migliorare	impegno
5	battaglia/aperto/legittimo/ speculazione_edilizia/volere/ cittadinanza_attiva	competenza	bello	partecipata

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 13 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Subcategoria QA – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Comunidade
abbandono	4	3
partecipata	4	1
migliorare	4	2
bello	3	2
differente	3	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

A qualidade mais proeminente está representada pela palavra abandono ("abbandono"). O conceito, localizado na comunidade 3, relaciona-se com a situação em que se encontram os equipamentos e edificações devotados à cultura, parques e a infraestrutura existente. Qualidades importantes da ação do grupo estão posicionadas na comunidade 1, entre elas: participativa, diferente, batalha e cidadania ativa (respectivamente "partecipata", "differente", "bataglia" e "cittadinanza_attiva"). Referem-se à iniciativa em prol do Parco del Basento como uma forma participação ativa dos cidadãos. Qualifica-se a ação (legítima) de levá-la adiante como uma batalha. Participação está associada diretamente ao conceito "urbanistica", da comunidade 4 – Administração Pública. Urbanística refere-se ao estudo e ao projeto do funcionamento e do crescimento da cidade (CATTANA; NESCI, 2003), uma competência da administração pública.

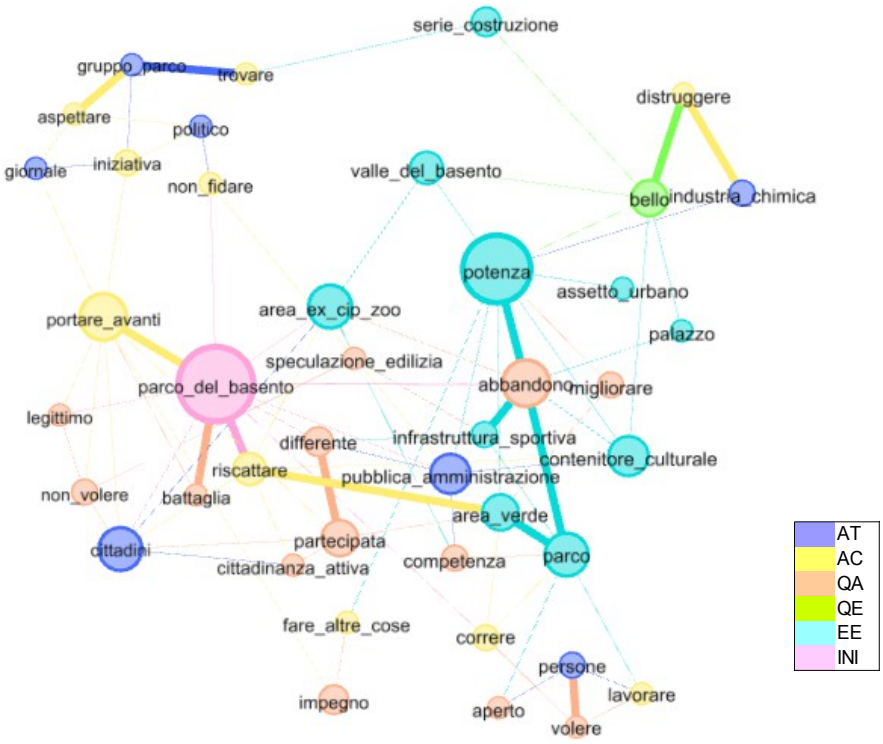
A palavra melhorar ("migliorare") conecta-se diretamente com ambas as propostas alternativas para a área: a do grupo – o Parco del Basento – e aquela colocada pelo representante da Província – a Citadella dei Saperi. A simples visualização da rede, tomando-se apenas esse conceito e suas conexões, não dá respostas definitivas sobre qual das propostas seria capaz de, realmente, trazer melhorias para Potenza. Os conceitos compromisso ("impegno") e aberto ("aperto"), contidos na comunidade 5, associam-se a qualidades atribuídas ao Comitê do grupo, que é aberto a participantes que se empenham em levar adiante a ideia do parque.

Para se conhecer os efeitos das qualidades das ações (QA) sobre qualidade do espaço urbano (subcategoria QE, contendo os julgamentos atribuídos a qualquer elemento do espaço urbano), pode-se buscar verificar o que os atores fazem e com quais resultados. A imagem a seguir foi obtida para conceitos com centralidade de grau situada no intervalo 3 a 18. Ela apresenta conceitos das categorias Ator,[234] Ação e apresenta conceitos das seguintes

[234] Qualquer indivíduo, agrupamento, categoria profissional ou papel desempenhado por indivíduos, entidade ou instituição, sejam eles declarados como agentes ou pacientes de ações, sejam eles objeto de avaliação ou juízo.

subcategorias: Qualidade da Ação (QA) e Qualidade do Espaço (QE), da categoria Valor, Qualidade e Motivação (VQM), e Elementos do Espaço (EE)[235] e Evento ou Iniciativa (INI),[236] pertencentes à categoria Evento, Instituição, Iniciativa ou Recurso (EIR).

Figura 10 – Grupo Parco del Basento – Espaço Urbano – Consequências das ações



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às categorias/subcategorias. O tamanho do nó depende do grau do conceito.

O que se vê é que o conceito cidadãos ("cittadini") está diretamente relacionado a não desejar ("non_volere") especulação imobiliária ("speculazione_edilizia") na área do projeto do parque ("area_ex_cip_zoo"), e liga-se à ideia de cidadania ativa ("cittadinanza_attiva") e participativa ("partecipata"). Liga-se também à ideia de levar adiante a iniciativa do Parco e à ideia de resgatar área verde. O grupo ("gruppo_parco") espera que jornais e políticos levem adiante a iniciativa. Os políticos, entretanto, não são dignos de confiança ("non_fidare"), assim como não o é a administração pública. É da competência desta última cuidar de alguns parques e da área ex-Cip Zoo. A administração pública está relacionada diretamente com os belos equipamentos culturais públicos ("contenitore_culturale") de Potenza, que se encontram

[235] Objeto ou conjunto de objetos que ocupam um espaço projetado sobre a Terra, presentes na realidade física, ou espaço topologicamente definido capaz de abrigá-los.
[236] Acontecimento, idealizações ou empreendimentos propostos em foros das relações sociais, incluindo o mercado.

em situação de abandono, assim como a infraestrutura esportiva e os belos edifícios ("palazzo") da cidade. A indústria química aparece aqui responsabilizada pela destruição do belo, associado à cidade e ao vale do Basento.

Em síntese, o grupo almeja obter um espaço de acesso aberto ao uso de todos, dedicado ao tempo livre, e se coloca contra a falta de manutenção da infraestrutura urbana, que é da competência da administração pública. Mostra-se ressentido pelo descaso com relação aos habitantes da cidade por parte dos modelos de desenvolvimento econômico adotados pelo Estado. Sua ideia de cidadão relaciona-se diretamente com a participação e com a visão republicana de democracia, na qual, cidadãos, atores politicamente autônomos, devem poder participar de uma práxis comum (HABERMAS, 1995).

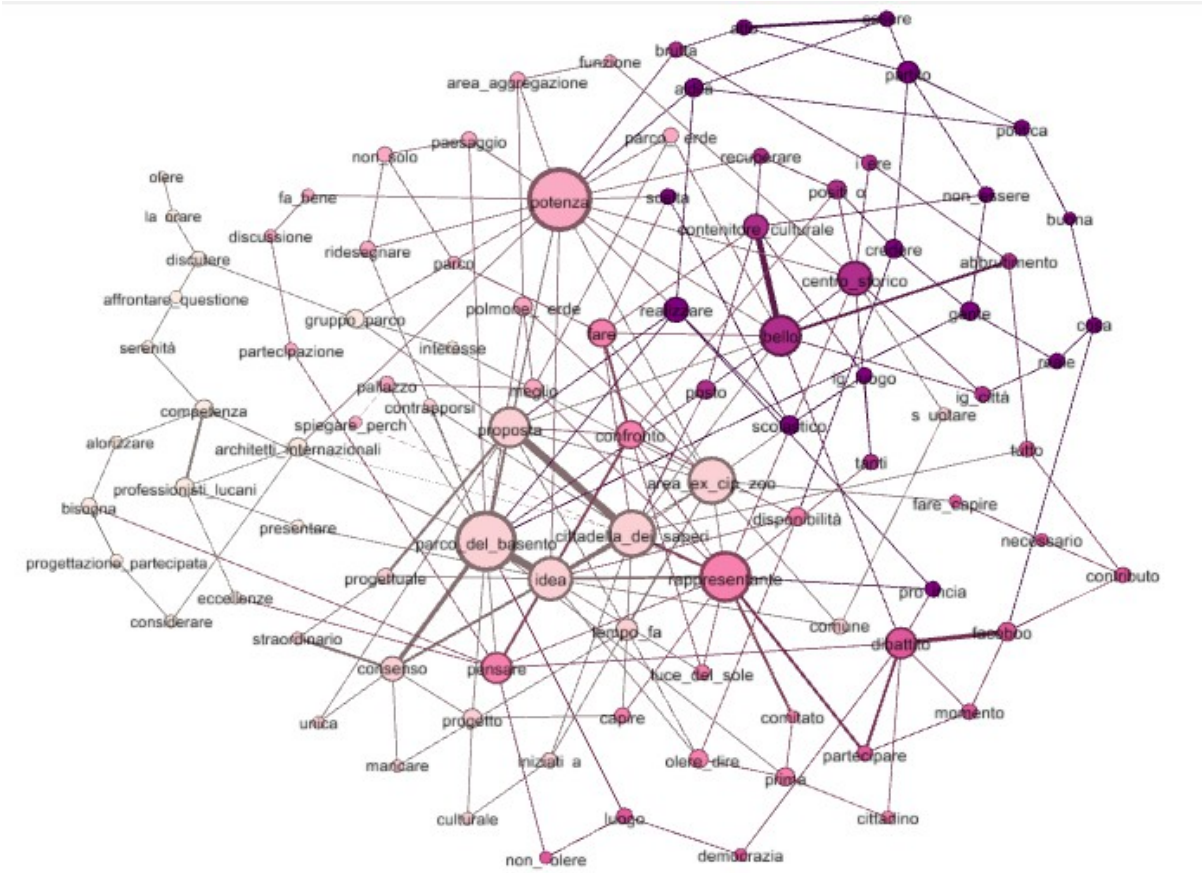
- *Visões em conflito*

As discussões do grupo com o representante da Província envolveram não apenas a avaliação da proposta por ele apresentada em alternativa à ideia projetual do parque – a Cittadella dei Saperi –, mas também outras aspectos da administração da cidade. Esta proposta, se implementada, envolveria a construção de uma série de edificações para hospedar escolas e outros equipamentos destinados à educação, exatamente na área desejada para a implantação do Parco del Basento.[237] A proposta não era nova e foi relançada pelo presidente da Província contemporaneamente à criação do Comitê organizador do movimento.[238] No calor das discussões, o presidente intervém na página do grupo para defendê-la.

A opinião de membros do grupo e a contra-argumentação do representante estão representadas em duas redes semânticas distintas. Embora originadas nas discussões travadas entre grupo e representante, cada uma delas coloca em evidência os pontos de vista em conflito. Pretende-se assim encontrar respostas à questão: "quais as visões de grupos e representantes presentes nas redes sociais digitais?"

[237] Ver post de Piero Lacorazza, então representante da Província, de 18/4/2012.
[238] Ver post de Astronik Antonio Nicastro, membro do grupo e do Comitê, de 17/4/2012.

Figura 11 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo

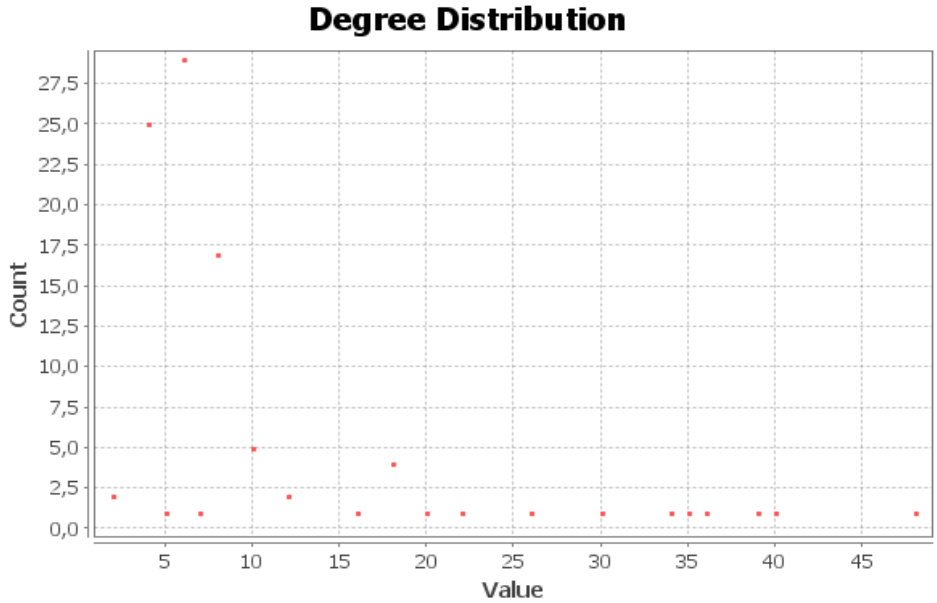


Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Na visão geral da rede, ressaltam os conceitos de maior grau: Parque do Basento ("parco_del_basento" com grau 18); Cidade de Potenza ("potenza", 17); representante ("rappresentante", 14); a área do projeto e a iniciativa proposta pelo representante ("area_ex_cip_zoo" e "citadella_dei_saperi", 13), ideia ("idea", 12), proposta e belo ("proposta" e "bello", 11), Centro Histórico ("centro_storico", 9), pensar e debate ("pensare" e "dibattito", 8); fazer e confronto ("fare" e "confronto", 7).

O grau médio encontrado para a rede é de 4,12 e o grau ponderado médio é de 9,46. O grau médio diz respeito à quantidade média de associações de dado conceito com outros conceitos da rede. Como visto, o grau mostra a importância do conceito na rede através das conexões que este estabelece com os seus vizinhos, demonstrando a diversidade de uso do termo. O grau ponderado médio baseia-se no número de ocorrência dessas associações, mostrando com isso a força desses relacionamentos. A distribuição de graus ponderados é apresentada na imagem a seguir.

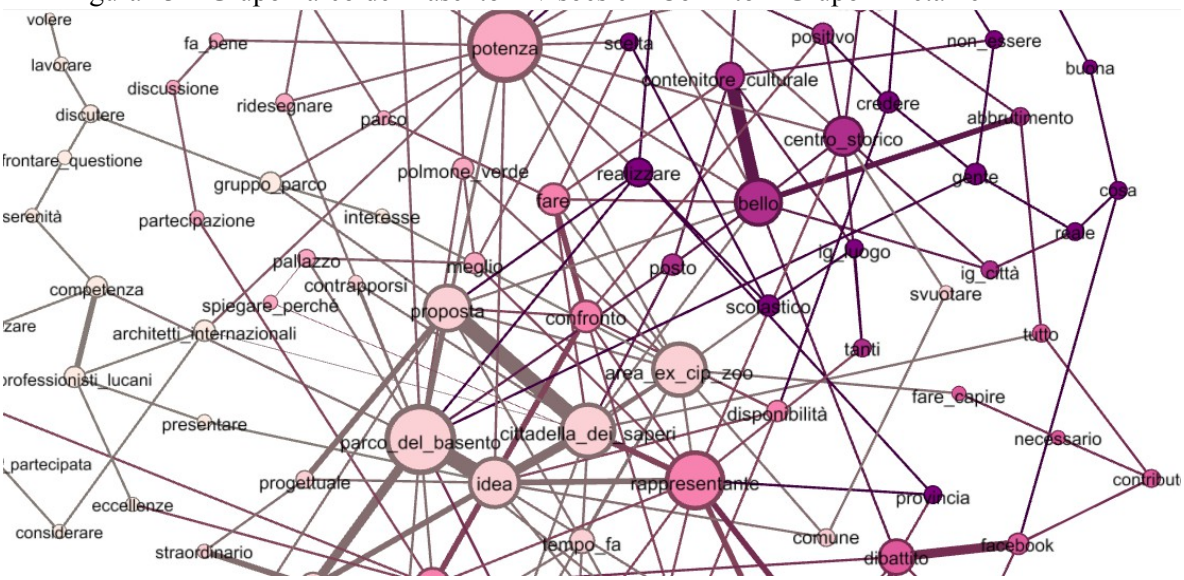
Figura 12 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo: Distribuição de graus ponderados



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Vê-se que são poucos os conceitos que possuem associações fortes com outros. Observando-se em detalhe a conexão entre os conceitos de maior grau acima citados, verifica-se que o grupo solicita diretamente ao representante colocar em confronto ambas as propostas, sempre referenciadas à cidade de Potenza. O Centro Histórico que, apesar de desempenhar uma função de agregação e de possuir belos equipamentos culturais, foi esvaziado pela Prefeitura ("comune"), aparece relacionado com a Cittadella dei Saperi, numa sugestão de mudança da sua localização. Uma visão em detalhe a seguir ressalta os conceitos de maior grau e suas conexões.

Figura 13 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo – Detalhe



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Considerando-se o significado de seus nós mais importantes – ou seja, os conceitos melhor posicionados nos índices de centralidade, as comunidades encontradas podem ser assim denominadas:

- Comunidade 1 – Parque do Basento – 17,53% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Arquitetos Internacionais – 16,49% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Realizar – 16,49% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Cidade de Potenza – 15,46% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Representante – 11,34% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Debate – 11,34% do total de nós da rede
- Comunidade 7 – Centro Histórico – 11,34% do total de nós da rede

Os Quadros 14 e 15 a seguir apresentam os conceitos com maiores índices de centralidade e os conceitos centrais, respectivamente.

Quadro 14 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	potenza	potenza	potenza	potenza
2	parco_del_basento	parco_del_basento	parco_del_basento	parco_del_basento
3	rappresentante	idea	area_ex_cip_zoo	rappresentante
4	area_ex_cip_zoo/ cittadella_dei_saperi	proposta	cittadella_dei_saperi	pensare
5	idea	bello	proposta	area_ex_cip_zoo

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 15 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo – Conceitos centrais

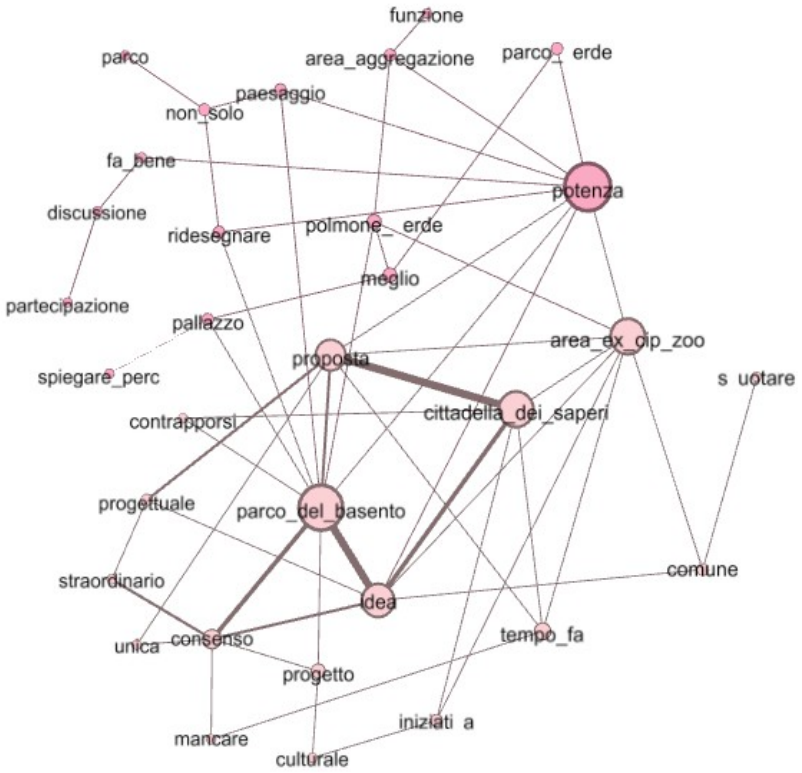
Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
potenza	4	EIR	4
parco_del_basento	4	EIR	1
area_ex_cip_zoo	3	EIR	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Do ponto de vista da centralidade, os principais conceitos se concentram na comunidade 1, e prevalece a categoria EIR, certamente porque os comentários tratam das propostas e iniciativas que encaminham diferentes usos de espaços da cidade de Potenza.

O confronto entre a comunidade 1, onde se localizam os conceitos Parque do Basento e Cidadela dos Saberes (“parco_del_basento”, “cittadella_dei_saperi”), e a comunidade 4, onde se localiza o conceito Potenza (“potenza”), mostra que, para o grupo, o Parco del Basento é uma ideia projetual que obteve extraordinário consenso e é capaz de reprojetar (“ridesegnare”) não apenas a paisagem mas a própria cidade. Em contraposição, teria faltado consenso (“mancare”, “consenso”) à proposta de implantação de um conjunto de escolas na área da ex-Cip Zoo, já feita anteriormente (“tempo_fa”) e retomada pelo representante da Província nesse momento, justamente na área prevista pelo grupo para o parque – pulmão verde e área de agregação de Potenza, como se vê na Figura 14.

Figura 14 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo: Parco x Potenza

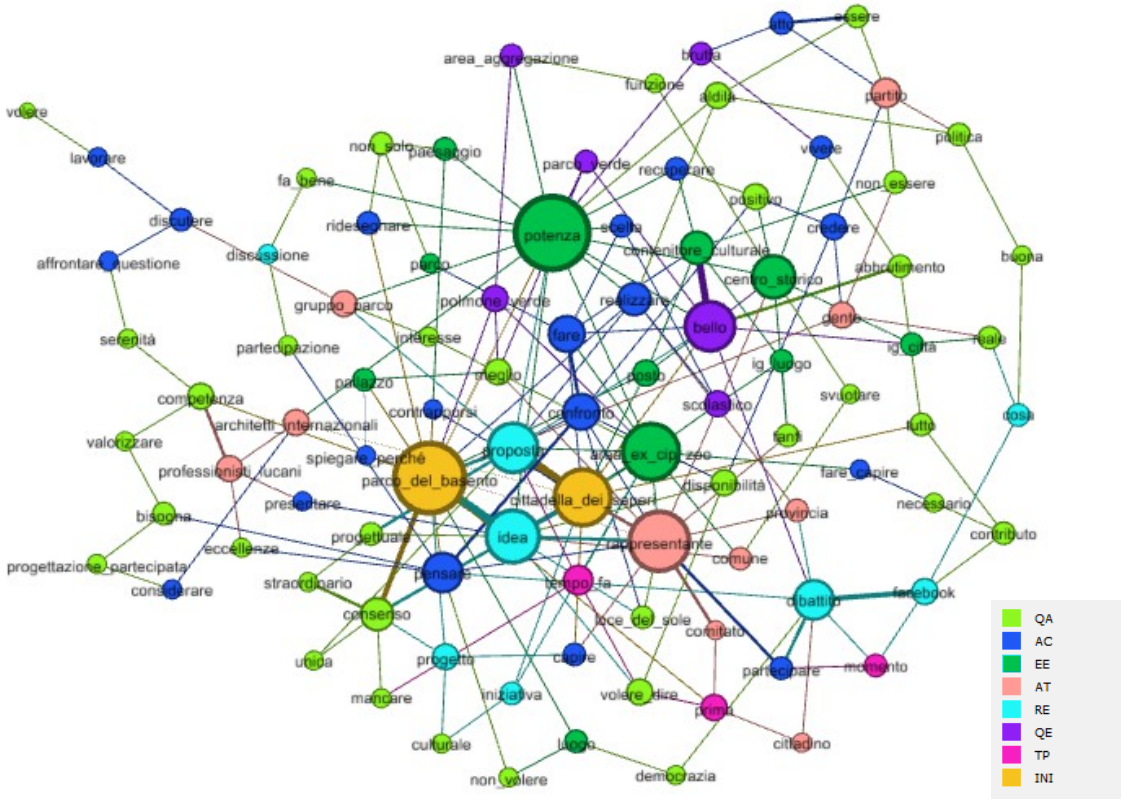


Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A comunidade 5 (Representante) convida o representante a refletir sobre a proposta do parque e a confrontar sua proposta de Cidadela dos Saberes com a proposta feita pelo grupo. A comunidade 6 (Debate) complementa e reforça a necessidade de debate para o esclarecimento dos pontos de vista. A comunidade 7 (Centro Histórico) apresenta as (boas) qualidades da área central da cidade que o grupo quer ver relevadas.

Diferentemente dos conceitos centrais, para toda a rede prepondera a categoria VQM (47,42%), seguida de EIR (21,65%), AC (20,62%) e AT (10,31%). Para obter-se uma visão das expectativas do grupo em relação às ações para a melhoria do espaço urbano e relativas às propostas em confronto, examinaram-se as subcategorias Qualidade da Ação e Qualidade do Espaço (categoria VQM) e Elementos do Espaço (categoria EIR), apresentadas a seguir.

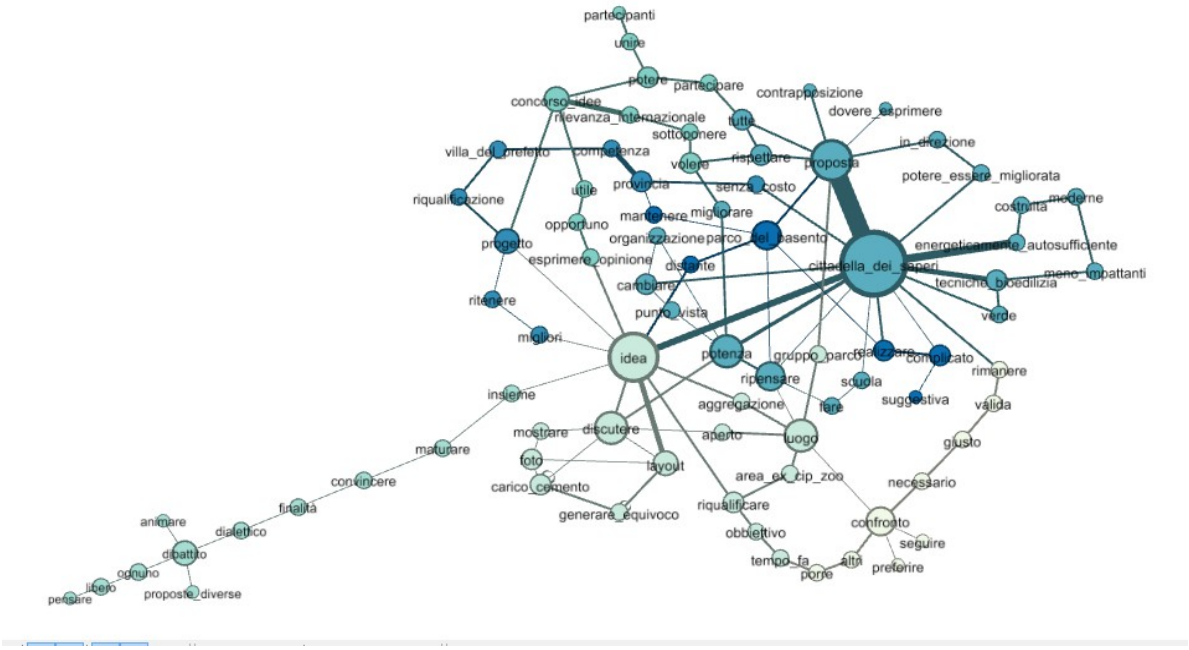
Figura 15 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Grupo: Ações sobre o Espaço Urbano



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem a categorias/subcategorias, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A Figura 15 mostra que o grupo considera positiva a discussão das ideias de um modo participativo, inclusive o confronto entre a sua proposta e a proposta do representante, propondo assim o exercício de troca de argumentos em público, e confirma o valor dado à recuperação do Centro Histórico e dos equipamentos culturais existentes. O grupo sugere que a proposta do representante seja remanejada de lugar, pois existem espaços belos a serem recuperados no Centro Histórico de Potenza, que, no passado, foi esvaziado. A visão do representante, apresentada na figura a seguir, entretanto, contrasta com a visão do grupo. Ela aponta caminhos para o desenvolvimento da cidade numa outra direção.

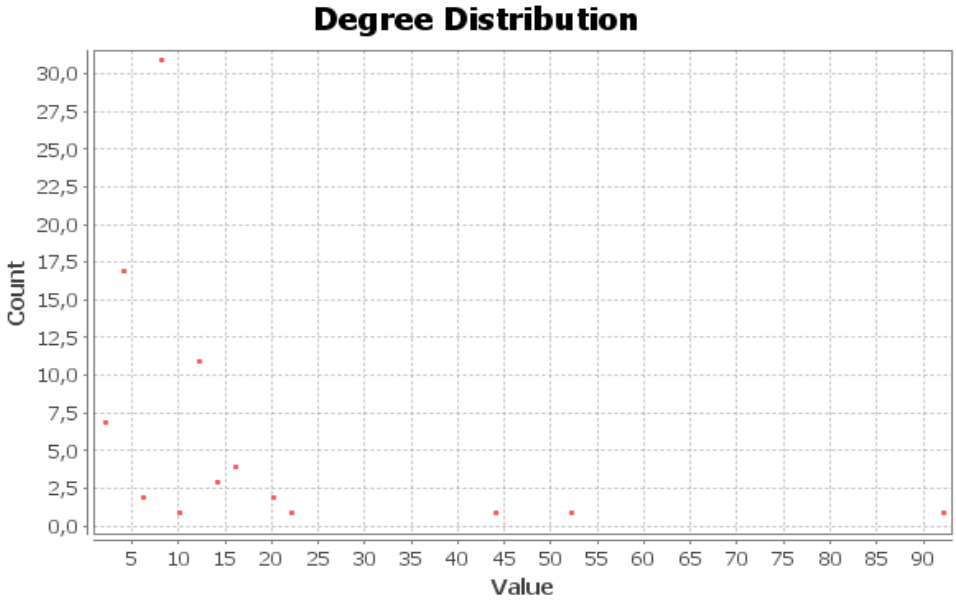
Figura 16 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A ideia da Cidadela domina o discurso do representante, que muitas vezes a chamou de Cidadela da Cultura (aqui generalizada para o conceito "cittadella_dei_saperi"). Isso pode ser visto na distribuição de graus ponderados e na diferença entre o grau médio e o grau ponderado médio. O grau médio para essa rede é 2,76, enquanto o conceito Cittadella dei Saperi possui o mais alto grau observado: 14, com impacto sobre o valor do grau ponderado médio, que é 10,24.

Figura 17 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante: Distribuição de graus ponderados



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Em comparação com a distribuição de graus ponderados obtida para o grupo, apresentada na Figura 12, verifica-se o quanto o discurso do representante está focado na defesa de sua proposta em detrimento de outros assuntos. Considerando-se a sugestão de Carley e Palmquist (1992) de que quanto maior o grau médio, mais bem conectado será o texto, pode-se dizer que há maior conexão entre conceitos no discurso do grupo (grau médio igual a 4,12) do que no discurso do representante (igual a 2,76).

As comunidades dessa rede podem ser assim denominadas:

- Comunidade 1 – Cidadela dos Saberes – 26,83% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Ideia – 18,29% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Concurso de Ideias – 13,41% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Amadurecer Juntos – 13,41% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Confronto – 10,98% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Projeto de Requalificação Urbana – 9,76% do total de nós da rede
- Comunidade 7 – Parque do Basento – 7,32% do total de nós da rede

Os rankings dos conceitos com os cinco maiores índices de centralidade são apresentados no Quadro 16, e os conceitos mais centrais, no Quadro 17.

Quadro 16 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	cittadella_dei_saperi	idea	cittadella_dei_saperi	idea
2	idea	cittadella_dei_saperi	idea	cittadella_dei_saperi
3	proposta	proposta	potenza	insieme
4	discutere/luogo/potenza	ripensare	ripensare	maturare
5	confronto/ripensare/ parco_del_basento/ carico_cemento	discutere/potenza	proposta	convincere

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 17 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
cittadella_dei_saperi	4	EIR	1
idea	4	EIR	2
proposta	3	EIR	1
potenza	3	EIR	1
ripensare	3	AC	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

As comunidades em que se localizam os conceitos centrais são a comunidade 1 (Cidadela dos Saberes) e a comunidade 2 (Ideia), com predomínio da primeira, que contém quatro dos cinco conceitos centrais. A comunidade 1, com a proposta do representante, é a maior da rede, contando com 26,83% dos conceitos que a compõem. A comunidade 2 trata de uma representação da ideia (“layout”) da Cidadela que havia sido veiculada e continha muitas edificações. Os conceitos ideia (“idea”) e o conceito Cidadela dos Saberes (“citadella_dei_saperi”) estão presentes nas duas primeiras posições em quaisquer dos índices de centralidade (Quadro 16). Os conceitos Potenza (“potenza”), proposta (“proposta”) e repensar (“ripensare”) comparecem nas posições subsequentes desses ranking, em referência à proposta da Cidadela, e à sua presumida capacidade de fazer repensar a Cidade de Potenza.

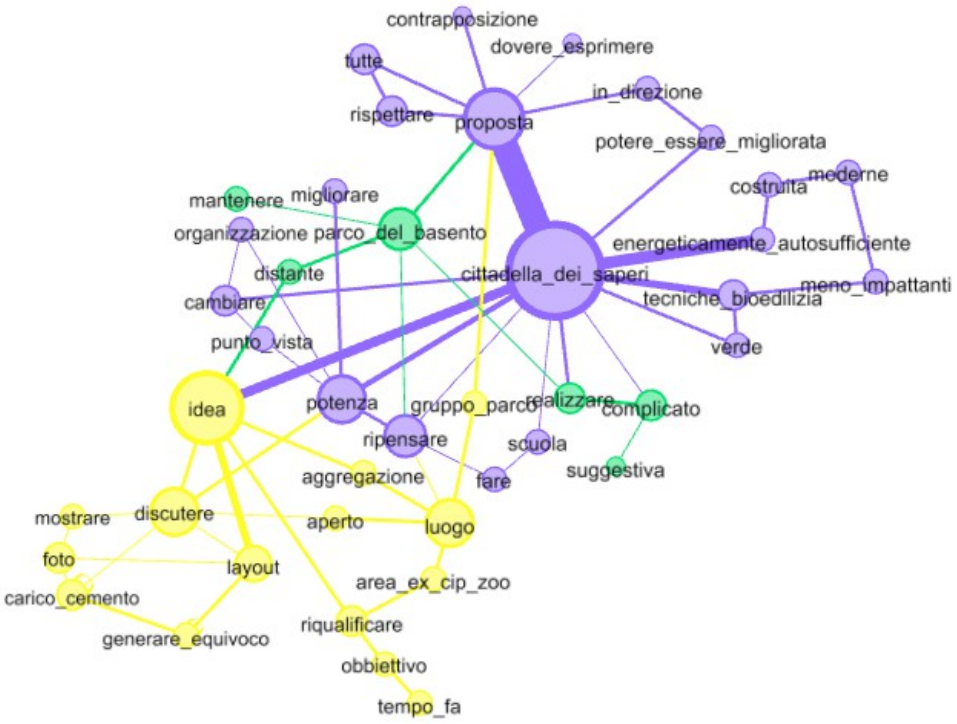
As comunidades 3 e 4 possuem a mesma quantidade de nós. A primeira se refere à possibilidade de realização de um concurso internacional para o desenvolvimento do projeto da Cidadela dos Saberes, no qual todos podem participar. A segunda refere-se à predisposição que o representante diz ter para discutir as propostas.

A comunidade 5 (Confronto) é uma afirmação de que a proposta da Cidadela dos Saberes continua válida e deve ser confrontada. A comunidade 6 (Projeto de Requalificação Urbana) diz ser importante considerar que a Cidadela dos Saberes se trata de um projeto

("progetto") realizado pela administração pública "sem custo" e apresenta as ações de manutenção em parques e edifícios públicos em curso. A comunidade 7 (Parque do Basento), onde se encontra a iniciativa do Parque do Basento ("parco_del_basento"), é a menor comunidade de todas (7,32% dos conceitos da rede), e se trata de uma afirmação vaga sobre a dificuldade de implementar a ideia do grupo e sobre sua menor capacidade de induzir à reorganização da Cidade de Potenza.

Uma visão das comunidades 1, 2 e 7 é apresentada na figura a seguir.

Figura 18 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Representante: Comunidades 1, 2 e 7



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Como se verifica, o representante acredita ser "complicado" realizar o Parco del Basento (comunidade 7), e que a proposta da Cidadela (comunidade 1) pode ser melhorada. Ele elenca as qualidades do padrão construtivo dessa proposta: energeticamente autossuficiente ("energeticamente_autosufficiente"), construídos com técnicas de edificação modernas e menos impactantes ("tecniche_bioedilizia" "moderne", "meno_impattante") (comunidade 1). Referindo-se ao layout com a representação desta ideia que havia circulado nas redes sociais e estava sendo muito criticado pelo grupo, ele admite que foi um equívoco

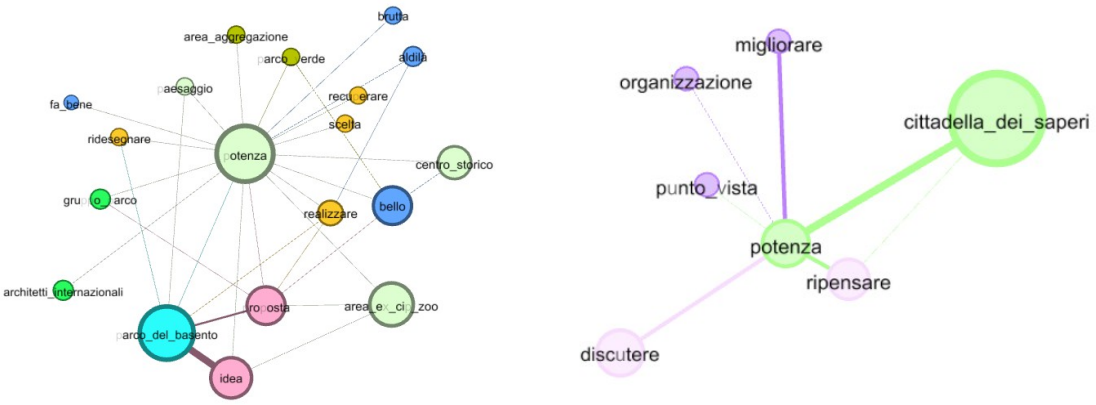
apresentar uma imagem tão carregada de cimento (comunidade 2). Para ele, a Cittadella dei Saperi, e não o Parco del Basento, tem a capacidade de induzir à transformação da cidade de Potenza.

A grande maioria dos conceitos centrais recaem na categoria EIR, mas na rede como um todo predomina a categoria VQM (42,68%), o que provavelmente reflete o fato de o discurso do representante ser centrado na explanação das qualidades positivas da sua proposta. Ele de fato não confronta sua ideia com a proposta do grupo, e assim se furta a discutir os impactos e consequências para o desenvolvimento da cidade da adoção de uma ou outra proposta.

A comparação entre a visão do representante e a visão do grupo mostra que, enquanto na primeira Potenza comparece no ranking para cada um dos índices de centralidade depois dos conceitos "idea", "cittadella_dei_saperi" e, em alguns casos,"proposta" (Quadro 16), na visão do grupo a cidade assume a posição mais central, seguida do "parco_del_basento" em todos os casos (Quadro 14). Uma comparação das redes "ego" do conceito "potenza" na rede do grupo e na rede do representante ilustra as qualidades e a importância atribuídas à cidade por cada uma das partes.

Figura 19 – Grupo Parco del Basento – Visões em Conflito – Potenza

Visão do grupo **Visão do representante**



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem a categorias, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Como se vê, a cidade assume maior importância no discurso do grupo, expressa no grau a ela atribuído (grau 18), um conceito até um pouco mais valorizado do que a proposta do Parco del Basento (grau 17). Áreas da cidade também são associadas a qualidades e características que significam, para o grupo, a própria recuperação do espaço urbano: o belo

Centro Histórico, que foi esvaziado, tem função de agregação, assim como o Parco del Basento, na área da ex-Cip Zoo, se constitui num pulmão verde.

No discurso do representante da Província, Potenza comparece subsidiariamente além de ser muito menos citada do que a Cittadella dei Saperi (frequência 8 e grau 6 contra 21 menções à Cidadela, que possui 14 ligações a outros conceitos). Tampouco são definidos os resultados da implementação dessa proposta sobre o espaço urbano, senão como uma referência muito genérica a uma possível capacidade de vir a induzir à reorganização da cidade. As qualidades explicitadas são apenas para a proposta em si mesma, como visto na Figura 18.

Em resumo, a visão do grupo e visão do representante estão em frontal conflito: o grupo demanda a recuperação das funções do Centro da cidade (Centro Histórico) e a conversão de uma área degradada, fora do centro, em área verde destinada a atividades culturais e de lazer, enquanto o representante da Província propõe que o investimento seja realizado nessa área não-central, mas em um polo de escolas, composto de edificações energeticamente eficientes. Enquanto o primeiro coloca o usufruto do espaço urbano no centro das suas preocupações, para o segundo parece mais importante colocar um único projeto como fator impulsionador do desenvolvimento da cidade, acreditando serem suficientes algumas intervenções então em curso em parques e prédios já existentes no Centro da cidade para dar conta das demandas por manutenção de equipamentos e infraestruturas urbanas.

- *Política e a polis*

A conversação sobre o significado de política envolve poucos membros do grupo (apenas cinco deles). Política aqui está associada diretamente com a coletividade e com a *polis*, mas também com o estímulo ao dissenso, com a antipolítica (com a ressalva de que antipolítica frequentemente é política) e com os partidos. O Parque do Basento comparece com apenas uma menção, mas a ideia de realizá-lo conflui com o valor positivo atribuído ao fazer política, em contraposição ao valor negativo atribuído à ideia de antipolítica. O apelo à antipolítica é visto como demagógico e contraditório, pois o empenho em defender o interesse coletivo situa-se propriamente no campo da política.[239] Afirma-se que a experiência do movimento em prol da criação do parque é, sim, política, é participativa e, segundo um

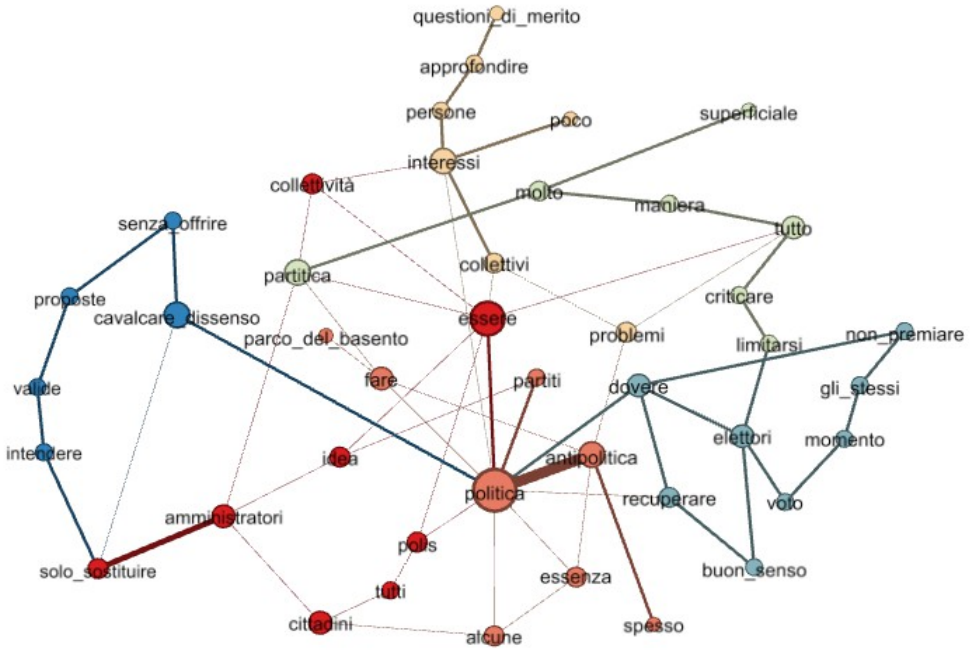
[239] Comentário ao post de 11/5/2012 de Domenico Roberto Rizzi: "A antipolítica é a outra face da má politica: é demagogia que, contando com a corrupção política, fala em resgatar os interesses coletivos. Aqui surge a contradição, porque quando queremos nos comprometer com os interesses da coletividade, estamos no campo da política" (tradução da autora).

membro do grupo, expressa o desejo por um novo modelo.[240] Embora o comentário não especifique a qual modelo se refere, pode estar se referindo simultaneamente ao modelo de desenvolvimento territorial e ao processo decisório em si mesmo.

Constata-se que as pessoas não se mostram dispostas a discutir questões de mérito, afirma-se que a política deve recuperar o bom senso, os eleitores não devem premiar "os mesmos" de sempre no momento do voto e não devem limitar-se a fazer críticas superficiali. Em política, diz-se, não se deve procurar o dissenso sem oferecer propostas válidas intencionando apenas substituir os administradores – algo associado ao fazer "partitica", um termo criado para opor tal intenção ao fazer (boa) política.[241]

A visão das comunidades da rede, apresentada a seguir, expressa essas opiniões.

Figura 20 – Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A rede é composta pelas seguintes comunidades:

- Comunidade 1 – Política – 18,60% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Eleitores – 18,60% do total de nós da rede

[240] O comentário ao post de 11/5/2012 de Domenico Roberto Rizzi diz: "Esta experiência é política, participação, desejo de um outro modelo de desenvolvimento" (tradução da autora).

[241] Comentários ao post de 11/5/2012 de Domenico Roberto Rizzi. Um dos membros do grupo afirma: "[...] o problema é que muitas vezes a antipolítica é uma política de verdade, feito por aqueles que querem aproveitar a dissidência sem oferecer boas propostas, com o objetivo de apenas substituir a atual administração". Outro membro concorda: "Eu chamo isso de 'partítica'" (tradução da autora).

- Comunidade 3 – Pólis – 18,60% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – "Partítica" – 16,28% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Interesses Coletivos – 16,28% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Buscar o Dissenso – 11,63% do total de nós da rede

O Quadro 18 apresenta os cinco conceitos melhor posicionados em cada um dos índices de centralidade. O Quadro 19 apresenta os conceitos mais mencionados nesses rankings.

Quadro 18 – Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	politica	politica	politica	politica
2	antipolitica/interessi/partitica	interessi	antipolitica	interessi
3	amministratori/elettori/fare	fare/antipolitica	fare	cavalcare_dissenso
4	solo_sostituire/cavalcare_dissenso/ cittadini/collettivi/collettività/essen za/ idea/polis/problemi/recuperare	polis	partitica	partitica
5	approfondire/buon_senso/criticare/ intendere/limitarsi/maniera/ momento/non_premiare/partiti/ persone/proposte/senza_offrire/ gli_stessi/tutti/valide/voto	cavalcare_dissenso	interessi	elettori

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 19 – Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
politica	4	AC	1
interessi	4	VQM	5
antipolitica	3	VQM	1
fare	3	AC	1
cavalcare_dissenso	3	VQM	6
partitica	3	VQM	4

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

O termo política ("politica") se destaca pelo grau (11) numa rede cujo grau médio é 2,93 e cujo grau ponderado médio é 9,30. Ele ocupa a posição mais central em todos os índices apresentados no Quadro 18 acima. Interesses ("interessi") se refere tanto aos interesses coletivos quanto ao pouco interesse no aprofundamento de temas importantes para a coletividade. Ambos os termos – política e interesses – desempenham papéis centrais na rede de declarações, em especial o primeiro deles, como demonstram as posições que ocupam nos índices de centralidade, inclusive no que se refere à centralidade de intermediação (*Betweenness centrality*). A ação política que é qualificada como antipolítica ("antipolitica"),

por sua vez, assume posição importante, não apenas pela quantidade de conexões que possui, principalmente com o termo política, quanto pelo fato de o conceito estar próximo de outros conceitos importantes na rede, ou seja, aqueles que também possuem muitas conexões (*Eigenvector centrality*). Fazer ("fare") é uma ação importante na rede – liga-se a fazer política, fazer antipolítica, fazer "partitica" e mesmo fazer o Parque do Basento. Como dito inicialmente, buscar o dissenso ("cavalcare_dissenso") e fazer "partitica" são tidos como algo negativo do ponto de vista da ação política. Os conceitos relacionados a essas atitudes ocupam ao menos três vezes posições destacadas nos índices de centralidade apresentados acima.

A comunidade mais proeminente é a 1 (Política), com três dos seis conceitos centrais. Ela contempla precisamente a opinião que opõe política e antipolítica e a que assume que o movimento pelo Parco del Basento é um movimento do campo da política. Embora não constando entre os conceitos centrais, os partidos também comparecem nessa discussão, associados à política e, embora essa rede não revele, partidos estão associados com a "boa política" e com a democracia, segundo opinião dos envolvidos nessa conversação.[242] A comunidade 3 (Pólis) associa política à coletividade e a todos os cidadãos. O termo *polis*, nela presente, relaciona cidadãos e política.

A comunidade 5 (Interesses Coletivos) trata do pouco interesse demonstrado atualmente pelas pessoas em geral em aprofundar questões de mérito ("questione_di_merito"), sendo que os interesses coletivos são propriamente a questão da política. A comunidade 4 ("Partítica") faz precisamente o contraponto à definição da (boa) política, complementa as observações feitas na comunidade 5 ao colocar-se contra a prática de limitar-se à crítica superficial em política. Na comunidade 2 (Eleitores) recomenda-se a mudança de comportamento por parte dos eleitores, e na comunidade 6 (Buscar o Dissenso) critica-se o tratamento da política como disputa visando simplesmente substituir administradores.

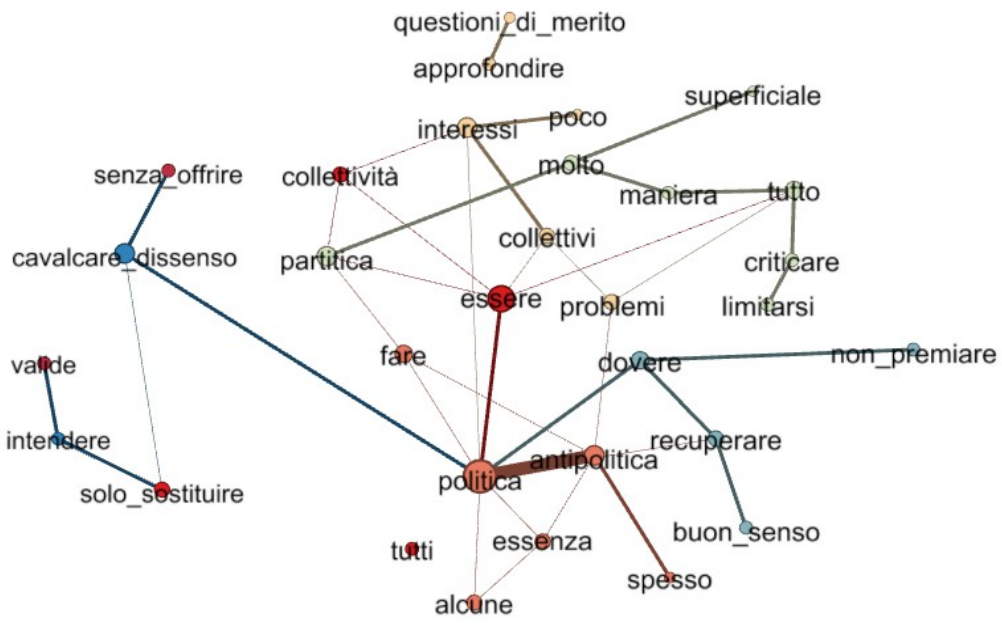
Evidencia-se, nessa conversação, a desqualificação atribuída a formas de fazer política distanciadas dos interesses coletivos e, portanto, do bem comum. O papel central que desempenha o confronto entre formas de fazer política – política *versus* antipolítica – encontra na expressão fazer "partítica" a demonstração clara do desgaste da representação política tal como hoje praticada em razão do seu distanciamento dos interesses da cidadania real

[242] Comentário ao post de Domenico Roberto Rizzi de 11/5/2012: "Recuperemos a boa política, feita de partidos, ideias e projetos, e também de contradições, como de resto toda a vida" diz alguém. Outro confirma: "A política e a democracia precisam de partidos […] e políticos" (tradução da autora).

(SODRÉ, 2014). O papel central que desempenha o confronto entre política e antipolítica relaciona-se com a tentativa de retomar a função da política.

Do ponto de vista das categorias, a rede possui a maioria dos conceitos enquadrados em VQM (55,81%). Os conceitos restantes estão distribuídos da seguinte maneira: Ação (18,6%), Ator (13,95%) e EIR (11,63%). A categoria VQM também predomina do ponto de vista dos conceitos centrais. Todos os conceitos de VQM servem para qualificar as ações, todas elas ligadas à ação política, como se vê na figura a seguir.

Figura 21 – Grupo Parco del Basento – Política e a *polis* – Qualidade da Ação política



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Os conceitos da categoria EIR se referem, de modo geral, a recursos que mobilizam a ação política: ideia ("idea"), proposta ("proposta") e "voto" (uma referência ao momento do voto) e à iniciativa do grupo, o "parco_del_basento". Os principais atores (AT) referenciados na rede são os administradores públicos, os cidadãos e os eleitores.

Em suma, a rede associa política a interesses coletivos e reflete uma preocupação em melhorar a qualidade da democracia representativa através da regeneração da política. Política significa a *polis*, os cidadãos reunidos, segundo participantes da conversação. Sua regeneração se dará pela retomada de suas finalidades (interesses coletivos) e pela recuperação do bom senso por parte dos eleitores (que não devem limitar-se a fazer críticas de maneira muito superficial, nem devem premiar os mesmos de sempre). Condena-se

abertamente empunhar a bandeira da antipolítica, por se ver nisso uma contradição, já que empunhar a defesa da resolução de problemas coletivos seria a essência mesma da política. Vale notar que a crítica à atitude de buscar o dissenso e ter como objetivo simplesmente trocar administradores demonstra uma rejeição à ideia de não-existência ou impossibilidade de convergir para a busca de interesses comuns a toda a sociedade. Essa visão aponta para uma oposição à ideia de antagonismo irreparável entre interesses em conflito, como quer Mouffe (2005).

A rede Política e a *polis* apresenta uma visão desiludida sobre a defesa do bem comum no cenário político atual: "ao longo dos anos, perdemos a verdadeira essência da palavra: 'política' significava a administração da '*polis*' para o bem de todos, a determinação de um espaço público em que todos os cidadãos participam".[243] Longe de negar a representação política, ela reforça o vínculo da política com os interesses dos membros da *polis*, cidadãos que exercem sua soberania, com o recurso ao voto mas também com o recurso à participação pela proposição de ideias como a do Parque do Basento.

Para responder à questão de pesquisa: "quais visões de participação, cidadania e bem comum emergem dessas conversações?", além da análise da rede Política e a *polis*, mostrou-se importante verificar como o grupo trata termos afins ao assunto nas outras conversações. Nesse caso, utilizaram-se os atores referenciados em todas as redes até aqui apresentadas como chave para a exploração dos significados de suas ações e apreensão dos valores atribuídos aos papéis que esses desempenham do ponto de vista das relações sociais.

O Quadro 20 fornece uma visão dos atores mais bem posicionados nos índices de centralidade nas redes para os temas Espaço Público, Visões em Conflito (visão do grupo) e Política e a *polis.* A posição dos atores foi obtida segundo o método de ranqueamento aplicado para a obtenção da centralidade de conceitos, em suas respectivas redes de referência. O Quadro 21coloca os atores em destaque nas redes do grupo Parco del Basento.

[243] Comentário ao post de 11/5/2012 de Domenico Roberto Rizzi, tradução da autora.

Quadro 20 – Grupo Parco del Basento – Atores por índice de centralidade

Rede	Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
Rede 1 - Espaço Urbano	1	cittadini	pubblica_amministrazione	cittadini	cittadini
	2	pubblica_ amministrazione	cittadini	pubblica_ amministrazione	pubblica_ amministrazione
	3	industria_chimica/ persone	portavoce	industria_chimica	portavoce
Rede 2 - Visões em Conflito (Grupo)	1	rappresentante	rappresentante	rappresentante	rappresentante
	2	partito	architetti_internazionali	gruppo_parco	gruppo_parco
	3	gente/gruppo_parco/ professionisti_lucani/ architetti_internazionali	gruppo_parco	architetti_ internazionali	architetti_internaz ionali
Rede 4 – Política e a *polis*	1	amministratori/elettori	partiti	partiti	elettori
	2	cittadini	amministratori	amministratori	persone
	3	partiti/persone/gli_stessi	elettori/cittadini	cittadini	amministratori

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 21 – Grupo Parco del Basento – Atores centrais

Ator	Rede 1	Rede 2	Rede 4	Total
cittadini	4	-	3	7
pubblica_amministrazione	4	-	-	4
rappresentante	-	4	-	4
architetti_internazionali	-	4	-	4
gruppo_parco	-	4	-	4
amministratori	-	-	4	4
partiti/partito	-	1	3	4
persone/gente	1	1	2	4
elettori			3	3
portavoce	2	-	-	2

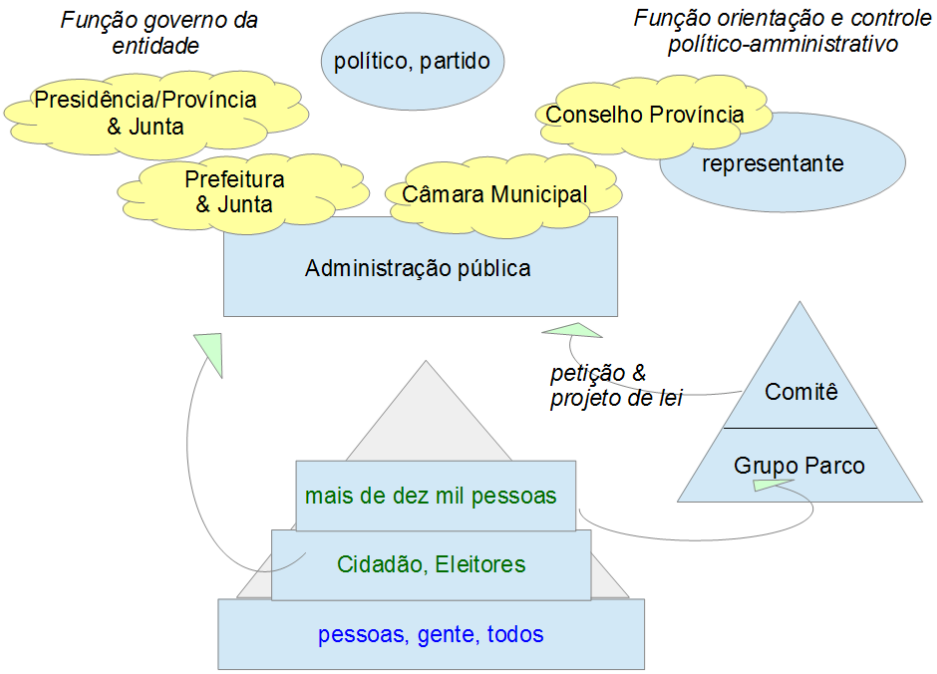
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

O termo cidadãos ("cittadini"/"cittadino") comparece na posição mais central entre os atores da rede Espaço Urbano, e é mencionado três vezes na rede Política e a *polis*. Também está presente na rede Visões em Conflito, embora não esteja entre as três primeiras posições dos índices de centralidade apresentados para essa rede (Quadro 20). Colocado em contexto, pode-se dizer que, em todas as redes, o cidadão está ligado à ideia de participação, seja através da ideia de cidadania ativa relacionada a uma forma diversa (participativa) de projetar o espaço urbano (rede 1), através da participação no debate destinado a pensar o Parco del Basento (rede 2) ou como sujeito da política, como eleitor ou reunido na *polis* (rede 4).

Verifica-se que, em nenhum momento, "povo" aparece como ator. Isso reforça a ideia de soberania exercida por cidadãos, base da democracia representativa (BOBBIO, 2010). A ideia

de representação está, portanto, sempre presente nas conversações do grupo, que exige que os interesses dos cidadãos sejam contemplados nas decisões políticas. A figura a seguir ilustra como os atores se articulam no caso em questão.

Figura 22 – Grupo Parco del Basento – Articulação dos atores



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: Algumas estruturas político-administrativas sofreram alterações em 2014.

A administração pública ("pubblica_amministrazione") é ator em grande evidência, pois ela ocupa posição importante na rede Espaço Urbano, e termos afins, como por exemplo representante e administradores ("rappresentante" e "amministratori"), ocupam a primeira posição nas outras duas redes. Na opinião do grupo, a administração pública não cumpre as tarefas de sua competência (rede 1); o representante da Província é chamado a debater a proposta do grupo – coisa que, como visto, ele não faz –, e a Província ("provincia") é chamada a realizá-la. Quanto à Prefeitura ("comune"), essa é responsabilizada pelo esvaziamento do Centro Histórico de Potenza (rede 2). Na rede 4, afirma-se que a simples substituição de administradores não pode ser o significado da política.

Partido ("partiti", "partito") é referenciado três vezes na rede 4 e uma na rede 2. Não é mencionado na rede 1, que discute a situação em que se encontra a cidade. Na rede Política e a *polis*, afirma-se que a (boa) política é feita de partidos e ideias. É dito que a política

necessita de partidos. Em Visões em Conflito, partido é mencionado apenas para lembrar do partido que havia proposto a Cidadela dos Saberes, 10 anos atrás.

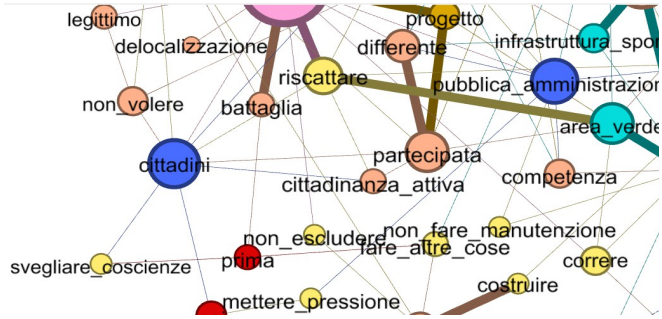
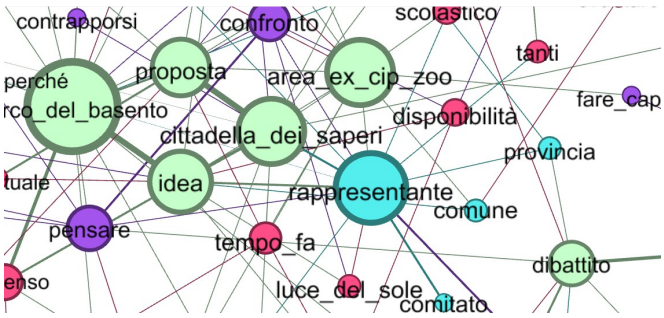
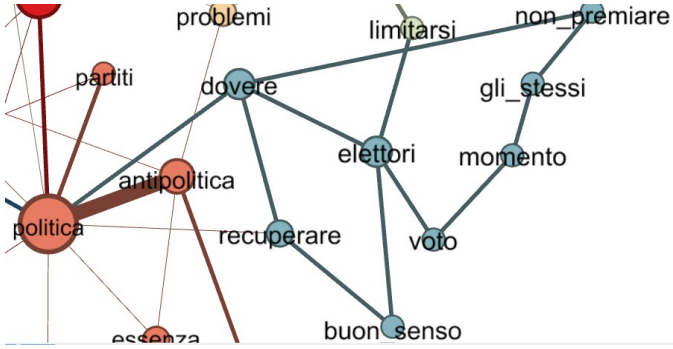
Político é ator apenas na primeira das redes acima. Ele não ocupa posição de destaque em nenhum dos índices de centralidade aqui apresentados, entretanto é mencionado na rede 1, pois o grupo espera que os políticos, assim como os jornais, levem adiante a iniciativa de criação do parque. Apesar disso, faz-se a ressalva de que não se deve confiar nem neles e nem na administração pública.

Verifica-se que, só no caso da Cidadela dos Saberes, menciona-se uma proposta originada da esfera da decisão política, ainda assim valorada negativamente pelo grupo, que não encontra saída para a degradação do espaço urbano no contexto em qualquer das representações políticas do momento. E, assim, a participação de cidadãos que projetam e propõem soluções passa a ser vista como recurso mandatório para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos da Cidade de Potenza.

O grupo Parco del Basento está bem posicionado na rede Visões em Conflito, mas, se se considera que desempenha o papel de porta-voz dos mais de dez mil firmatários da petição, pode se considerar que ocupe uma posição bastante importante não apenas nessa rede, pois o termo que lhe corresponde ("portavoce") comparece na terceira posição em dois dos índices de centralidade para a rede Espaço Urbano. Em Visões em Conflito, o grupo ("gruppo_parco") ocupa o segundo lugar, colocando-se como contendor do representante da administração pública. Não existe menção ao grupo na última rede, que está mais focada nas práticas dos eleitores, cidadãos e pessoas em geral. O Comitê do grupo é referenciado em posição pouco favorável do ponto de vista dos índices de centralidade nas primeiras duas redes, sem obter menção na última delas. Por esse motivo não comparece nas posições apresentadas no Quadro 20 anterior. Embora cumprindo papel importante no movimento, não rivaliza em relevância com as menções feitas ao grupo. Esse, sim, coloca-se como representante dos mais de onze mil firmatários da petição pública, enquanto que o Comitê se apresenta como seu braço executivo. Esse formato encaminha uma visão de participação ampliada, organizada segundo um princípio da representação que emerge da própria experiência vivida pelo grupo no processo de luta que trava para impor sua ideia – ideia que desenvolve baseado na vontade/necessidade de prover o espaço urbano com áreas destinadas ao gozo do tempo livre.

Cidadãos, representante e eleitores são os conceitos de maior centralidade de intermediação em cada uma das redes apresentadas, pois são conceitos que mais se colocam no caminho das declarações feitas por membros do grupo. Conforme se vê na Figura 23, eles encaminham questões relacionadas à participação nas discussões sobre os destinos da cidade (rede 1), à necessidade de representantes públicos se engajarem no debate em torno das propostas feitas pela administração pública e pelos cidadãos (rede 2) e colocam a necessidade de os eleitores qualificarem o seu voto em melhores representações políticas.

Figura 23 – Grupo Parco del Basento – Cidadãos, Representante e Eleitores

Rede 1 - Espaço Urbano	
Rede 2 - Visões em Conflito	
Rede 4 – Política e a *polis*	

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Em suma, os grandes atores nas conversações do grupo Parco del Basento estudadas são o cidadão que participa ativamente dos projetos para a cidade, a administração pública, que deve cumprir seu papel e também confrontar propostas para o crescimento da cidade originadas dos cidadãos e dos entes públicos, e o próprio grupo, que assumiu representar as

demandas dos firmatários da petição junto ao governo local e regional, sem recorrer à mediação de determinados políticos ou de seus partidos. O grupo inclusive redigiu e depositou proposta de alteração de texto de lei para possibilitar a cessão da área à Prefeitura vinculando-a à construção do parque. Atualmente membros do grupo reconhecem ter ido além do seu papel. Em postagem de 1º de abril de 2015, o Comitê finalmente passa a palavra à representação política que teria "uma oportunidade de ouro para realizar um trabalho em consonância com as necessidades e desejos dos cidadãos" (tradução da autora).[244] Esse movimento parece apontar para um ponto de inflexão no caráter voluntarista do movimento. O desejo declarado de parcela significativa dos cidadãos potentinos (quase 20% dos habitantes de Potenza assinaram a petição em favor da criação do parque) foi colocado na esfera pública graças às ações do grupo veiculadas por organizações da mídia. Isso foi feito praticamente sem contar com qualquer mediação dos atores da esfera da decisão política e sem a proposição de instaurar/institucionalizar mecanismos alternativos de participação política. De fato, não se verificou discussão sobre a possibilidade de utilizar mecanismos de governança territorial que introduzem a participação, caso dos Contratos de bairro que prevêem a formalização de compromissos recíprocos assumidos (BIFULCO, 2012).

b) Grupo Il Giardino in Movimento

Como apresentado na seção 5.1 dessa tese, esse grupo se diferencia do anteriormente tratado. Se o primeiro consegue mobilizar uma grande quantidade de potentinos em torno de uma ideia projetual do Parco del Basento, esse desenvolve e implementa coletivamente ideias para uma área próxima à Ponte Musmeci, patrimônio arquitetônico da Cidade de Potenza. A atuação do grupo Il Giardino in Movimento baseia-se na criatividade individual, na criação coletiva, na recuperação mediante personalização de um espaço urbano degradado e no desenvolvimento de atividades voltadas para a constituição de um ambiente de uso comum. Assim constituem um *commons* urbano, segundo uma visão de espaço urbano compartilhado, no sentido de criado, possuído e usufruído por todos (FALCÃO *et al*., 2005).

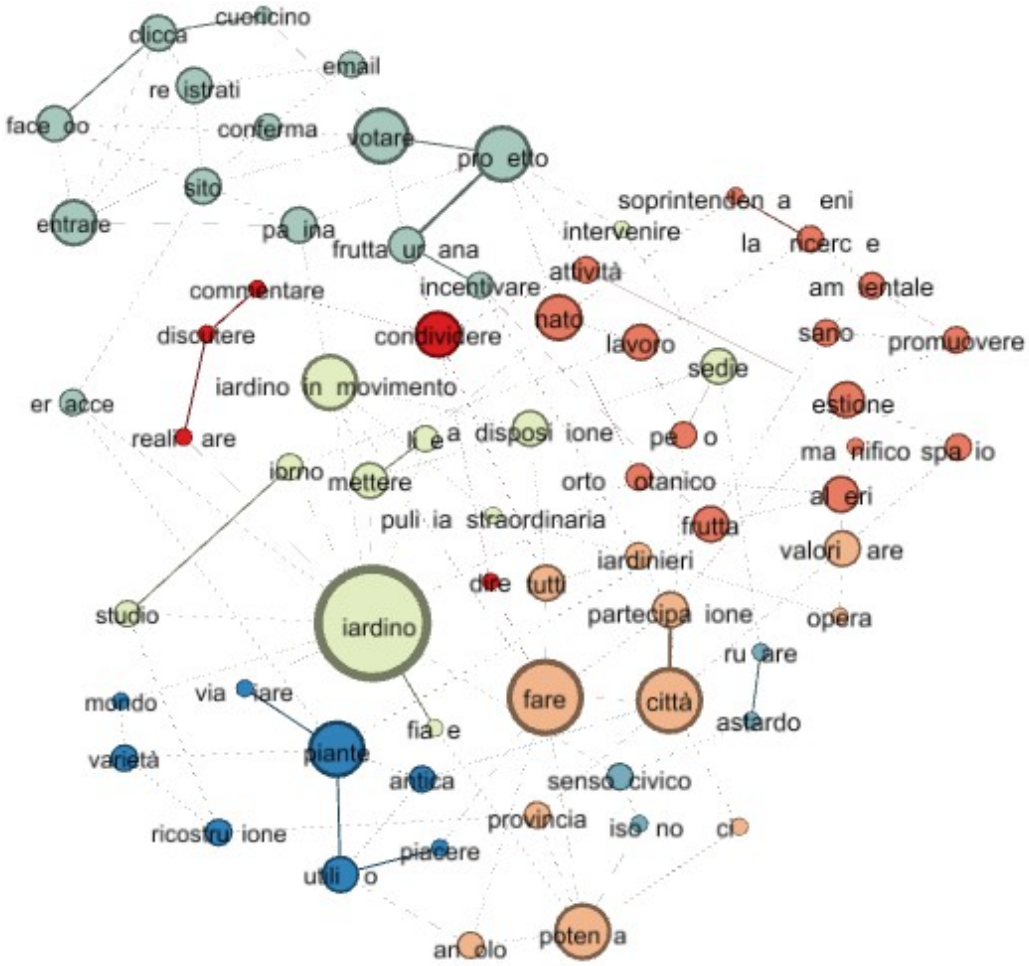
A rede a seguir apresenta uma visão das mensagens postadas no grupo Il Giardino in Movimento, e seus respectivos agrupamentos, assim denominados:

- Comunidade 1 – Projeto Ambiental – 22,06% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Páginas e Projetos – 20,59% do total de nós da rede

[244] https://www.facebook.com/groups/parcobasento/search/?query=Il Comitato per il Parco della Città informa che si è svolta.

- Comunidade 3 – Jardim – 16,18% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Cidade e Participação – 16,18% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Plantas – 11,76% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Compartilhar – 7,35% do total de nós da rede
- Comunidade 7 – Senso Cívico – 5,88% do total de nós da rede

Figura 24 – Grupo Il Giardino in Movimento – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Os rankings dos termos mais bem posicionados nos índices de centralidade é apresentado no Quadro 22, e os conceitos centrais, no Quadro 23 a seguir.

Quadro 22 – Grupo Il Giardino in Movimento – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	giardino	giardino	giardino	giardino
2	fare	giardino_in_movimento	fare	giardino_in_movimento
3	città	fare	giardino_in_movimento	fare
4	giardino_in_movimento/ potenza/votare/piante/ progetto	città	città	città
5	entrare/condividere/nato	erbacce	mettere	progetto

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 23 – Grupo Il Giardino in Movimento – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
giardino	4	EIR	3
giardino_in_movimento	4	AT	3
fare	4	AC	4
città	4	EIR	4

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Os conceitos centrais localizam-se nas comunidades 3 (Jardim) e 4 (Cidade e Participação) que contemplam, respectivamente, a área de atuação e a visão de participação do grupo. A comunidade 3 se refere à iniciativa do grupo de transformar a área em um jardim; envolve a difusão e pedidos de adesão ao grupo, conecta a iniciativa do grupo à realização de uma jornada de estudos com vistas à reconstituição da variedade de plantas e às atividades do grupo que reuniram pessoas neste jardim para contar fábulas ou para fazer uma limpeza extra na área.

O conceito cidade ("città") localiza-se na comunidade 4, que conecta as atividades de limpeza realizadas pelo grupo à valorização da área e à participação. Participação ("partecipazione") está diretamente relacionada à gestão do espaço ("gestione", "spazio"), conceitos presentes na comunidade 1 (Projeto Ambiental). Ainda na comunidade 4 se localiza o conceito central "fazer" ("fare"), que conecta o nome do grupo a participação e a cidade.

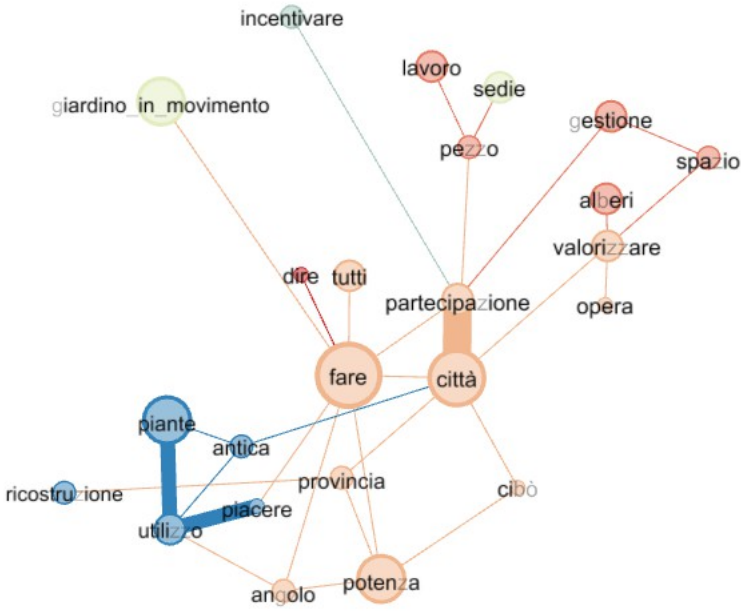
A comunidade 1 faz referência a projetos de outros grupos e instituição de pesquisa ambiental. Do ponto de vista da rede como um todo, esta comunidade é a que conta com o maior número de conceitos (22,06%). A comunidade 5 (Plantas) trata de estudos e experimentações realizadas pelo próprio grupo com plantas adaptáveis à sua área de atuação.

A comunidade 2 (Página e Projetos) se concentra na divulgação dos meios de adesão à página do grupo e no incentivo à votação em um determinado projeto. Isso é reforçado pelos termos reunidos na comunidade 6 – Compartilhar.

A comunidade 7 (Senso Cívico) trata de um evento que poderia ter iniciado um conflito internamente ao grupo, mas que se dissolve com o reaparecimento de um objeto do mobiliário da Jardim que aparentemente havia desaparecido.

A figura a seguir apresenta a rede de conceitos relacionados diretamente ao conceito "città" (profundidade igual a 2) e o peso (quantidade de ocorrência) desses relacionamentos.

Figura 25 – Grupo Il Giardino in Movimento – Rede "ego" de "città"



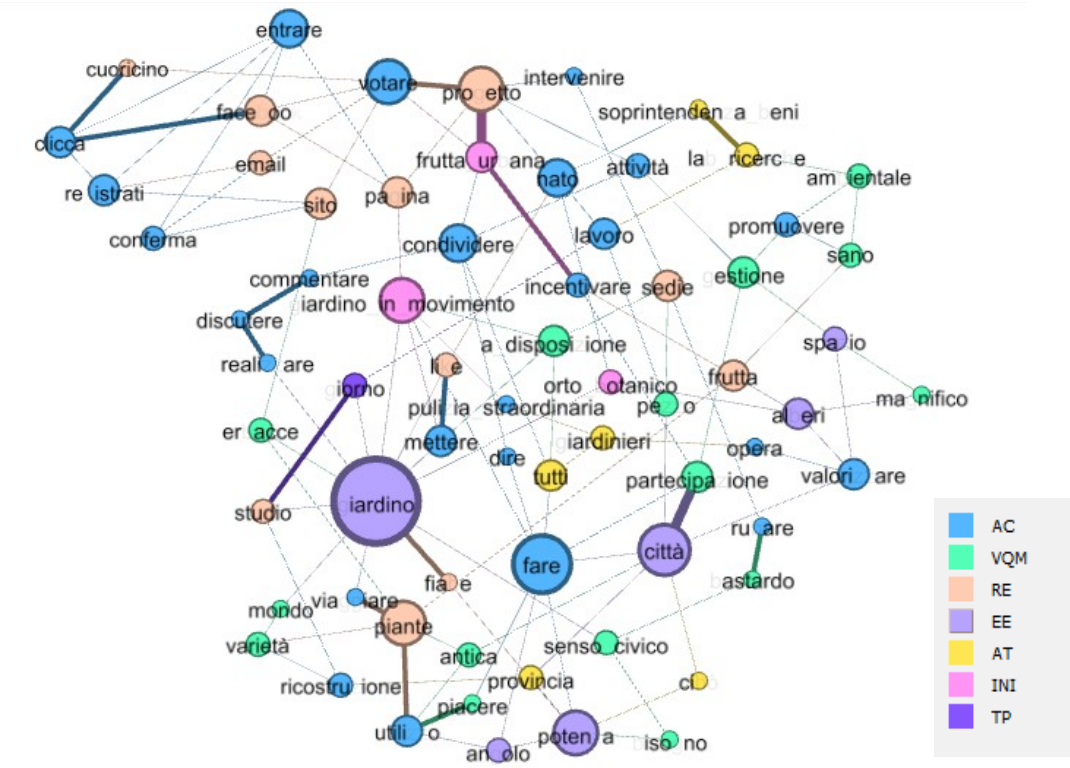
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem a categoria/subcategoria, e o tamanho do nó depende do grau do conceito. A espessura das arestas corresponde à quantidade de vezes em que o relacionamento foi mencionado.

A Figura 25 mostra como a ideia de participação está ligada à gestão do espaço urbano e à valorização de cantos ("angolo") degradados da cidade com árvores e plantas; mostra também a valorização da obra ("opera") em referência à Ponte Musmeci contígua à área de atuação do grupo. A imagem permite verificar a grande importância da relação entre cidade ("città") e participação ("partecipazione"), pela quantidade de vezes em que a ligação entre os conceitos é estabelecida. Considerando-se o peso das relações, ou seja, considerando-se não apenas a quantidade das conexões estabelecidas com outros conceitos, mas também o peso dessas conexões, o conceito cidade é (juntamente com o conceito projeto – "progetto"), o segundo mais importante da rede, em seguida à referência à área de atuação do grupo ("giardino").

Do ponto de vista das categorias, para toda a rede predominam conceitos ligados a Ação

(AC=35,29%), como clicar, comentar, discutir, reconstrução, limpeza extraordinária, entre outros. Em seguida vêm os conceitos da categoria Evento, Instituição, Iniciativa ou Recurso (EIR=32,35%), seguidos de Valor, Qualidade e Motivação (VQM=22,06%) e Ator (AT=10,29%).

Figura 26 – Grupo Il Giardino in Movimento – Categorias e Subcategorias



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem a categoria/subcategoria, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A Figura 26 mostra conceitos enquadrados nas categorias AC, AT e VQM e nas subcategorias EE (Elemento do Espaço), INI (Evento ou Iniciativa), RE (Recurso) e TP (Tempo) da categoria EIR.[245] Na categoria EIR observa-se a predominância da subcategoria Recursos (projeto, fábula, página, facebook), com 17,65% dos conceitos da rede. Elementos do Espaço como "giardino" e "città" possuem graus superiores ao do próprio grupo – "giardino_in_movimento" – respectivamente graus 12, 7 e 6.

Em resumo, para a rede como um todo, as ações predominam, e valores, julgamentos e motivações são menos explicitados do que eventos e iniciativas. O cidadão não comparece aqui como ator, categoria que, no caso, inclui menções a instituições ligadas a projetos de

[245] Para definições das subcategorias, ver Quadro 7.

pesquisa ambiental e mesmo uma empresa que sedia atividades afins aos interesses do grupo. Não é, portanto, pela exposição e discussão de opiniões, mas por atividades compartilhadas de idealização e transformação do espaço público, que envolve instalações (Figura 4) cuja virtualidade expõe esquematicamente o desejo por um espaço aprazível, adaptado ao acolhimento e fruição da vida urbana, é assim que o grupo adere às chamadas práticas sociais do *commoning* (HARVEY, 2012) estabelecendo uma relação com o comum através da acessibilidade a todos (RODOTÀ, 2013). O grupo abriga, assim, o embrião de uma nova projetualidade a ser compartilhada, como pretende Vitale (2013).

5.2 Nas ruas de Salvador (Brasil): contra a privatização e degradação do espaço público urbano

O Movimento Desocupa nasceu em manifestações organizadas via redes sociais em janeiro de 2012, contra a privatização de espaços públicos da Cidade de Salvador (Bahia) promovida pela prefeitura.[246] O mote para o início do movimento foi o fechamento de uma praça pública na orla da capital baiana pelo setor privado, em razão da construção de um camarote para o carnaval meses antes do início da festa. O Desocupa evoluiu para reivindicar a saída do então prefeito e a revogação da Lei de Ocupação, Uso e Ordenamento do Solo (LOUOS).[247] A lei, aprovada no final do ano anterior pela Câmara de Vereadores, continha emendas com o mesmo conteúdo do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU) – conhecido como PDDU da Copa do Mundo de 2014 – cuja tramitação fora suspensa pela Justiça,[248] justamente por não ter cumprido as determinações para a participação pública prevista pelo Estatuto das Cidades, lei federal que estabelece diretrizes para a política urbana.[249]

O Movimento Desocupa se manteve ativo tanto offline, em encontros presenciais de grupos temáticos, quanto online, via blog e redes sociais, particularmente nos anos 2012-2013.[250] Obteve apoio e esteve presente em manifestações convocadas por organizações da sociedade civil: associações, grupos e organizações profissionais, centrais sindicais e sindicatos, união estudantil e movimentos relacionados à reforma urbana, com o intuito de preservar o caráter público de áreas da cidade. Acionou órgãos de controle e fiscalização do

[246] https://movimentodesocupa.wordpress.com/historico/
[247] https://www.facebook.com/events/176481015787269/
[248] https://movimentodesocupa.wordpress.com/2012/02/02/nascido-nas-redes-sociais-movimento-desocupa-ganha-forca-e-as-ruas-da-cidade/
[249] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10257.htm
[250] http://movimentodesocupa.wordpress.com/; https://twitter.com/desocupa; https://www.facebook.com/movimentodesocupa

Poder Judiciário contra a gestão levada a efeito pela administração municipal.[251] Participou de uma série de eventos e debates como parte do Projeto A Cidade que Queremos, do Teatro Vila Velha, que colocou em discussão questões como por exemplo a LOUOS, o modelo do carnaval de Salvador, a mobilidade urbana.[252]

O movimento envolveu-se em ações de defesa dos direitos à cidade capitaneadas por outros atores, como é o caso da luta contra os planos de intervenção da Prefeitura do Salvador em bairro tradicional da cidade. O projeto de "Humanização do bairro Santa Tereza", assim denominado pela prefeitura, foi lançado em 2012, na sede da Associação Comercial da Bahia. O projeto, assim como o plano de bairro elaborado pela prefeitura em 2008, previa intervenções de urbanização justamente na poligonal do empreendimento imobiliário denominado Cluster Santa Tereza (MOURAD; FIGUEIREDO, 2014). A iniciativa privada havia delimitado em 2007 uma área edificada no Centro Antigo de Salvador, inserida em parte da poligonal declarada em 1985 pela Unesco como Patrimônio da Humanidade. Os imóveis ali adquiridos desde então foram valorizados 15,8 vezes num período de cinco anos, tendo se tornado objeto do capital especulativo, dizem as autoras.

Movimentos como Nosso Bairro é Dois de Julho!, associação de moradores e outros grupos articularam-se e manifestaram-se publicamente para denunciar e impedir o processo caracterizado como de gentrificação da área. Processos de gentrificação envolvem reinvestimento em áreas centrais que sofreram depreciação com objetivo de promover o aumento das taxas de retorno do capital e a transformação da composição social dos residentes, através da apropriação de um estoque de moradia de bairros populares por outras camadas sociais.[253] Em comunicado de 30/7/2012, a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente (Sedham) alega que a prefeitura veio a desistir de implantar o projeto de "Humanização do bairro Santa Tereza", motivada pela resistência de tais movimentos.[254]

---

[251] http://www.dpu.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=7432:acao-civil-publica-pede-embargo-de-camarote-em-salvador-&catid=36:destaque2

[252] https://movimentodesocupa.wordpress.com/?s=cidade+que+queremos&submit=Pesquisa

[253] "A gentrificação consiste não apenas em uma transformação social, mas também em uma alteração física do estoque de moradias, na escala de bairros, representando, enfim, uma transformação econômica sobre os mercados fundiários e imobiliários" (MOURAD; FIGUEIREDO, 2014, p. 262).

[254] http://www.bahianoticias.com.br/noticia/120109-prefeitura-desiste-de-projeto-de-requalificacao-do-2-de-julho.html

A página Facebook do grupo público Movimento Desocupa – Fórum Permanente continuava ativa em março de 2015 e conta com 3.974 membros,[255] mas os posts já quase não suscitavam qualquer tipo de discussão. Ao longo do primeiro e segundo anos de sua criação, cada vez mais rarearam comentários aos posts, e a página paulatinamente se transformou numa plataforma para veiculação de notícias e opiniões que não encontram contestação. Em outubro de 2013, pessoas assíduas em conversações postadas no perfil do grupo decidem migrar para um novo grupo, denominado Desocupa Operacional. O motivo declarado é o fato de o Movimento Desocupa – Fórum Permanente ter se tornado uma "área de utilidade pública para divulgação de shows, eventos, reclamações particulares, entre tantas outras que fogem um pouco ao escopo original".[256]

Entretanto outras iniciativas continuam a se desenvolver: é o caso do Fórum Participa Salvador, lançado em março de 2015 com o objetivo de discutir a revisão do PDDU. Segundo o site, a revisão se deve ao fato de que o procedimento constitucional para deliberar sobre a alteração das leis não foi cumprido – ou seja, não contou com a obrigatória participação popular.[257]

O fórum é promovido pela Promotoria de Justiça de Habitação e Urbanismo do Ministério Público do Estado da Bahia em parceria com organizações da sociedade civil que atuaram no Movimento Desocupa.[258]

No contexto das manifestações iniciais do Movimento Desocupa nasce, em fevereiro de 2012, também por meio das redes sociais, um grupo denominado Canteiros Coletivos. O grupo atua em áreas urbanas residuais públicas e declara que as ações de limpeza, plantio e ocupação cultural dos espaços que promove resgatam tais áreas para uso da comunidade. O grupo coloca ênfase no aspecto educativo do trabalho coletivo cotidiano voltado para o bem comum (ROCHA; FLORENTINO; PEREIRA, 2014).

Em entrevista a um canal de TV, em setembro de 2012, a idealizadora do movimento diz que o objetivo do grupo é resgatar a cidadania, através da recuperação dos espaços públicos para uso da população local. Na sua página, o grupo mantém a ideia de gestão participativa de áreas urbanas públicas: o objetivo é "recuperar áreas verdes abandonadas com a intenção de

---

[255] Informação coletada em 22/3/2015.
[256] Post de Pablo Vieira Florentino, de 2/5/2013.
[257] http://participasalvador.com.br/sobre/
[258] Segundo o site do Fórum Participa Salvador, a parceria é com a Rede de Profissionais Solidários pela Cidadania (http://redeprosolidarios.org/). São também citados: Fórum A Cidade também é Nossa (https://acidadetambemenossa.wordpress.com/forum/) e Movimento Vozes de Salvador (https://www.facebook.com/movimento.vozesdesalvador).

desconstruir depósitos irregulares de lixo e entulho e de provocar nos moradores, através da limpeza, do plantio e da arte, a ideia de que a força de um coletivo pode transformar e ressignificar espaços degradados e esquecidos de uma cidade".[259] Esse grupo público contava, em 22/3/2015, com 2.429 participantes.

5.2.1 Dados, método e ferramentas

Foram utilizados os mesmos métodos e ferramentas descritos em 5.1.1,[260] assim como foram idênticas as escolhas de codificação – unidade de texto, direcionalidade e tamanho de janela – para efeito da geração das redes semânticas, assim como as estratégias de análise adotadas.

Para a realização da pesquisa, o primeiro passo envolveu a seleção de posts publicados no perfil Movimento Desocupa – Fórum Permanente a partir da criação da página (22/1/2012), até o momento em que muitos dos seus participantes declaram a decisão de migrar para um novo grupo Facebook com o objetivo de "organizar e realizar ações à favor da cidade", denominado Desocupa Operacional (em 2/5/2013).

As discussões realizadas abordam inúmeros assuntos, muitos dos quais relacionados a outros movimentos e atores, institucionalizados ou não. De modo geral, destinam-se a convocar os membros do grupo para estarem presentes em eventos e manifestações de protesto organizadas pelo próprio movimento – ocupação da praça em frente à Prefeitura Municipal, passeatas, entre outras – ou reforçar protestos de categorias profissionais, caso da greve dos policiais militares de fevereiro de 2012, e outros movimentos por direitos como é o caso da resistência à expulsão das terras do Quilombo Rio dos Macacos, em área próxima Salvador. Também convocam a comparecer a audiências com a presença do Ministério Público e aquelas destinadas a discutir projetos e editais de licitação de projetos da prefeitura. Em 23/3/2012, o Movimento Desocupa – Fórum Permanente contava com 3.300 participantes.[261]

Para caracterizar o grupo, foram escolhidas seis mensagens postadas por diferentes pessoas no perfil do movimento e que geraram quantidades maiores de comentários de caráter opinativo e não predominantemente do nível operacional. Para a visão do Espaço Urbano,

[259] https://www.facebook.com/groups/coletivodecanteiro/. Aba "Sobre", acesso em 23/3/2015.

[260] Verbos modalizadores como os verbos dever, poder, ter não foram considerados pois, juntamente com outros, são utilizados para modalizar enunciados, principalmente para indicar necessidade, possibilidade, obrigatoriedade ou permissão (NEVES, 2011). Verbos auxiliares de tempo, que são construídos com o particípio, e verbos auxliares de voz sofreram o mesmo tratamento.

[261] Post de Pablo Vieira Florentino, de 23/3/2012.

foram escolhidos dois posts, um relativo ao projeto lançado pela prefeitura para o Bairro 2 de Julho, bairro tradicional do Centro da cidade. Para uma visão geral da Cidade de Salvador foi mais difícil encontrar posts com discussões significativas para o tema Espaço Urbano. Nesse caso foi escolhido um post que gerou muitas discussões, contra ou a favor, sobre a condição de degradação em que se encontrava a cidade.

Diferentemente do Parco del Basento, em nenhum momento algum representante público esteve presente em discussões na plataforma Facebook. Exceto pelo Movimento Vozes de Salvador,[262] a intervenção de outros movimentos organizados não foi detectada no perfil do grupo no período.[263] Assim, para obter uma visão do conflito, foi escolhido post onde são comentados trechos da nota emitida pela Sedham – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente com a justificativa da desistência da prefeitura em realizar seu projeto de requalificação do bairro.

Para compor a visão do grupo sobre a Política, foram selecionados três posts do perfil do Movimento, que geraram muitos comentários, dois dos quais muito focados na caracterização do grupo como apartidário.

Uma rede semântica foi gerada para cada um dos posts selecionados, seguindo as mesmas escolhas de codificação anteriores: a frase (sentença) foi a unidade adotada, sentido bidirecional e tamanho 2 para a janela. Em todas as redes semânticas do Movimento Desocupa, optou-se por manter a valência negativa no próprio conceito apenas nos casos em que houve a possibilidade de ultrapassar o limiar escolhido para a exclusão dos termos, ou seja, apenas nos casos em que se encontrou frequência maior do que 1 para os mesmos. Nos outros casos a negativa foi separada do conceito, ficando seu relacionamento evidente para a interpretação visual da rede. Houve casos em que se mostrou necessário manter conceitos que não ultrapassaram o limiar de frequência estabelecido, em favor da manutenção da integridade da declaração.[264]

No caso do tema Espaço Urbano, optou-se por representar a visão do grupo em duas redes – a hiperlocal relativa à intervenção planejada para o Bairro 2 de Julho e aquela relativa

[262] https://www.facebook.com/movimento.vozesdesalvador

[263] No blog do Movimento Desocupa, constam como participantes, entre outros, Sindicato de Trabalhadores em Educação do Estado da Bahia (APLB), Bando de Teatro Olodum, Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), Federação de Associação de Bairros de Salvador (FABS), Movimento dos Sem Teto da Bahia, União Nacional por Moradia Popular, Viva Dança Festival Internacional (https://movimentodesocupa.wordpress.com/apoios/, acesso em 26/3/2015).

[264] Este é o caso, por exemplo da afirmação de que a prefeitura elaborou projeto para o Bairro 2 de Julho sem consultar a comunidade.

à Cidade de Salvador tomada de um ponto de vista mais geral. No caso do tema Conflito, gerou-se apenas uma rede contendo a visão do grupo sobre as decisões tomadas pela prefeitura, expressas no comunicado da Sedham. Os trechos da nota transcritos em comentários não foram considerados para efeito de geração da rede. Com relação ao tema Política, as três redes obtidas foram consolidadas em uma única rede união com o ORA Netscenes. As redes consolidadas foram, em seguida, exportadas e ajustadas com apoio do Gephi, e os conceitos foram enquadrados de acordo com as categorias e subcategorias apresentadas nos Quadros 6 e 7 anteriores.

O Quadro 24 apresenta os posts selecionados, que, após sofrerem exclusões e generalizações, viram reduzida a quantidade total de seus termos em cerca de 82% (Tabela 3), maior do que a redução sofrida pelo grupo Parco del Basento (em 75%, ver Tabela 1).

Quadro 24 – Movimento Desocupa – Posts selecionados

Tema	Post	Autor	Data de criação	Principal assunto	Qtd. *likes*	Qtd. comentários
Espaço Urbano	1	Ícaro Vilaça	24/04/12	Intervenções no Bairro 2 de Julho planejadas pela prefeitura	4	42
	2	Karin Kirzner	27/03/12	Visões da Cidade de Salvador	11	37
Conflito	3	Rogerio Horlle	30/07/2012	Desistência da prefeitura de realizar seu projeto de intervenção no Bairro 2 de Julho	11	21
Política	4	Bruna Zagatto	26/01/12	Movimento Desocupa e políticos	17	24
	5	João Neto	18/06/12	Partidos políticos e movimentos	2	21
	6	Vinícius Bustani	27/01/12	Apartidarismo do Movimento Desocupa	24	20

Fonte: Elaboração da autora.

Tabela 3 – Movimento Desocupa – Estatísticas dos textos elaborados

Grupo/ Tema	Post		Versão de trabalho			Versão final		
			Qtd. Sentenças	Qtd. Palavras	Média Palavras por Sentença	Qtd. Sentenças	Qtd. Palavras	Média Palavras por Sentença
Desocupa – Espaço Urbano	1	O Bairro	100	913	9	99	205	2
	2	A Cidade	196	2261	11	194	330	1
Desocupa – Conflito	3		44	1224	26	40	210	4
Desocupa – Política	4		86	621	7	83	105	1
	5		56	932	16	56	174	3
	6		84	1171	13	83	235	2

Fonte: Elaboração da autora.

O Quadro 25 e a Tabela 4 apresentam, respectivamente, as redes elaboradas a partir dos textos trabalhados e as redes consolidadas e ajustadas, com seus indicadores.

Quadro 25 – Movimento Desocupa – Redes por tema

Tema	Assunto	Rede	Texto Base	Qtd. Nós	Qtd. Links
Espaço Urbano	Intervenções no Bairro 2 de Julho planejadas pela prefeitura	1	Todos os comentários	57	97
	Visões da Cidade de Salvador	2	Todos os comentários	64	150
Conflito	Desistência da prefeitura de realizar seu projeto de intervenção no Bairro 2 de Julho	3	Todos os comentários, exceto trechos transcritos da nota da Sedham	65	145
Política e o movimento	Movimento Desocupa e políticos	4	Todos os comentários	34	48
	Partidos políticos e movimentos	5	Todos os comentários	63	114
	Apartidarismo do Movimento Desocupa	6	Todos os comentários	73	140

Fonte: Elaboração da autora.

Para o grupo Canteiros Coletivos foram extraídos com o netvizz, em 10/9/2014, 167 mensagens postadas entre 6/5/2014 e 9/9/2014. Foram adotadas as mesmas regras de seleção praticadas para o grupo Il Giardino in Movimento. Durante a preparação do texto para o processamento, decidiu-se separar a negação das palavras a que se referiam, de modo a buscar preservar as declarações com baixa frequência de ocorrência. Essa mesma estratégia foi adotada no caso do Movimento Desocupa. Alguns verbos foram mantidos em sua declinação original para preservar a ideia de convocação para a ação muito presente nas mensagens.[265]

Como no caso do grupo Il Giardino in Movimento, também aqui foi obtida uma única rede. Para efeito de simplificação, optou-se por excluir termos que ocorreram com frequência igual ou menor do que 4.

A tabela a seguir apresenta as características gerais das redes obtidas para os grupos brasileiros.

[265] Assim a chamada "vamos", em evidência, mostra o caráter de convocação para a participação em manifestações que também se mostrou a tônica das intervenções na página do Movimento Desocupa. Foi mantido "beijos" como conceito para demonstrar o tratamento informal e amistoso entre membros do grupo Canteiros Coletivos.

Tabela 4 – Movimento Desocupa e Canteiros Coletivos – Redes consolidadas

Grupo	Id. Rede	Rede	Qtd. Nós	Qtd. Links	Diâmetro	Densidade	Grau médio*	Comprimento médio do caminho	Qtd. Comuni-dades
Movimento Desocupa	1	Espaço Urbano – O Bairro	56	93	8	0,06	3,3	3,4	7
	2	Espaço Urbano – A Cidade	64	150	5	0,07	4,69	2,8	7
	3	Conflito – Grupo	65	145	6	0,07	4,46	2,91	6
	4	Política e o movimento	110	230	8	0,04	4,18	3,53	7
Canteiros Coletivos	5	Visão geral	59	236	4	0,14	8	2,2	6

* Não considera o peso das arestas.
Fonte: Elaboração da autora.

A maior rede obtida em quantidade de nós e relacionamentos foi, para o Movimento Desocupa, a rede Política e o movimento, produto da união de três redes distintas sobre o tema. Essa é também a rede menos densa do grupo, embora apresente discussões muito focadas sobre o caráter apartidário do movimento, sobre a forma de tratar os aderentes que publicizam seu partidarismo e traga comentários sobre as alianças que então os partidos faziam para enfrentar as próximas eleições municipais. As demais redes do Movimento Desocupa se referem especificamente aos planos da prefeitura de intervenção no Bairro 2 de Julho ou tratam de problemas enfrentados no convívio social em espaços ofertados pela cidade devidos ao comportamento de seus usuários.

A rede Bairro 2 de Julho, a menor de todas as redes obtidas para o grupo, embora trate de uma área específica, apresenta variedade nos assuntos abordados, o que está expresso na quantidade de comunidades da rede. Seu diâmetro se equipara ao da rede Política e o movimento, muito embora haja grande diferença de tamanho, dado o número de nós delas. O fato de o diâmetro e o comprimento médio do caminho se assemelharem para a maior e a menor das redes do grupo demonstra a maior diversidade dos assuntos discutidos na conversação travada na rede Bairro 2 de Julho. A rede do grupo Canteiros Coletivos é a mais densa de todas as obtidas tanto para os grupos brasileiros quanto para os italianos. Com o menor diâmetro e o menor comprimento médio do caminho, afirma a recorrência dos assuntos tratados dadas as muitas conexões entre os conceitos, como se pode verificar em seu grau médio, muito superior aos dos outros grupos.

As estratégias de análise seguiram as adotadas para os grupos italianos. Para efeito da obtenção do ranking de conceitos mais bem posicionados nos índices de centralidade, as

palavras “não” e “sem” foram desprezadas.

5.2.2 Análise das conversações dos grupos brasileiros

a) Grupo Movimento Desocupa – Fórum Permanente

A seguir apresentam-se, para o tema Espaço Urbano, conversações sobre a resistência à intervenção projetada pela prefeitura para o Bairro 2 de Julho (42 comentários) e conversações sobre a Cidade de Salvador (37 comentários), de um ponto de vista mais geral. No tema Conflito, analisa-se a discussão do grupo sobre a desistência da prefeitura em realizar as intervenções previstas para o bairro (21 comentários). Para o tema Política e o movimento, apresentam-se as conversações sobre a relação do movimento com os partidos e a postura a ser tomada frente à presença dos mesmos em manifestações públicas (um total de 65 comentários para os três posts selecionados).

- *Visão do Espaço Urbano*

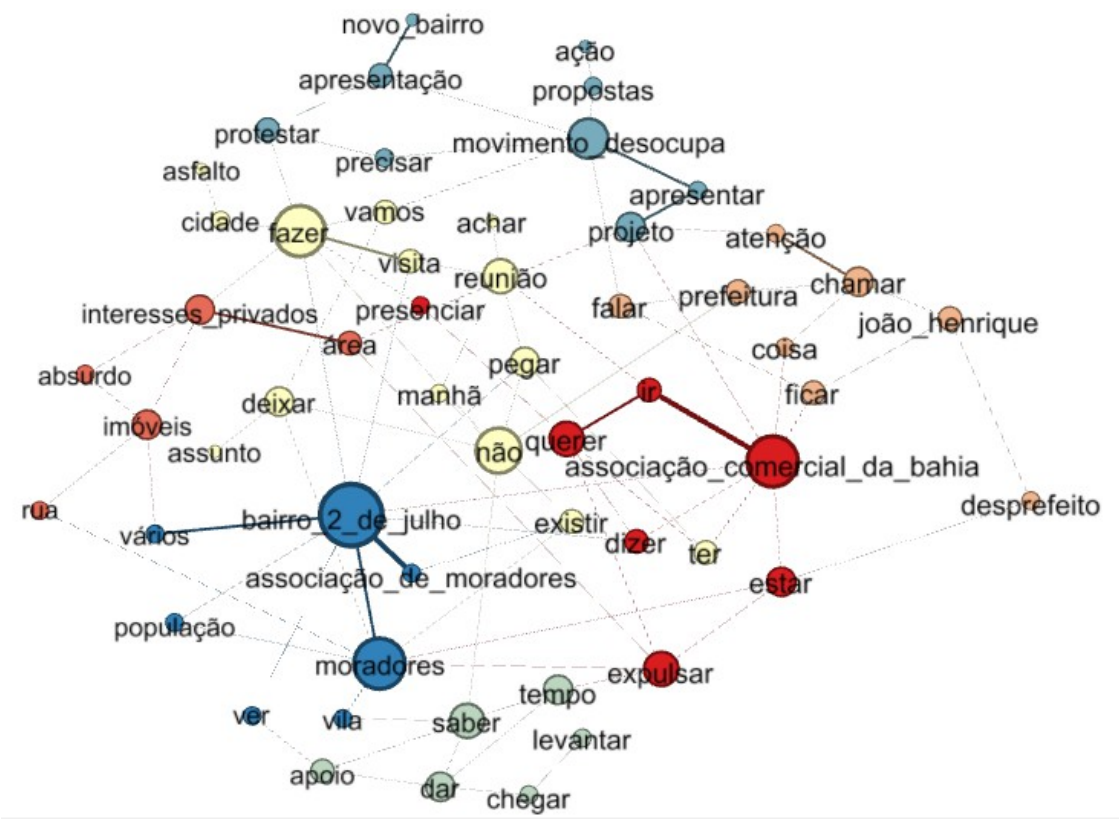
O Bairro

A discussão relaciona-se com o post que veicula a notícia de evento a ser realizado na Associação Comercial da Bahia, em abril de 2012, onde seria apresentado o projeto de intervenção da Prefeitura Municipal do Salvador no entorno do Bairro 2 de Julho. A notícia refere-se ao projeto como a criação de um novo bairro, denominado de Santa Tereza.[266]

A figura a seguir apresenta a rede com suas 7 comunidades.

[266] http://www.metro1.com.br/index.php?varSession=noticia&varEditoriaId=5&varId=3335

Figura 27 – Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

As comunidades que compõem a rede podem ser assim denominadas:

- Comunidade 1 – Ações do Grupo – 25,00% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Movimento Desocupa – 16,07% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Prefeitura – 14,29% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Associação Comercial da Bahia – 12,50% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Bairro 2 de Julho – 12,50% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Ações de Reconhecimento – 10,71% do total de nós da rede
- Comunidade 7 – Interesses Privados – 8,93% do total de nós da rede

Os quadros a seguir apresentam os conceitos mais centrais por índice de centralidade e os conceitos centrais mais presentes em ao menos três desses índices.

Quadro 26 – Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	bairro_2_de_julho	bairro_2_de_julho	bairro_2_de_julho	fazer
2	associação_comercial_ da_bahia	fazer	moradores	bairro_2_de_julho
3	moradores	associação_comercial_ da_bahia/ moradores	fazer	associação_comercial _da_bahia
4	movimento_desocupa	deixar	associação_comercial_ da_bahia	moradores
5	expulsar/querer/reunião/saber	pegar/visita	pegar	movimento_desocupa

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 27 – Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
bairro_2_de_julho	4	EIR	5
associação_comercial_da_bahia	4	EIR	4
moradores	4	AT	5
fazer	3	AC	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

A comunidade 5 (Bairro 2 de Julho) possui o maior número de conceitos centrais. O termo "bairro_2_de_julho" é o de maior grau da rede (11), e é o mais central em três dos índices de centralidade apresentados (Quadro 26). Só perde essa posição para o verbo "fazer" quando se trata de centralidade de intermediação (*Betweenness centrality*). A comunidade 5, do mesmo modo que a comunidade 4 (Associação Comercial da Bahia), é a quarta em tamanho, com 12,50% dos nós da rede. A conversação representada no agrupamento 5 refere-se aos moradores do bairro e à associação de moradores. Os imóveis ali existentes estão relacionados aos interesses privados, conceitos contemplados no agrupamento 7. Ações para entrar em contato e conhecer moradores do 2 de Julho e suas associações são propostas pelos membros do grupo (comunidade 6), que então se familiarizavam com o movimento de resistência às ações da prefeitura empreendido pelos moradores do bairro.

O verbo "fazer" encaminha discussões sobre a reação tramada pelo grupo, expressa nas comunidades 1 (Ações do Grupo) e 2 (Movimento Desocupa), com a convocação para que todos se façam presentes na apresentação do projeto da prefeitura.

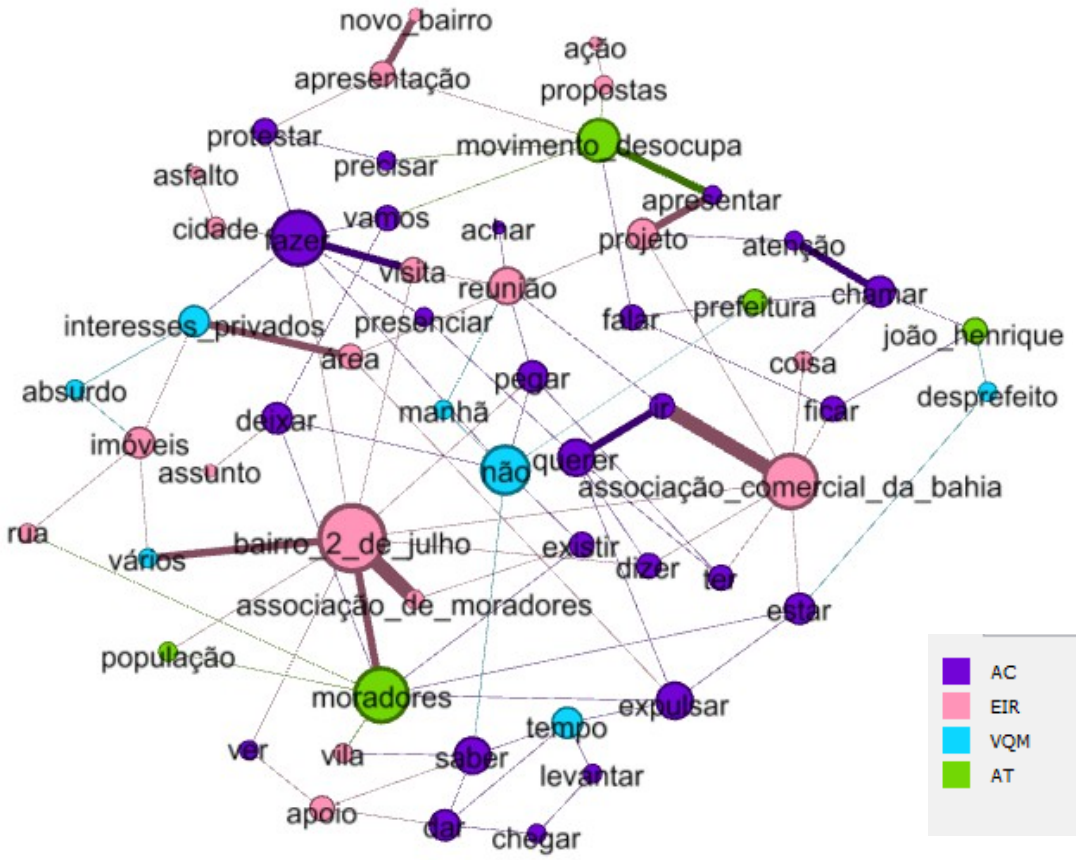
Nenhum termo da comunidade 3 (Prefeitura) comparece entre os conceitos centrais. Nela consta a acusação da existência de ligação entre o prefeito – desqualificado pelo termo "desprefeito" – e os interesses privados na medida em que demonstra o desejo de expulsar os

moradores daquela área. A rede mostra claramente como isso se associa ao projeto de intervenção da prefeitura cuja apresentação se realizaria na Associação Comercial da Bahia, de que trata a comunidade 4 (Associação Comercial da Bahia).

Algumas pessoas envolvidas na conversação sobre o evento de apresentação do projeto da prefeitura afirmam ter-se apresentado publicamente, na ocasião, enquanto Movimento Desocupa. O relato dessa participação, uma vez registrado na rede semântica, não se distingue das exortações prévias à participação no evento. Ambos se concentram na comunidade 4.

De modo geral, a rede não se caracteriza por apresentar juízos de valor e julgamentos. A categoria VQM comparece com apenas 12,50% dos termos da rede e não está presente entre os termos centrais. Do ponto de vista das categorias de análise, destaca-se a grande quantidade de chamadas à ação, que comparece com 45,64% dos termos, como demonstra a figura a seguir. Essa rede apresenta o ator "moradores", um termo central (Quadro 27).

Figura 28 – Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Bairro 2 de Julho – Categorias



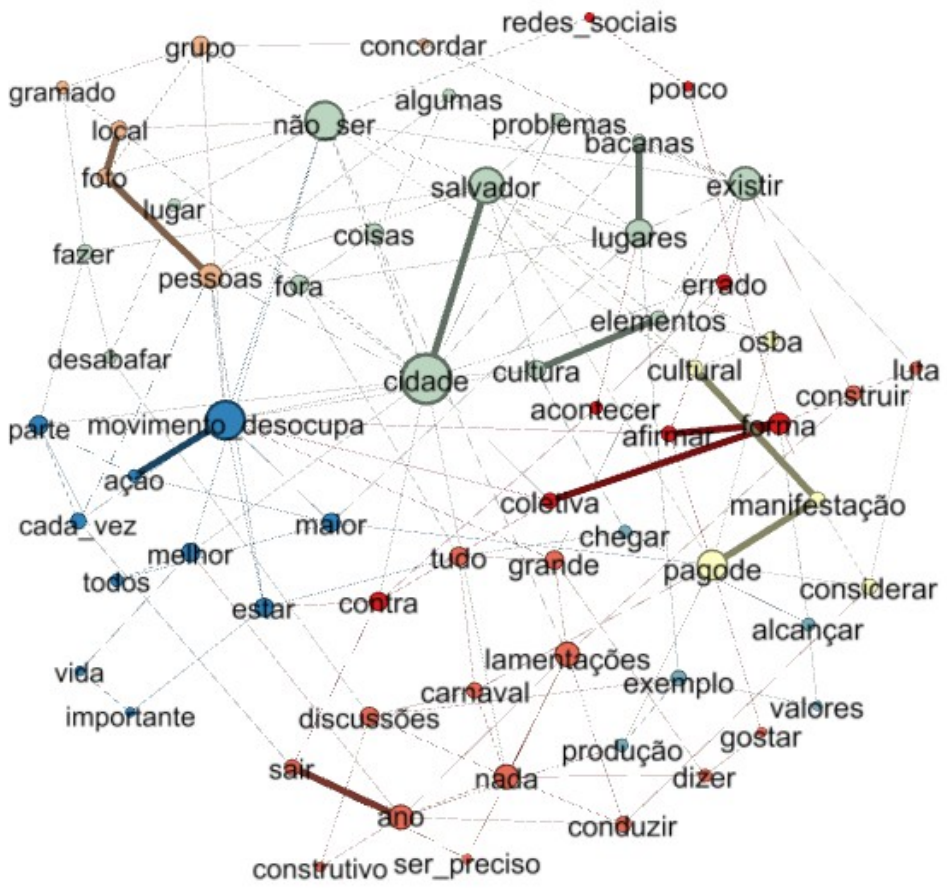
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem a categorias. O tamanho do nó depende do grau do conceito.

Entre as ações mencionadas estão “fazer” “visita”, “chamar” “atenção”, “dar”, “querer” “expulsar”. Os recursos citados para apoiar a ação do grupo são: “propostas”, “projeto” e “reunião”. Apesar da menção a esses recursos, não se expõe nenhuma ideia, proposta ou projeto nessa conversação. Trata-se de uma exortação de membros do grupo para estarem presentes e manifestarem publicamente sua discordância com relação ao projeto da prefeitura e se familiarizarem com os moradores organizados do bairro. As ações mais centrais, considerando-se aquelas que estão entre as cinco primeiras posições em ao menos três índices de centralidade são: “fazer” (4), “expulsar” (4), “deixar” (3), “pegar” (3). A exortação à ação também foi enquadrada nessa categoria – “vamos” (3) para caracterizar o tom da conversação.

A Cidade

A conversa tem início a partir de uma mensagem postada em 27/3/2012 no perfil do grupo. Ela traz questionamentos tanto sobre a ausência de espaços na cidade apropriados para encontros (limpos, seguros, arborizados) quanto no que diz respeito ao comportamento dos habitantes de Salvador em sua relação com esses espaços. Isso dá ensejo a uma discussão (37 comentários) com pessoas que se colocam contra e a favor desta percepção da cidade, representada na figura a seguir.

Figura 29 – Movimento Desocupa – Cidade de Salvador – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A rede é composta pelas seguintes comunidades:

- Comunidade 1 – Cidade – 23,44% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Lamentações – 23,44% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Movimento Desocupa – 15,62% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Forma Coletiva – 12,50% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Pessoas – 9,38% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Exemplo – 7,81% do total de nós da rede
- Comunidade 7 – Manifestação Cultural – 7,81% do total de nós da rede

Os quadros a seguir apresentam os conceitos mais bem posicionados nos índices de centralidade e os que ocupam uma das cinco primeiras posições em ao menos três deles.

Quadro 28 – Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Cidade de Salvador – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	cidade	cidade	cidade	cidade
2	movimento_desocupa/ não_ser	não_ser	não_ser	não_ser
3	salvador	movimento_desocupa	movimento_desocupa	movimento_desocupa
4	existir	salvador	salvador	salvador
5	pagode	existir	pessoas	pagode

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 29 – Movimento Desocupa – Espaço Urbano – Cidade de Salvador – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
cidade	4	EIR	1
movimento_desocupa	4	AT	3
não_ser	4	VQM	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

O agrupamento 1 (Cidade) é o mais proeminente, pois possui dois dos três conceitos centrais. O termo "cidade" é incontestavelmente o conceito mais central da rede. A comunidade a que pertence, assim como o agrupamento 2 (Lamentações), possui a maior quantidade de nós da rede (23,44% cada um). O agrupamento 2, entretanto, não possui conceito central (Quadro 29). O "movimento_desocupa" (comunidade 3) é também um conceito central, na acepção aqui estabelecida.

O termo "cidade" na maioria das vezes se refere à Cidade de Salvador (13 das 16 vezes em que este surge), com menções à existência de problemas que, mesmo quando especificados, não produzem, de modo geral, uma discussão centrada nos aspectos levantados, o que leva a que alguns termos presentes no texto e relacionados aos problemas encontrados não venham a superar o limiar estabelecido para haver representação na rede semântica. Por esse motivo, considera-se que boa parte da discussão que o grupo trava sobre Salvador mantém-se polarizada entre declarações "contra ou a favor", expressando mais questões de gosto e opinião individual e constituindo-se menos numa discussão das características percebidas e desejadas para a cidade capaz de conduzir à elaboração coletiva de proposições. Exemplo disso pode ser visto em alguns comentários ao post em que membro do grupo expressa problemas que vê na Cidade de Salvador, o qual diz:

> Continuo vendo a cidade barulhenta, suja, povo mal educado, violência adoidado, e nenhum lugar limpo, seguro e arborizado sem ninguém para nos incomodar em fazer uma simples caminhada.. não vejo uma praça decente, um lugar agradável para ficar, sentar e meditar ou conversar, bater um papo sem ninguém para vir nos incomodar... só vejo praia, praia, pagode,

> som alto, engarrafamentos, lixo, transporte público deplorável...[267]

Outro membro reforça essa percepção e diz que as praias estão sujas e violentas, mas, logo em seguida, alguém reage, mas sem dar exemplos que possam se contrapor a essa percepção:

> sinceramente acho isso um grande exagero. posso listar lugares bacanas e agradáveis nessa cidade cheia de problemas, mas deixa quieto.[268]

Adiante, outro desvia a discussão dos pontos levantados:

> De certo, Salvador tem problemas, mas vamos ser mais construtivos que destrutivos. […] Este grupo não é para ser o muro das lamentações, e sim, um local propositivo, para articularmos ideias de melhorar a cidade de maneira coletiva, além de protestar contra o que vem acontecendo de errado em nossa política de cidade.[269]

A partir daí, a discussão deriva para outros assuntos sem que ninguém responda aos apelos feitos àqueles que discordam para que citem quais são os lugares "bacanas" e seguros para se fazer caminhadas ou andar de bicicleta existentes em Salvador.

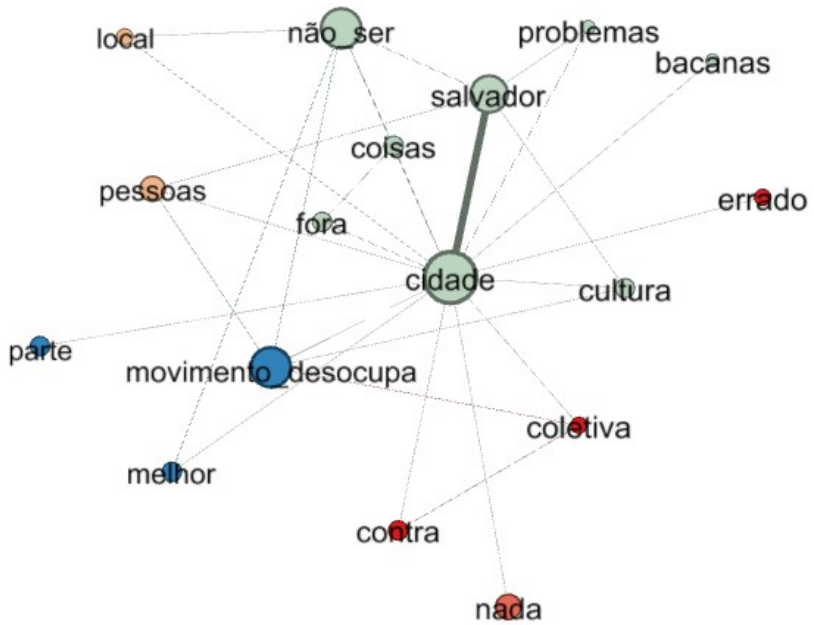
Um local gramado é mencionado por um membro do grupo referindo-se a uma foto de um "lugar" "fora" da "cidade" (comunidade 5). Embora alguém cite o Dique do Tororó aos domingos como possibilidade de uso gramado para piqueniques, em razão da suspensão da circulação de veículos, ninguém reforça sua opinião. Dessa maneira, resta na rede a ideia de que Salvador não possui um local "gramado" para as "pessoas" ficarem, além da menção genérica à existência de "lugares" "bacanas" em "salvador" (comunidade 1). Menciona-se também elementos da cultura da cidade, com relevo para o "pagode" enquanto "manifestação" "cultural", conceito que é também associado à Orquestra Sinfônica da Bahia ("osba") (comunidade 7), numa derivação que foge ao tema da discussão em tela. Assim, enquanto os grupos italianos discutem o esvaziamento do centro da cidade relacionando-o ao abandono dos equipamentos culturais (grupo Parco del Basento) e colocam a valorização do seu patrimônio cultural e arquitetônico na ordem do dia (grupo Il Giardino in Movimento), o Movimento Desocupa muda de assunto quando os problemas da Cidade do Salvador começam a ser levantados por membros do grupo, colocando em questão mesmo a validade de travar essa discussão nessa rede social.

A rede "ego" do conceito "cidade", na profundidade igual a 1, a seguir, mostra sua imediata vizinhança com "movimento_desocupa".

---

[267] Extraído do post de Karin Kirzner, de 27/3/2012.
[268] Comentário ao post de Karin Kirzner, de 27/3/2012.
[269] Comentário ao post de Karin Kirzner, de 27/3/2012.

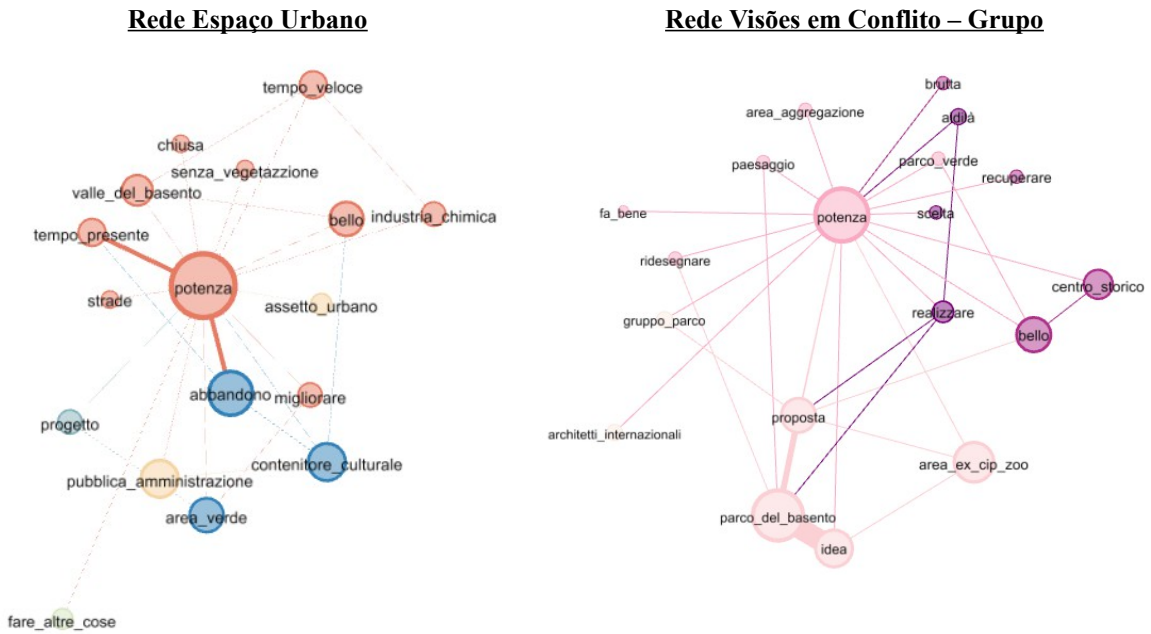
Figura 30 – Movimento Desocupa – Cidade de Salvador – Rede “ego” de “cidade”



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

Antes de prosseguir, vale à pena comparar essa rede com as redes “ego” de Potenza obtidas para a profundidade igual a 1 nas conversações do grupo Parco del Basento respectivamente para os temas Espaço Urbano e Conflito, a seguir.

Figura 31– Grupo Parco del Basento – Redes “ego” de “potenza”



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Verifica-se que, diferentemente do Movimento Desocupa, o grupo italiano localiza de modo direto e muito mais preciso do que o grupo brasileiro os problemas enfrentados pela cidade: localiza-os em particular na área central da cidade e responsabiliza a administração pública e a indústria química pelo estado de abandono em que a cidade se encontra (rede Espaço Urbano). Também propõe a ideia do parque como uma possibilidade de redesenhar a paisagem da cidade, ainda que não esteja localizado na área central. O grupo aparece aqui estabelecendo uma relação imediata entre a cidade e a proposta da criação do parque (rede Visões em Conflito – Grupo).

No caso brasileiro, entre a cidade e o movimento não há mediação. O "movimento_desocupa" (comunidade 3) se encontra diretamente vinculado ao agir. Ele se afirma na "forma" "coletiva" e se coloca "contra" o que acontece de "errado" (conceitos da comunidade 4). O exame da rede de per si não permite identificar contra o quê o movimento se afirma. Não se desenvolve o tema sobre o que aconteceria de "errado" com a cidade. Embora algumas ações do grupo sejam comentadas, caso, por exemplo, da visita feita pelo Movimento Desocupa ao Ministério Público para se posicionar contra o tratamento dispensado pela administração pública ao meio ambiente e exigir atitudes contra a improbidade administrativa, ações específicas como essa não são enfatizadas na conversação a ponto de aparecerem na rede. O que fica ressaltado é a forma coletiva com que as ideias são articuladas pelo grupo (comunidade 4).

A expressão "não_ser" (comunidade 1) foi mantida aqui para ilustrar o caráter da conversação, que se volta em grande medida para a definição do que a página do grupo deve ou não tratar: alguns acham que não é um lugar para "desabafar".

O agrupamento 2 (Lamentações) que, embora grande, não possui termo presente no quadro dos conceitos centrais, apresenta uma discussão sobre o caráter "construtivo" de manifestações na página do grupo que sejam a expressão daquilo que outros denominam de "lamentações": queixas relacionadas à cidade e a eventos nela realizados. Alguém lembra que as lamentações podem dar oportunidade à ação.[270]

Nessa conversação preponderam opiniões envolvendo valores e julgamentos (categoria VQM, com 34,38% nós da rede), referências a eventos e iniciativas (31,25% cada uma) e a ações (28,125%). Os atores comparecem, como em todos os outros casos, com a menor

[270] Um diz: "Este grupo não é para ser o muro das lamentações, e sim, um local propositivo, para articularmos ideias de melhorar a cidade de maneira coletiva, além de protestar contra o que vem acontecendo de errado em nossa política de cidade". Outro replica: "As lamentações podem conduzir a algo. Geralmente, conduzem a muito pouco, se apenas as ruminamos [...] As lamentações podem levar a algo efetivamente construtivo".

porção dos conceitos da rede (6,25%). Não existe uma categoria preponderante entre os conceitos centrais.

As ações que estão entre as cinco mais centrais de acordo com os quatro índices de centralidade considerados, e que constam em todos esses índices são: “existir” (4), “afirmar” (4), “estar” (4), “construir” (4), “fazer” (4). O mapeamento das vizinhanças desses conceitos, levando-se em conta, em particular, as comunidades a que pertencem, leva a concluir que essa rede não conduz ao esclarecimento de que tipos de ação o grupo propõe para alcançar suas expectativas em relação ao espaço urbano tão fracamente reveladas – no máximo uma referência ao “local” “gramado” visto numa “foto”.

Essa rede, além de não permitir identificar claramente contra o quê o movimento se coloca, também não apresenta grande variedade dos meios de atuação do grupo. Na categoria EIR, são identificados os seguintes recursos (subcategoria RE) que podem apoiá-la: “discussões”, “foto” e as próprias “redes_sociais”.

Portanto, de uma maneira geral, pode-se afirmar que, através dessa rede, não é possível conhecer quais são de fato os problemas da Cidade de Salvador que mais afligem os membros do grupo. Isso porque, apesar de manifestações concretas de insatisfação estarem presentes nos comentários, não se constituíram em pontos de discussão a ponto de seus termos terem alcançado frequência de ocorrência maior do que 1 e assim transcenderem o baixo limiar assumido para a preparação da rede semântica. Os indivíduos entretanto manifestam sua insatisfação com a situação de degradação dos espaços urbanos (rede Cidade de Salvador) e com a apropriação dos estoques fundiários e de imóveis em área central da cidade em benefício exclusivo de camadas sociais mais bem aquinhoadas (rede Bairro 2 de Julho), ou seja, colocam-se contra o processo de gentrificação da área. Consequentemente, não estão presentes, nessas conversações, discussões de propostas de solução para problemas que não foram claramente formulados ou cuja formulação não recebeu adesão significativa ao menos no âmbito das conversações em análise.

- *Conflito*

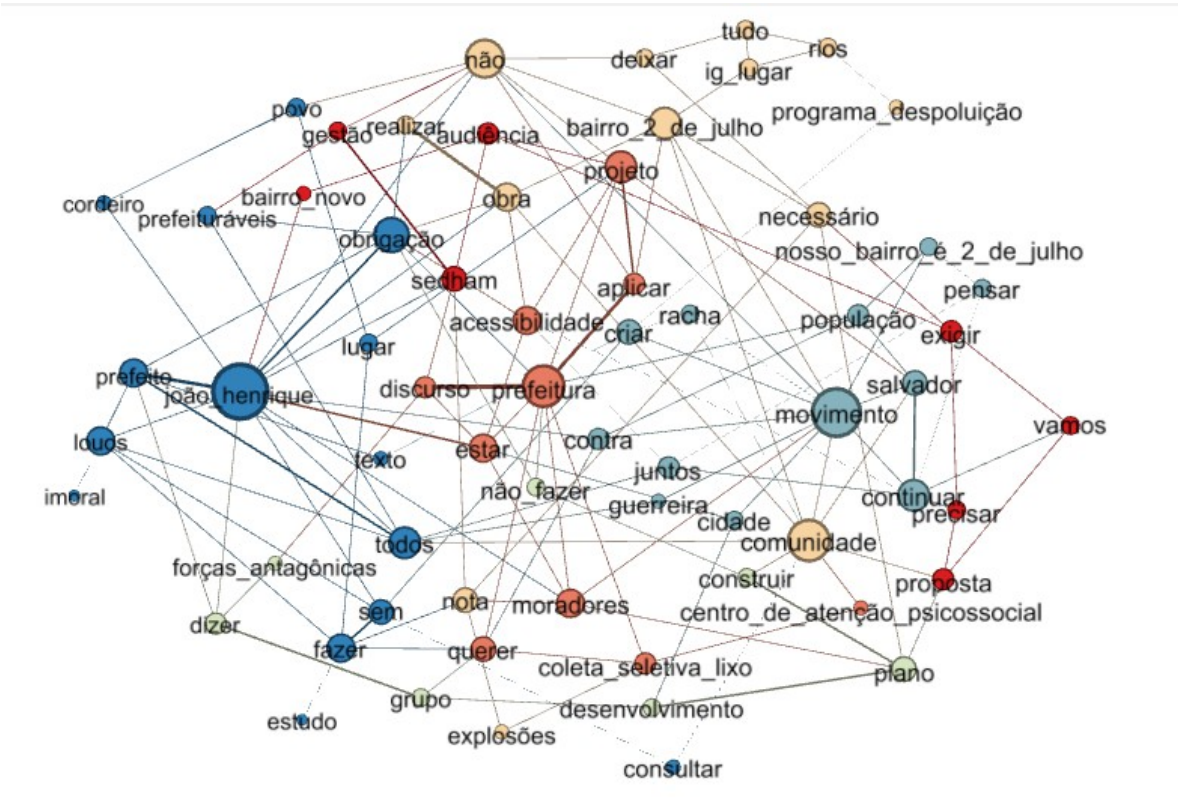
Esta rede apresenta a discussão sobre a desistência da Prefeitura do Salvador de realizar o seu projeto de requalificação do Bairro 2 de Julho, projeto mencionado na primeira rede do grupo relativa ao tema Espaço Urbano. Em comunicado do dia 30/7/2012, a Sedham –

Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente informa a desistência de executar o denominado Projeto de Humanização motivada pelas manifestações contrárias da parte dos moradores do bairro e de um jornal local.

> a área que seria beneficiada pelo projeto sofre um contínuo e acentuado processo de degradação tendo justamente como principais prejudicados os seus atuais moradores. O projeto contemplaria ações de infraestrutura, paisagismo, implantação de áreas de lazer, plena acessibilidade para os portadores de necessidades especiais, valorização das atividades comerciais existentes, cursos de capacitação profissional para os moradores e atração de novas empresas para a geração de empregos com prioridade de contratação para a população local.
>
> A prefeitura se vê obrigada a suspender a execução do projeto na área citada, iniciando imediatamente estudos para a identificação de outra área que possa vir a ser beneficiada pelas ações já planejadas pelos técnicos da Fundação Mario Leal Ferreira.[271]

A rede a seguir expressa essa conversação, cujos assuntos estão agrupados em 6 comunidades.

Figura 32 – Movimento Desocupa – Conflito – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

As comunidades foram assim denominadas:

- Comunidade 1 – Prefeito João Henrique – 23,08% do total de nós da rede

[271] http://www.bahianoticias.com.br/noticia/120109-prefeitura-desiste-de-projeto-de-requalificacao-do-2-de-julho.html

- Comunidade 2 – Comunidade – 20,00% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Movimento – 18,46% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Prefeitura – 15,38% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Sedham – 12,31% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Plano – 10,77% do total de nós da rede

Os quadros a seguir apresentam os conceitos mais importantes do ponto de vista dos diversos índices de centralidade (Quadro 30) e os conceitos centrais, que são aqueles mencionados em pelo menos três desses índices (Quadro 31).

Quadro 30 – Movimento Desocupa – Conflito – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	joão_henrique	joão_henrique	joão_henrique	joão_henrique
2	movimento	movimento	movimento	movimento
3	prefeitura/comunidade	moradores	comunidade	comunidade
4	obrigação	comunidade	obrigação	prefeitura
5	bairro_2_de_julho/projeto/ continuar/todos	bairro_2_de_julho	prefeitura	bairro_2_de_julho

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 31 – Movimento Desocupa – Conflito – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
joão_henrique	4	AT	1
movimento	4	AT	3
comunidade	4	AT	2
prefeitura	3	AT	4
bairro_2_de_julho	3	EIR	2

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

A comunidade 1 (Prefeito João Henrique) é a maior da rede (23,08% dos conceitos). Inclui o conceito de posição mais central: “joão_henrique”, nome do então prefeito da Cidade de Salvador, conclamado pelo movimento a “desocupar” o cargo de prefeito. O nome do prefeito é o nó de maior grau da rede, com 14 ligações. Ele tem a responsabilidade de realizar obras no Bairro 2 de Julho (comunidade 2), com relevo para obras de acessibilidade para portadores de necessidades especiais (comunidade 4). Essa responsabilidade é atribuída também aos candidatos ao cargo de prefeito, os “prefeituráveis” (comunidade 1). O prefeito João Henrique está associado diretamente com a Lei de Ordenamento, Uso e Ocupação do Solo (LOUOS) considerada “imoral” (comunidade 1). No agrupamento 1 aborda-se também a não-realização de estudos por parte do então prefeito para planejar intervenções no bairro.

O conceito “movimento”, segundo lugar em todos os índices de centralidade, está na comunidade 3 (Movimento), a terceira maior da rede, com 18,48% dos seus conceitos. Nela se encontra a referência a movimentos de resistência de moradores do bairro contra ações da prefeitura, especialmente o movimento Nosso Bairro é 2 de Julho.[272] Os indivíduos que se alinham nessa perspectiva são chamados de guerreiras e guerreiros, o que expressa o “clima” de batalha presente. Eles são conclamados a permanecerem juntos – todos juntos contra a LOUOS e contra o prefeito – e a “pensarem” o bairro. Ainda na comunidade 3, o texto que comunica a desistência da prefeitura em implantar seu projeto na área é qualificado por membro do grupo como uma tentativa de dividir o movimento (“criar” “racha”).

O termo “comunidade” localiza-se no agrupamento de mesmo nome (comunidade 2). Esse agrupamento é o segundo maior da rede (20% do total de conceitos) e, assim como os agrupamentos 3 (Movimento) e 4 (Prefeitura), possui entradas entre os conceitos mais centrais na rede (Quadro 31). Afirma-se aqui que a “comunidade” do bairro não foi consultada para efeito da elaboração da Lei de Ordenamento, Uso e Ocupação do Solo (LOUOS). Fala-se também da não-realização de obras na área. Menciona-se a necessidade de se fazer uma “nota” como medida para esclarecer publicamente a posição dos moradores e rebater os argumentos da prefeitura.

O termo “prefeitura”, mencionado três vezes nas principais posições dos quatro índices de centralidade, pertence à comunidade 4 (Prefeitura). O assunto aqui é tanto o “discurso” da prefeitura de não-aplicação do projeto quanto a declaração de alguns investimentos requeridos para o Bairro 2 de Julho – o Centro de Atenção Psicossocial para os dependentes químicos e a implantação da coleta seletiva de lixo.

É na comunidade 6 (Plano), a menor da rede (10,77% dos conceitos), que se propõe o desenvolvimento de um plano para o bairro por parte dos próprios moradores. A menção ao plano, entretanto, não ganha centralidade na conversação: ela não aparece no ranking de termos mais centrais, assim como nenhum outro conceito do agrupamento.

A comunidade 5 (Sedham) complementa a ideia de “construir” o plano, afirmando-se a necessidade de o movimento continuar a fazer propostas e confrontar a Sedham em audiência pública. Também nesse caso, nenhum dos termos da comunidade aparece entre os conceitos centrais.

Do ponto de vista das categorias, embora no conjunto da rede preponderem conceitos da

[272] https://www.facebook.com/groups/nossobairro2dejulho/?fref=ts.

categoria Evento, Instituição, Iniciativa ou Recurso (EIR = 32,31%), são os atores que dominam o ranking de termos centrais (quatro dos cinco conceitos centrais) enquanto EIR comparece com um único termo nessa lista. Os atores citados são, de um lado, "joão_henrique", "prefeitura", "prefeito", "sedham", "prefeituráveis"; de outro lado, "movimento", "comunidade", "moradores", "nosso_bairro_é_2_de_julho", "grupo", "todos", "povo",[273] "população". A expressão "forças_antagônicas" teria sido utilizada pelo então prefeito para qualificar o conjunto de seus oponentes, por vezes também (des)qualificados como "forças do atraso". Num clima de conflito declarado, a opinião do prefeito, mesmo não estando presente na conversação, é lembrada por qualificar negativamente o conjunto de seus opositores sem entretanto nominá-los.

Os recursos associados com o prefeito e a prefeitura são: "louos", "discurso", "texto", "obra" e "projeto", além da "coleta_seletiva_lixo" que, embora ligada diretamente à prefeitura, é uma solicitação do grupo. Os recursos associados com a comunidade do Bairro 2 de Julho são planos e propostas que se sugere sejam desenvolvidos pelos próprios moradores. A "audiência" pública é mencionada como recurso para exigir o comprometimento da "sedham", e a "nota" é citada como recurso para esclarecer publicamente a posição dos moradores.

A despeito das várias tentativas de obter distintos agrupamentos nessa rede, de modo geral, pode-se dizer que nenhum deles ofereceu a possibilidade de interpretação mais rica do que a aqui apresentada para os assuntos tratados no âmbito de um conflito com características de movimento hiperlocal. A defesa da área se constituiu em um ícone do Movimento Desocupa, no calor do confronto entre grupo e a Prefeitura da Cidade de Salvador. Diferentemente da rede obtida para o Espaço Urbano, nessa rede surgem reivindicações concretas, enquanto na rede Bairro 2 de Julho, os membros do Desocupa se mostram mais preocupados em conclamar outros membros para a apresentação do projeto da prefeitura para o bairro e em relatar os contatos estabelecidos com associações e moradores da região. Como dito, o prefeito não se fez representar na página do grupo, mas motivou discussões sobretudo através do comunicado da Sedham. O clima é de aberta animosidade entre grupo e prefeito.

- Política e o movimento

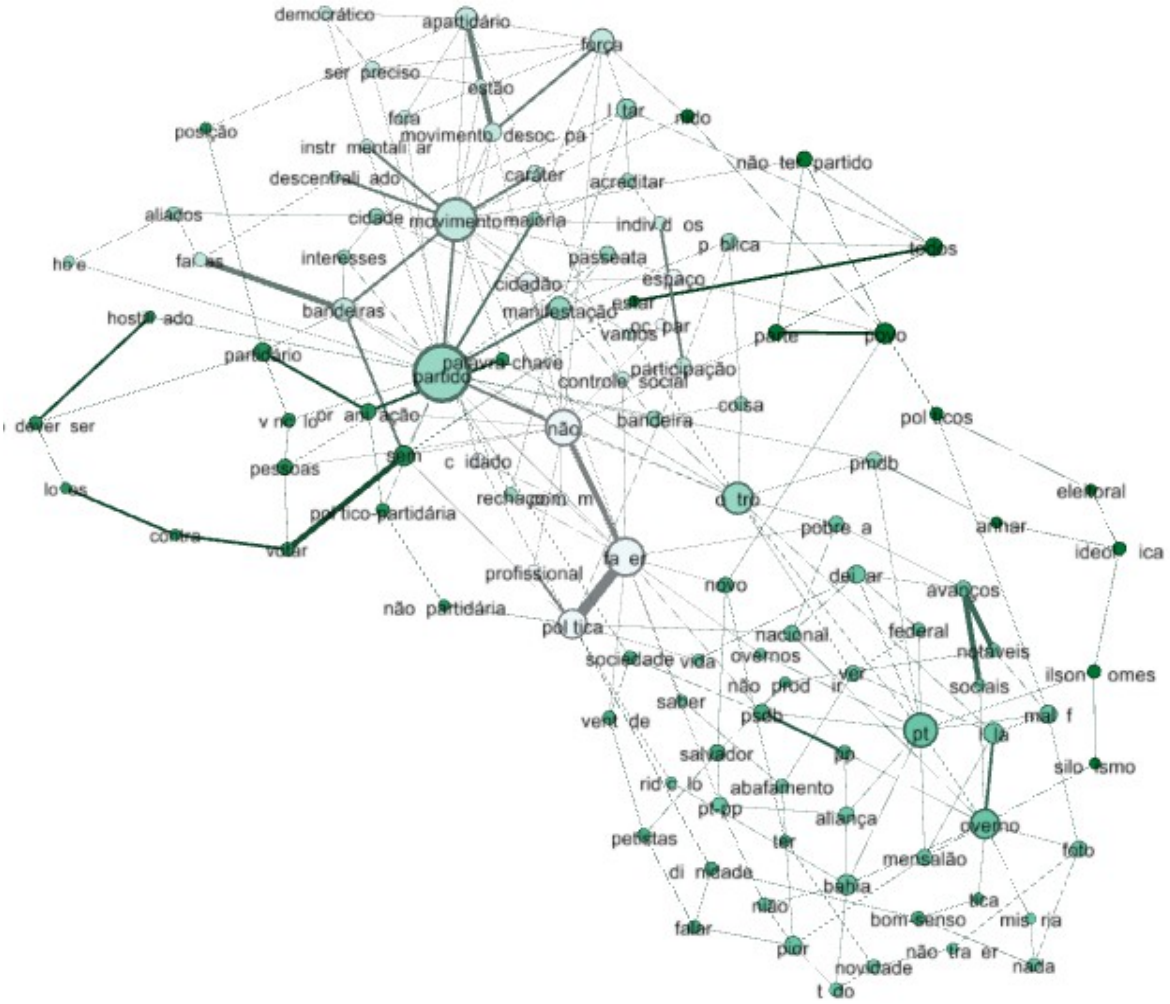
Essa rede é produto da união de três conversações sobre o caráter do Movimento

[273] O termo "povo" é utilizado aqui para se referir ao conjunto de pessoas que representam ora um ora outro lado da contenda: os moradores e os funcionários da prefeitura. Nesse último caso, o termo parece ser usado para englobar o universo dos administradores públicos em um campo antagônico - "outro povo", "outra identidade".

Desocupa, que todos concordam em definir como apartidário (total de 65 comentários). Trava-se aqui uma grande discussão sobre como conviver com adesões de grupos organizados partidariamente e diante de políticos profissionais. Um dos posts discute as alianças político-partidárias que se configuravam diante das eleições municipais que ocorreriam proximamente em outubro de 2012. O post veicula a foto do ex-presidente Lula apertando a mão de Paulo Maluf – político conservador envolvido muitas vezes em denúncias de corrupção –, ambos com semblante amistoso, na ocasião em que o primeiro foi ao encontro do segundo para obter o apoio de seu partido para o candidato do seu partido (PT) às eleições para a Prefeitura de São Paulo.

A rede está agrupada em 7 comunidades e é apresentada na figura a seguir.

Figura 33 – Movimento Desocupa – Política – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

As comunidades da rede são assim denominadas:

- Comunidade 1 – PT – 26,36% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Movimento – 15,45% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Partido – 14,55% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Vínculo Partidário – 12,73% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Outros Partidos – 11,82% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Povo – 10,91% do total de nós da rede
- Comunidade 7 – Política – 8,18% do total de nós da rede

Os quadros a seguir apresentam os principais conceitos por índice de centralidade e os mais centrais considerando-se o conjunto dos índices.

Quadro 32 – Movimento Desocupa – Política – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	partido	partido	partido	partido
2	movimento	fazer	movimento	fazer
3	fazer	pmdb	fazer	pt
4	pt	política	bandeiras	política
5	política/governo	pt	movimento_desocupa	movimento

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 33 – Movimento Desocupa – Política – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
partido	4	AT	3
fazer	4	AC	7
movimento	3	AT	2
política	3	AC	7
pt	3	AT	1

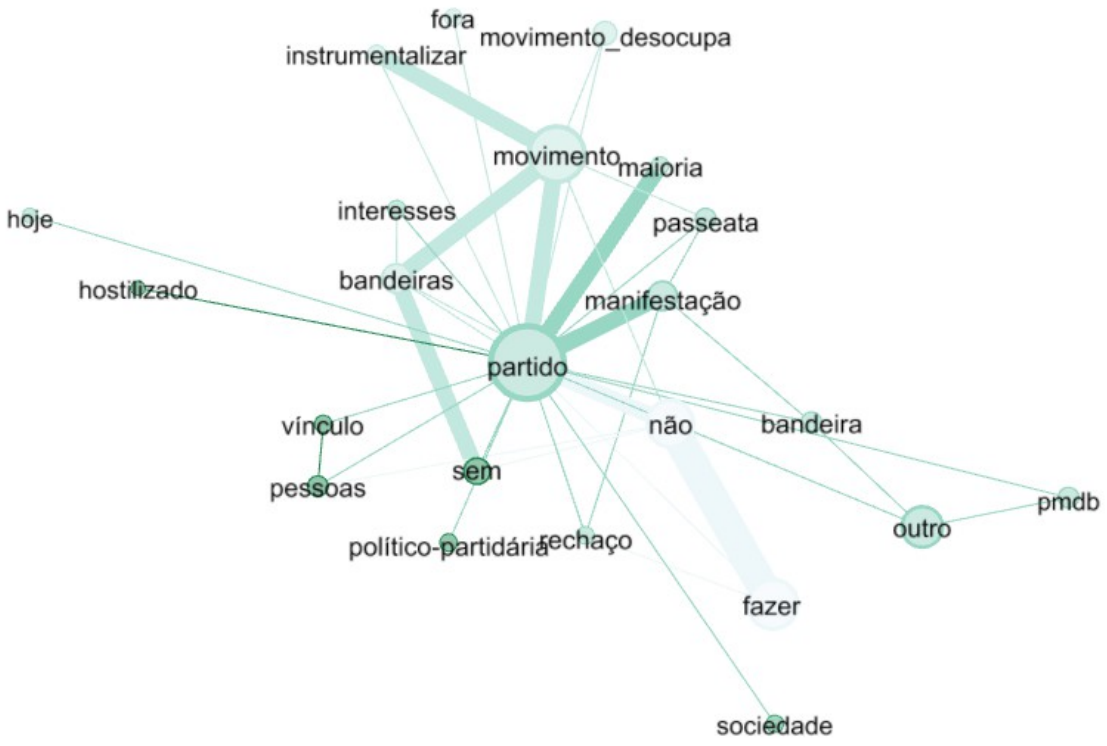
Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

O conceito "partido" é o mais central pois ocorre na primeira posição entre os índices de centralidade (Quadro 32). Ele se insere na comunidade 3 (Partido), a terceira em tamanho mas que contém apenas um conceito central (Quadro 33). Nesse aspecto o agrupamento é superado pela comunidade 7 (Política), que possui dois conceitos centrais, e iguala-se às comunidades 1 (PT) e 2 (Movimento). As demais comunidades não possuem conceitos centrais, pois nenhum dos termos que as compõem ocupa uma das cinco primeiras posições em ao menos três dos índices de centralidade.

O assunto de que trata a comunidade 3 (Partido) é a relação do movimento com os partidos, em particular no momento das manifestações públicas. Surge aqui uma visão da

volatilidade das alianças feitas pelos partidos focadas nos interesses eleitorais imediatos.[274] A visão da rede "ego" do conceito "partido" (Figura 34) mostra as suas relações mais próximas, independentemente de a qual comunidade os conceitos vizinhos pertencem. Os relacionamentos estão evidenciados no subgrafo para mostrar a força da ligação encontrada entre os seus conceitos.

Figura 34 – Movimento Desocupa – Política – Rede "ego" de "partido"



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

A imagem coloca em relevo a discussão sobre a hostilidade demonstrada por alguns membros do grupo em relação aos partidos e o rechaço feito por pessoas que gritavam: "Partido, não!" quando representantes de partidos tentavam falar ao microfone durante manifestação pública. Verifica-se aqui o receio de que partidos venham a tentar "instrumentalizar" o movimento e utilizá-lo como porta de entrada para suas "bandeiras" e "interesses" próprios.

Discute-se a pertinência de o movimento proibir que partidos portem faixas e bandeiras durante as manifestações do movimento, atitude questionada por alguns como autoritária.

[274] Comentário ao post de Vinicius Bustani, de 27/1/2012: "os partidos opostos de hoje são os aliados de amanhã".

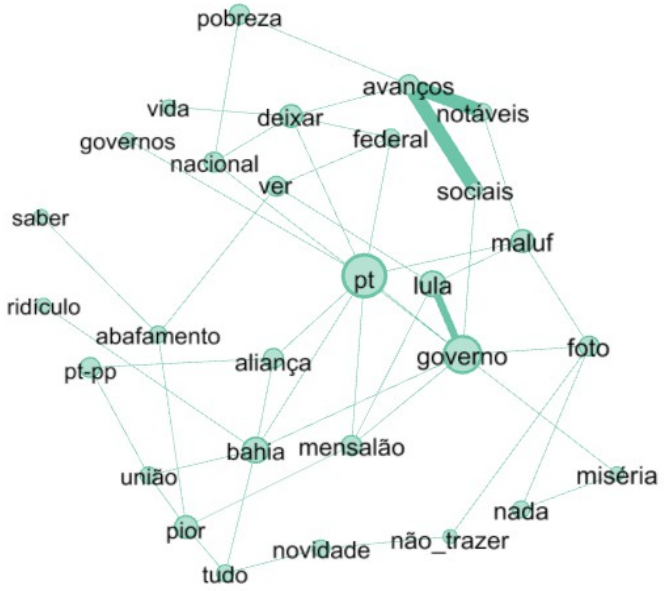
Alguém pergunta como será feita, na prática, essa proibição: “vai expulsar na base da porrada? uma enquete no blog é representativa?”. Outro condena a atitude de hostilidade tomada contra um político que justamente haveria votado contra a LOUOS proposta pelo então prefeito, durante uma manifestação pública (assunto da comunidade 4 – Vínculo Partidário).

Parte dessa discussão está representada na comunidade 2 (Movimento), a segunda maior da rede. Dela fazem parte os termos “movimento”, “bandeiras” e “força”. A comunidade contempla as características desejadas para o Movimento Desocupa: ser descentralizado, apartidário, democrático, uma força que luta pelos interesses da cidade, movimento de indivíduos que teria o caráter do assim denominado (mas não definido) “controle social” e de “participação” “pública”, algo associado a “indivíduos”.

O verbo “fazer” (comunidade 7) é parte de declarações sobre o movimento não fazer política profissional, rechaçar partidos em manifestações e desempenhar uma espécie de controle social. Situado na menor comunidade da rede. Situa-se na menor comunidade da rede, onde se desenvolve parte da discussão sobre o espaço que os partidos devem ocupar nas manifestações do movimento: não devem fazer política profissional, mas ocupar o espaço que os cidadãos possuem para fazer política, conforme é dito, mas sem esclarecer que espaço seria esse.

O Partido dos Trabalhadores (“pt”) situa-se na comunidade 1, a maior da rede. Uma imagem da comunidade é apresentada a seguir.

Figura 35 – Movimento Desocupa – Política – Comunidade PT



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: O tamanho do nó depende do grau do conceito.

O PT é o único partido presente no quadro dos conceitos centrais (Quadro 33), embora apareçam na rede como um todo as siglas dos seguintes partidos: Partido Progressista (PP), Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) e Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Menção a uma aliança partidária também está presente: PT-PP. A discussão se trava em torno das alianças que o PT teria ou não de fazer para poder governar. Discute-se o apoio dado por Paulo Maluf (mas também por José Sarney e Fernando Collor de Mello)[275] ao PT, se é lícito ou não buscar alianças; a aliança local (governo estadual) do PT com o PP é avaliada negativamente.[276] Associado a esse ponto discute-se se realmente se saiu da "pobreza" no país. Esse termo é também utilizado para qualificar a falta de um projeto nacional.[277]

A palavra "miséria" (comunidade 1) não está relacionada diretamente a nenhum político ou partido: seria algo mantido por todo e qualquer governo. O "abafamento" seria uma prática dos políticos, como por exemplo o "abafamento sistêmico de CPIs, vide Cabral, no caso

[275] Senadores conservadores; ambos já foram presidentes da República. O segundo foi afastado do poder em 1992, em razão de um processo de *impeachment*, autorizado pela Câmara dos Deputados, motivado por escândalos de corrupção (http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/fernando-collor).
[276] A aliança que já durava "6 anos e vai fazer um novo prefeito de Salvador, ainda não produziu os tais notáveis avanços sociais", diz um dos participantes da discussão.
[277] Comentário ao post de João Neto, de 18/6/2012: "pobreza de imaginação para construir um projeto nacional soberano em relação à agiotagem internacional".

Cachoeira".[278] O "mensalão"[279] também aparece ligado diretamente ao PT.

As siglas dos partidos "psdb" e "pmdb" associam-se ao "pt" através da fala de um dos participantes do grupo que afirma que, se o PT não faz aliança com o PP, então o PSDB faria. Ele repete uma frase que atribui a professor Wilson Gomes: "Enquanto a esquerda usava exclusivamente a regra ideológica, só quem ganhava eleições no Brasil era PMDB e partidos ainda mais fisiológicos",[280] afirmação presente na comunidade 6 (Povo), que não possui nenhum conceito central.

O "mensalão" (comunidade 1) está presente na rede de conexões imediatas do "pt" mas também das conexões de "governo" "lula", feita em comentário que valoriza a conduta ética.[281] O termo "ética", da comunidade 5 (Outros Partidos) surge nesta fala, mas também na fala de um membro que invoca a ética mas também o "bom-senso" e "dignidade". É colocada como uma questão de valor (e não ideológica) numa condenação ao "vale-tudo eleitoral que desmoraliza os políticos".[282]

Do ponto de vista das categorias, na rede como um todo predomina a valoração e o julgamento, uma vez que a categoria Valor, Qualidade e Motivação (VQM) possui 41,82% dos conceitos. Seguem-se as categorias Ação (AC=21,2%), Ator (AT=20%) e Evento, Iniciativa, Instituição ou Recurso (EIR=16,36%). Curiosamente, não consta conceito da categoria VQM no ranking de centralidades: do ponto do vista dos conceitos centrais, preponderam termos da categoria AT seguida da categoria AC.

A Qualidade da Ação (subcategoria QA) prepondera com 40% sobre todas as categorias/subcategorias no conjunto da rede. A imagem da rede a seguir, considerando-se apenas os conceitos de grau maior ou igual a 4, para as categorias AT e AC e subcategoria QA, apresenta uma versão sumarizada da rede com forte ênfase na definição do movimento

---

[278] Referência à Comissão Parlamentar de Inquérito, instalada em 19/4/2012, para investigar as relações do bicheiro Carlinhos Cachoeira com agentes públicos e parlamentares.

[279] Mensalão é o termo pelo qual ficou conhecido o processo de compra sistemática de votos de parlamentares por parte de integrantes do Poder Executivo, entre 2005 e 2006, e que motivou a Ação Penal 470, iniciada em 2012. Ver http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/11/131116_mensalao_q_and_a_mdb.

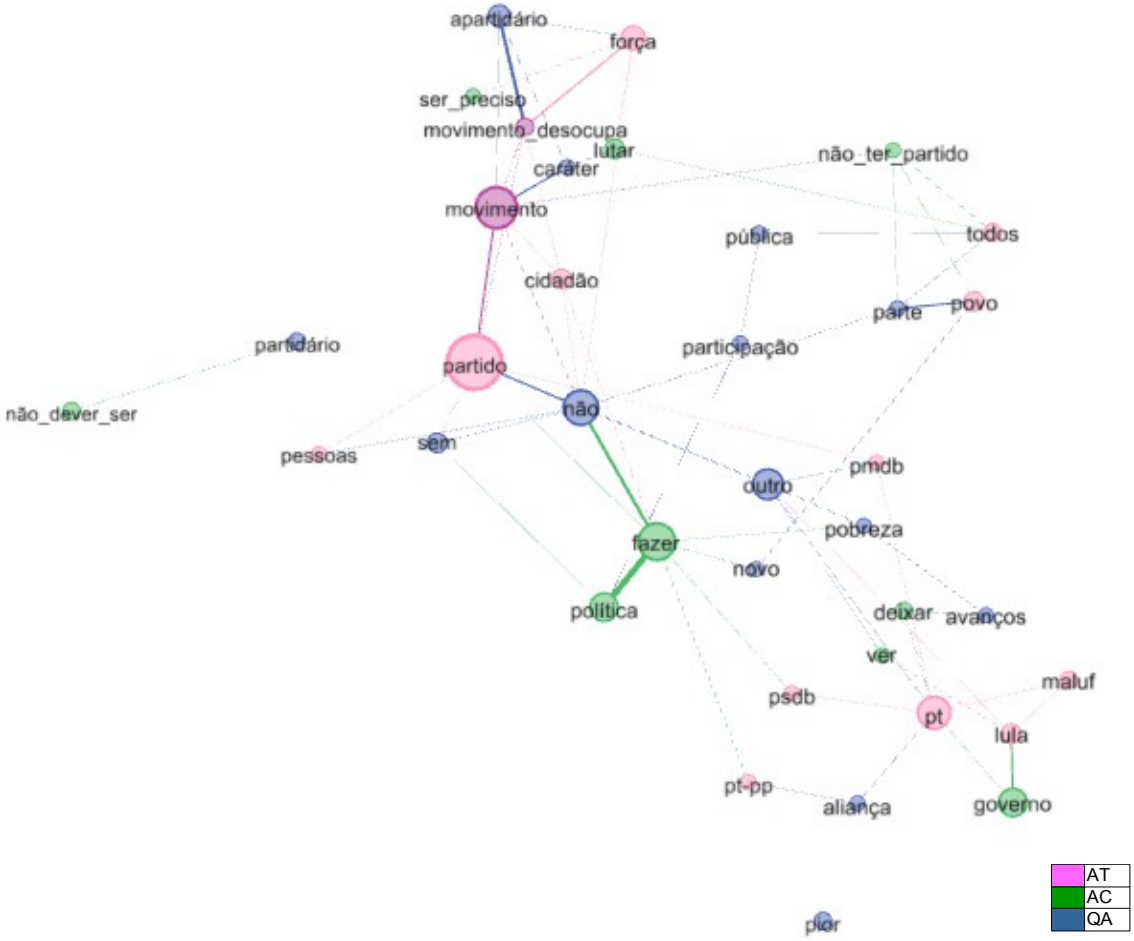
[280] Comentário ao post de João Neto, de 18/6/2012: "Prefiro utilizar o pragmatismo de Wilson Gomes: 'Me desculpem meus amiguinhos da coerência ideológica. Eu acho lindo, Lula e FHC também. Mas nunca ganharam nenhuma eleição com este critério. Enquanto a esquerda usava exclusivamente a regra ideológica, só quem ganhava eleições no Brasil era PMDB e partidos ainda mais fisiológicos'".

[281] A ligação entre "mensalão", "pt", "lula" e "ética" aparece no comentário ao post de João Neto, de 18/6/2012: "Os notáveis avanços sociais promovidos pelo governo Lula não o autorizam a jogar a ética na privada. Os fins não justificam os meios. Como cidadão e eleitor do PT, já fui suficientemente humilhado com o Mensalão e com o parceria de Lula com Collor e Sarney. Não precisava mais essa".

[282] Comentário ao post de João Neto, de 18/6/2012: "Não me considero um 'amiguinho da coerência ideológica'. Me considero amigo da ética, do bom-senso e da dignidade, seja na política ou em qualquer outro campo da vida. Esse vale-tudo eleitoral desmoraliza e desacredita os políticos de modo geral".

como apartidário.

Figura 36 – Movimento Desocupa – Política – Principais Atores e Qualidade da Ação



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem a categorias/subcategoria. O tamanho do nó depende do grau do conceito. Graus na faixa 4-22.

O Quadro 34 a seguir mostra como, nas redes relacionadas ao Espaço Urbano, as conversações do Movimento Desocupa dão grande ênfase à sua atuação (rede A Cidade), enquanto os moradores são os protagonistas no caso da rede Bairro 2 de Julho. Os valores foram obtidos conforme o ranking de índices de centralidade para os dez conceitos mais bem posicionados na categoria AT.

Quadro 34 – Movimento Desocupa – Atores por índice de centralidade

Rede	Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
Rede 1 – Bairro 2 de Julho	1	moradores/movimento_desocupa	moradores	moradores	moradores
	2	população	população	população	movimento_desocupa
	3	joão_henrique	prefeitura	movimento_desocupa	prefeitura
Rede 2 – A Cidade	1	movimento_desocupa	movimento_desocupa	movimento_desocupa	movimento_desocupa
	2	pessoas	pessoas	pessoas	pessoas
	3	grupo	grupo	grupo	grupo
Rede 3 – Conflito	1	joão_henrique	joão_henrique	joão_henrique	joão_henrique
	2	movimento	movimento	movimento	movimento
	3	comunidade/prefeitura	moradores	comunidade	comunidade
Rede 4 – Política e o movimento	1	partido	partido	partido	partido
	2	movimento	pmdb	movimento	pt
	3	pt	pt	movimento_desocupa	movimento

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

A polarização entre o prefeito João Henrique e os movimentos de resistência às intervenções do poder público para a reconverter o Bairro 2 de Julho em área atrativa para investimentos do mercado imobiliário coloca esses dois atores nas primeiras posições do ranking de atores centrais da rede 3 – Conflito. Essa rede conta com o segundo maior número de atores (total de 14). Eles podem ser reunidos de acordo com sua posição no conflito: de um lado estão o prefeito e a prefeitura (João Henrique, prefeitura, prefeito e Sedham); de outro estão moradores do bairro e movimentos (moradores, comunidade, Nosso Bairro é 2 de Julho, movimento e Movimento Desocupa).

A rede 4 – Política e o movimento contém o maior número de atores (total de 22). Muitos deles se referem a partidos, a políticos e aos movimentos, entre os quais o Movimento Desocupa. Como visto, a questão central da conversação é a relação entre movimento e partidos políticos. As posições mais centrais são ocupadas por “partido”, “movimento” e “pt”, nessa ordem. O conceito “movimento” diz respeito aqui não apenas ao Movimento Desocupa, mas a movimentos que ocorriam, então, em outros estados do país. Os partidos são citados nominalmente em grande medida em razão da discussão em torno das alianças do PT, partido no governo, com vistas às eleições municipais daquele ano. Políticos são citados nominalmente em referência a eventos e a políticas nos quais foram protagonistas.

Como se pode verificar, diferentemente do grupo Parco del Basento, aqui o "cidadão" é o grande ausente nessas discussões: ele é mencionado na rede 4 e em nenhuma outra; ainda assim não se localiza nas três primeiras posições em qualquer dos índices de centralidade dos atores (Quadro 34), motivo pelo qual não consta entre os atores centrais (Quadro 35).

Quadro 35 – Movimento Desocupa – Atores centrais

Ator	Rede 1	Rede 2	Rede 3	Rede 4	Total
movimento_desocupa	3	4	-	1	8
movimento	-	-	4	3	7
moradores	4	-	1	-	5
joão_henrique	1	-	4	-	5
partido	-			4	4
grupo	-	4	-	-	4
pessoas	-	4	-	-	4
população	3	-	-	-	3
comunidade	-	-	3	-	3
prefeitura	2	-	1	-	3
pt	-	-	-	3	3
pmdb	-	-	-	1	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Isso se deve, em parte, pelo fato de que as discussões travadas na rede 1 – Bairro 2 de Julho e na rede 3 – Conflito dizerem respeito a uma contenda em nível hiperlocal, onde a figura principal é a do morador, ainda que se refira a uma prática autoritária de intervenção recorrente na administração pública municipal como apresentado por Avritzer (2008) que motivou a indignação que está na base do surgimento do Movimento Desocupa. Na rede 4, a menção ao cidadão está associada a um tipo de participação que muitos desejam que mesmo aqueles declaradamente partidários venham a assumir frente ao movimento: uma participação caracterizada pelo apartidarismo.[283] Ou seja, uma ideia de participação que passa ao largo da representação política institucionalizada sem avançar a discussão de novas formas possíveis de formação do consenso.

Os atores mencionados nas demais redes do Movimento Desocupa assumem muitas vezes um perfil geral, são representados muitas vezes mais como coleção de indivíduos, não necessariamente relacionados à participação política: menções são feitas a "população", "pessoas", "todos" e "sociedade".

[283] Isso é exemplificado pelo seguinte comentário ao post de Bruna Zagatto, de 26/1/2012: " fazer parte como cidadão é legítimo e ótimo que aconteça; no entanto, os braços que levantam um movimento como esse não devem carregar bandeiras de partido".

Quanto ao termo "povo" – termo jamais utilizado pelos grupos italianos –, é preciso investigar o contexto em que é usado para compreender seu significado (BADIOU, 2014). No caso da rede 4, está associado a movimento, a todos os insatisfeitos com a situação. É invocado em oposição aos partidos políticos: "Não tem partido, isso é de nossa parte, sua e minha, da parte do povo, da parte de quem não tá gostando da situação, é da parte de nós todos, não tem partido, é só o povo unido".[284] Uma ideia de povo surge aqui como massa indistinta reunida unicamente em contraposição à (autoritária) autoridade pública por uma espécie de insatisfação difusa.

Em resumo, as redes como um todo não mostram algo conclusivo acerca das ideias e propostas do movimento para a Cidade de Salvador. Do ponto de vista da ação política, predomina a ideia de apartidarismo por parte do movimento, uma grande desconfiança em relação aos partidos e aos políticos, e o temor de que aqueles venham a utilizar o movimento em proveito próprio. A convivência do grupo com os partidos em manifestações públicas não é pacífica; discutem-se formas de inibir a atuação desses para que não venham tentar suplantar o protagonismo do movimento. Um membro do grupo levanta a questão da liberdade de expressão, afirmando que o movimento é um defensor dessa liberdade. Entretanto essa questão não aparece na rede que representa as conversações do grupo sobre política, embora aqui e ali se verifique a emergência de um tipo de ativismo semelhante ao subativismo como proposto por Bakardjieva (2009) – um tipo de política em nível da experiência subjetiva submersa no fluxo da vida cotidiana, constituída por decisões e ações que possuem um quadro de referência tanto político quanto ético. O que prepondera, entretanto, é a afirmação do caráter do movimento como "apartidário".

Por conta do conflito aberto com a administração pública e a profunda desconfiança na capacidade de partidos políticos serem capazes ou estarem interessados em representar os interesses da população, dos moradores e do "povo", com os quais membros do movimento dizem estar em sintonia, o Movimento Desocupa procura apoio junto ao Ministério Público Estadual. Este encampa a defesa dos interesses coletivos em uma série de ações civis contra a administração pública local, obrigando-a a promover os canais de participação pública prescritos pela Constituição Federal para a alteração do ordenamento, uso e ocupação do solo. Essa medida constitui uma peça da resistência empreendida pelo grupo, juntamente com outras organizações da sociedade civil, contra à lógica de apropriação do espaço urbano

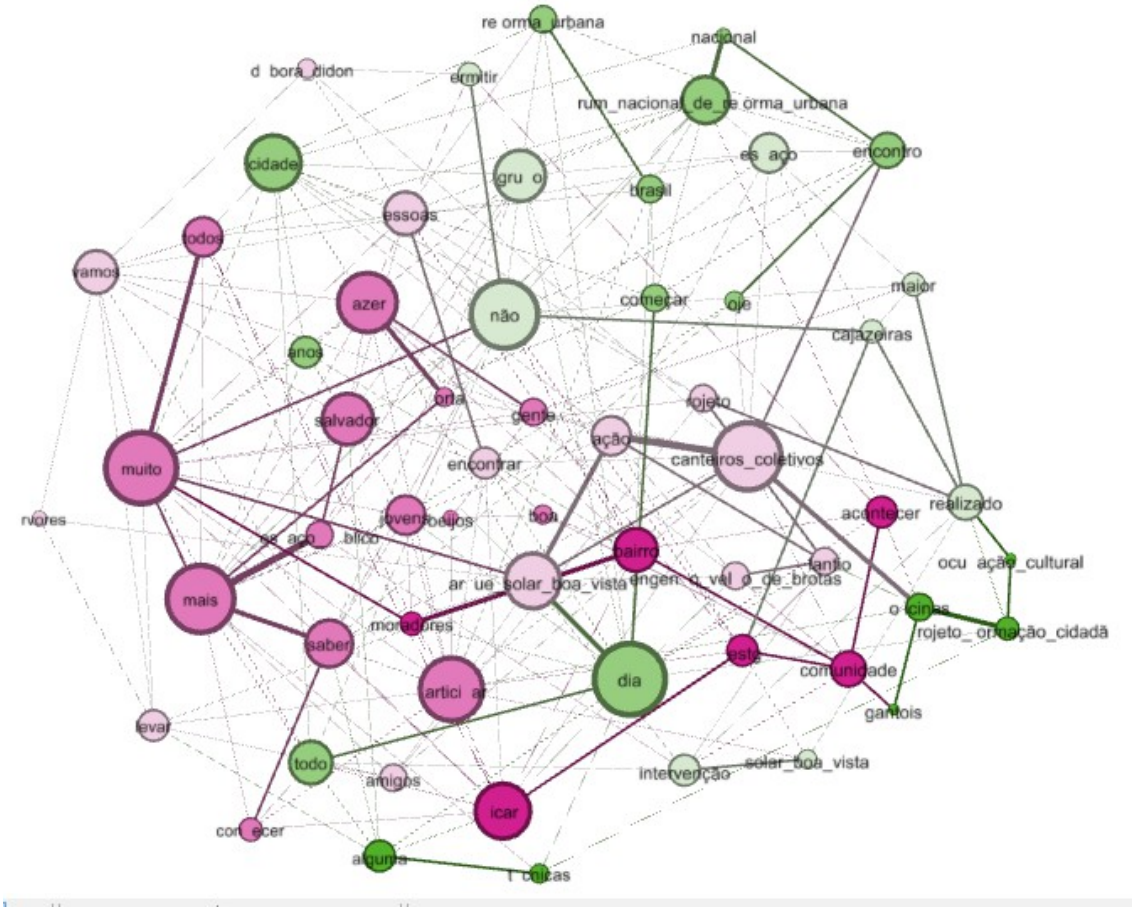
[284] Comentário ao post de Vinicius Bustani, de 27/1/2012.

unicamente em favor de interesses privados orquestrada pela administração pública local. No entanto é preciso lembrar que a efetividade dos canais de participação dependerá da força/debilidade da sociedade civil perante a sociedade política, que se demonstrou incapaz de fazer frente aos ataques desfechados pelo Executivo no processo de alteração da Lei de Ordenamento de Uso e Ocupação do Solo (LOUOS) da Cidade do Salvador nessa e em outras ocasiões.

b) Grupo Canteiros Coletivos

A Figura 37 apresenta a rede conversações obtida para o grupo Canteiros Coletivos com base nas mensagens postadas no período que vai de 6/5/2014 a 9/9/2014 e que tiveram engajamento (soma de *likes* e comentários) maior que 2. Os conceitos apresentados possuem frequência maior ou igual a cinco. A rede está organizada em seis comunidades.

Figura 37 – Grupo Canteiros Coletivos – Visão Geral



Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.
Obs.: As cores correspondem às comunidades, e o tamanho do nó depende do grau do conceito.

As comunidades podem ser assim denominadas:

- Comunidade 1 – Fazer e Participar – 23,73% do total de nós da rede
- Comunidade 2 – Canteiros Coletivos – 22,03% do total de nós da rede
- Comunidade 3 – Cidade – 18,04% do total de nós da rede
- Comunidade 4 – Intervenção – 15,25% do total de nós da rede
- Comunidade 5 – Oficinas – 10,17% do total de nós da rede
- Comunidade 6 – Bairro – 10,17% do total de nós da rede

O Quadro 36 apresenta os conceitos colocados entre as cinco primeiras posições nos índices de centralidade. O Quadro 37 apresenta os conceitos mais centrais na rede.

Quadro 36 – Grupo Canteiros Coletivos – Conceitos por índice de centralidade

Posição	Degree	Closeness Centrality	Eigenvector Centrality	Betweenness Centrality
1	dia/muito	canteiros_coletivos	muito	canteiros_coletivos
2	canteiros_coletivos/ mais	participar	mais	dia
3	participar	muito	fazer	participar
4	fazer	parque_solar_boa_vista	participar	mais
5	cidade/ficar/ parque_solar_boa_vista	dia/ficar	ficar	muito

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Quadro 37 – Grupo Canteiros Coletivos – Conceitos centrais

Conceito	Qtd. menções	Categoria	Comunidade
muito	4	VQM	1
participar	4	AC	1
canteiros_coletivos	4	AT	2
dia	3	EIR	3
ficar	3	AC	6
mais	3	VQM	1

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

A comunidade 1 (Fazer e Participar) tem três dos seis conceitos mais centrais e é a maior entre todas as comunidades da rede. As comunidades 2 (Canteiros Coletivos), 3 (Cidade) e 6 (Bairro) possuem cada uma um conceito central.

A menção ao grupo pertence à comunidade 4 (Intervenção).[285] Essa comunidade, juntamente com a comunidade 1 (Fazer e Participar), apresenta as ações a que o grupo se dedica: plantio em espaços públicos, aqui nominado particularmente o "parque_solar_boa_vista", situado no Bairro do Engenho Velho de Brotas, localizado em área

[285] Nessa rede, o termo "grupo" refere-se não apenas ao Canteiros Coletivos como a muitos outros grupos que são mencionados nos posts.

não periférica da Cidade de Salvador. Na comunidade 2 está presente a menção à idealizadora dos Canteiros Coletivos, que joga um papel importante na manutenção das atividades do grupo e da página do mesmo.[286]

O conceito "participar", contemplado na comunidade 1 (Fazer e Participar), relaciona-se a intervenções em diversas áreas da cidade. Abrange desde o relato de um festival de teatro ("festg", comunidade 6 – Bairro) realizado no Bairro de Cajazeiras (comunidade 4 – Intervenção) até a chamada à participação no Fórum Nacional de Reforma Urbana[287] (comunidade 3 – Cidade) ou em "oficinas" na área do Gantois (comunidade 5, que trata de oficinas e projetos realizados pelo grupo), situada nas adjacências do Bairro da Federação. As oficinas são do "projeto_formação_cidadã", projeto desenvolvido em parceria,[288] e o termo se relaciona com a realização de "ocupação_cultural" (comunidade 5), que envolve o desenvolvimento de atividades culturais em espaços públicos.

Do ponto de vista das categorias, Evento, Iniciativa, Instituição ou Recurso (EIR) predomina com 38,98% dos nós da rede. Segue-se a categoria Ação (AC) com 27,12%. As categorias Ator (AT) e Valor, Qualidade e Motivação (VQM) possuem, cada uma, 16,95% dos nós. Esse padrão não se verifica para os conceitos centrais, como se vê no Quadro 37.

Diferentemente do Movimento Desocupa, o tom das interações entre seus membros é amistoso, denotando proximidade e simpatia. Canteiros Coletivos não busca interlocução com a administração pública nem com representantes políticos, tampouco reivindica atuação sobre a esfera da decisão política, e sequer menciona partidos. Cidadania está relacionada ao agir para melhorar a qualidade do espaço urbano, com foco em áreas públicas como jardins e praças. Sua ação tem característica marcadamente educativa: promove oficinas e atividades de formação contemplando a cura do espaço público em ações coletivas. Dessa maneira, busca estimular a produção de espaços de convívio social sem conflito, na crença de que "a força de um coletivo pode transformar e ressignificar espaços degradados e esquecidos de uma cidade", como declarado na aba "Sobre" da página do grupo,[289] o que denota o caráter

[286] Estudo comparativo da rede de interações para os grupos Canteiros Coletivos e Il Giardino in Movimento mostrou grande concentração em torno de um único membro, no caso do primeiro relativamente ao segundo (FLORENTINO; ROCHA; PEREIRA, 2014).
[287] Para movimentos e organizações que buscam promover a Reforma Urbana. Ver http://www.forumreformaurbana.org.br/
[288] O projeto Formação Cidadã foi desenvolvido a partir do segundo semestre de 2012 pelo Movimento Canteiros Coletivos em conjunto com o Instituto de Permacultura da Bahia (IPB), com apoio da Fundação Oi Futuro. Atuou no Parque Solar Boa Vista, no Bairro do Engenho Velho de Brotas, e na comunidade do Gantois, na Federação durante dez meses, onde foram desenvolvidas práticas de arte urbana, ecologia, jardinagem e comunicação (http://www.permacultura-bahia.org.br/interna.php?cod=43).
[289] Acesso em 18/3/2015.

comunitarista da sua abordagem do bem comum. Sua semelhança com o grupo Il Giardino in Movimento, além de certos tipos de atividade que desenvolve, está no ativismo coletivo a que se dedica na busca por "alimentar o laço simbólico que subjaz à formação social" (SODRÉ, 2014, p. 187).

6 CONCLUSÃO: ESPAÇO URBANO COMO BEM COMUM

Para efeitos desse estudo, tomou-se a esfera pública como um domínio de conversação civil e de interação social que dá visibilidade a assuntos que são ou vêm a ser considerados de interesse geral (GOMES, 2008a). Redes sociais digitais têm sido utilizadas para dar visibilidade a demandas em prol da melhoria da qualidade da vida urbana colocadas por grupos que pretendem influir na decisão sobre os destinos da cidade sem passar por arenas dominadas por profissionais da política. Coletivamente e de variadas formas, eles comunicam suas finalidades, finalmente alçadas à esfera pública através da mídia e através da ampla visibilidade que imprimem à sua atuação (GOMES, 2014). Esse é o caso da difusão por toda a Cidade de Potenza dos pontos de coleta de assinatura para a petição pública, em grande parte devida à simpatia angariada pelo grupo Parco del Basento junto aos pequenos comerciantes locais. É o caso também das grandes manifestações promovidas em Salvador pelo Movimento Desocupa, com a adesão de inúmeras organizações e grupos organizados da sociedade civil.

Os grupos estudados descrevem trajetórias de participação cívica e mesmo políticas (DAHLGREN, 2013), diretamente endereçadas a autoridades públicas. Nesse percurso exercem formas de ativismo que enquadram suas ações em referências que tocam à ética e aos direitos fundamentais, em grande medida reconhecidos como subativismo por Bakardjieva (2009). Alguns desses grupos produzem mesmo o espaço urbano a partir de uma lógica não mercantil e proprietária, e assim criam um comum urbano acessível a todos, que muitas vezes pretendem gerir (RODOTÀ, 2013; HARVEY, 2012). Assim, estabelecem ligações sociais em torno dos espaços que valorizam, promovem seu uso compartilhado, propondo uma forma de atuação cívica que, embora não endereçada diretamente ao campo da participação política, pode ter por efeito ampliá-la (CARPENTIER, 2012). Trata-se de manifestações do livre fruir de espaços públicos por parcelas daqueles que nela habitam, mas que o tornam acolhedor ao acesso por todos.

A pesquisa se apoiou em representações de conversações estabelecidas em páginas Facebook de grupos italianos e brasileiros na forma de redes semânticas e se utilizou da

Análise de Redes Sociais para a compreensão e elaboração de inferências (DIESNER; CARLEY, 2011). A sentença foi tomada como unidade básica de enunciação de significado, e a proximidade entre palavras foi assumida como indicador de seu maior relacionamento (DANOWSKI, 1982). A partir de processos de exclusão e generalização de termos, obtiveram-se redes compostas de comunidades de conceitos inter-relacionados que serviram à exploração de contextos semânticos (DRIEGER, 2013). Para identificar os assuntos que receberam maior atenção nas conversações dos grupos, destacaram-se as comunidades mais importantes – aquelas que englobam conceitos presentes nas primeiras posições nos índices de centralidade associados à teoria dos grafos (FREEMAN, 1977; BONACICH; LLOYD, 2001).

Da análise das conversações aqui realizada, conclui-se que todos os grupos buscam chamar a atenção sobre o estado de abandono e se colocam contra a degradação do espaço urbano e, de modo direto ou indireto, contra a mercantilização do espaço público. Engajados em atividades cívicas e ações políticas alguns deles constituem um *commons* através de práticas de convivência que envolvem o confronto recíproco, fruto de um diálogo centrado na materialidade do problema e nas soluções a afrontar (MICCIARELLI, 2014). Eles atuam com vistas a transformar áreas urbanas em bem comum, um espaço acessível a todos carregado de valor simbólico propriamente pela sua capacidade de acolher sua livre utilização. Por esse modo, uns e outros restituem o valor à vida na cidade, abrindo possibilidade à sua fruição numa diversidade de perspectivas, o que é fundamental para constituição de um mundo comum (ARENDT, 2010). Em nome do interesse geral, buscam reverter a situação de degrado do ambiente mediante:

- a destinação de uma área da cidade ao gozo pelos próprios cidadãos e solicitação de recuperação das funções centrais do Centro Histórico da Cidade de Potenza (grupo Parco del Basento);
- manifestações indignadas e formalização de denúncias contra a promoção pela administração pública da "venda" do espaço público, a expulsão de moradores de área central da cidade e a alteração arbitrária da lei de ordenamento e uso do solo da Cidade do Salvador em favor de interesses privados (Movimento Desocupa);
- a regeneração da qualidade da vida urbana através da cura e da promoção da sociabilidade em áreas públicas por meio de atividades educativas, culturais e lúdicas (Il Giardino in Movimento, em Potenza, e Canteiros Coletivos, em Salvador) e da

valorização do patrimônio (Il Giardino in Movimento).

Nesse sentido, imagens de parques, flores e árvores coloridas profusamente postadas na página Facebook do grupo Parco del Basento, por via do movimento, parecem ter-se convertido numa força capaz de alavancar uma torrente de desejos e idealizações de uma vida boa para todos, de modo semelhante ao que, no pensamento clássico, era o sentido atribuído ao bem comum – *vita buona del tutto sociale* (GALEAZZI, 2013). Na idealização de uma área delimitada da cidade, o Parque parece ter-se constituído, mais que tudo, num símbolo da cidade para os cidadãos de Potenza.

O grupo Il Giardino in Movimento, composto por muitos dos membros do grupo Parco del Basento, tem características muito distintas, como se viu na única rede obtida para o grupo (Figura 24). Nascido num momento de expectativa pelos resultados das iniciativas tomadas pelo movimento pelo parque junto aos representantes públicos – a petição pública e o projeto de lei já haviam sido entregues há pelo menos dois meses e não havia, então, outra novidade –, esse grupo parece responder à necessidade de estender a experiência de constituição de um valor simbólico do espaço público como um bem comum às suas formas de sociabilidade. Uma prova disso é o fato de a área onde desenvolvem suas atividades situar-se na entrada do desejado parque e junto à ponte monumento da arquitetura moderna (Ponte Musmeci), emblema de arrojo técnico em engenharia, situada na entrada da cidade.

É possível dizer que a atuação do grupo Il Giardino in Movimento, centrada sobretudo na ação eminentemente de autoafirmação, responde à estratégia de construção de uma identidade de caráter cultural (CUCHE, 2002), coisa que a valorização da ponte, carregada de simbolismo, reforça. Aqui o espaço urbano abandonado pela administração pública e projetado pelo próprio grupo passa a ser vivenciado coletivamente, sendo utilizado para a experiência com o cultivo de plantas, não por acaso fáceis de manter, e para a realização de encontros culturais, protagonizados por seus membros e simpatizantes. Um movimento que não se dirige aos representantes, mas promove o uso simbólico do espaço público, de um modo não-glamoroso e não-conformista, a mostrar que a cultura urbana, com suas formas coletivas de ser e práticas publicamente compartilhadas, pode ser organizada de forma plural (AMIN, 2008) e a partir da iniciativa de pessoas cujas relações não se institucionalizam numa representação política.

O Movimento Desocupa teve mais um caráter de explosão devido à existência de grande insatisfação com a forma como questões de interesse público eram conduzidas, a

começar pela privatização de uma praça no bairro de Ondina promovida pela prefeitura da Cidade de Salvador, que se constituiu no gatilho para o início do movimento. Em seguida, o Desocupa abraçou lutas locais, como a dos grupos organizados do Bairro 2 de Julho, que se rebelavam contra o processo de gentrificação da área então em curso. Se a discussão sobre a cidade representada na rede (Figura 29) não permite concluir sobre qual seja o espaço comum desejado – pois tão-somente se sabe o que é desejado para o Bairro 2 de Julho na visão do conflito com a administração pública (Figura 32) –, verifica-se que aquilo que é fortemente acentuado na conversação sobre a cidade é o caráter coletivo das articulações feitas pelo grupo. Poder-se-ia dizer que a defesa do interesse comum aqui não despreza os meios utilizados, contudo as conversações analisadas não fornecem informação suficiente para essa conclusão.

Em clima de aberto antagonismo com a prefeitura, a finalidade primordial do movimento passa a ser a remoção do prefeito do cargo e o impedimento de que a nova Lei do Ordenamento, Uso e Ocupação do Solo (LOUOS) por ele proposta prospere, por não refletir os interesses coletivos. Esses pontos se constituem no foco do movimento, que entretanto não trava de fato uma discussão sobre soluções alternativas para usos do solo urbano e outros problemas verificados na cidade. Isso leva a concluir que foi apenas no campo estritamente da negação que o movimento pôde se unificar, não tendo constituído nenhuma característica do *wikiplanning* como formulado por Murgante (2013).

O grupo Canteiros Coletivos, nascido no mesmo contexto de conflito aberto contra a administração pública soteropolitana, se assemelha com Il Giardino in Movimento em seu modo de atuação. Ele também se ocupa do "fazer" – não o design de uma paisagem, como o Parco del Basento, nem produz um "grito" de indignação voltado a suprimir os obstáculos à busca do interesse comum instalados na esfera da decisão político-administrativa, caso do Movimento Desocupa. Como outros movimentos dedicados à recuperação do espaço público pelos próprios cidadãos que ocorrem em muitas cidades do mundo,[290] o grupo, na verdade, se dedica à construção caprichosa de uma vivência coletiva direcionada à melhoria da vida urbana, seja da paisagem, seja das relações entre seus usuários. O espaço urbano e a forma de vivê-lo coletivamente, com uma certa harmonia, são considerados, aqui, o bem comum. Pode-se ver aqui traços daquilo que David Harvey (2012) chama de prática social de criação de aspectos do ambiente físico e social considerados cruciais para o grupo – uma prática social

[290] Ver http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2015/05/150520_iniciativas_espaco_publico_exterior_lista_rb?post_id=10204165297317545_10204165297277544#_=_

de *commoning*.

O Quadro 38 apresenta a caracterização do almejado espaço de uso comum e as ações tomadas pelos grupos para acederem à esfera pública através da visibilidade na mídia tradicional e, assim, poderem defender suas ideias e alcançar suas pretensões.

Quadro 38 – Visões do Espaço Urbano

Grupo	Espaço Urbano		Ações
	Atual	Desejado	
Parco del Basento	A) Abandono da infraestrutura esportiva, cultural e dos parques e áreas verdes; B) Edificações não permitem a visão da paisagem. Cidade fechada e desprovida de vegetação; C) Centro Histórico desempenha função de agregação e tem belos prédios, mas está esvaziado	A) Resgate de área verde para fruição pelos cidadãos; B) Recuperação do Centro Histórico	Realizações e Participações: A) Ideia projetual do Parque do Basento; B) Elaboração de Petição Pública e coleta de assinaturas; C) Redação de proposta de lei Apoios recebidos e Parcerias: A) Comércio local (coleta de assinaturas) B) Universidade (apresentações do grupo) C) Grupos com inserção na mídia (criação de vídeo) D) Declarações de candidatos à Prefeitura a favor do Parque Ações comunicativas: A) Entrevistas a jornais B) Reuniões para apresentação da ideia do Parque C) Apresentações da ideia a conselhos (representantes públicos) D) Presença em redes sociais
Movimento Desocupa	Cidade de Salvador: A) Falta de área verde pública; B) Mas também existem manifestações culturais e lugares bacanas Bairro 2 de Julho: A) Apropriação dos estoques fundiários e de imóveis centrais em benefício exclusivo de camadas sociais mais bem aquinhoadas	Cidade de Salvador: A) Área verde pública Bairro 2 de Julho: A) Realização de obras de acessibilidade para portadores de necessidades especiais B) Implantação de um Centro de Atenção Psicossocial para dependentes químicos C) Implantação de coleta seletiva de lixo	Realizações e Participações: A) Manifestações de rua B) Participação em eventos promovidos por entidades e associações da sociedade civil C) Participação em protestos de categorias profissionais D) Denúncias contra abusos da administração pública junto ao Ministério Público E) Apoio ao Ministério Público estadual em sua Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN) contra a nova Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo (LOUOS) F) Participação em audiências públicas Apoios recebidos e Parcerias: A) Associações de moradores (Bairro 2 de Julho) B) Entidades e associações da sociedade civil C) Teatro Ações comunicativas: A) Intervenções em eventos e manifestações públicas B) Presença em redes sociais e blog

continua

Grupo	Espaço Urbano		Ações
	Atual	Desejado	
Il Giardino in Movimento	-	A) Valorização do ambiente: ambiente são é arborizado e plantado; B) Valorização do patrimônio (Ponte Musmeci)	Realizações e Participações: A) Realização de jornadas de estudos e projeto participativo; B) Implantação de projeto formulado e eleito pelo grupo; C) Participação em eventos e conferências (laboratório de pesquisa); D) Realização de encontros para contar fábulas; E) Limpeza da área; F) Valorização de projetos similares Apoios recebidos e Parcerias: A) Escritório de projeto (arquitetura e paisagismo) B) Associação cultural C) Grupo de pesquisa (participação e espaço urbano) Ações comunicativas: A) Divulgação através de pequenas intervenções: colocação de mudas em diversas áreas da cidade associada à logomarca do grupo B) Presença em redes sociais e blog (do escritório de arquitetura)
Canteiros Coletivos	-	A) Resgatar áreas verdes e recuperar espaços abandonados	Realizações e Participações: A) Plantio em espaços públicos; B) Realização de oficinas e eventos de ocupação cultural C) Participação em plantios promovidos por estudantes universitários Apoios recebidos e Parcerias: A) Comunidades de bairro organizadas B) ONGs C) Projetos sociais de institutos providos por empresa privada Ações comunicativas: A) Entrevistas a jornais B) Página web e presença em redes sociais

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Já o conflito dos grupos com administradores públicos revela os ideais de cidade com que cada uma das partes se compromete. Independentemente das suas formas de atuação – uma mais voltada a influenciar a ação governamental e outra engajada na vida pública mediante o cultivo de uma prática que pode ser caracterizada como cultura cívica, a qual toma o cidadão enquanto agente social como ponto de partida (DAHLGREN, 2013)[291] – todos eles claramente almejam um espaço urbano distinto do que vem sendo promovido atualmente. Querem estabelecer um lugar para as trocas humanas ao invés de um espaço simplesmente eficiente para o desenvolvimento de trocas comerciais – espaço urbano enquanto lugar de *otium* e não uma máquina funcional para os negócios (CACCIARI, 2012).

Nesse sentido, eles resistem às políticas para a cidade levadas a efeito pela administração local, a quem, com a falência do modelo fordista de desenvolvimento, foi atribuída a responsabilidade de promover o desenvolvimento do território, como apontado por Haddock (2004). Essas políticas tiveram consequências muitas vezes nefastas, como a redução do acesso à moradia em lugares centrais e a restrição à circulação em grandes áreas da cidade, que levaram ao acirramento das desigualdades sociais (CARVALHO; PEREIRA, 2014; MOURAD; FIGUEIREDO, 2014).

No caso de Potenza, o abandono da manutenção dos espaços públicos pela administração local e regional possivelmente faz parte de um processo de desinvestimento na infraestrutura reflexo do decréscimo da produção industrial. Quanto a Salvador, o aumento de enclaves estratificados por renda em áreas "impermeáveis à circulação de não-moradores" foi um resultado verificado decorrente do abandono do planejamento integrado da cidade em favor da adoção de políticas públicas centradas no chamado "empreendedorismo urbano", que levou a maior ingerência das grandes empresas no desenvolvimento urbano (CARVALHO; PEREIRA, 2014).

> Sob a influência do ideário neoliberal, das agências multilaterais e de alguns consultores internacionais, a chamada governança, em muitas cidades, vem assumindo um novo significado, com o abandono da matriz de planejamento racionalista e funcionalista e a adoção do denominado "empreendedorismo urbano"... essa governança se inspira em conceitos e técnicas oriundas do planejamento empresarial, compreende a cidade principalmente como um sujeito ou ator econômico e vê, como eixo central da questão urbana, a busca de uma competitividade orientada para atrair os capitais que circulam no espaço sem fronteiras do mundo globalizado, de forma a ampliar os investimentos e as fontes de emprego. (CARVALHO; PEREIRA, 2014, p. 159)

O conflito entre as visões dos grupos e dos administradores públicos resulta das

[291] Cultura consiste de padrões de comunicação, práticas, significados e outros recursos da vida coletiva, que são internalizados intersubjetivamente. Cultura cívica baseia-se em práticas da vida cotidiana (DAHLGREN, 2003, 2013).

posições tomadas pelas partes, como se pode ver no Quadro 39 a seguir. Enquanto os primeiros buscam participar das decisões e propõem um espaço urbano destinado ao uso dos cidadãos, os segundos adotam uma visão do crescimento da cidade que, via empreendedorismo urbano, toma as soluções de viés econômico como a única saída para o crescimento da cidade.

Quadro 39 – Visões em Conflito – Grupos x Administradores Públicos

Grupo	Visões em Conflito	
	Visão do Grupo	**Visão da Administração Pública**
Parco del Basento	A) Coloca-se contra a especulação imobiliária; B) Responsabiliza a administração pública pela falta de manutenção de parques e áreas verdes e pelo esvaziamento do Centro Histórico C) Desconfia da administração pública e dos políticos D) Assume representar mais de 11 mil firmatários da petição E) Afirma que a ideia do parque obteve extraordinário consenso, ao contrário da proposta do representante F) Acredita que a ideia do parque é capaz de redesenhar a paisagem e a própria cidade G) Considera positivo discussão de ideias de modo participativo H) Convida o representante da administração pública a confrontar sua proposta (Cidadela dos Saberes) com a do grupo (Parque do Basento) I) Sugere remanejamento da área de implantação da proposta do representante da administração pública J) Demanda a recuperação das funções de centro para o Centro Histórico	A) Afirma que a proposta da Cidadela dos Saberes, diferentemente da proposta do Parque, é capaz de fazer repensar a cidade e induzir à sua reorganização B) Não confronta a sua proposta com a do grupo, apenas afirma as qualidades de eficiência técnica de sua proposta C) Não discute a sugestão de remanejamento de sua proposta para o centro da cidade D) Acredita que algumas intervenções então em curso no Centro Histórico sejam suficientes
Movimento Desocupa	A) A prefeitura quer expulsar os moradores do Bairro 2 de Julho B) Afirma que a prefeitura não realiza estudos para planejar intervenções no bairro C) Sugere a criação de um plano para o bairro pelos próprios moradores D) Assume a forma coletiva de articulação de ideias E) Afirma que a desistência da prefeitura em realizar intervenção no bairro é uma tentativa de cindir o movimento F) Associa o prefeito à LOUOS "imoral" G) Exige que o prefeito desocupe o cargo. H) Mantém clima de animosidade com o prefeito	A) A prefeitura desiste de realizar intervenção no Bairro 2 de Julho a pretexto da resistência demonstrada pelos movimentos B) O prefeito qualifica seus opositores como "forças do atraso" C) Mantém um clima de antagonismo em relação aos oponentes das medidas tomadas pela prefeitura
Il Giardino in Movimento	não busca interlocução com a administração pública	-
Canteiros Coletivos	não busca interlocução com a administração pública	-

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Com relação à visão de participação, os membros dos grupos quiseram e querem exercitar sua cidadania civil e política. O tipo de cidadania desejado foi claramente qualificado nas conversações do grupo Parco del Basento como cidadania ativa, participativa, em particular no que se refere a decisões sobre a destinação de áreas da Cidade de Potenza. Embora o ideal de cidadania não tenha sido problematizado pelo grupo, a defesa de envolvimento do cidadão numa empresa compartilhada orientada à realização do bem comum remete à tradição republicana (HELD, 2006). Estaria ele relacionado com a ideia de cidadãos enquanto pessoas de posse de titularidade plena de um corpo soberano, vinculados portanto a um território? Ou aludiria à ideia de cidadania enquanto coexistência no mesmo espaço público de indivíduos e grupos que fazem referência a culturas, costumes ou normas diversas, ampliando assim os confins do *demos* como sugere Benhabib (2006)?[292] Essa questão jamais foi colocada.

Se a conversação representada na rede Política e a *polis* (Figura 20) do grupo Parco del Basento parece basear-se numa visão de cidadania mais abstrata e formal, centrada no Estado – cidadania "recebida" em oposição ao que Dahlgren (2009) denomina de cidadania "adquirida", já que resultante da luta política –, a ideia de cidadania ativa, contemplada na rede Espaço Urbano como aquela que propõe, projeta e avalia, não dá indícios claros de a qual dessas versões de cidadania esteja associada. Deve-se ressaltar que a menção feita pelo representante da Província[293] à possibilidade de sua proposta ser submetida a um concurso de ideias em que participem pessoas com "vincolo generazionale", o qual estabelece que "projeta quem deverá vivê-la", segundo ele diz, não recebeu atenção de membros do grupo. Entretanto, teoricamente, esse vínculo tem o potencial de colocar em cena a versão de cidadania "adquirida", uma vez que abre as portas para a expressão das diferenças, um ponto de partida para a participação cívica, cujas práticas podem resultar na emergência de comunidades políticas (DAHLGREN, 2009).

O movimento pelo Parco permitiu a experiência política rica, não apenas através do confronto com os representantes da administração pública, mas do confronto, no interior do próprio grupo, de ideias distintas acerca do projeto em si, das estratégias de ação e das

[292] O *demos* não é um *ethnos*, uma comunidade que compartilha um destino e uma memória comum. E aqueles que não fazem parte do *ethnos* não são necessariamente estrangeiros. O *demos* democrático pode modificar sua própria autodefinição modificando os critérios para a admissão à cidadania (BENHABIB, 2008).

[293] Post de Piero Lacorazza de 18/4/2012. Essa declaração não aparece na representação da visão do representante aqui analisada (Figura 16), por conta de estar abaixo do limiar de frequência estabelecido para a seleção dos conceitos que compuseram as redes.

práticas de atuação,[294] representadas nas redes semânticas inicialmente obtidas para cada conjunto de comentários aos posts relacionadas ao tema Espaço Urbano (Quadro 4) e posteriomente consolidadas em uma rede única representativa do conjunto das opiniões do grupo (Tabela 2). O movimento foi representado em vários momentos pelo seu Comitê (Figura 22), o "núcleo duro" do movimento; possibilitou a vivência de um processo participativo entre seus membros e frutifica através das presentes iniciativas de resgate de outras áreas abandonadas pela administração pública na Cidade de Potenza, conduzida por muitas das pessoas que viveram essa experiência (ver nota 193).

Quanto ao grupo Il Giardino in Movimento, esse se engajou na valorização de uma cultura cívica, em atividades voluntárias baseadas no senso de bem comum, no "fazer o bem" para outros (AMIN, 2008; DAHLGREN, 2009). E, assim, reapresentou, reiterou e atualizou, a cada encontro organizado, o pacto acerca do valor a ser dado ao espaço público (RESWEBER, 2002), formulado na experiência do movimento pelo Parco del Basento, com o qual possui muitos membros em comum.

O Movimento Desocupa, após um período de intensas manifestações em 2012, perde seu fôlego, sua página Facebook se transforma num local de difusão de links com notícias sobre a agenda política local e chamadas para eventos na Cidade de Salvador. Mesmo em seu início, enquanto cresciam adesões, os comentários foram utilizados mais para organizar participações em manifestações públicas do que para proceder a uma discussão sobre os problemas da cidade. Suas conversações são muito voltadas a definir o que se pode/deve ou não se pode/deve fazer na página e nas manifestações públicas do grupo. Como visto na rede sobre a cidade (Figura 29), discute-se intensamente se a página do grupo deve dar lugar ao que uns chamam de "queixas e lamentações". Ou seja, as reclamações trazidas por membros do grupo quase nunca dão ensejo à discussão de problemas e à busca de alternativas de solução.

Transformando o debate em "questão de gosto", e estando portanto mais próximo da ideia de esfera pública enquanto "cena de aparecimento" de Arendt (2010), o clima de polarização de opiniões toma conta não apenas das conversas sobre a cidade, mas também das discussões sobre a condução política do movimento, sem que nenhuma consiga de fato tornar-se hegemônica. Isso leva a uma grande fragmentação das discussões, sendo difícil obter uma visão da posição preponderante, exceto pelo forte apelo ao apartidarismo propalado pelo

[294] O confronto interno ao grupo não constitui objeto desta pesquisa.

grupo. Sem acreditar em partidos nem em políticos, e sem propugnar uma ideia qualquer de democracia direta ou representativa, que espaço sobra ao cidadão enquanto agente da política? Se sobra apenas o espaço de judicialização de todas as questões, quem e como se elaborariam as regras? O que esse "nós" propõe no lugar do "eles"?

E assim o impasse se apresenta. Entretanto vale lembrar que ele tem origens no desgaste que sofre a representação dos conflitos sociais encenada hoje por partidos políticos em arenas tradicionais da política, muito distantes da cidadania real (SODRÉ, 2014).

Contudo se isso só permite prever fôlego curto para o movimento, deve-se constatar a importância do papel que desempenhou, uma vez que, certamente em decorrência da grita por ele promovida juntamente com organizações da sociedade civil, o Ministério Público conseguiu barrar, por determinado tempo, alguns dos efeitos nocivos da nova LOUOS, obrigando a Prefeitura da Cidade de Salvador a realizar audiências públicas previstas em lei antes de aprovar novas mudanças ao ordenamento e uso do solo.[295] Entretanto as audiências de per si certamente não conseguem dar conta de enfrentar questões em uma cidade que, segundo os dados do ultimo Censo, possuía em 2010 cerca de dois milhões e setecentos mil habitantes, questões cuja complexidade exige ser enfrentada em âmbito metropolitano.

Em 13 de janeiro de 2015 entrou em vigor a Lei 13.089, que institui o Estatuto da Metrópole. A lei estabelece diretrizes para o planejamento, a gestão e a execução de funções públicas de interesse comum em regiões metropolitanas e aglomerações urbanas brasileiras.[296] Enfrentar a questão da participação pública em tal escala exigirá novos processos e instrumentos para tentar garantir uma política urbana adequada aos interesses de seus habitantes.

Quanto ao grupo Canteiros Coletivos, sua associação com algumas comunidades de bairro e parcerias com ONGs para participação em projetos sociais parece ter garantido a continuidade de suas intervenções. Embora não assumindo uma visão declaradamente política nem se colocando abertamente contra ou favor de representantes públicos,[297] esse grupo preparou em setembro de 2014 um ato contra uma "política pró-violência", em solidariedade aos moradores de um bairro onde atuam, por ocasião da chacina de alguns jovens

[295] Ver Fórum Participa Salvador: http://participasalvador.com.br/
[296] http://goo.gl/cCoqAH
[297] Durante as manifestações de rua no Brasil em meados de 2013, alguns membros do grupo Canteiros Coletivos convocaram os outros integrantes do grupo a se juntarem aos protestos. Curiosamente esses chamados foram ignorados tendo obtido como resposta o silêncio do grupo como um todo. Tais postagens não obtiveram *likes*, comentários e não foram compartilhadas (ROCHA; FLORENTINO; PEREIRA, 2014).

residentes.[298] Expandiu, desse modo, naquele momento, sua prática para além da ideia de participação como gestão do espaço urbano, sem contudo endereçar diretamente ao poder público uma demanda por solução. Dependeria essa da autoconsciência dos indivíduos? A quem a resposta do grupo à violência urbana, o "ato de paz" mediante o plantio de flores no jardim do bairro, teria sido endereçada? Num mundo sem "eles", a identidade do grupo permanece calcada em ações, por assim dizer, "terapêuticas".

As visões de política, cidadania e participação dos grupos são apresentadas no Quadro 40.

[298] Ver https://www.facebook.com/events/1493376770901657/

Quadro 40 – Visões Políticas

Grupo	Visões da Política			
	Situação atual	**Prescrições**	**Política**	**Participação e Cidadania**
Parco del Basento	A) Pessoas não desejam discutir questões de mérito B) Apelo à antipolítica é demagógico e contraditório C) Visão desiludida da defesa do bem comum	A) Pessoas não devem se limitar a críticas superficiais B) Eleitores devem recuperar o bom senso e não premiar os de sempre no momento do voto C) Não se deve ter a intenção de apenas substituir administradores D)Não se deve confiar na administração pública nem nos políticos E) Deve-se regenerar a política pela retomada das finalidades (interesse coletivo)	A) Os interesses coletivos são questão da política B) O movimento pelo Parque é política participativa C) Esse movimento expressa o desejo por um novo modelo D) Antipolítica é fazer política, pois o empenho em defender o interesse coletivo é fazer política	A) Política é a polis – os cidadãos reunidos B) Cidadania ativa é participação C) O Parque do Basento é uma forma diversa de projetar o espaço urbano
Movimento Desocupa	A) Volatilidade das alianças entre partidos focadas em interesses eleitorais imediatos	A) No contexto do movimento, não se deve fazer política profissional B) Os partidos não devem instrumentalizar o movimento C) O Movimento Desocupa é (e deve ser) descentralizado, apartidário, democrático D) O Movimento Desocupa exerce função de controle social		A) Participação apartidária B) Os cidadãos possuem um espaço para fazer política, que não é o da política profissional
Il Giardino in Movimento				A) Participação é gestão do espaço
Canteiros Coletivos				A) Participação através de ações para a melhoria da qualidade do espaço público, mediante intervenções de plantio e culturais em áreas degradadas

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração da autora.

Uma visão desses grupos no que tange a suas filiações a ideais de democracia, tendo em vista que todos assumem o espaço urbano como bem comum, pode ser assim resumida:

- O grupo Parco del Basento se coloca contra a especulação imobiliária, assume uma visão republicana pois associa a política a uma práxis comum, à defesa da qualidade do espaço urbano e a seu uso em prol dos cidadãos. Mobiliza os cidadãos de Potenza e dirige sua proposta aos representantes públicos, sem contudo buscar a mediação de políticos e partidos. Ainda assim, reforça a democracia representativa e, através de práticas de projeto participativo, de natureza dialógica e processual, se inscreve num quadro de democracia participativa (DEPLANO, 2009). Sua palavra-chave é "cidadania ativa".
- O Movimento Desocupa entra em conflito aberto com a administração pública, ao tempo em que repudia partidos e políticos. Configura-se como um "nós" contra "ele" (o prefeito), tornando-se desse modo consciente do caráter político do movimento (FEDOZZI, 2008). Expõe a grande insatisfação com o governo da cidade, mas não consegue elaborar propostas alternativas ao rumo dado ao desenvolvimento de Salvador. Propostas, caso existam, não se tornam hegemônicas no movimento. Não tendo canal de diálogo com o Executivo e desconfiando fortemente do Legislativo, o movimento solicita a intermediação de suas demandas pelo Judiciário. Provavelmente por esse motivo, afirma exercer o papel de controle social, sem se colocar a questão da melhoria da representação política no quadro da democracia atual, nem tampouco advogar uma saída por intermédio de alguma forma de democracia direta. Sua palavra-chave é "apartidarismo".
- O grupo Il Giardino in Movimento, como dito, reforça o movimento em prol do Parque, e assume práticas de projeto participativo, com idealizações para a área de atuação elaboradas, selecionadas e executadas coletivamente. Embora não se coloque no campo propriamente da política, reforça e educa na direção da cidadania ativa propalada pelo grupo Parco del Basento, através de práticas próprias de uma cultura cívica, constituindo, assim, recursos da vida coletiva caros ao exercício da cidadania em sua dimensão política (DAHLGREN, 2013). Sua palavra-chave é "laboratório".
- O grupo Canteiros Coletivos declara uma visão de cidadania que se aproxima da visão comunitarista pois defende o resgate da dimensão cultural da cidadania (BAKARDJIEVA, 2009). Atua contra a degradação de áreas da cidade, ao tempo em

que educa e propaga laços de convivência harmonizados, acreditando que isso leva as pessoas a atribuírem um valor comum à vivência no espaço público. Indo em direção contrária à necessidade identificada por Mouffe (2005, 2009) de esclarecimento acerca da pluralidade de interesses e valores envolvidos nas relação nós/eles, quando confrontados com questões como a violência urbana, intervém para propor a paz, sem trazer à cena o nome dos atores da guerra urbana. Sua palavra-chave é "comunidade".

A partir da interpretação aqui realizada, e com apoio da teoria apresentada, o alcance das práticas, visões e valores dos grupos estudados, mas também de outros que se engajam na recuperação do espaço urbano, pode ser agora vislumbrado.

Na ausência de relações institucionalizadas entre as pessoas, redes sociais surgem na troca de informações e coisas entre elas (GARTON; HAYTHORNTHWAITE; WELLMAN, 1999). É precisamente essa informalidade que torna a rede uma forma frutífera de organização para a política da sociedade civil (MARRES, 2006). A sociedade civil, constituída por várias áreas da vida social – o mundo doméstico, a esfera econômica, atividades culturais e interações políticas – e organizada fora do controle direto do Estado, em arranjos voluntários entre indivíduos e grupos (HELD, 2006), pode se beneficiar desses laços.

Espaços físicos como a ágora, o fórum e a praça são usualmente idealizados pelos arquitetos, mas hoje, os locais de formação cívica e política são plurais e distribuídos (AMIN, 2008). Neles, através da experiência, os conceitos de público, espaço, democracia, cidadania são continuamente redefinidos (CRAWFORD, 1995).

Na modernidade, em lugar da exclusividade da esfera privada, a sociedade se colocou como "domínio híbrido", em que interesses privados assumem importância pública, mudando para sempre a ideia de domínio público (ARENDT, 2010). Redes sociais são hoje o espaço no qual principalmente os jovens se conectam, se comunicam, se exibem e interagem no Brasil (CGI.BR, 2014) talvez muito mais do que nas ruas, praças ou shopping centers. Na Itália, a situação não é diferente.[299] Plataformas de redes sociais digitais, ao permitirem a expressão de subjetividades ligadas à vida comum e afetiva, podem ajudar a restabelecer a força do sujeito e se tornar um elemento da reconstrução de laços sociais politicamente eficazes (ABRUZZESE, 2008).

A partir de uma variedade de atividades humanas, o social, domínio de práticas sedimentadas e subjacentes às instituições políticas, fornece energia à política. Grupos

[299] http://www.censis.it/7?shadow_comunicato_stampa=121009

engajados em atividades culturais da vida cívica, em dado instante, podem se transformar em agrupamentos políticos. Como diz Mouffe (2005), qualquer forma de relação nós/eles, seja religiosa, étnica, econômica ou outra, pode tornar-se o lócus de um antagonismo e transformar essa relação em amigo/inimigo.

Na análise das conversações dos grupos aqui estudados, o que se viu foi o espaço urbano tomado como bem comum. Aqui, desejo e ação parecem muitas vezes habitar o mesmo reino: o sentido do que é comum se produz pela ação coletiva, enquanto o espaço, ele mesmo, vai sendo idealizado e/ou produzido (grupos Parco del Basento, Il Giardino in Movimento e Canteiros Coletivos).

E aqui o embate político mostra seu peso – política entendida como capacidade dos agentes sociais manterem ou transformarem seu ambiente, social ou físico (HELD, 2006). Nem o uso de instrumentos participativos da democracia representativa, como a petição pública assinada por mais de 11 mil pessoas, nem os frequentes encontros com os representantes públicos, nem a simpatia declarada de personagens com atuação pública reconhecida ou as permanentes incursões da imprensa, tampouco a ação performática e a tentativa de constituir um lugar pleno de significado baseado no discurso da defesa do interesse coletivo conseguiram até o momento convergir em uma articulação política poderosa, capaz de materializar o Parco del Basento. Os jardineiros, por sua vez, em 2014, já não frequentaram massivamente sua área de atuação, e a Ponte Musmeci mostrava um péssimo estado de conservação e limpeza em agosto daquele ano.[300]

Permanece portanto o risco de o movimento pelo Parque não ser capaz de fazer valer a ideia contida na conversação representada na rede Espaço Urbano que diz que os cidadãos não desejam especulação imobiliária na área da ex-Cip Zoo. Um ponto a ser ressaltado é que essa questão não foi explorada pelo grupo. No período analisado, não foi possível identificar a indicação dos possíveis agentes interessados em colocar a área no estoque de terrenos potencialmente qualificados (desimpedidos) para a compra, venda e aluguel. E assim interesses na incorporação da área à "máquina do crescimento" permanecem não revelados (MOLOTCH, 1999). Em suas conversações, o grupo revela apenas aqueles que "fizeram a cidade", seja durante o processo de evolução iniciado nos 60 do século passado, seja mais recentemente, no processo de esvaziamento do Centro Histórico de Potenza. O presente fica assim avaliado preponderantemente em relação às escolhas feitas pelos atores do passado.

[300] Vídeo postado por Vivi Potenza na página do grupo Il Giardino in Movimento, em 31/8/2014.

O embate do grupo Parco del Basento não deixa de também denunciar a falta de manutenção dos equipamentos existentes. De fato, resgatar e regenerar equipamentos urbanos de uso coletivo é importante para a alimentar a vida pública, pois a tecnoestrutura urbana atua como uma "mão invisível" sobre a organização urbana e sobre a prática social. Ela provê um filtro através do qual a sociedade urbana lê e aceita demarcações; funcionalidade e poder social se emaranham nessa maquinaria de provisão e regulação (AMIN, 2008). Sobre esse ponto, entretanto, entre os grupos italianos, apenas o grupo Parco del Basento citou exemplos de belos edifícios no Centro Histórico que poderiam ser recuperados, mas ainda assim não precisou suas demandas. Será necessário esperar para verificar se outros movimentos pela regeneração de espaços e equipamentos públicos atualmente em curso na Cidade de Potenza terão maior sucesso.

No caso dos grupos brasileiros, o Movimento Desocupa demonstrou grande poder de aglutinar associações, grupos e movimentos já engajados em lutas por direitos sociais em variados campos de atuação, mas, como visto, também concentrou sua luta na derrubada do prefeito e na colocação de obstáculos a suas pretensões de mudança da lei que regula o uso e ocupação do solo, sem nunca ter chegado, nas conversações aqui analisadas, a nominar outros alvos de seu protesto. Nesse sentido, a conversação que espelha o movimento de resistência à gentrificação do Bairro 2 de Julho contra o avanço do interesse privado, ao qual o Movimento Desocupa aderiu, foi o que mais perto chegou de nominar um "eles" além da administração pública. Ainda assim, sabendo mais o que não queria do que sendo capaz de levar adiante propostas de futuro para a cidade, pode-se atribuir ao movimento – embora certamente não a ele apenas – o papel de força catalizadora capaz de contribuir naquele momento para a desaceleração dos efeitos desagregadores da vida social urbana decorrentes da visão de cidade enquanto "máquina do crescimento". Hoje, quando audiências públicas são retomadas para discutir o novo Plano Diretor Urbano de Salvador e que a "explosão" passou, o destino de Salvador ainda parece incerto. Enquanto isso, seguem as intervenções usuais do grupo Canteiros Coletivos, agora centrado em três áreas da cidade. No seu ideal de comunidade sem conflito, seus membros continuam a embelezar alguns parques sem se dirigir a outros que não sejam os seus membros e os membros das comunidades de bairro com os quais possuem ligações. E assim certamente seguem, em seu ativismo, em sua atividade de recomposição de laços simbólicos, buscando criar o vínculo coesivo do comum que possibilita a ação humana sobre a sociedade, como lembra Sodré (2014).

Ainda que todos esses grupos não se configurem como "união de pessoas que constroem um projeto" para o conjunto da sociedade, que não se coloquem essa ideia de política (MORCELLINI, 2013), ainda que sem uma ideia abrangente de futuro, ainda assim, demandam coisas a ele. Apesar de sua rejeição ao partidarismo, os italianos, mais do que os grupos brasileiros, parecem fortalecer uma ideia de cidadania mais imediatamente capaz de ser mobilizada como recurso da política. O grupo Parco del Basento, em particular, assume-se como adversário do representantes da administração pública numa expressão mais coerente com a relação agonística proposta por Mouffe (2005) em que cidadãos engajados encontram formas legitimadas para sua expressão. O próprio projeto do parque e o apoio recebido da parte dos comerciantes locais, sua capacidade de se articular para apresentar sua ideia à sociedade e aos candidatos à prefeitura (grupo Parco del Basento), os laboratórios de projeto participativo e capacidade de implementação do projeto selecionado (grupo Il Giardino in Movimento) são uma prova disso.

Para ser capaz de revelar intenções, ideais e valores contidos em conversações dos grupos italianos e brasileiros, a pesquisa recorreu à sua representação em redes semânticas. Isso permitiu confrontar visões dos grupos e seu conflito com representantes da administração pública. A aplicação do método da análise de redes sociais colocou em evidência os principais aspectos discutidos pelos grupos e assim permitiu responder às questões de pesquisa, mas é preciso também reconhecer seus limites.

Diz Galloway (2012) que a análise de rede, baseada em topologia e na teoria dos grafos, está atenta apenas aos nós e negligencia o significado dos "furos" que afinal compõem a malha. No caso das chamadas redes "simbólicas" (WATTS, 2004), esses furos representam silêncios, pausas, quebras, lacunas próprias da língua falada, plenas de expressividade e significado. A essa observação, deve-se acrescentar que essas lacunas são também produto das escolhas do pesquisador, entre elas limiares de frequência para as exclusões de palavras, assim como as generalizações assumidas.

Não se pode ignorar a restrição que decorre da necessidade de simplificar a rede (e favorecer o processamento do texto com auxílio de computador). Isso foi feito mediante a obtenção de declarações pelo relacionamento entre conceitos a partir da distância fixada (método de janelas) nos limites de uma dada unidade de texto – no caso, a sentença. Sabe-se que sentenças combinam-se para além desses limites, de diversos modos, e assim orientam o discurso (NEVES, 2011). Isso não foi aqui levado em consideração.

Todas as estratégias assumidas para a elaboração e análise das redes semânticas, por assim dizer, "aplainam" o texto e podem levar ao empobrecimento de sua interpretação. Mas podem também prover insights e revelar sentidos que poderiam ficar ocultos numa leitura sequencial ou numa contagem de frequência em que palavras ou duplas de palavras ocorrem como feito pela análise de conteúdo tradicional.[301]

É preciso deixar claro que as redes semânticas não são mais do que produto da modelagem realizada pelo pesquisador, que se vale da simplificação para desvelar significados, e para tanto deve recorrer muitas vezes aos dados originalmente coletados e ao conhecimento do contexto em que as conversações se dão.

Por sua vez, a opção por considerar diversos índices de centralidade de nós da rede, se contribuiu para evidenciar os conceitos mais proeminentes pela quantidade de vezes que ocupou posições mais centrais em cada um desses índices, deixou em segundo plano a análise das funções particulares dos conceitos no discurso, reveladas pelos índices. Isso pode ser visto particularmente no caso de conceitos com alta centralidade de intermediação (*betweenness centrality*), que podem conectar comunidades com variados tópicos de interesse e podem auxiliar na recuperação de informação subjacente, como dito por Paranyushkin (2012). O método aqui utilizado – ranqueamento de termos de acordo com sua posição em vários índices de centralidade – deve portanto ser aprofundado, através de um tratamento diferenciado para cada um dos índices de centralidade e pelo confronto dos resultados obtidos. Entretanto, na escala de trabalho aqui assumida, considerando-se o tamanho dos textos tratados, verificou-se que muitas vezes os mesmos conceitos ocuparam as posições mais centrais para muitos dos índices de centralidade. Isso pode ser visto, por exemplo, nas menções à Cidade de Potenza e à ideia do Parco del Basento (Quadro 14), à ideia da Cidadela dos Saberes (Quadro16) e à política (Quadro 18). O contraponto com outras formas de orientação do discurso pela combinação de sentenças também deve ser explorado.

Como a intenção aqui foi revelar significados através da descoberta dos termos mais importantes de acordo com as posições que assumem nas declarações feitas por membros dos grupos, tanto as escolhas de codificação quanto o método de seleção de conceitos centrais adotados se mostraram adequados, inclusive em relação ao nível de detalhe necessário à obtenção de respostas às perguntas de pesquisa. O método se mostrou, portanto, eficaz para "revolver a terra" e explorar os significados dos discursos, muitos dos quais permaneceriam

[301] Ver notas 149 e 174.

escondidos ou pouco valorizados em uma análise de conteúdo tradicional.

Através da análise realizada se chega a uma questão não levantada pelos grupos que, mesmo não sendo objeto desta pesquisa, acabou por se mostrar elemento fundamental para fechar o esquema conceitual apresentado na Figura 1, na Introdução deste trabalho. A questão "quem faz a cidade?" relaciona o espaço urbano a outras redes de atores que certamente se apresentam na esfera pública, composta nesse caso por aqueles que tratam a cidade como negócio e são os mais interessados no discurso em favor da "máquina de crescimento". A pergunta que os grupos não formularam levaria a uma resposta que finalmente poderia confrontar ideias dos futuros possíveis para as cidades de Potenza e de Salvador – aquela que alguns grupos apontam e aquelas que os outros agentes da cidade preparam certamente em outros fóruns e de outras maneiras.

REFERÊNCIAS

2i2p. **Impactos da evolução dos paradigmas de interação sobre o eGov.** Blog, Salvador, 22/10/2010. Disponível em: <http://www.2i2p.ba.gov.br/artigo/impactos-da-evolucao-dos-paradigmas-de-interacao-sobre-o-egov#more-1444>. Acesso em: 26 jan. 2012.

___. **Simsocial 2011 – Conferência: O que diz um rastro pessoal digital**. Blog, Salvador, 24/11/2011. Disponível em: <http://www.2i2p.ba.gov.br/eventos/simsocial-2011-conferencia-o-que-diz-um-rastro-pessoal-digital>. Acesso em: 4 jan. 2012.

ABRUZZESE, A. Novos *media*: além da política e da arte. In: Di Felice (Org.). **Do Público para as redes**: a comunicação digital e as novas formas de participação social. 1 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. p. 63-85. (Coleção era digital; v. 1)

AGGIO, C.; SAMPAIO, R.C. Democracia Digital e Participação: Os modelos de consulta e os desafios do Gabinete Digital. In: COCCO, G. (Org.). **Gabinete Digital**: Análise de uma experiência. Prefácio. Porto Alegre: CORAG, 2013, p. 19-36.

ALEXA, M. **Computer assisted text analysis methodology in the Social Sciences**. Mannheim, Germany: ZUMA, 1997, p. 3-40.

ALEXANYAN, K.; BARASH, W.; ETILING, B.; FARIS, R.; GASSER, U.; KELLY, J.; PALFREY JR., J. G.; ROBERTS, H. **Exploring Russian Cyberspace**: Digitally-Mediated Collcective action and the Networked Public Sphere. Cambridge: Berkman Center Research Publication, 2012. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2014998>. Acesso em: 10 abr. 2012.

AMIN, A. Collective culture and urban public space. **City**, v. 12, n. 1, April 2008, p. 5-24.

ANTOUN, H. De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância paticipativa. In: _____ (Org.). **Web 2.0**: participação e vigilância na era da comunicação distribuída. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. pp. 11-28.

ARENDT, H. **A condição humana**. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARENILLA, M. Concepts in Democratic Theory. In: INSUA, D. R.; FRENCH, S. (Ed.). **e-Democracy**. A Group Decision and Negotiation Perspective. Netherlands: Springer, 2010, cap. 2, p. 15-30. (Advances in Group Decision and Negotiation 5).

ARTIERI, G. B. Connessi in pubblico: sfera pubblica e civic engagement tra mainstream media, blog e siti di social network. In: BARTOLETTI, Roberta; FACCIOLI, Franca (cura). **Comunicazione e civic engagement**. Media, spazi pubblici e nuovi processi di partecipazione. Milano: Franco Angeli, 2013. p. 97-116.

AVRITZER, L. Instituições participativas e desenho institucional: algumas considerações sobre a variação da participação no Brasil democrático. **Opinião Pública**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 43-64, jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762008000100002&script=sci_arttext>. Acesso em 7 de julho de 2015.

BADIOU, A. 24 glosse sull'uso della parola "popolo". In: BADIOU, A.; RANCIÈRE, J. **Che cos'è un popolo?** Roma: Derive Approdi, 2014, p. 5-15. (Collana Fuori Fuoco).

BAKARDJIEVA, M. Subactivism: Lifeworld and Politics in the Age of the Internet. **The Information Society**, v. 25, n. 2, p. 91-104, Mar. 2009.

BARABÁSI, A-L. **Linked**. How Everything Is Connected to Everything Else and What It Means for Business, Science, and Everyday Life. England: Plume, 2003.

_____. Network Science Book. Nov. 2012. Disponível em: <http://barabasi.com/networksciencebook/#>. Acesso em: set. 2014.

BARABASI, A-L.; ALBERT, R. Emergence of Scaling in Random Networks. **Science**, v. 286, n. 5439, p. 509-512, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS, S. A. R. **Deliberação Pública Online**: Esferas Conversacionais ao Redor de Conteúdos de Três Jornais Brasileiros. 2013. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

BAUMAN, Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENHABIB, S. **Cittadini globali**. Cosmopolitismo e democrazia. Bologna: Il Mulino, 2008.

BENIGNO, F. Assolutezza del potere e nascita della sfera pubblica: critica di un modelo. In: ROSPOCHER, M. (Ed.). **Oltre la sfera pubblica**. Lo spazio della politica nell'Europa moderna. Bologna: il Mulino, 2013, p. 111-127.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. Primeira versão (1935/36). In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985a, p. 165-196.

_____. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, F. R. (Org.); FERNANDES, F. (Coord.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, 1985b, p. 44-122. (Sociologia).

BENKLER, Y. **The Wealth of Networks**: How Social Production Transforms Markets and Freedom. New Haven: Yale University Press, 2006.

BIFULCO, L. *Governance* e territorialização: o *welfare* local na Itália entre fragmentação e inovação. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 41-57, jan/jun 2012.

BIMBER, B. The Internet and Political Transformation: Populism, Community, and Accelerated Pluralism. **Polity**, v. 31, n. 1, p. 133-160, Autumn 1998.

BOBBIO, L. Dilemmi della democrazia partecipativa. **Democrazia e Diritto**, Milano, n.4, p. 11-26, 2006.

BOBBIO, N. **Liberalismo e democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Eguaglianza e libertà**. Torino: Einaudi, 2009.

_____. **Elementi di politica**. Antologia. Torino: Einaudi, 2010.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Il Dizionario di Politica.** Torino: UTET Libreria, 2004.

BONACICH, P.; LLOYD, P. Eigenvector-like measures of centrality for asymmetric relations. **Social networks**, v. 23, n. 3, p. 191-201, 2001.

BRETON, P.; PROULX, S. **Sociologia da Comunicação**. 2 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

BRIER, A.; HOPP, B. Computer assisted text analysis in the social sciences. **Quantity & Quality**, v. 45, n. 1, p. 103-128, 2010.

BURKE, P. **Cultural Hybridity**. Cambridge: Polity, 2009.

CACCIARI, M. **La città**. 5 ed. Rimini: Pazzini, 2012. (Collana Al di là dello detto).

CALDEIRA, S. M. G. **Caracterização da rede de signos linguísticos**: Um modelo baseado no aparelho psíquico de Freud. 2005. Dissertação (Mestrado), Programa Interdisciplinar em Computação Científica – Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu, Fundação Visconde de Cairu, Salvador, 2005.

CALHOUN, C. Introduction: Habermas and the Public Sphere. In: _____ (Ed.). **Habermas and the Public Sphere**. Cambridge: MIT Press, 1992, p. 1-48. (Studies in contemporary German social thought)

CAMPAGNA, M. The Geographic Turn in Social Media: Opportunities for Spatial Planning and Geodesign. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL SCIENCE AND ITS APPLICATIONS (ICCSA 2014), 14th, 2014, Guimarães. **Proceedings...**, Guimarães: Universidade do Minho, 2014.

CARLEY, K. Content Analysis. **The Encyclopedia of Language and Linguistics**, v. 2. p. 725-730, 1990.

_____. Coding Choices for Textual Analysis: A Comparison of Content Analysis and Map Analysis. **Sociological Methodology**, v. 23, p. 75-126, 1993.

CARLEY, K.; COLUMBUS, D.; LANDWEHR, P. **AutoMap User's Guide 2013**. Carnegie Mellon University, School of Computer Science, Institute for Software Research, Technical

Report, CMU-ISR-13-105, 2013.

CARLEY, K.; KAUFER, D. Semantic Connectivy: An Approach for Analyzing Symbols in Semantic Networks. **Communication Theory**, v. 3, n. 3, p. 183-213, 1993.

CARLEY, K.; PALMQUIST, M. Extracting, representing, and analyzing mental models. **Social forces**, v. 70, n. 3, p. 601-636, 1992.

CARLEY, K.; PFEFFER, J.; REMINGA, J.; STORRICK, J.; COLUMBUS, D. **ORA User's Guide 2013**. Carnegie Mellon University, School of Computer Science, Institute for Software Research, Technical Report, CMU-ISR-13-108, 2013.

CARPENTIER, N. The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate? **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 164-177, mai/ago 2012.

CARREIRO, R. **Participação Política Local através da Internet e os Ganhos Democráticos para o Cidadão Online**. 2012. Dissertação (Mestrado), Programa de Comunicação e Cultura Contemporâneas – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

_____. O que há de política no Facebook? Análise do perfil de uma área de pesquisa emergente. In: SEMINÁRIO DE PESQUISADORES DO CEADD, II, 2014, Salvador. **Anais**... Salvador: Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2014, p. 234-254.

CARVALHO, I. M. M. de; PEREIRA, G. C. Estrutura social e organização social do terrritório na Região Metropolitana de Salvador. In: CARVALHO, I. M. M. de; PEREIRA, G. C. (Org.). **Salvador: transformações na ordem urbana** [recurso eletrônico]: metrópoles: território, coesão social e governança democrática. Rio de Janeiro: Letra Capital/Observatório das Metrópoles, 2014. p. 138-177.

CASTELLS, M. The New Public Sphere: Global Civil Society, Communication Networks, and Global Governance. **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**, v. 616, n. 1, p. 78-93, Mar. 2008. Disponível em: <http://ann.sagepub.com/content/616/1/78>. Acesso em: 12 set. 2011.

_____. **Communication Power**. New York: Oxford University Press, 2009.

CASTELLS, M.; ARSENAULT, A. H. The Structure and Dynamics of Global Multi-Media Business Networks. **International Journal of Communication**, v. 2, p. 707-748, 2008.

CATTANA, A.; NESCI, M. T. (Cura). **Italiano compatto**. Dizionario della Lingua Italiana. 2 ed. Bologna: Zanichelli, 2003.

CERRETA, M. ; PASQUALE, I.; MALANGONE, V.; PANARO, S.. Complex Values-Based Approach for Multidimensional Evaluation of Landscape. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL SCIENCE AND ITS APPLICATIONS (ICCSA 2014), 14th, 2014, Guimarães. **Proceedings...**, Guimarães: Universidade do Minho, 2014.

CGI.BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil [livro eletrônico]: TIC domicílios e empresas 2013. BARBOSA, A. F. (Coord.). São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.

CLAUSET, A.; NEWMAN, M.EJ; MOORE, C. Finding community structure in very large

networks. **Physical review E**, v. 70, n. 6, p. 066111, Dec. 2004.

CRAWFORD, M. Contesting the Public Realm: Struggles over Public Space in Los Angeles. **Journal of Architectural Education**, v. 49, n. 1, p. 4-9, 1995.

CUCHE, D. **a noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, C.; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAHLBERG, L. The Internet and Democratic Discourse. Exploring the prospects of online deliberative forums extending the public sphere. **Information, Communication & Society**, v. 4, n. 4., p. 615-633, 2001.

DAHLGREN, P. Reconfiguring civic culture in the new media milieu. In: CORNER, J.; PELS, D. (Eds.). **Media and political style**: Essays on representation and civic culture. London: Sage, 2003. p. 151-170.

_____. **Media and Political Engagement**: citizens, communication and democracy. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

_____. Reinventare la partecipazione. *Civic agency* e mondo della rete. In: BARTOLETTI, R.; FACCIOLI, F. (Cura). **Comunicazione e civic engagement**. Media, spazi pubblici e nuovi processi de partecipazione. Milano: Franco Angeli, 2013. p. 17-37.

DANOWSKI, J. A. Computer-Mediated Communication: A Nerwork-Based Content Anaysis Using a CBBS Conference. **Communication yearbook**, v. 6, p. 905-924, 1982.

DAVIDOFF, P. Advocacy and pluralism in planning. **Journal of the American Institute of Planners**, v. 31, n. 4, 331–338, 1965.

DEAN, J.; ANDERSON, J. W., LOVINK, G. Introduction. In: DEAN, J.; ANDERSON, J. W., LOVINK, G. (Eds.). **Reformating politics**: information technology and gobal civil society. New York: Taylor & Francis, 2006. xv-xxix.

DELLA PORTA, D. **Democrazie**. Bologna: il Mulino, 2011.

DEPLANO, C. **Antropologia Urbana**. Società Complesse e Democracia Partecipativa. Monfalcone: Edicomi Edizioni, 2009. (Urbanistica e cultura del paesaggio).

DEVRIENDT, L. DERUDDER, B.; WITLOX, F. Cyberplace and Cyberspace: Two Approaches to Analyzing Digital Intercity Linkages. **Journal of Urban Technology**, v. 15, n. 2, p. 5-32, 2008.

DI FELICE, M. Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In: DI FELICE, M. (Org). **Do público para as redes**. A comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008. p. 17-61. (Coleção era digital; v. 1).

_____. **Paisagens Pós-urbanas**. O fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume. 2009. (Coleção ATOPOS).

_____. *Ser Redes*: O formismo digital dos movimentos net-ativistas. **MATRIZes**, ano 7, n. 2, p. 49-71, jul-dez 2013, São Paulo.

DIESNER, J.; CARLEY, K. M. AutoMap1.2 – Extract, analyze, represent, and compare mental models from texts. Technical Report, Carnegie Mellon University, School of Computer Science, Institute for Software Research International, 2004. Disponível em: <http://www.casos.cs.cmu.edu/publications/papers/diesner_2004_automap12extract.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2014.

_____. Revealing social structure from texts: meta-matrix text analysis as a novel method for network text analysis. In: NARAYANAN, V. K.; ARMSTRONG, D. J. (Eds.). **Causal mapping for information systems and technology research**: Approaches, advances, and illustrations. p. 81-108, 2005. Disponível em: <http://www.andrew.cmu.edu/user/jdiesner/publications/DiesnerCarley_meta_matrix_text_analysis.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2014.

DIESNER, J.; CARLEY, K. M. Semantic Networks. In: BARNETT, G.; GOLSON, J.G. (Eds.). **Encyclopedia of Social Networking**, Sage Publications, 2011.

DIESNER, J.; KUMARAGURU, P.; CARLEY, K.M.. Mental Models of Data Privacy and Security Extracted from Interviews with Indians. In: Annual Conference of the International Communication Association (ICA), 55th, May 2005, New York, NY, 2005.

DRIEGER, P. Semantic Network Analysis as a Method for Visual Text Analytics. **Procedia – Social and Behavioral Sciences**, v. 79, p. 4-17, 2013.

EKMAN, J.; AMNÅ, E. Political Participation and Civic Engagement: Towards A New Typology. **Human Affairs**, v. 22., n. 3, p. 283-300, 2012.

EXAME CEO. O Futuro das Cidades. São Paulo: Editora Abril, n. 14, abril 2013. Entrevista com Saskia Sassen feita por Mariana Segal: Mais Poderosas que Nações. p. 26-30. Disponível em: <http://globalcity.blogs.sapo.pt/10165.html>. Acesso em: 5 jan. 2014.

FADIGAS, I. de S. **Difusão do Conhecimento em Educação Matemática sob a perspectiva das Redes Sociais e Complexas**. 2011. Tese de Doutoramento, Curso de Doutorado Multi-disciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento – UFBA/LNCC/UNEB/UEFS/IFBA/SENAI-CIMATEC/FACED/IHAC, Salvador, 2011.

FADIGAS, I. de S.; TRAZIBULO, H.; SENNA,V. de; MORET, M. A.; PEREIRA, H. B. de B. Análise de redes semânticas baseada em títulos de artigos de periódicos científicos: o caso dos periódicos de divulgação em educação matemática. **Educação Matemática Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 167-193, São Paulo, 2009.

FALCÃO, J.; FERRAZ JR., T. S.; LEMOS, R.; MARANHÃO, J.; PEREIRA DE SOUZA, C. A.; SENNA, E. **Estudo sobre software livre.** Escola de Direito FGV/RJ, 2005. p. 3-25. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2673>. Acesso em 14 abr. 2011.

FEDOZZI, L. **O eu e os outros**: participação e transformação da consciência moral e cidadania. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2008.

FERRARA, L. D'A. A cidade como modo de vida para além da imagem. In: BUENO, M. L.; CAMARGO, L. O. de L. (Orgs.). **Cultura e consumo**: estilos de vida na contemporaneidade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008. p. 259-272.

FORTUNATO, S. Community detection in graphs. **Physics Report**, 486, p. 75-174, 2010.

FREEMAN, L. C. A Set of Measures of Centrality Based on Betweenness. **Sociometry**, v. 40, n. 1. p. 35-41, 1977.

FRASER, N. Rethinking the Public Sphere: A Contribuition to the Critique of Actually Existing Democracy. In: CALHOUN, C. (Ed.). **Habermas and the Public Sphere**. Cambridge: MIT Press, 1992. p. 109-142. (Studies in contemporary German social thought).

FRIEDLAND, L. A.; HOVE, T.; ROJAS, H. The networked public sphere. **Javnost – the public**, v. 13, n. 4, p. 5-26, 2006.

FUMERO, A. M. Contexto Sociotécnico. In: FUMERO, A.; ROCA, G. **Web 2.0**. Fundación Orange, 2007. Disponível em: <http://www.fundacionorange.es/areas/25_publicaciones/WEB_DEF_COMPLETO.pdf.>. Acesso em: 25 set. 2009.

GALEAZZI, G. Bene Comune: Natura e Significato alla luce del Concilio Vaticano II e della Dottrina Sociale della Chiesa. Arcidiocesi di Ancona, 2013. Disponível em <http://www.diocesi.ancona.it/web/1_ufficipastorali_lavoro/download/Galeazzi%20Bene%20comune%202013.pdf >. Acesso em: 20 dez. 2013.

GALLOWAY, A. R. Rets et ré seaux dans la tragédie antique. In: STIEGLER, B. **Réseaux sociaux**. Culture politique et ingénerie des réseaux sociaux. France: FYP éditions, 2012. p. 37-66.

GARDNER, H. **A Nova Ciência da Mente**: Uma História da Revolução Cognitiva. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GARDNER, R. Conversation Analysis. In: DAVIES, A.; ELDER, C. (Ed.). **The Handbook of Applied Linguistics.** Oxford: Blackwell, 2004.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, B. Studying Online social Networks. In: JONES, S. (Ed.). **Doing Internet Research**. Thousand Oaks: Sage, 1999. p. 75-105.

GENRO, T. Crise Democrática e Democracia Direta. In: Wu, V. (Org.). **Redes, poder e democracia no século XXI**. Porto Alegre: Sapiens, 2013. p. 59-75.

GIBSON, R.; CANTIJOCH, M.. Conceptualizing and Measuring Participation in the Age of the Internet: Is Online Political Engagement Really Different to Offline? **The Journal of Politics**, v. 75, p. 1-16, 2013.

GOMES, W. Internet e participação política em sociedades democráticas. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 27, p. 58-78, ago 2005a. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3323>. Acesso em: 31 mai 2012.

_____. A democracia digital e o problema da participação civil na decisão política. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 7, n. 3, p. 214-222, 2005b. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/fronteiras/issue/view/205>. Acesso em: 21 out. 2012.

_____. Apontamentos sobre o conceito de esfera pública política. In: MAIA, R. C. M.; CASTRO, M. C. (Org.) **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 49-62.

_____. Esfera pública política e comunicação em *Direito e Democracia* de Jürgen Habermas. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e Democracia.** Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008a. p. 69-115. (Coleção Comunicação).

_____. Esfera pública política e comunicação em Mudança Estrutural da Esfera Pública de Jürgen Habermas. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e Democracia**: Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008b. Coleção Comunicação. p. 31-68.

_____. Da discussão à visibilidade. In: GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley C. M. Comunicação e Democracia. Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008c. p. 117-162. (Coleção Comunicação).

_____. Participação política online: Questões e hipóteses de trabalho. In: MAIA, R. C. M.; GOMES, W.; MARQUES, F. P. J. A. **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011. p. 19-45.

_____. Dinâmicas e Estruturas da Esfera Pública Contemporânea. A esfera pública além da deliberação pública. In: SOUZA, M. W.; CORRÊA, E. S. (Org.). **Mutações no espaço público contemporâneo**. 1 ed. São Paulo: Paulus, 2014, v. 1, p. 177-214.

GORDON, E. Towards a theory of network locality. **First Monday**, v- 13, n. 10, Oct. 2008. Disponível em: <http://www.firstmonday.org/htbin/cgiwrap/bin/ojs/index.php/fm/article/view/2157/2035>. Acesso em: 9 set. 2012.

GORDON, E.; SILVA, A. S. **Netlocality**: Why location matters in a nertworked world. John Wiley & Sons, 2011.

GRANOVETTER, M. The strenght of weak ties: A network theory revisited. **Sociological Theory,** v. 1. p. 201-233, 1983.

GREBLO, E. **Democrazia**. Bologna: il Mulino, 2000. (Lessico Della Politica, 5).

HABERMAS, J. Três modelos normativos de democracia. **Lua Nova**, n. 36, p. 39-53, 1995.

_____. **Mudança estrutural da Esfera Pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003a. (Biblioteca Tempo Universitário n. 76: Série Estudos Alemães).

_____. **Direito e Democracia**: entre facticidade e validade, v. II, 2 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003b.

HADDOCK, S. V.. **La città contemporanea**. Bologna: il Mulino, 2004.

HANNEMAN, R. A.; RIDDLE, M. **Introduction to social network methods**. Riverside: University of California, 2005. Disponível em: <http://www.faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/>. Acesso em: out. 2014.

HARVEY, D. **Rebel cities**: from the tight to the city to the urban revolution. London/Nova York: Verso, 2012.

HELD, D. **Models of Democracy**. 3 ed. California: Stanford University Press, 2006.

HILL, S. **Digital Revolutions**: Activism in the Internet Age. Oxford: New Intenationalist Publicatins Ltd, 2013.

HIMANEN, P. **L'etica hacker e lo spirito dell'età dell'informazione.** 2 ed. Universale Economica. Milano: Giangiacomo Feltrinelli Editore, 2007.

HOBSBAWN, E. **How to Change the World**. Marx and Marxism 1840-2011. Great Britain: Little, Brown, 2011.

ITO, M.; OKABE, D. Intimate Visual Co-Presence. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON UBIQUITOUS COMPUTING, UbiComp, 7th, 2005, Tokyo. Disponível em: <http://www.itofisher.com/mito/archives/ito.ubicomp05.pdf>. Acesso em: dez. 2012.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON-LAIRD, P. N. The history of mental models. In: MANKTELOW, K.; CHUNG, M. C. (Ed.). **Psychology of Reasoning**: Theoretical and Historical Perspectives. New York: Taylor & Francis, 2004. p.179-212.

KEIM, D. A.; MANSMANN, F.; SCHNEIDEWIND, J.; THOMAS, J.; ZIEGLER, H. Visual Analysis: Scope and Challenges. Berlin, Heidelberg: Spring Verlag, 2008. p. 76-90.

LAMBIOTTE, R.; DELVENNE, J.-C.; BARAHONA, M. Laplacian Dynamics and Multiscale Modular Structure in Networks. 2008 Disponível em: <http://arxiv.org/abs/0812.1770v3>. Acesso e: 11 jan. 2015.

LANDI, S. Opinioni silenziose. Per una storia della dimensione non discorsiva della sfera pubblica. In: ROSPOCHER, M. **Oltre la sfera pubblica**. Lo spacio della politica nell'Europa moderna. Bologna: il Mulino, 2013. p. 55-84. (Studi I Ricerche. Storia).

LATHAM, R.; SASSEN, S. Digital Formations: Constructing an Object of Study. In: LATHAM, R.; SASSEN, S. (Eds.). **Digital Formations**: Information Technology and New Architectures in the Global Realm. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

LEMIEUX, V.; OUIMET, M. **Análise estrutural das redes sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. Prefácio à edição brasileira: A mutação inacabada da esfera pública. In: LEMOS, A. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo: Paulus, 2010. p. 9-20. (Coleção comunicação).

LIMA, M. E. A. T. Análise do discurso e/ou análise de conteúdo. **Psicologia em Revista**, v. 9, n. 13, p. 76-88, 2003.

LIPPMANN, W. **L'Opinione Pubblica**. Roma: Donzelli editore, 2004.

LORUSSO, S.; SCIOSCIA, M.; SASSANO, G.; GRAZIADEI, A.; PASSANANTE, P.; BELLAROSA, S.; SCARINGI, F.; MURGANTE, B. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL SCIENCE AND ITS APPLICATIONS (ICCSA 2014), 14th, 2014, Guimarães. **Proceedings...**, Guimarães: Universidade do Minho, 2014.

MAIA, R. C. M. Conversação cotidiana e deliberação. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.

Comunicação e Democracia: Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008a. p. 195-219. (Coleção Comunicação).

_____. Democracia e a Internet como esfera pública virtual: aproximação às condições de deliberação. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e Democracia**: Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008b. p. 277-292. (Coleção Comunicação).

_____. Visibilidade Midiática e Deiberação Pública. GOMES, W.; MAIA, R. C. M. **Comunicação e Democracia**: Problemas & Perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008c. p. 165-194. (Coleção Comunicação)

MAIA, R. C. M.; MARQUES. A. C. S.; MENDONÇA, R. F. Interações mediadas e deliberação pública: a articulação entre diferentes arenas discursivas. In: PRIMO, A.; OLIVEIRA, A. C.; NASCIMENTO, G. C. ; ROSINI, V. M. (Org.). **Comunicação e interações**. Livro da COMPÓS 2008. Porto Alegre: Sulina, 2008. pp. 93-110.

MARRES, N. Net-Work Is Format Work: Issue Networks and the Sites of Civil society Politics. In: DEAN, J.; ANDERSON, J. W.; LOVINK, G. (eds.). **Reformating politics**: information technology and gobal civil society. New York: Taylor & Francis, 2006. p. 3-17.

MARSHALL, T. H. Cidadania e Classe Social. In: _____. **Cidadania, Classe Social e "Status"**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. cap. III, p. 57-114.

MARTELETO, R. M. Redes Sociais, Mediação e Apropriação de Informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação,** v. 3, n. 1, p. 27-46, 2010.

MERCKLÉ, P. **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2004.

MEYROWITZ, J. **No Sense of Place**. The Impact of Electronic Media on Social Behavior. New York: Oxford University Press, 1985.

MICCIARELLI, G. I beni comuni e la partecipazione democratica. **Jura Gentium**, XI,1, p. 58-83, 2014.

MILGRAM, S. El problema del mundo pequeño. **Araucaria**. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política y Humanidades, v. 4., p. 15-28, 2003. Disponível em: <http://148.215.2.11/articulo.oa?id=28210402>. Acesso em: 17 dez. 2014.

MODESTO, A. T. T. **Processos interacionais na Internet**: Análise da Conversação Digital. Tese de Doutoramento, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

MOLOTCH, H. Growth Machine Links: Up, Down, and Across. In: JONAS, A. E. G.; WILSON, D. (Ed.). **The Urban Growth Machine**. Critical perspectives, two decades later. New York: State University of New York, 1999. p. 247-265.

MONACI, S. **La conoscenza on line**: logichi e strumenti. Roma, Carocci editore, 2008. (Le Bussole, 322).

MONTEIRO, V.; HENRIQUES, R.; PAINHO, M.; VAZ, E. Sensing World Heritage. An Exploratory Study of Twitter as a Tool for Assessing Reputation. INTERNATIONAL CONFERENCE ON COMPUTATIONAL SCIENCE AND ITS APPLICATIONS (ICCSA 2014), 14th, 2014, Guimarães. **Proceedings...**, Guimarães: Universidade do Minho, 2014.

MORCELLINI, M. Le cose della comunicazione che non abbiamo capito. In: BARTOLETTI, R.; FACCIOLI, F. (Cura). **Comunicazione e civic engagement**. Media, spazi pubblici e nuovi processi de partecipazione. Milano: Franco Angeli, 2013. p. 86-96.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

MOUFFE, C. **On the political**. (Thinking in action). Abingdon and New York: Routledge, 2005.

_____. **The Democratic Paradox**. London, New York: Verso, 2009.

MOURAD, L.; FIGUEIREDO, G. C. Renovação do capital: monetarização e gentrificação no bairro Dois de Julho. In: CARVALHO, I. M. M. de; SILVA, S. B. M.; SOUZA, A. G.; PEREIRA, G. C. (Org.). **Metrópoles na atualidade brasileira**: a Região Metropolitana de Salvador. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 259-298.

MURGANTE, B. Wiki-Planning: The Experience of Basento Park In Potenza (Italy). In: BORRUSO, G.; BERTAZZON, S.; FAVRETTO, A.; MURGANTE, B.; TORRE C. (Ed.). **Geographic Information Analysis for Sustainable Development and Economic Planning**: New Technologies. Hershey, PA: Information Science Reference IGI Global, 2013. ch. 23, p. 345-359.

NEWMAN, M. EJ. Fast algorithm for detecting community structure in networks. **Physical review E**, v. 69, n. 6, p. 066133, 2004.

NEVES, M. H. Gramática de usos de português. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

OLIVEIRA, R. P. de. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). Introdução à linguistica: domínios e fronteiras, v.2. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PALACIOS, M. A Internet como mídia e ambiente. Reflexões a partir de um experimento de rede local de participação. In: MAIA, R; CASTRO, M. C. P. S. (Org.). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 229-244.

PAPACHARISSI, Z. The Virtual Sphere 2.0: The internet, the public sphere, and beyond. In: CHADWICK, A.; HOWARD, P. (Ed.) **Handbook of Internet Politics**. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2009. p. 230-245.

PARANYUSHKIN, D. **Visualization of Text's Polysingularity Using Nerwork Analysis**. Berlin: Nodus Lab, jan. 2012. Disponível em: <http://noduslabs.com/research/visualization-text-polysingularity-network-analysis/>. Acesso em: jul. 2014.

PARVIAINEN, O.; POUTANEN, P.; SALLA-MAARIA, L.; REKOLA, M. Measuring the effect of social connections on political activity on Facebook. **Internet, Politics, Policy:'Big Data, Big Challenges**, 2012.

PEREIRA, G. C. Informação Geográfica, Interatividade e Participação Pública. In: PRODEB. **Internet, participação e interatividade**. Relatório Técnico Preliminar, 30 nov. 2009. Salvador, 2009. p. 45-59.

PEREIRA, G. C.; FLORENTINO, P. V.; ROCHA, M. C. F. Accessing the city through new forms of sociability – examples of use of digital social networks in Brazil. **Territorio Italia**: land administration, cadastre, real estat, v. 2, p. 71-83, 2015.

PEREIRA, G.; ROCHA, M. C. F. Spatial Representation and Urban Planning. In: CAMPAGNA, M.; DE MONTIS, A.; ISOLA, F.; LAI, S.; PIRA, C.; ZOPPI, C. (Org.). **Planning Support Tools**: Policy Analysis, Implementation and Evaluation. Milano: Franco Angeli Editore, 2012. v. 1. p. 611-623.

PEREIRA, G.; ROCHA, M. C. F.; POPLIN, A. e-Participation: Social Media and the Public Space. **Lecture Notes in Computer Science**, v. 7333, Springer, 2012. p. 491-501.

PEREIRA, H.B.B., FADIGAS, I. S., SENNA, V., MORET, M.A. Semantic networks based on titles of scientific papers. **Physica A: Statistical Mechanics and its Applications**, v. 390, n. 6, p. 1192-1197, 2011.

POPPING, R. **Computer-assisted Text Analysis**. London: Sage, 2000.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura)

_____. **A Conversação em Rede**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012.

REGIONE BASILICATA. Deliberazione Statutaria della Regione Basilicata 28 maggio 2013, n. 448. Disponível em: <http://www.consiglio.basilicata.it/consiglionew/files/docs/55/47/24/DOCUMENT_FILE_554724.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2015.

RESWEBER, J-P.. A **Filosofia dos Valores**. Coimbra: Livraria Almedina, 2002.

RIEDER B. Studying Facebook via Data Extraction: The Netvizz Application. In: ANNUAL ACM WEB SCIENCE CONFERENCE – WebSci'13, 5th, 2013, Paris. **Proceedings...** ACM, 2013. p. 346-355.

ROCHA, M. C. F.; FLORENTINO, P. V. ; PEREIRA, G. C. City as Commons: study of shared visions by communities on facebook. **Lecture Notes in Computer Science**, v. 8580, p. 486-501, 2014.

RODOTÀ, S. Prefazione. In: TURSI, A. **Politica 2.0** – Blog, facebook, wikileaks: ripensare la sfera pubblica. Milano: Mimesis Edizione, 2011. p. 9-13. (Collana Eterotopie n. 100).

_____. **Il diritto di avere diritti**. Roma-Bari: Ed. Laterza, 2012.

_____. La democrazia e il bene comune. In: GALLINA, E. (Cura). **Vivere la democrazia**. Torino: Edizioni Gruppo Abele ONLUS, 2013. p. 83-96.

ROJAS, H.; PUIG-i-ABRIL, E. Mobilizers Mobilized: Information, Expression, Mobilization and Participation in the Digital Age. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 14, n. 4, p. 902-927, 2009.

ROUSSEAU, J-J. Do contrato Social. Ensaio sobre a origem das línguas. v. 1. Editora Nova Cultural Ltda, 1997. (Coleção Os Pensadores).

RUSTAD, E.; SÆBØ, Ø. How, Why and with Whom Do Local Politicians Engage on Facebook? WIMMER, M. A.; TAMBOURIS, E.; MACHINTOSH, A. (Ed.). Eletronic Participation. **Lecture Notes in Computer Science**, v. 8075, Springer, 2013. p. 69-79.

SAMPAIO, R. Instituições Participativas Online: um estudo de caso do Orçamento

Participativo Digital. **Revista Política Hoje**, v. 20. n. 1., 2011. Disponível em: <http://www.politicahoje.ufpe.br/index.php/politica/article/viewArticle/68>. Acesso em: out. 2012.

SANTOS, B. de S. **Reinventar la Democracia**. Reinventar el Estado. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SASSEN, S. **Sociologia da Globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SHIRKY, C. **A cultura da participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, E. J. S. da. **Governança e gerencialismo na proposta de reforma administrativa brasileira**. 2000. Dissertação (Mestrado) – Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, 2000.

SILVA, M. P. A. e. **Participação política e transparência online**: Um panorama sobre a democracia digital no Brasil a partir de iniciativas da sociedade civil. 2013. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, S. P. da. **Estado, democracia e internet**: requisitos democráticos e dimensões analíticas para a interface digital do Estado. 2009. Tese de Doutoramento em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SMALL, T. A. What the hashtag? A content analysis of Canadian politics on Twitter. In: BRIAN, D. L.; MERCEA, D. **Social Media and Democracy**. Innovations in participatory politics. London, New York: Taylor & Francis, 2012. p. 109-127.

SODRÉ, M. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOWA, J. F. Semantic Networks. In: SHAPIRO, S. C. **Encyclopedia of Artificial Intelligence Second Edition**. New Jersey: A Wiley Interscience Publication, 1992. Disponível em: <http://www.jfsowa.com/pubs/semnet.htm>. Acesso em: 6 out. 2014.

STANYER, J. The British public and political attitude expression: the emergence of a self-expressive political culture? **Contemporary Politics**, v. 11, n. 1, p. 19-32, Mar. 2005.

TATCHELL, P. Foreword. In: **Digital Revolutions**: Activism in the Internet Age. Oxford: New Intenationalist Publicatins Ltd, 2013. p. 6-10.

TEIXEIRA, G. M. **Redes Semânticas em Discurso Oral**: Uma proposta metodológica baseada na psicologia cognitiva utilizando redes complexas. 2007. Dissertação (Mestrado), Programa Interdisciplinar em Computação Científica – Centro de Pós-graduação e Pesquisa Visconde de Cairu, Fundação Visconde de Cairu, Salvador, 2007.

THOMPSON, J. **Ideologia e Cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 1999.

TRIFONE, P.; PALERMO, M. Grammatica italiana di base. 2 ed. Bologna: Zanichelli ed. 2011.

TURSI, A. **Politica 2.0** – Blog, facebook, wikileaks: ripensare la sfera pubblica. Milano: Mimesis Edizione, 2011. (Collana Eterotopie n. 100)

VALTYSSON, B. Facebook as a Digital Public Sphere: Processes of Colonization and Emancipation. **TripleC**, v. 10, n. 1, p. 77-91, 2012. Disponível em: <http://www.triple-c.at/index.php/tripleC/article/view/312/339>. Acesso em: out. 2014.

VAN ATTEVELDT, W. **Semantic Network Analysis**. Techniques for Extracting, Representing, and Querying Media Content. Ph.D. thesis, Vrije Universiteit, Netherlands, 2008.
Disponível em: <http://vanatteveldt.com/wp-content/uploads/vanatteveldt_semanticnetworkanalysis.pdf>. Acesso em: out. 2014.

VARNELIS, K. The Centripetal City: Telecommunications, the Internet, and the Shaping of the Modern Urban Environment. **Cabinet Magazine**, v. 17, Spring 2004/2005. Disponível em: <http://varnelis.net/articles/centripetal_city>. Acesso: mai. 2012.

VITALE, E. **Contro i Beni Comuni.** Una critica illuminista. Roma-Bari: Editori Laterza. 2013.

WASSERMANN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis:** Methods and applications. Cambridge University Press, 1994. (Structural Analysis in the Social Sciences)

WATTS, D. J. The "new" science of networks. **Annual Review of Sociology**, v. 30, p. 243-270, 2004.

WATTS, D. J.; STROGATZ, S. H. Collective dynamics of 'small-world'networks. **nature**, v. 393, n. 6684, p. 440-442, 1998.

APÊNDICE A – TERMOS UTILIZADOS PELOS GRUPOS ITALIANOS

Conceitos presentes nas cinco primeiras posições dos índices de centralidade nas redes semânticas dos grupos italianos estudados e sua tradução para a língua portuguesa.

Termo	Significado
abbandono	condição de uma coisa que é negligenciada
amministratori	administradores
antipolitica	antipolítica
aperto	aberto
approfondire	aprofundar
architetti_internazionali	arquitetos internacionais
area_ex_cip_zoo	denominação da área de implantação do Parque do Basento
aspettare	estar em condição de espera
battaglia	batalha
bello	belo
buon_senso	bom senso
carico_cemento	com muito cimento
cavalcare_dissenso	aproveitar-se do desacordo
cittadella_dei_saperi	Cidadela dos Saberes
cittadinanza_attiva	cidadania ativa
cittadini	cidadãos
collettivi	coletivos
collettività	coletividade
competenza	competência
confronto	comparação
contenitore_culturale	equipamento cultural
convincere	convencer
correre	correr
costruire	construir
criticare	criticar
differente	diferente
discutere	discutir
distruggere	destruir
essenza	essência

Conceito	Significado
fare	fazer
fare_altre_cose	fazer outra coisa
gli_stessi	os mesmos
gruppo_parco	grupo Parque do Basento
idea	ideia
impegno	compromisso
industria_chimica	indústria química
intendere	ter intenção de fazer alguma coisa
interessi	interesses
lavorare	trabalhar
legittimo	legítimo
limitarsi	limitar-se
luogo	lugar
maniera	maneira
maturare	amadurecer
mettere_pressione	pressionar
migliorare	melhorar
momento	momento
non_escludere	não excluir
non_fare_manutenzione	não dar manutenção
non_fidare	não confiar
non_premiare	não premiar
non_volere	não querer
opponere	opor
parco	parque
parco_del_basento	Parque do Basento
partecipata	participativa
partiti	partidos
partitica	partítica, ou seja, forma desqualificada de fazer política partidária
pensare	pensar
persone	pessoas
polis	pólis
politica	política

Conceito	Significado
portare_avanti	levar avante
portavoce	porta-voz
potenza	Cidade de Potenza
problemi	problemas
proposta	proposta
proposte	propostas
pubblica_amministrazione	Administração Pública
rappresentante	representante
recuperare	recuperar
ripensare	repensar
riscattare	resgatar
senza_offrire	sem oferecer
sollecitare	solicitar
solo_sostituire	apenas substituir
speculazione_edilizia	especulação imobiliária
svegliare_coscienze	despertar a consciência
trovare	encontrar
tutti	todos
valide	válidas
volere	querer
voto	voto